

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE
O FENÓMENO INTERNACIONAL

A vingança
escreve-se
linha a linha.

N.º 1
TOP DE
VENDAS

QUERIDA DEBBIE

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO BESTSELLER MUNDIAL *A CRIADA*

alma
dos
livros

**QUERIDA
DEBBIE**

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

© 2026

Direitos desta edição reservados para Alma dos Livros

Dear Debbie © 2026 by Freida McFadden

Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC., através de International Editors & Yáñez Co' S.L.

Título: *Querida Debbie*

Título original: *Dear Debbie*

Autora: Freida McFadden

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Pronto a Editar Atelier

Paginação: Gráfica 99

Capa: Bernardo Torres/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock e Rawpixel

Impressão e acabamento: Caflesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 555646/25

1.^a edição: Janeiro de 2026

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Publicação apoiada no âmbito do PRR e UE - NextGenerationEU



FREIDA McFADDEN

**QUERIDA
DEBBIE**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

*Para a minha mãe,
que adora, mais do que tudo, uma boa história de vingança.*

NOTA DA AUTORA

Ainda que os meus livros sejam *thrillers*, um género que tem tradicionalmente elementos sombrios, dou o meu melhor para os manter o mais adequados possível «a toda a família» . Não vão encontrar representações gráficas violentas ou sexuais. (Sobretudo porque sei que os meus familiares os vão ler!)

Não obstante, as pessoas têm reações emocionais a diferentes coisas e alguns dos meus livros abordam temas mais controversos. Assim, por esta razão, criei uma lista de avisos de conteúdo para todos os meus *thrillers*, que podem encontrar no meu *site*:

freidamcfadden.com

Este é um recurso que pode ser utilizado por leitores que precisem de proteger a sua saúde mental e também por adultos cujos filhos andem a ler os meus livros. Tenham ainda presente, por favor, que, nalguns casos, estes avisos de conteúdo são importantes *spoilers* para reviravoltas que acontecem no livro.

Com isso em mente, espero que desfrutem em segurança desta viagem à minha imaginação!

DA PASTA DE RASCUNHOS QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Na sua fabulosa coluna, diz-nos sempre que o pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia, e eu acredito em si! Mas algum dia a minha família está disposta a sentar-se para tomá-lo? Nem pensar.

É o mesmo circo todas as manhãs. Os meus filhos andam à procura de sapatos perdidos, ou de trabalhos de casa que desapareceram da noite para o dia, e o meu marido não consegue encontrar as chaves ou os óculos de leitura. Ninguém está interessado em tirar cinco minutos para se sentar à mesa da cozinha a saborear o pequeno-almoço nada mau que estive a preparar nos quinze minutos anteriores.

Já tentei de tudo! Refeições rápidas, opções para pegar e levar, subornos (nem pergunte!), mas, faça eu o que fizer, saem sempre de barriga vazia!

Como raio faço eu com que tirem alguns minutos para tomar um pequeno-almoço nutritivo antes de sair porta fora sem sequer um adeus? Ajude-me, Debbie!

Faminta em Hingham

Querida Faminta em Hingham,

Efetivamente, o pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia. Reforça os nossos níveis de energia e de atenção e, se não tomarmos um pequeno-almoço saudável, podemos passar o dia inteiro a sentirmo-nos lentos. Em crianças e adolescentes, um pequeno-almoço nutritivo pode melhorar a memória e a concentração na escola.

Se a sua família não tem interesse em tomar o pequeno-almoço, tente ver que alimentos os poderão motivar a tirar esses cruciais minutos extra de manhã. Algumas pessoas preferem uma tigela de cereais, outras poderão querer panquecas, e outras ainda um pequeno-almoço completo, com ovos, bacon e torradas de pão integral. Descubra o que preferem e satisfaça esses desejos!

E, se isso não resultar, recomendaria instalar um cadeado nas portas da frente e das traseiras de sua casa. Logo de manhã, tranque ambas as portas por dentro e guarde a chave no bolso. Informe-os a todos de que não poderão sair de casa até terem ingerido um pequeno-almoço saudável. Se

parecerem hesitantes, uma simples ameaça de engolir a chave, a menos que se sentem e comam, fará seguramente as coisas avançar.

Não tenho dúvidas de que em breve estará a gozar de um maravilhoso pequeno-almoço em família!

Debbie

Estou proibida de falar com a minha filha mais velha de manhã.

A Lexi impôs esta regra quando começou o secundário e, agora que é finalista, continua rigidamente em vigor. Foi implementada porque a Lexi decidiu que não gostava quando eu me atrevia a perguntar-lhe «Como estás?» logo de manhã e ela simplesmente não tinha «vontade de falar agora, meu *Deus*, mãe».

Assim, a meio do nono ano, anunciou oficialmente que eu não estava autorizada a falar com ela durante as primeiras horas da manhã. E, se tentar qualquer forma de comunicação, verbal ou não verbal, explode e pergunta: «O que foi que eu te disse?» Ou possivelmente pior, fulmina-me com *aquele olhar*.

Sabem a que olhar me refiro. Pelo menos, se tiverem filhos adolescentes.

Assim, quando a Lexi entra na cozinha nesta manhã de quarta-feira, não digo uma palavra. Continuo apenas a comer a minha tigela de flocos de milho – do tipo com fibra extra. (Agora que estou nos quarenta, tudo o que tenha muita fibra é compra automática.) É fácil lembrar-me de não falar com a Lexi, porque tem uns auscultadores enormes a tapar-lhe os ouvidos. Anda sempre com aqueles auscultadores. É possível que se tenham fundido com os ossos temporais do seu crânio.

A Lexi tem o cabelo num rabo de cavalo desgrenhado que dá a ideia de que o atou ontem à noite, ou talvez até há vários dias, e não teve tempo de o ajeitar. Traz uma camisola com capuz larga, que parece algo com que alguém poderia dormir, e não ajuda a essa impressão o facto de trazer também umas calças de pijama axadrezadas. Não é dia do pijama na escola ou algo do género. É isto que os miúdos usam agora. Acho-o de mau gosto, mas, por outro lado, também tenho inveja. Quem me dera poder passar o dia todo em calças de pijama.

De entre as minhas duas filhas, é a Lexi que mais se parece comigo – facto esse que é de certeza um terrível embaraço para ela. Tem a mesma delicada estrutura óssea no rosto e um tom similar no seu ligeiramente ondulado cabelo escuro. Como eu, não tem dificuldades nos estudos, razão pela qual está a fazer quatro disciplinas avançadas este ano e uma de teoria dos números, pois já fez Cálculo Avançado no ano passado.

Como eu, pode ser um pouco esperta demais para o seu próprio bem.

Nem olha para mim enquanto vai direta ao frigorífico, apesar de lançar um olhar

desdenhoso às latas que empilhei na bancada da cozinha para a recolha de comida enlatada. Tudo o que faço é uma combinação de embaraçoso e exasperante. Mas o mais imperdoável de todos os meus crimes foi ter-lhe chamado Alexa. Em minha defesa, como haveria eu de saber que a Alexa se ia tornar uma *cena*?

Lança um olhar por cima do ombro, e um outro ao ver-me. Está mortinha por comentar, mas isso violaria o seu eterno voto de silêncio. A luta interior é intensa.

Finalmente, quebro-a. É o batom – nunca uso batom.

– Porque estás tão aperaltada, mãe? – quer ela saber.

Como outra colherada dos meus cereais com fibra e limpo os lábios com um guardanapo. Sou mais o tipo de mãe de *T-shirt* e calças de ioga, por isso surpreende-a ver-me de vestido e totalmente maquilhada. Até fiz um *brushing* com o secador, em vez de o deixar húmido num rabo de cavalo.

– Os fotógrafos da *Home Gardening* vêm hoje – lembro-lhe. – Vão tirar fotos ao jardim.

Foi uma honra ser escolhida pela revista para este artigo em particular. Enquanto dona de casa e mãe de duas raparigas, tive momentos em que a minha vida me pareceu um pouco... bem, vazia. Tenho orgulho nas minhas filhas, mas queria orgulhar-me de algo que fosse só meu. Esta sessão fotográfica deu-me um belo reforço de confiança. Trabalho muito no meu jardim.

Houve alturas em que senti que, se não tivesse as minhas flores, nem conseguiria sair da cama de manhã.

– Não sabia disso – diz a Lexi, apesar de eu o ter referido dezenas de vezes. Não aponto a ironia de que, se me tivesse esquecido de algo que me contou ontem, ela estaria neste momento a repreender-me severamente. – Bem, boa sorte.

Foi algo simpático de se dizer. E deu-se outro milagre: a minha filha de dezassete anos está agora a *falar comigo de manhã*. Parece uma espécie de sonho louco e maravilhoso. Atrevo-me a esperar que os difíceis anos da adolescência possam estar a chegar ao fim?

– Obrigada – respondo cautelosamente, não querendo fazer nada que perturbe a paz.

Então, a Lexi torce o nariz.

– Não vais mesmo levar todas estas latas para a nossa escola hoje, pois não? Vais parecer a mulher do lixo.

Bem, talvez os anos difíceis ainda não tenham ficado *exatamente* para trás.

Antes que possa pensar numa resposta adequada às críticas da minha filha ao facto de eu recolher comida para aqueles que precisam dela, a minha outra filha, a Isabel, entra na cozinha. É provavelmente pelo melhor, pois ela não teria gostado do que quer que eu dissesse.

A Izzy anda no décimo ano na Escola Preparatória de Hingham, dois anos abaixo da irmã. Enquanto a Lexi me lembra perturbadoramente de mim, a Izzy é muito mais parecida com o pai. Tem o cabelo castanho mais claro, o sorriso sincero e a constituição sólida. E, como ele, é despreocupada.

Ao contrário de mim e da Lexi, a Izzy sempre foi muito atlética. Cogitei a hipótese de poderem ser as endorfinas a torná-la mais simpática do que a irmã. É essa a minha teoria

atual, em todo o caso. Se não me obrigasse a ir ao ginásio várias vezes por semana, assassinava toda a gente no meu quarto.

– Olá, mãe – diz a Izzy, tirando uma maçã da fruteira na bancada da cozinha. – Tenho de ir. O autocarro chega daqui a um minuto.

– É só isso que vais comer ao pequeno-almoço? – protesto.

– Mãe, tenho de *ir*.

Na vida e na maternidade, *sobretudo* na maternidade de adolescentes, temos de escolher as nossas batalhas.

– Está bem, adoro-te – atiro-lhe. – Vou-te buscar depois do futebol.

A Izzy hesita, o seu rabo de cavalo alto a balançar ligeiramente atrás da sua cabeça enquanto fica ali parada, aparentemente a refletir nas suas próximas palavras. Mete a maçã ao bolso da sua camisola com capuz.

– Deixa estar – acaba por responder. – Eu apanho o autocarro para casa.

– Mas espera. – Ao pôr-me rapidamente de pé, a minha tigela de cereais inclina-se o suficiente para projetar algum leite para a mesa da cozinha. Não me cai no vestido, ao menos. – O autocarro da escola não vai estar lá depois de o futebol terminar. Posso ir buscar-te.

A Izzy não responde.

– Não há problema nenhum! – garanto-lhe, tentando não pensar nos dias em que a ia buscar à creche e ela corria tão depressa e com tanta força até mim que quase me derrubava.

Não sei durante quanto tempo a Izzy teria ficado ali parada, a olhar para mim de mãos nos bolsos, se a Lexi não intervisse.

– Por amor de Deus, *diz-lhe*, Iz – exclama, de repente.

Olho de uma rapariga para a outra. Odeio quando partilham segredos, ainda que seja melhor do que quando estão desavindas.

– Dizer-me *o quê?*

A Izzy continua calada.

A Lexi exala um suspiro exagerado e responde:

– Ela foi expulsa da equipa de futebol.

– Lexi! – silva a Izzy, com o rosto a ficar corado.

– *O quê?*

Bem, isto é simplesmente ridículo. A Izzy joga futebol desde que andava no jardim de infância. Seria capaz de fingir aquela bola a dormir. Como pode ter sido expulsa da equipa? É uma das melhores alunas do décimo ano que têm. Que raio, é uma das melhores *jogadoras* que têm.

– Não compreendo – digo. – Porque foste expulsa da equipa?

A Izzy recusa-se a olhar-me nos olhos.

– Mãe...

Têm de ser algum tipo de erro. Não há outra explicação.

– Vou ligar ao treinador Pike.

– Mãe, *não*. – Arregala os olhos de pânico. – Tenho de ir, agora. Não ligues ao treinador Pike.

– Izzy...

– Por favor, não lhe ligues. – Os seus olhos estão cheios de desespero. – Promete-me que não lhe ligas, mãe.

Não quero que perca o autocarro. Não posso ir levá-la agora, visto que tenho de estar cá para a sessão fotográfica. Mas ela não vai ceder até eu concordar, por isso acabo por o fazer.

– Prometo.

Prometo que não lhe vou *ligar*. Mas não prometi que não ia ao seu gabinete para lhe perguntar em que raio estava a pensar quando expulsou a minha filha da equipa.

A Izzy lança-me um último olhar e sai a correr porta fora. Aquela rapariga está sempre a correr. É uma jogadora de futebol *fantástica*. Não sei o que aconteceu para que fosse expulsa da equipa, mas estou decidida a chegar ao fundo da questão.

Volto a minha atenção para a minha filha mais velha, que pegou numa lata de creme de milho e lê o rótulo com uma expressão azeda no rosto, como se os ingredientes a tivessem pessoalmente ofendido.

– Sabes o que aconteceu? – pergunto-lhe.

– Oh, meu Deus, mãe, *não, não sei* – resmunga a Lexi. – Podes parar de perguntar, tipo, um milhão de vezes, por favor?

Foi a primeira vez que lhe perguntei, mas não interessa.

– Não ouviste nada, de todo?

– *Não*. – A Lexi lança-me um olhar furioso, mas então continua. – Seja como for, é melhor para ela deixar a equipa. O treinador Pike é mesmo um tarado.

– Tarado?

Revira os olhos, irritada por ter de tirar tempo para me explicar cada coisinha.

– A minha amiga Mira estava na equipa de futebol, e disse que ele estava sempre, tipo, a entrar «acidentalmente» no balneário quando as raparigas estavam a mudar de roupa. Pedia desculpa e saía logo, mas... bem, não me parece muito accidental.

Ele fazia *o quê*?

Os cereais ficam-me presos na garganta enquanto contemplo esta nova revelação. A Izzy nunca disse nada sobre isso, mas conheço a Mira, a amiga da Lexi, e não é do tipo de inventar histórias. Será possível que seja verdade? E, se for, *quero* sequer a Izzy na equipa de futebol?

– Uf, podes parar com isso, mãe? – pergunta a Lexi, irritada.

Forço-me a engolir os cereais que tenho na boca.

– Parar com o quê?

– Com esse mastigar – diz ela.

– Mastigar? – repito, incrédula.

– A forma como mastigas... é tão barulhenta. Tipo, mais ninguém no mundo faz tanto barulho a mastigar. É mesmo estranho, acredita. Provavelmente conseguem ouvir-te na

casa ao lado.

Nunca ninguém tinha criticado o volume da minha mastigação. Por um momento, fico sem saber o que dizer.

– Desculpa. Vou tentar mastigar mais *silenciosamente*.

– É tão *barulhento* – reitera ela. – Estás sempre a mastigar, e é, tipo, *tão* irritante.

Momentaneamente, deixo-me distrair dos meus pensamentos sobre o treinador Pike pela questão mais imediata de que diabos aconteceu à relação que eu tinha com a minha primogénita. Lembro-me de um tempo em que costumava fazer panquecas para a Lexi de manhã. Dava tudo. Formava um rosto sorridente em cada panqueca, utilizando mirtilos ou, se fosse um dia especial, pepitas de chocolate. Quando a Lexi via essas panquecas de rosto sorridente (sobretudo as de pepitas de chocolate), os seus olhos iluminavam-se. Comia primeiro todos os mirtilos ou pepitas de chocolate e então afogava a pilha em xarope de ácer. Ao fim de algumas garfadas, olhava para mim com um sorriso pegajoso e feliz. *Fazes as melhores panquecas do mundo, mamã!*

Como outra colherada dos meus cereais, perguntando-me se há alguma atividade que possa sugerir para fazermos juntas. Talvez uma ida às compras. A Lexi sempre adorou ir às compras, mesmo quando era pequena, e agora continua a adorar roupa. Encontrar a roupa de que gosta pode ser um desafio, ainda assim.

Talvez me possa oferecer para a levar a uma loja de pijamas. Isso existe? Se não, deviam inventar uma. É uma ideia milionária.

A buzina de um carro soa à porta de casa, suficientemente alto para nos assustar às duas. Já não consigo fazer a minha filha sorrir, mas aquela buzina faz o serviço. É o seu namorado, o Zane, que fez recentemente dezoito anos e tirou a carta, pelo que agora a pode levar à escola todos os dias.

Nunca entra em casa, ainda assim. Toca só aquela maldita buzina, suficientemente alto para dizer a toda a gente nas vilas vizinhas que chegou. É capaz de ser até um pouco mais barulhenta do que o meu mastigar.

– Tenho de ir – chilreia a Lexi.

A minha filha apanha a sua mochila do chão, suficientemente pesada para, quando a leva posta, caminhar com uma ligeira inclinação para trás. Abre a boca, como que para me dizer adeus, mas então lembra-se da sua regra de não falar comigo de manhã, por isso sai antes porta fora sem dizer mais nada.

Só comi cerca de metade dos meus cereais, mas, seja como for, não tenho grande apetite. Sigo o caminho que a Lexi tomou, através da sala de estar, até à porta da frente, sabendo que ela não se deu ao trabalho de a trancar ao sair. Porque haveria, se eu a tranco sempre atrás dela?

Estou sempre aqui para a minha família. Sempre.

Espreito pela janela para o *Kia* vermelho a cair aos pedaços que vai a sair do meu caminho de acesso. Sempre que vejo aquele carro, penso para comigo que ele o devia levar simplesmente até à lixeira local e deixá-lo lá. Não adoro o facto de a minha filha mais velha ser levada para a escola secundária naquele pedaço de sucata, mas reconheço

que não tenho grande voto na matéria.

Os meus pensamentos sobre o rapaz a conduzir o pedaço de sucata são ainda menos benevolentes.

Capto um vislumbre do Zane ao sair para a estrada em frente à minha casa. Tem o cabelo comprido desgrenhado e é magro como um palito, apesar de, das vezes em que estive em minha casa, ter devorado uma pequena batelada de comida. Se metade do meu frigorífico tiver sido esvaziada, isso quer dizer que o Zane esteve cá para uma visita. Sobretudo se o frigorífico tiver sido deixado ligeiramente entreaberto e o assento da sanita estiver para cima. Para não falar em que tenho quase a certeza de que fuma cigarros eletrónicos. Nem sei bem o que isso é, mas sei que não quero a minha filha a namorar com um rapaz que os fuma. Não que eu tenha escolha.

Mas, acima de tudo, não gosto da forma como olha para a Lexi. Há algo na sua expressão que me deixa inquieta. É algo que já vi – uma memória que nunca conseguirei bloquear.

A Lexi e o Zane namoram há cerca de quatro meses e, há três e meio, já eu estava pronta para que isso acabasse.

Mas não a posso proibir de namorar com ele. Tem dezassete anos, e isso não vai correr bem. Se lhe disser que não o veja, só o verá... mais ainda. Não, o mais inteligente a fazer é esperar que isto passe. É uma rapariga esperta e vai ver a razão. Mais cedo ou mais tarde, o Zane vai desaparecer.

E, se assim não for, bem, tenciono proteger a minha filha. As duas. Quer queiram, quer não.

Estou prestes a regressar à cozinha, mas paro ao ver outro laivo de movimento do lado de fora da janela. É o meu vizinho, o Brett Carlson, a descer o caminho de acesso que separa as nossas casas. Na verdade, está a *marchar* até aqui. Vem em direção à nossa porta da frente. Mais um minuto e estará a bater.

Este dia está prestes a tornar-se interessante.

A pesar de estar a poucos passos da porta, não a abro de imediato. Dou ao Brett a oportunidade de tocar à campainha. Repetidamente. Então, tal como previa, começam as batidas.

– Abra! – grita ele, enquanto bate inutilmente com os punhos na nossa porta. – Imediatamente!

Que dramático.

O Brett Carlson mudou-se para o nosso bairro há cerca de um ano. Conheço bastante bem a maioria dos nossos vizinhos, mas mal conheço o Brett. Sei apenas que trabalha no sector financeiro, conduz um carro desportivo em excesso de velocidade e põe música no seu escritório de casa enquanto trabalha, tão alta que incomoda o bairro inteiro. Parece conseguir sempre baixar o volume mesmo antes de a polícia chegar devido às queixas de ruído.

Levando o meu tempo, abro a porta. Mas, antes disso, pego no x-ato que temos num armário do vestíbulo e meto-o no pequeno bolso do meu vestido. Por via das dúvidas.

O Brett está parado no meu alpendre da frente, de punhos cerrados, todo o seu rosto de um intenso escarlate. Fulmina-me com um olhar ameaçador. Mantenho os dedos da minha mão direita fechados sobre o x-ato que escondi.

– Bom dia, Brett! – digo alegremente. – Em que o posso ajudar?

– Sei o que fez – silva ele. – Sei o que fez, Debbie! E não se vai safar com isso!

Pestanejo-lhe.

– Não sei de que está a falar. O que acha que eu fiz?

– Sei que foi a Debbie! – Todas as veias no pescoço do Brett se projetam. – Acha que, depois de todas aquelas queixas de ruído, eu não ia perceber?

– Sinceramente – digo –, não sei a que se refere, Brett.

– A minha caixa de fusíveis – esclarece ele. – Foi à minha cave e partiu o disjuntor do meu escritório. *Não tenho eletricidade* nessa divisão. Reparar isso vai custar-me milhares de dólares!

Levo uma mão ao peito.

– Oh, céus!

– *Oh, céus* – repete o Brett, trocista. – É tão falsa. Odeia que eu ponha a música tão alto,

por isso cortou a eletricidade. – Semicerra-me os olhos. – Sei que foi a Debbie. E vai pagar por isso, de uma maneira ou de outra.

Parece estar a tentar abrir caminho para dentro de minha casa para continuar a conversa. Bloqueio-lhe a entrada, pronta para puxar do x-ato, se for preciso. Não chegará a esse ponto, ainda assim. O Brett é só lábia.

– Lamento *imenso* o que aconteceu à sua caixa de fusíveis, Brett. – Franzo o sobrolho. – Mas juro que não fui eu. Mal sei usar a nossa! Todos aqueles fios... é tudo um grande mistério para mim. Pergunte ao Cooper. É sempre ele que reinicia os disjuntores.

O Brett continua a fulminar-me com o olhar, pouco convencido.

– Sei que foi a Debbie.

– Tem provas?

– Provas?

Sorriso educadamente.

– É uma pergunta simples, Brett.

– Eu não preciso de provas – explode ele. – Sei que foi a Debbie.

Rio-me, o que só o parece deixar furioso.

– Isto é tão absurdo. Como faria eu sequer para entrar na sua cave?

Ele pára apenas por uma fração de segundo para refletir nisto.

– Tinha uma chave escondida debaixo da lanterna do jardim das traseiras. Deve ter descoberto que estava lá.

É verdade que há certas pessoas ingénuas que escondem as chaves das suas portas da frente num local fácil de encontrar: debaixo de uma pedra, num vaso ou até debaixo do tapete da entrada. É como mandar um convite aos ladrões. Quando visitamos amigos, eu e o Cooper fazemos um pequeno jogo em que eu tenho de adivinhar onde está escondida a chave de reserva antes de chegarmos à porta da frente. Fá-lo sempre rir. Recentemente, quando visitámos um dos seus colegas para jantar, informei-o de que a chave de reserva estava escondida debaixo de um gnomo de jardim junto à porta. Quando o levantámos, lá estava ela, efetivamente. Tenho um dom para este tipo de coisa.

– Está a dizer, portanto – começo –, que encontrei essa chave que escondeu no seu jardim das traseiras e depois entrei em sua casa a meio da noite para, por alguma razão, partir um disjuntor na sua caixa de fusíveis? Sou só uma dona de casa, Brett. Acha mesmo que fiz tudo isso?

Pela primeira vez desde que o Brett apareceu, há um laivo de incerteza no seu rosto.

– Foram provavelmente alguns adolescentes, sabe? – sugiro. – Vi uns rapazes de ar duvidoso a rondar a rua ontem à noite. Não me surpreenderia se tivessem metido na cabeça armar sarilhos.

Não é inteiramente mentira. O Zane anda sempre a rondar por aqui, e é do mais duvidoso que há.

– Continuo a achar que foi a Debbie – diz o Brett, fitando-me furiosamente do alpendre da frente, mas parte da convicção por detrás das suas palavras desapareceu. – Posso não ter provas, mas vou mandar instalar uma câmara assim que resolver isto.

– Que ideia maravilhosa! – chilreio. – As câmaras são uma ótima forma de manter a sua casa segura.

O Brett parece querer estrangular-me com as próprias mãos. Quase volto a levar a mão ao x-ato, mas então detenho-me. Em vez disso, sorrio ao meu vizinho.

– Espero sinceramente que apanhem o vândalo que lhe fez isto – digo.

– Sim – resmungo ele. – De certeza que espera.

Dito isto, vira-se e desce pesadamente os degraus do alpendre, sempre a lançar olhares furiosos por cima do ombro.

O meu telemóvel está a tocar na cozinha.

Apesar de repreender frequentemente as minhas filhas por terem os telemóveis com elas à mesa de jantar, admito que o meu também nunca está longe de mim. Está, aliás, mesmo ao lado da minha tigela de cereais, na mesa da cozinha. De início, presumo que seja a revista, com algumas instruções de última hora para a sessão fotográfica. Mas, quando regresso à cozinha, vejo o nome Garrett Meers a piscar no ecrã.

O meu chefe.

Ainda que às vezes me descreva como dona de casa, na verdade, trabalho a tempo parcial para um jornal familiar local chamado *Hingham Household*, a escrever uma coluna de conselhos chamada *Querida Debbie*. É um pouco como a *Querida Abby*, só que sou eu a escrevê-la, por isso é Debbie em vez de Abby. Percebem? Gente de toda a Hingham envia perguntas, procurando os frutos da minha sabedoria. Dou o meu melhor.

As pessoas dizem-me que adoram a minha coluna e, ainda que não ganhe assim tanto, gosto dela. Claro que, quando, há quase trinta anos, comecei a universidade no MIT, no curso de ciências da computação, jamais teria acreditado que o meu emprego principal seria como colunista de conselhos num jornal. O meu professor de informática do secundário disse-me que eu ia ser o próximo Bill Gates.

Escusado será dizer que não sou o próximo Bill Gates. Longe disso. Na verdade, desisti do MIT no segundo semestre do meu segundo ano.

Continuo a dar uns toques na programação, ainda assim. Na realidade, criei algumas aplicações para *smartphone*, ainda que mais ninguém as use a não ser a nossa família imediata. A de que mais me orgulho é uma aplicação chamada *Findly*, que é um localizador altamente preciso de familiares e amigos. Tanto a Izzy como a Lexi têm o *Findly* instalado nos seus telemóveis, o que significa que não só sei onde estão, mas posso também descarregar um histórico das suas localizações anteriores. As minhas filhas estão mais seguras quando eu sei onde estão.

Tenho também um localizador no telemóvel do meu marido. Com a sua autorização, claro.

O meu telemóvel continua a tocar, por isso agarro-o da mesa da cozinha, tocando no ecrã para atender a chamada. Os fotógrafos só chegam daqui a quase uma hora e o

Garrett nunca quer falar por muito tempo. Como sempre diz, é um «homem ocupado».

– Olá, Debbie – diz ele. – Ainda bem que a apanhei.

– Ahã. – Volto a sentar-me na minha cadeira. O Garrett assumiu o comando do jornal há dois anos e não é a minha pessoa favorita no mundo. Evito-o o mais que posso. – O que se passa?

– Na verdade – responde ele –, acha que podia passar pelo escritório hoje?

Franzo o sobrolho ao seu pedido invulgar. Geralmente, envio-lhe os meus artigos por *e-mail* e os meus salários são pagos por depósito direto.

– Hoje? A que horas?

– O mais cedo possível.

Sinto o estômago a apertar-se. Já estou ansiosa por causa desta sessão fotográfica e uma reunião misteriosa com o meu chefe é a última coisa em que preciso de pensar.

– Claro. Vou esta tarde. Por volta das duas?

– Parece-me bem, Debbie. Até lá.

Antes que o possa sondar mais, o Garrett desliga a chamada. O que foi tudo *isto* agora?

Continuo com a mesma sensação de náusea no estômago. Quase me apetece ir lá agora mesmo e chegar ao fundo da questão, mas é impossível. Os fotógrafos vão chegar em breve e, logo a seguir, à hora de almoço, tenho uma reunião do clube de leitura com algumas das mulheres do bairro. Se faltar ao clube de leitura, nunca mais se vão calar sobre isso.

Olho para o telemóvel. Deveria ligar de volta ao Garrett para obter mais informação? Sinto-me tentada, mas, nesse momento, o Cooper entra na cozinha. É sempre o último membro da família a descer de manhã, visto que só tem de estar na sua empresa de contabilidade a umas descansadas nove horas. Gosta de dormir até tarde, e eu gosto de ter esses poucos momentos tranquilos com o meu marido.

Traz uma camisa branca com riscas azul-claras e a gravata cinzenta pendurada do pescoço, solta. Acaba de se barbear e tem um pedacinho de papel higiénico colado a um corte no maxilar inferior suave. Cheira ao seu *aftershave* mentolado e sorri-me com uma fila regular de dentes alinhados e quase brancos.

Ergo-me da cadeira, pegando na minha tigela de cereais já moles. Se alguma vez souberam bem, esse tempo passou. Mais vale deitá-los fora.

– Posso preparar-te uma tigela de cereais? – pergunto.

– Eu posso fazer isso.

– Não é incómodo nenhum. – Pisco-lhe o olho. – Gosto de cuidar de ti.

O Cooper ri-se, um pouco timidamente. Foi bem criado, o que significa que faz de bom grado as tarefas domésticas. Ficou chocado quando casámos e me ofereci para lhe tratar da roupa suja daí em diante. Mas fazia sentido, visto que ele trabalhava e eu não. Se lhe podia facilitar a vida, porque não haveria de o fazer? Não era como se tivesse algo melhor com que me ocupar.

Deslizando para uma das cadeiras à mesa da cozinha, o Cooper fica sentado a ver-me preparar-lhe o pequeno-almoço. Enquanto verto leite na tigela, o seu telemóvel começa a

tocar e ele tira-o do bolso. Não é o último modelo, nem sequer o modelo anterior ao último. O Cooper compra um telemóvel novo quando o dele está tão velho que o *software* já não atualiza. Nem sequer arranjou um *smartphone* até todas as outras pessoas que conhecíamos já terem um e eu dizer que lhe ia confiscar o telemóvel dobrável. Ao contrário de mim, tem aversão à tecnologia. Evita todas as redes sociais e nem gosta de enviar mensagens, a menos que seja obrigado. *Qual é o mal de um telefonema?*, resmunga com frequência.

É uma das coisas que adoro nele. Ele é o oposto do que eu costumava ser.

Baixa os olhos para o ecrã do telemóvel e franze o sobrolho. Por um milissegundo, o seu olhar levanta-se para mim, e não posso deixar de reparar em como inclina o telemóvel de modo a que eu não possa ver o ecrã. Silencia a chamada e volta a guardar o aparelho no bolso.

Ponho-lhe os cereais na mesa da cozinha. Não é exatamente um pequeno-almoço *gourmet*, mas, ao contrário das nossas filhas, o Cooper vai ao menos comer algo antes de sair de casa. Em vez de atacar o seu pequeno-almoço, porém, põe-se a remexer na gravata. Não é costume usar gravata, mas hoje é um dia importante para ele.

– Deixa-me ajudar com isso – digo.

– Eu consigo.

– Não, deixa-me fazê-lo. É doloroso de ver.

Obedientemente, o Cooper levanta-se. Está bonito hoje, com a sua camisa acabada de engomar, o cabelo ainda um pouco húmido do duche. Ele está na casa dos quarenta, como eu – na verdade, em *finais* dos quarenta, se quisermos ser completamente pedantes em relação a isso. Mas, apesar de ter o cabelo um pouco mais fino do que costumava ser, continua a ter boa aparência. Nem parece assim tão diferente de quando nos conhecemos, em inícios dos vinte, ainda que talvez isso seja só porque o vejo todos os dias, pelo que não reparo nas mudanças mais graduais. Não faz virar cabeças, mas, por outro lado, nunca fez. É bem-parecido àquele jeito engraçado tipo rapaz da casa ao lado, tal como eu sou bonita àquele jeito engraçado tipo rapariga da casa ao lado.

Ou pelo menos fui, em tempos.

Aperto-lhe a gravata à volta do pescoço e é então que o Cooper baixa os olhos para o meu vestido, que é branco com formas vermelhas irregulares. Juro que tinha ótimo aspeto na loja, mas, ao olhar para o padrão agora, os borrões vermelhos parecem-se um pouco com... bem, manchas de sangue.

Bolas. Talvez devesse ir trocar de roupa.

– Ei – diz ele. – Estás *ótima*.

Parece dizê-lo a sério.

– Obrigada.

– A tua sessão fotográfica é hoje, não é?

Ele lembra-se. O Cooper pode muito bem ser a única pessoa em minha casa que ouve realmente as palavras que me saem da boca.

– Isso mesmo. Vêm às dez.

– Isto é *tão* fixe. – Rodeia-me o corpo com os braços, puxando-me para si. – O nosso jardim vai aparecer numa *revista*. Vamos ser famosos!

Acho que o Cooper está a sobrestimar consideravelmente o alcance da revista *Home Gardening*.

– Nem por isso.

– Não te subestimes. – Baixa os lábios para beijar os meus. O Cooper tem a altura ideal para beijos de pé. – Digo sempre a toda a gente que és a melhor jardineira das redondezas.

– Hum.

– Tenho a mulher mais talentosa de todo o bairro. – Volta a beijar-me, desta vez um beijo mais profundo. As palavras seguintes são sussurradas ao meu ouvido. – E a mais *sexy*.

Há já quase vinte anos que eu e o Cooper somos casados, e, mesmo após tanto tempo, faz-me sempre sentir tão atraente como no dia em que nos conhecemos. Age como se eu ainda fosse aquela mesma rececionista de vinte e poucos anos, a rever com ele a contabilidade da empresa enquanto ele tentava fingir que não estava a olhar para as minhas pernas.

Quando me convidou para sair, quase disse automaticamente que não. Estive tão perto de o rejeitar. Não estava interessada em namorar, na altura, mas algo nos seus olhos me fez mudar de ideias. Agora, tantos anos depois, não me arrependo de nada – não sobre ele, em todo o caso.

Pergunto-me se ele sentirá o mesmo.

Finalmente, afasto-me do beijo com uma pontada de pesar. Por mais expectante que esteja com esta sessão fotográfica, dar uma rapidinha com o Cooper também não seria nada mau. Parece estar sempre recetivo de manhã, mas nenhum de nós tem tempo.

– Estás a usar o meu batom – brinco, apontando para a mancha vermelha que passou dos meus lábios para os dele.

Ele ri-se e tira um guardanapo da mesa para o limpar.

– O Ken ia ver com maus olhos se eu aparecesse no trabalho a usar batom.

Isso não é dizer muito. O seu chefe vê *tudo* com maus olhos.

– Então – digo –, é hoje o dia em que vais falar com ele sobre... tu sabes o quê?

O Cooper retrai-se. Há mais de uma década que trabalha para o Ken Bryant e não recebe nem de longe o que merece. O Cooper Mullen tem muitas qualidades: é bom marido, bom pai e um contabilista dos diabos. Mas a sua falha fatal é que não é ambicioso. Não se quer lançar por conta própria, ainda que isso fosse mais lucrativo. Tem vindo a sondar o Ken sobre a ideia de se tornar sócio da empresa de contabilidade, e vão supostamente ter uma reunião sobre isso hoje. Daí a gravata que não consegue descobrir como atar.

– Supostamente – murmura ele, sem me olhar nos olhos. Lá se foi o sentimento amoroso.

Arranco-lhe o pedacinho de papel higiénico do corte no queixo e ele estremece.

– Não te vai querer perder. És incrível no que fazes. Diz-lhe só o que queres e aposto que terá todo o gosto em fazer de ti sócio.

– Não terá, não – responde o Cooper, o que é provavelmente verdade.

– Mesmo assim. Só tens de defender a tua causa e manter-te firme.

O Cooper diz mais qualquer coisa, mas já não estou a ouvir, distraída pelo vislumbre de uma carrinha a passar pela lateral da casa. Parece que chegou um eletricitista para ajudar o pobre Brett. Espero sinceramente que os danos na sua caixa de fusíveis não sejam muito piores do que ele pensava.

A Debbie dá um nó perfeito.

Já atei dezenas de gravatas – não, centenas – mas, quando sou eu a fazê-lo, parece sempre obra de uma criança pequena. Não sei qual é o meu problema; a minha destreza é simplesmente insuficiente. Mas a Debbie fá-lo sempre na perfeição. É um dos seus superpoderes, juntamente com todas aquelas flores de cores vivas que parecem aparecer do nada no jardim das traseiras.

E isso é só a ponta do icebergue. A minha mulher é boa em tudo o que tenta. É um génio: criou múltiplas aplicações que realmente funcionam para os nossos telemóveis. Escreve-as ela mesma. Eu mal consigo perceber como se usa a maioria das porcarias no meu telemóvel, e ei-la aqui, a criar aplicações de raiz.

Sinceramente, às vezes pergunto-me como acabou nesta vida, casada com um imprestável como eu.

– Lembra-te só. – Ergue o rosto para me encarar. Quase me tinha esquecido de como fica atraente maquilhada. – Não *peças* o que queres. *Diz-lhe* o que queres.

Refere-se à sociedade na empresa. Está mais confiante do que eu, o que se deve a nunca ter sequer conhecido o Ken Bryant. O meu chefe tem uma política muito firme sobre separar a vida doméstica da profissional. Não temos elaboradas festas de Natal da empresa para as quais cônjuges e filhos são convidados e em que um de nós se veste de Pai Natal. O Ken fica chateado se pusermos sequer uma *foto* da nossa família no nosso gabinete privado. O homem sorri talvez duas vezes por ano – no máximo.

Por isso, não, não estou confiante quanto a esta reunião. Nem de longe.

Não posso admitir à Debbie que quase de certeza que esta reunião não vai correr da forma como espera. O empréstimo da nossa casa é deprimentemente alto e o custo de vida na nossa zona é exorbitante. A Debbie ganha algum dinheiro no jornal, mas sou eu o principal sustento da família. Precisamos deste reforço salarial – e muito.

Mas talvez ela tenha razão. Talvez o Ken alinhe. Não me quer perder, afinal.

– Confiança – lembra-me a Debbie. – Agora, come os teus cereais.

Sorriso-lhe.

– Sim, minha senhora. Mas só porque o disseste com *confiança*.

Instalo-me na cadeira à sua frente para comer. São uns horríveis cereais com fibra que

ela começou a comprar há algum tempo. Enfio-os pela garganta, apesar de os odiar. Ando há tempos para lhe dizer que compre algo que não saiba à caixa de cartão em que foi embalado, mas ao menos é saudável. A julgar pelo sabor, tem de ser.

Enquanto como, pouso uma mão protetora sobre o bolso onde o meu telemóvel está aninhado. Tentei não o deixar transparecer, mas aquela chamada inesperada abalou-me. Como foi ela capaz de me ligar quando sabe que ainda estou em casa, provavelmente a meio do pequeno-almoço? Se a Debbie tivesse visto...

Não quero pensar nisso.

Enfio mais algumas colheradas de flocos de cartão na boca, e é basicamente o máximo que consigo suportar. Limpo a boca às costas da mão e levanto-me.

– É melhor ir andando. Não quero chegar atrasado hoje. Deixa-me só ir buscar o meu almoço.

– Na verdade... – A Debbie apressa-se a pôr-se de pé, ansiosa. – Ainda não tive oportunidade de te preparar o almoço. Mas posso fazê-lo agora. Queres uma sanduíche?

A Debbie prepara-me *sempre* o almoço. Nunca lhe pedi para o fazer, mas, assim que casámos, declarou que era uma das suas responsabilidades. Não podia recusar, visto que qualquer coisa que fizesse era sempre muito melhor do que o que eu compraria no carrinho da comida ou nalgum *drive-through*.

É a primeira vez no nosso casamento que não tem nada pronto para mim. Faz-me sentir estranhamente desequilibrado.

– Deixa estar. – Não quero deixar transparecer o quanto me sinto magoado por a minha mulher se ter esquecido de me fazer o almoço. Sou um homem adulto e parece ridículo dizê-lo em voz alta. – Compro qualquer coisa no centro comercial perto do escritório.

Contorno a mesa para a beijar. Acho que nunca saí de casa sem lhe dar um beijo de despedida, e esse é um ritual de que *não* nos vamos esquecer hoje. Colo os lábios aos dela enquanto desço a mão para as suas costas, sentindo a curva da sua caixa torácica delicada através do tecido suave do vestido.

Quando os nossos lábios se separam, a Debbie olha-me nos olhos.

– Boa sorte com o Ken.

Sim, vou precisar.

Ontem, estacionei no caminho de acesso, por isso saio pela porta da frente para chegar ao meu carro. Tranco a porta atrás de mim, um reflexo que me foi incutido pela Debbie. Vivemos num bairro seguro, mas ela diz sempre que uma porta destrancada é simplesmente pedir sarilhos.

– Mullen!

Tiro a chave da fechadura mesmo a tempo de ver o meu vizinho, o Brett Carlson, parado no nosso relvado da frente, as suas botas a esmagarem a relva verde que a minha mulher passou tanto tempo a manter viçosa e saudável. Não sei como a Debbie consegue. É uma espécie de génio das plantas.

– O que se passa, Brett? – pergunto, contendo a minha irritação por causa da relva.

É então que reparo em como o Brett tem os dentes cerrados. Um músculo sob o seu

olho direito contrai-se enquanto dá um passo ameaçador na minha direção. Parece *fulo*. Nunca andei à luta, mas temo que isso vá acontecer pela primeira vez hoje. Agora mesmo.

– O electricista chegou – cospe-me ele. – Ela não se limitou a partir o disjuntor. Destruiu também os fios.

De que raio está ele a falar?

– Fios?

– A minha caixa de fusíveis – explica o Brett. – A sua mulher entrou sorrateiramente na minha cave ontem à noite e destruiu-a.

De início, penso que tem de estar a gozar, por isso rio-me. Mas a expressão furiosa no seu rosto rapidamente faz com que o sorriso se dissipe do meu.

– Está a falar de quê? – Abano a cabeça. – A Debbie não fez nada à sua caixa de fusíveis.

– Treta. É ela que se anda sempre a queixar à polícia da minha música.

É possível que isso seja verdade, mas mesmo assim. É uma acusação absurda. Pensaria que o Brett esteve a beber, mas não sinto o cheiro nele.

– Está enganado.

– Não, não estou – responde ele. – E deixe-me que lhe diga, Cooper: é melhor que mantenha essa sua mulher debaixo de olho.

Reviro os olhos antes de me lembrar de como odeio quando a Lexi faz isso.

– Ah, sim?

– Sim. – Fixa o olhar no meu. – É *perigosa*.

Não sei o que dizer a isso.

Assim, mantenho a boca fechada. A Debbie diz sempre que não se pode convencer alguém a abandonar uma mentalidade a que não chegou por via da razão. Felizmente, o electricista sai de casa do Brett e chama-o, por isso fico livre dele. Ainda assim, os meus ombros só relaxam quando o Brett volta para dentro de casa e fecha a porta atrás de si.

Por um momento, pergunto-me se devia avisar a Debbie de que o Brett está em pé de guerra. Mas parece desnecessário. É uma acusação tão bizarra que estou certo de que ele não tardará a aperceber-se de que cometeu um erro terrível.

DA PASTA DE RASCUNHOS QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Deixe que lhe diga que adoro um bom jazz. Não há nada melhor do que ligar o rádio e ouvir algo do Kind of Blue. Mas o meu marido, abençoado seja, não me deixa ouvi-lo! É todo virado para a música folk, que simplesmente não é o meu género.

Mas eis a questão: se formos no carro dele, diz que, visto que é ele que vai a conduzir, devia ser ele a escolher a música. O que é justo, digo eu. Mas, quando vamos no meu carro e vou eu a conduzir, diz que, visto que ganha mais dinheiro do que eu, tecnicamente, o carro é dele, pelo que também então devia ser ele a escolher a música! Diga-me se não é o maior monte de disparates que alguma vez ouviu!

Não me importo de ouvir o que ele quer, mas parece-me que devia poder escolher a música pelo menos de vez em quando! O que devo fazer?

Frustrada com a Música Folk

Querida Frustrada com a Música Folk,

Acredite em mim, não são o primeiro casal a entrar em guerra pela banda sonora de uma viagem de carro! Mas o casamento é todo ele uma questão de compromisso, por isso este é um bom ponto de partida. Antes da vossa próxima viagem longa, tente pensar nalguns artistas que ambos gostem de ouvir e faça uma playlist com esses artistas. Assim, podem ambos desfrutar da música!

Se o seu marido não for favorável a este compromisso, é tempo de puxar do seu kit de costura! Junte-lhe um anti-histamínico de venda livre ao vinho à noite e, enquanto ele estiver a dormir, pode abrir-lhe um buraco no tímpano utilizando a agulha do kit (dão tanto jeito!). Quando tiver terminado com o primeiro ouvido, passe para o segundo. Pode ser um pouco maçador, mas é um procedimento bastante simples!

Depois disso, de certeza que ele não se vai mais importar com o que ouve no carro!

Debbie

As câmaras chegam daqui a quinze minutos. Lanço um último olhar ao meu jardim para confirmar que está perfeito. Sei que as rosas são muito populares, como as do jardim da Jo Dolan, ao fundo da rua, mas eu tenho uma magnífica mistura de flores em vívidos tons de rosa, vermelho e violeta. Quando a jornalista me perguntou que tipo de flores eram, disse-lhe que eram anêmonas, porque é isso que parecem, mas não são realmente.

Se lhe dissesse que flores realmente são, não ia aparecer na revista. Nem o Cooper sabe.

O jardim parece perfeito, por isso lanço outro olhar ao meu vestido, alisando quaisquer vincos. Os borrões vermelhos parecem-se realmente muito com manchas de sangue, mas não sei se vale a pena mudar de roupa. Nem tenho a certeza de que me vão fotografar, e, se o fizerem, pode ser só uma foto de rosto.

Olho para o meu relógio – ainda faltam dez minutos. O tempo parece passar em câmara lenta. Subitamente, ocorre-me que quererão café, por isso ponho um jarro a fazer na máquina topo de gama que recebemos como presente de inauguração da casa e que o Cooper declarou imediatamente «demasiado complicada». Toma agora o seu café no trabalho. Mas não é propriamente física nuclear (que, na realidade, não é nem de longe tão difícil como a minha disciplina de sistemas avançados de bases de dados na universidade). Deito o café moído na máquina e primo um botão que a faz ganhar vida. Pronto. O café está agora iminente.

Estou demasiado inquieta para ficar sentada na cozinha, por isso dirijo-me antes à porta da frente. Espreito pela janela para ver se não chegaram mais cedo e estão à espera até às dez só para serem educados. Mas não há nenhum carro desconhecido estacionado em frente à minha casa. Vejo, porém, a Bev Petrie, que vive mesmo em frente a mim, de quatro no chão, e, antes que me possa impedir, saio a correr pela minha porta da frente.

– Bev! – chamo. – Bev, está bem?

A Bev tem oitenta e sete anos e vive sozinha na pequena casa de um só andar a poucos passos da minha. Tem um cérebro extremamente sagaz, mas é tão frágil que temo que uma forte rajada de vento a possa levar. Adquiri o hábito de ir a correr até sua casa para ver se há algo com que precise de ajuda – geralmente, pôr o lixo na rua e arrastá-lo para a berma, carregar um enorme saco de comida para o seu cão, que é tão velho como ela (em

idade canina), e, claro, as tarefas relacionadas com o relvado. Temo que uma má queda a possa mandar para o hospital com uma anca partida, e espero que isso não esteja nas cartas para hoje.

– Bev! – repito, ao chegar mais perto, porque a sua audição já não é o que era. – O que se passa? Caiu?

A Bev ergue os seus ligeiramente congestionados olhos azuis e um sorriso enrugado lhe o rosto. Não parece estar gravemente ferida e, na realidade, está a *jardinar*.

– Debbie! Bom dia!

Estendo uma mão para a ajudar a levantar-se – temo que tal pudesse não ter sido possível sem a minha ajuda. Tomo mentalmente nota para vir ver como está com mais frequência.

– Estava só a tentar arrancar algumas ervas daninhas. – Lança um olhar carrancudo ao seu jardim. – A maldita milhã está em todo o lado. A Jo Dolan comentou que tenho mais ervas daninhas do que flores.

– Bev, eu posso tratar das suas ervas daninhas por si este fim de semana – digo-lhe. Os seus olhos iluminam-se.

– Pode?

– Claro. É fácil.

As pessoas escrevem muitas vezes para a Querida Debbie a pedir ajuda para matar ervas daninhas sem fazer mal às suas outras plantas. Geralmente, recomendo uma solução de vinagre, sal e sabão. Mas a minha forma favorita de matar ervas daninhas é pegar numa panela de água a ferver e escaldar as sacaninhas.

A Bev olha-me de cima a baixo.

– Está tão bonita esta manhã! É hoje a sua sessão fotográfica?

Assinto.

– É, sim. É melhor voltar para casa.

São praticamente dez horas e, embora seja claro que o fotógrafo ainda não chegou, não pareceria bem se nem estivesse em casa quando chegasse.

– Boa sorte, querida – diz a Bev. – A Jo vai ficar com tanta inveja! Mal posso esperar para ver a cara dela!

Encolho os ombros e finjo que não me podia importar menos, mas mentiria se dissesse que não me dará um pouco de alegria atirá-lo à cara da minha vizinha ao fundo do quarteirão, que passa a vida a deitar-me abaixo. A Jo acha que tem o melhor relvado do quarteirão, e di-lo-á a todos quantos quiserem ouvir.

Despeço-me da Bev e volto a atravessar a rua até à minha própria casa. Passam agora vários minutos das dez e ainda não há sinal das pessoas da revista. Devem estar atrasados. Ninguém chega a horas para nada no mundo real. A única coisa para que temos de chegar a tempo é o autocarro escolar, porque esse não espera por ninguém.

Quando vou a entrar na cozinha, a máquina de café emite um silvo alto e uma lenta e constante torrente de líquido castanho começa a escorrer para o jarro. Perfeito. Agora tenho café. Está tudo pronto para quando eles aparecerem.

Volto a olhar para o relógio. Tenho um número de telefone da revista, mas odeio ser essa pessoa. *O vosso fotógrafo está quinze minutos atrasado. Onde estão?* De certeza que acabarão por chegar. A *Home Gardening* não ia simplesmente deixar-me pendurada.

Pois não?

Sento-me à mesa da cozinha, a bater o pé enquanto oiço o café escorrer lentamente para o jarro. A cada poucos minutos, olho para o relógio. E, a cada poucos minutos, é alguns minutos mais tarde, mas o fotógrafo continua sem aparecer. Até consulto o meu *e-mail* para confirmar que foram estas a data e a hora que combinámos.

Às dez e vinte e cinco, cedo. Verifico o número de telefone, que está num *e-mail* da Nita Geisler, a jornalista que me contactou por causa das fotos. Veio a minha casa, elogiou efusivamente o belo jardim e agendámos esta sessão fotográfica para hoje. Vinte e seis de setembro às dez da manhã.

Introduzo o número no meu telemóvel com um ligeiro tremor nos dedos. Passei a última semana na expectativa desta sessão fotográfica e, de algum modo, devo ter feito asneira em algo. Afinal, isto tem de ser culpa minha. Talvez não tenha confirmado a data e a hora como devia? Uma revista a sério não se limitaria a não aparecer desta maneira.

– *Home Gardening* – chilreia uma animada voz feminina do outro lado da linha.

Fantástico. Esperava que o número fosse de uma linha privada para a Nita, mas, ao que parece, tenho de lidar com intermediários.

– Hum, olá – digo. – Fala a Debra Mullen. Estou a tentar contactar a Nita Geisler.

– Claro! E qual é o assunto?

– Bem... – Brinco com uma madeixa do meu cabelo, mas então acabo por a puxar com tanta força que me dói o couro cabeludo. – Era suposto vir cá às dez desta manhã com o fotógrafo, mas não está aqui.

– Hum. – Ouço teclas a bater do outro lado da linha. – Não vejo nenhum compromisso na agenda da Nita para hoje.

– Bem, ela enviou-me um *e-mail* a dizer que nos íamos encontrar esta manhã. – Hesito.

– Tenho o *e-mail*...

– Que estranho! – insiste a rececionista, como se tivesse sido encarregada de resolver um mistério particularmente difícil. – Deixe-me investigar! Aguarde, por favor!

A música de espera é uma canção da Taylor Swift. Geralmente, gosto da música da Taylor Swift, mas *não* estou com disposição neste momento. Além disso, quanto mais tempo passo aqui sentada sem fazer nada, mais começo a captar a mensagem implícita de que sou eu o problema, sou eu¹.

Quando estou prestes a desligar, a rapariga fala.

– Sra. Miller?

– Mullen – corrijo-a.

– Sra. Muller – diz ela, fazendo um esforço admirável para acertar à segunda tentativa.

– Tenho a Nita Geisler na outra linha. Pode aguardar, por favor?

Reprimo um revirar de olhos digno da Lexi, sem entender porque não me passou só diretamente à Nita, visto que já estava em espera. Sinto-me como se estivesse a tentar

falar com o *presidente* ou assim. A Nita é só uma jornalista de uma pequena revista de jardinagem.

– Claro.

Tenho de ouvir mais quinze segundos de música de espera antes de a voz rouca da Nita surgir do outro lado da linha.

– Estou? – diz ela.

– Olá! – exclamo, pateticamente grata por estar a falar com um ser humano, em vez de a ouvir música. – Fala a Debbie... Debra Mullen? Nós... quer dizer, pensava que a equipa de reportagem vinha cá esta manhã. Para fotografar o meu jardim, sabe? Era o que dizia no *e-mail*. Eu... percebi mal a data?

– Oh, Debbie – diz a Nita, com um suspiro. – Peço *imensa* desculpa. Pensava que a minha assistente lhe tinha ligado a cancelar, mas parece que não.

Fantástico. Passei a manhã inteira aqui à espera, no meu vestido ensanguentado, para nada. Bem, ao menos posso optar por algo menos macabro antes da verdadeira sessão fotográfica. Agora que sei que não vai acontecer, sinto-me um pouco aliviada.

– Reagendamos, então?

– Na verdade – diz a Nita –, decidimos seguir noutra direção.

O alívio que senti há um segundo desaparece, substituído por uma náusea agonizante.

– Noutra direção?

– Bem – explica ela –, quando íamos a sair de sua casa, cruzámo-nos com a sua vizinha, a Josephine Dolan. Vimos o roseiral dela, e as rosas são tão clássicas. Pensei que daria um belo visual nostálgico para a reportagem fotográfica.

Fico de queixo caído. Estou absolutamente abismada. A Jo *roubou* a minha sessão fotográfica?

– Pensava mesmo que a minha assistente a tinha avisado – diz a Nita. – Peço *imensa* desculpa. Espero que não tenha tido muito trabalho.

– Não – respondo, apaticamente. – De todo. Mas... quer dizer, não podem fotografar os dois jardins? É só um ou o outro?

Ela ri.

– Não podemos propriamente publicar dois jardins do mesmo quarteirão. Isso seria ridículo.

– Sim, claro.

– Mais uma vez, lamento imenso por isto, Debbie – diz ela. – Como pedido de desculpa, teríamos todo o gosto em oferecer-lhe três meses de assinatura gratuita da *Home Gardening*. Precisaríamos do seu cartão de crédito, claro, mas poderia cancelar em qualquer altura após o período de avaliação gratuita. Ainda que a maioria das pessoas adore a sua assinatura e a mantenha durante anos.

Não sei o que responder a isso. Não quero uma revista a chegar a minha casa com uma grande reportagem sobre o jardim da Jo.

– Então – pergunta a Nita –, posso transferi-la outra vez para a minha rececionista para que ela fique com os seus dados?

– Claro – consigo responder.

Mas então, mal a música da Taylor Swift recomeça, desligo a chamada.

Fico sentada à mesa da cozinha, a olhar para o jarro agora cheio de café. Terei de o despejar no lava-loiça. Há anos que eu e a Jo temos uma rivalidade saudável em torno dos nossos jardins, mas nunca pensei que ela descesse a este nível. Quero acreditar que há uma explicação que não envolve ela ter-me roubado a reportagem na revista mesmo debaixo do meu nariz.

O aroma a café acabado de fazer enche a divisão, mas a única coisa que talvez me possa fazer sentir melhor neste momento não é café. Preciso de uma bebida forte.

Não sou muito de beber, nem o Cooper, mas ainda tenho uma garrafa cara de *pinot grigio* que a minha vizinha Rochelle me deu no Natal passado, sabendo que o que quer que eu lhe desse não ia ser tão bom. Ainda não a consegui abrir, mas esta parece uma boa oportunidade.

Guardamos a garrafa de vinho no armário por cima do frigorífico. Tenho de me pôr em bicos de pés para o abrir e pegar na garrafa com a mão direita. Não sou muito fã de vinho, e reconheço que emborcar vinho a meio da manhã é um caminho perigoso, mas tento não pensar nisso. Entorpecerá a dor da conversa telefónica que acabo de ter.

A primeira coisa em que reparo na garrafa de vinho é que a rolha está solta. Mas isso não é assim *tão* estranho. Talvez o Cooper tenha bebido um copo, a dada altura. Ainda que, ao erguê-la, a garrafa pareça completamente cheia. Alguém abriu a garrafa e depois não bebeu nada?

Tiro a rolha e nem me incomodo com um copo. Bebo o vinho diretamente da garrafa, sem tirar tempo para o movimentar pela boca e saborear os matizes frutados ou lá o que é. Só quero a agradável sensação entorpecedora.

Só que, ao engolir um trago do vinho, tenho uma grande surpresa. Não há matizes frutados nem agradável sensação entorpecedora. Não há nada.

Sabe a água.

Olho para a garrafa, confusa. Terei lido mal o rótulo, de algum modo, e isto é, na verdade, água com gás? Mas não sabe a água com gás. Sabe a algo saído da torneira.

Dirijo-me ao lava-loiça e inclino a boca da garrafa até o conteúdo jorrar. Seria de esperar que um claro líquido cor de palha fluísse para o meu lava-loiça, mas, em vez disso, o conteúdo da garrafa é basicamente transparente. Alguém bebeu o meu vinho e o substituiu por água para que eu não soubesse.

Quem faria algo assim?

Com o sobressalto de uma certeza absoluta, sei quem deve ter sido. O Zane. O namorado da Lexi.

Sempre soube que aquele miúdo era sarilhos, e agora o sacaninha anda realmente a *beber o nosso álcool*, a somar a tudo o resto. Claro que, se eu disser alguma coisa à Lexi, ela vai negar. Acha que o namorado caminha sobre as águas. Tudo o que posso fazer é assegurar-me de que não há mais álcool em casa para ele roubar.

Estava expectante pelo torpor agradável de estar ligeiramente ébria. Mas agora essa

possibilidade está fora de questão e não consigo parar de me enfurecer com o que acaba de me acontecer. O meu jardim ia aparecer num artigo de uma revista. Estava tudo marcado e, de algum modo, a minha vizinha roubou-mo.

Bem, não vai sair impune. Vou visitá-la agora mesmo.

¹ Alusão ao verso «I'm the problem, it's me» da canção *Anti-Hero*, de Taylor Swift. [N. da R.]

A Jo Dolan e eu vivemos no mesmo quarteirão, mas ela numa ponta e eu na outra. O terreno é inclinado, pelo que, se considerássemos o nosso quarteirão uma colina, eu estaria no topo e ela no fundo. A Jo diz que já não anda muito bem, razão pela qual não sobe muitas vezes a colina até à minha ponta do quarteirão.

Parece que abriu uma exceção quando a Nita Geisler cá esteve.

Não me dou ao trabalho de trocar de vestido, mas tiro os desconfortáveis sapatos de salto alto que tinha calçados e troco-os por umas sabrinhas que comprei em saldos, dois pares pelo preço de um. Tentei dar o outro par à Lexi, mas ela olhou para mim como se lhe estivesse a oferecer veneno, por isso acabei por ficar com ambos.

E então desço o quarteirão até à casa da Jo, ao fundo da estrada.

Não é nada de especial, a sua casa. Como muitas das propriedades aqui, incluindo a minha, é velha. Foi provavelmente construída em finais dos anos 1800, mas remodelada por dentro, ainda que não muito recentemente. O exterior está pintado de um cinzento enfadonho, com os acabamentos num tom de cinza ligeiramente diferente. É o tipo de casa por que alguém poderia passar cem vezes sem reparar nela.

Exceto pelo espetacular roseiral.

É lindo. Tenho de lhe reconhecer isso. Tem rosas amarelas, vermelhas, rosa-claras e brancas. Margeiam o seu jardim, brotando em flores de cores vivas que consigo ver a meio quarteirão. Trabalha muito naquelas rosas, mas, dito isto, é um roseiral. É *claro* que vão ser lindas.

A Jo gaba-se de que a sua casa ainda tem a porta original com que foi construída. Hingham tem uma longa história colonial, e muitas das casas foram construídas no século XIX, ainda que tenham sido remodeladas mais recentemente para incluir luxos como tomadas elétricas. A minha própria casa tem mais ou menos a mesma idade que a da Jo, mas grande parte dos madeiramentos originais foram substituídos, incluindo as portas. Não posso dizer que tenha vertido algumas lágrimas por não ter uma porta de duzentos anos, mas esta tem uma grande e trabalhada aldraba em bronze. Opto pela campinha.

A Jo leva o seu tempo a vir abrir a porta – tanto que me sinto impelida a tocar uma segunda vez. Após esse segundo toque, uma voz atrás da porta grita:

– Está bem, está bem, aguarde os cavalos! Já vou!

Está de vestido, como eu, ainda que o dela seja o tipo de vestido esvoaçante que não podemos realmente usar se formos sair para lá do nosso jardim das traseiras ou talvez do supermercado, pois parece que andamos por aí em camisa de noite. Seria má educação perguntar-lhe quantos anos tem, mas, a julgar pelo curto cabelo grisalho e pelas rugas no rosto, diria que sessenta e muitos. Nunca casou nem teve filhos, e também não tem animais de estimação – grita com qualquer pessoa que passeie sequer o cão junto à sua casa. Dá-me a ideia de que não gosta muito de nenhuma espécie do reino animal. Mas gosta de rosas.

Seja como for, tenho a certeza absoluta de que não gosta de mim.

– Oh. – Parece visivelmente desiludida por me ver à sua porta. – O que quer?

– Acabo de falar ao telefone com a *Home Gardening*.

Essa revelação em particular põe-lhe um sorriso no rosto.

– Oh?

– Disseram-me que os convenceu a fotografarem o seu jardim em vez do meu. – As minhas mãos cerram-se em punhos tão apertados que as minhas unhas se me cravam nas palmas. – Não posso acreditar que foi capaz de fazer isso.

A Jo é vários centímetros mais baixa do que eu e, quando ergue os olhos para os meus, não há neles o menor resquício de remorso.

– Eu não os convenci a nada. Vi-os lá, a olhar para o seu jardimzinho patético, e perguntei-lhes se queriam ver um jardim *a sério*. O que quer que tenha acontecido depois disso foi inteiramente decisão *deles*.

– Chamei-os por causa do meu jardim – saliento. – Já tinha um acordo com eles. Era o *meu* artigo. Roubou-mo, Jo.

– Não fiz tal coisa! – insiste ela. – Sinceramente, devia agradecer-me. Poupei-a ao embaraço de ter a sua patética amostra de jardim numa revista. – Olha-me de cima a baixo, com um sorriso presunçoso nos lábios. – E, ao que parece, poupei-a também ao embaraço de aparecer numa revista com ar de quem ainda agora esteve a abater gado.

Devia ter previsto que isto ia acontecer. O que esperava eu? Que a Jo caísse de joelhos, a implorar o meu perdão? Devia ter adivinhado que ia defender tudo o que fez.

Sinto uma súbita vibração na nuca. Como se tivesse uma mosca presa no crânio a tentar libertar-se. Pergunto-me o que será. Querirá dizer que estou a ter um AVC? Vou cair morta aqui e agora, no alpendre da frente da Jo, diante da porta original com que a sua casa foi construída?

– Fazemos assim – diz a Jo. – Quando o artigo sair, terei todo o gosto em oferecer-lhe um exemplar. Deixo-o na sua caixa do correio. Assim, terá a emoção de dizer às pessoas que o seu bairro apareceu numa revista.

A vibração torna-se mais forte. Por um momento, fecho os olhos, tentando acalmar-me. Quando os abro, a Jo continua ali parada, no seu vestido de trazer por casa, com uma expressão convencida no rostinho malévolo.

– Existe uma coisa chamada *karma*, sabia? – comento.

Ela sacode uma mão.

– Não tenho interesse nesses disparates *hippies*.

– Sabe o que significa *karma*?

– Não, e nem quero saber.

Cerro os maxilares.

– Significa «cá se fazem, cá se pagam».

A Jo ri-se realmente na minha cara, e o som é como unhas a raspar num quadro de ardósia. Nunca gostei da Jo Dolan, mas, neste momento, odeio-a.

– Como queira, Debbie – diz ela, com um risinho. – Mas isso soa-me a conversa de falhada.

Falhada. Tenho-me sentido muito uma ultimamente. Não consigo controlar as minhas filhas, estamos com falta de dinheiro porque o meu marido se recusa a pedir um aumento, e nem sequer consigo que uma revista de segunda categoria fotografe o meu jardim. Nunca me senti tão falhada em toda a minha vida. A Jo viu claramente que eu estava fraca e entrou a matar.

– *Karma* – repito.

A Jo limita-se a abanar a cabeça.

– Eu mando-lhe o artigo, Debbie.

E então fecha-me a porta na cara.

Visto que embebedar-me não parece ser uma opção fácil, opto pela segunda melhor alternativa: ir ao ginásio.

Há cerca de seis meses, inscrevi-me num ginásio local chamado Titan Fitness. O Cooper já era membro, por isso tivemos direito a um desconto familiar. No passado, não gostava de fazer exercício, mas tenho vindo a puxar por mim. Estou farta de ser fraca e de estar em baixo de forma. E tornei-me viciada na vaga de adrenalina que sinto enquanto levo o meu corpo ao limite na passadeira.

É melhor do que qualquer antidepressivo. E eu sei disso – já os tomei a todos, em algum momento.

Antes de ir para o ginásio, faço uma paragem no viveiro onde compro provisões para o meu jardim. Não preciso de nada para o meu jardim hoje, mas há uma compra relacionada que preciso de fazer. Espero que tenham.

O viveiro está surpreendentemente concorrido para uma quarta-feira de manhã. Atravesso a área delimitada por vidros que contém várias plantas até ao coração da loja. Suspeito que aquilo de que preciso estará na loja principal, mas não estou totalmente certa disso, visto que nunca comprei nada aqui para o controlo de pragas.

Felizmente, avisto o Lou, o velhote que, juntamente com a mulher, a Louise (eu sei, que fofo), é o dono do viveiro. Sabe basicamente tudo no que toca a plantas, e poderá seguramente ajudar-me a encontrar o que procuro, mesmo que não o encontre aqui. Está a abastecer uma das prateleiras de uma nova provisão de vasos de barro, e está tão concentrado que tenho de pigarrear repetidamente para lhe chamar a atenção.

– Debbie! – O seu rosto franze-se de prazer ao aperceber-se finalmente de que estou ao seu lado. – Em que a posso ajudar esta manhã, minha querida?

– Ando à procura de armadilhas para escaravelhos japoneses.

O Lou inclina a cabeça para o lado.

– Armadilhas para escaravelhos japoneses? Anda a cultivar rosas?

– Não. – Hesito, relutante em dizer demasiado. – Vim buscá-las para uma amiga.

Ele assente, pensativo.

– Temos, claro. Essas coisas são um flagelo, não são? Provavelmente, a praga de jardim mais comum que vemos por estas paragens.

– Foi o que me constou.

O Lou guia-me por um corredor identificado como «remoção de pragas». Entre um frasco de *spray* para controlo de ácaros e outro para matar mosquitos, estão várias caixas verde-néon rotuladas como «armadilhas para escaravelhos japoneses». Mesmo ao lado, está também um suprimento de recargas para as armadilhas. Pego numa mão-cheia dessas caixas.

– Isso são só recargas – salienta-me o Lou. – Não vão apanhar os escaravelhos.

– Sim, eu sei – respondo, sorrindo-lhe. – É só disto que preciso para a minha amiga.

Pergunto-me se três recargas bastarão. Suponho que posso sempre voltar para vir buscar mais, se for preciso.

Com as três embalagens nos braços, dirijo-me à caixa, onde há uma fila de cinco pessoas à espera da Louise, cujas duas velocidades de passagem são lenta e mais lenta. Olho para o relógio e deixo escapar um suspiro exagerado que me faz lembrar a Lexi. A minha reunião do clube de leitura é ao meio-dia e meia, e são agora onze horas, o que significa que terei tempo à justa para treinar, desde que tome duche e troque de roupa no ginásio.

Aquela horrível Jo – isto é tudo culpa dela.

A fila avança a um ritmo excruciantemente lento. A Louise está a lidar com um cliente que tenta pagar com um cheque. Perscruta o cheque através dos seus óculos de leitura, erguendo-o para a lâmpada do teto. Pode ser meio-dia e meia antes de eu chegar sequer à frente desta fila.

Finalmente – *finalmente!* – estou na frente da fila, com apenas uma pessoa à minha frente na caixa. Quando chega a minha vez, uma mulher magra na casa dos sessenta que me lembra muito a Jo Dolan abre caminho à cotovelada para a minha frente. Segura um pequeno saco de sementes, que ergue em jeito de explicação.

Por um momento, paraliso, estupefacta por esta mulher ter simplesmente furado a fila depois de eu estar à espera vinte minutos. A manobra desperta-me a mesma vibração na parte de trás da cabeça que senti quando estava a falar com a Jo Dolan. Olho para a nuca da mulher por alguns segundos e então pigarreio.

– Desculpe – digo.

Ela ignora-me.

– Desculpe – repito –, mas a fila é atrás de mim.

Desta vez, a mulher dá meia volta. Vê-me parada e parece espantada por eu ter dito algo.

– Sim, mas eu já estive aqui mais cedo – diz, como se essa fosse uma explicação perfeitamente razoável. – E só tenho esta coisinha. É só um minuto.

A vibração na minha cabeça torna-se mais forte. O que é isto? Estou a morrer?

Abano a cabeça.

– Não interessa quantos artigos tem. Não pode furar a fila. Estamos todos à espera.

A mulher pestaneja, como que pessoalmente ofendida por eu estar a questionar o facto de ela ter passado à frente de umas cinco pessoas.

– Eu não estou a furar a fila – insiste. – Estive aqui *mais cedo*.

Está a gozar comigo? Não percebo como algumas pessoas acreditam que podem fazer tudo o que querem. Como se estivessem completamente acima de todas as regras.

– Não me interessa se estive cá toda a semana – replico. – O fim da fila é *atrás* de mim. Agora, vai para lá sozinha ou tenho de a *obrigar*?

A mulher parece estar prestes a protestar, mas então os nossos olhares cruzam-se e muda de ideias. Dá um passo atrás, com um lampejo de medo nos olhos enquanto aperta o saco de sementes contra o peito.

– Psicopata – murmura, em surdina.

Mais ninguém a ouve, porém, e até há alguns aplausos dispersos enquanto marcha pesadamente para o fundo da fila. E é então que me apercebo de que a vibração desapareceu por completo.

Li que, se um ginásio ficar a mais de quinze minutos de carro de nossa casa, vamos acabar por nunca ir treinar. O Titan Fitness é um pequeno ginásio a dez minutos de carro de minha casa, e tenho conseguido ir lá umas respeitáveis três vezes por semana desde que me inscrevi. Não tencionava ir hoje, devido à sessão fotográfica, mas a minha manhã ficou inesperadamente livre.

A receção do Titan é gerida por uma mulher chamada Cindy, cujo brilhante cabelo louro se encaracola à volta das orelhas. É uns bons dez anos mais velha do que eu, e os seus níveis de força e resistência deram-me esperança quando me inscrevi. Durante essas primeiras semanas, não conseguia correr mais de cinco minutos sem ficar ofegante, mas a minha resistência melhorou muito. Estou a ficar mais forte, tal como esperava.

– Olá, Debbie! – A Cindy lança um olhar ao relógio acima dela enquanto passo o cartão de identificação do ginásio que me dá acesso às suas duas salas de equipamento. – Veio um pouco tarde esta manhã.

A última coisa que quero é descarregar na pobre Cindy o meu dia horrível. Além disso, já perdi tempo que chegue a comprar aquelas armadilhas para escaravelhos. Assim, limito-me a encolher os ombros e a forçar um sorriso.

– Vim só fazer um treino rápido antes do almoço.

– Bom para si! – responde a Cindy, o que me faz realmente sentir melhor com toda a situação.

Já tinha mudado para a minha roupa de desporto antes de sair de casa, e a minha bolsa está trancada na segurança do meu carro, por isso vou direta à zona do equipamento, com a minha garrafa de água, para fazer alongamentos antes de saltar para a bicicleta elíptica. Sinto decididamente que preciso de um pouco de cárdio hoje.

– Olá, Debbie! Nunca vens cá às quartas-feiras!

Paro de alongar os meus tendões da coxa ao ouvir a voz da Harley Sibbern, uma das treinadoras do Titan, que também dá aulas de *spinning* e *kickboxing*. Conheci-a no mês passado, quando veio corrigir a minha postura enquanto eu estava a levantar pesos. Pensei que estava a tentar angariar outra cliente como treinadora pessoal, mas não ofereceu os seus serviços. Pusemo-nos a falar sobre preparação física; depois, passámos para outros temas e descobri que gostava realmente de falar com ela.

Desde então, eu e a Harley fomos algumas vezes ao café ao lado do ginásio. Estranhamente, apesar de ela ser dez anos mais nova do que eu, tornámo-nos imediatamente amigas. Tenho amigas cujos filhos andam na escola das minhas filhas e amigas que vivem no meu bairro, mas parece-me que a Harley é a primeira amiga que tenho que é só para mim. E é a primeira amiga que tenho em muito tempo que não tem filhos, o que é um enorme ponto positivo. Tem muito mais tempo livre, além de podermos falar de outras coisas sem ser de... bem, dos filhos. É *refrescante*.

Além disso, a Harley é *fixe*. Sinto-me como se tivesse a idade das minhas filhas quando digo isso, mas, nos meus quarenta e tal anos de amizades, nunca tive uma amiga como a Harley. Tem múltiplos furos em cada orelha e uma madeixa cor-de-rosa a permear-lhe o cabelo louro. Sempre presumi que alguém assim tão moderno não quereria passar tempo comigo. Quando era mais nova, era uma enorme croma – obcecada por computadores e por estudar incessantemente. E agora... Bem, com a minha idade, se alguma vez tive hipótese de ser fixe, esses anos já passaram há muito.

– Queria fazer um treino rápido antes do clube de leitura – explico. – Vens mesmo, não vens?

Ainda estou a sondar a etiqueta do clube de leitura. Não sabia se devia convidar a Harley, pois seria misturar universos. Mas também preciso desesperadamente de reforços nestas reuniões do clube. Uma das minhas coisas favoritas é discutir livros complexos com outros adultos, mas dei-me conta de que não tenho grande afeição por nenhuma das mulheres do meu clube de leitura. Quando a Harley referiu que já tinha lido o livro, *Lua de Veludo*, decidi arriscar o convite.

– Claro que sim – diz a Harley. – De certeza que não posso levar nada? Disseste que era partilhado.

– Não, deixa estar. – Sacudo uma mão. – Temos sempre demasiada comida. A Rochelle prepara um banquete enorme. Não te preocupes com isso.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Tens a certeza?

Não sei porque está tão ansiosa. Porque haveria alguém tão fixe e seguro de si como a Harley de se preocupar com o que pensa dela um bando de mulheres de meia-idade de um clube de leitura? Mas suponho que todos temos as nossas inseguranças.

– Absoluta – digo. – Agora, lembra-me lá. Disseste que és alérgica a...

– Abacates – responde ela. – Não é fatal nem nada do género, mas basta-me uma dentada para ficar com erupções cutâneas. Sei que é a gordura saudável favorita de todos, por isso é uma chatice para mim.

– Nada de abacates – digo. – Entendido.

A Harley puxa a licra das suas calças de desporto. Mesmo que passasse todos os momentos entre agora e a eternidade neste ginásio, não teria um corpo como o dela – não depois de duas gravidezes e mais quinze anos de vida. Fazer exercício não me vai livrar das estrias ou das partes do meu corpo que costumavam ser firmes, mas agora descaem.

Lembro a mim mesma que conquistei cada imperfeição no meu corpo e não me

arrependo de nada. Não abdicaria certamente da Lexi e da Izzy para ter uma barriga mais firme e uns seios mais empinados. E o meu marido não parece ter queixas.

A Harley sorri-me, alheia à forma como lhe estou a olhar para as coxas.

– Estou mesmo expectante por isto. Nunca fui a um clube de leitura.

– Oh, é muito divertido.

Só que isso é mentira. De certeza que há clubes de leitura por aí que são realmente apazíveis, mas o que eu tenho vindo a frequentar no meu bairro não é de todo divertido. Se disser isso à Harley, porém, ela pode decidir não ir.

– Vemo-nos ao meio-dia e meia, então? – pergunto. – Encontramo-nos em minha casa?

Ela pisca-me o olho.

– Vemo-nos lá.

Depois de a Harley se afastar, subo para a bicicleta elíptica para fazer exercício. Pode não ser uma garrafa de *pinot grigio*, mas ajudar-me-á a esquecer os meus problemas por algum tempo.

Algumas pessoas são amigas dos seus chefes. Algumas jantam ou vão jogar golfe com eles. Talvez partilhem uns copos no bar local depois de um longo dia de trabalho.

O meu chefe prefere que fale com ele tão pouco quanto for humanamente possível.

Não, o Ken Bryant não é um chefe simpático e caloroso. Não quer saber como correu o meu fim de semana ao chegar a segunda-feira. Está-se a borrifar para se fui à praia com a minha família no verão. Não quer conversar. Quer apenas que eu faça o meu maldito trabalho a horas, algo que geralmente sou excelente a fazer.

Não ficou empolgado quando, no início da semana, pedi para me reunir com ele. Quando me perguntou qual era o assunto e eu respondi «o meu futuro na empresa», pareceu ficar ainda menos empolgado.

Neste momento, estou a preparar-me psicologicamente para a reunião na caixa de sapatos que é o meu gabinete. Daqui a cerca de cinco minutos, vou explicar ao Ken porque devia – não, porque *tem* de – fazer de mim sócio da empresa. Não prevejo que vá correr bem. Mas tenho de tentar. Quando chegar a casa, a Debbie vai perguntar-me como correu, e não posso dizer-lhe simplesmente que me acobardei, pois não?

Ela merece melhor do que eu. Por mais razões do que imagina.

– Coop? Estás bem?

Sobressalto-me ao ouvir a voz à minha porta. O Jesse juntou-se à empresa há cerca de um ano, e agora tenho finalmente um colega com o qual quero passar tempo fora do trabalho. Jantámos juntos. Conheci a mulher dele, e ele conheceu a Debbie. Até me convenceu a inscrever-me num ginásio local, e já não fico sem fôlego ao subir os degraus do rés do chão para o primeiro andar de minha casa.

– Ótimo – apresso-me a responder. – É só que... vou ter aquela conversa com o Ken agora, e...

Desabafei com o Jesse sobre a reunião e ele concordou com a Debbie em que mereço uma parte da empresa. Não pareceu achar que fosse uma fantasia tão grande como eu acho. Estou cá há dez anos, afinal.

Se o meu chefe fosse qualquer outro que não o Ken, concordaria com ele. Mas, sempre que visualizo esta conversa, não consigo ver como correrá a meu favor.

– Não te preocupes – diz-me o Jesse, com um piscar de olho. – Amanhã por esta hora, serás meu chefe.

– Talvez... – Esfrego as têmporas com as pontas dos dedos. Nunca tive uma enxaqueca, mas sinto uma a aproximar-se. – Se fosse outro que não o Ken...

O Jesse encosta-se à ombreira do meu gabinete. Não pode entrar, porque não há literalmente espaço. O gabinete é suficientemente grande para a minha secretária e para a cadeira onde me sento, mas não cabe mais ninguém confortavelmente cá dentro. Mesmo que, miraculosamente, o Ken aceite a sociedade, não receberei um gabinete maior.

– Olha – diz o Jesse. – És um contabilista dos diabos, Cooper. O Ken ficaria lixado se saíesses, e sabe disso. Estás numa posição muito boa. Dá-te algum mérito, está bem?

– Está bem.

– Além disso... – Semicerra-me os olhos do outro lado da divisão. – O que se passa com a tua gravata? Costuma parecer tão perfeita, mas hoje parece como se tivesses pedido a uma das tuas filhas para a atar por ti.

Remexo na gravata, que tive de reatar quando cá cheguei. Não me apercebi na altura, mas a Debbie deu-lhe um nó torto esta manhã. Nunca tinha feito isso antes. Suponho que tinha muito em que pensar, com aquela sessão fotográfica e tudo isso. Mas não parece que eu tenha feito um trabalho muito melhor.

– Costuma ser a Debbie a atá-la – explico, enquanto tento reparar os danos. – Está mesmo assim tão mal?

– Não, está ótima. – Olha para o relógio. – Vai lá para dentro e assegura-te de que não saís até ele te dar o que mereces.

O que mereço? Já tenho mais do que mereço. Quando andava na universidade, toda a minha vida estava a ir pelo cano abaixo, mas, de algum modo, dei-lhe a volta, e então conheci a Debbie. O Jesse esteve com ela algumas vezes, mas mal a conhece e não se apercebe de que é demasiado boa para mim. Não sabe que fiz muitas coisas no nosso casamento que provaram que ela merece melhor. Só quero esta promoção para poder estar à altura desse padrão impossível. *Preciso* disto – por ela.

Merda, agora estou a passar-me ainda mais.

O Ken é o único de nós que tem secretária. Chama-se Sra. McCauley, e não estamos autorizados a chamar-lhe outra coisa que não isso. A Sra. McCauley está com o Ken há tanto tempo quanto eu trabalho aqui, e possivelmente desde o início dos tempos. Embora eu tenha a certeza de que ela sabe que tenho uma reunião agora, e saiba decididamente *o meu nome*, visto que trabalho com ela há dez anos, a Sra. McCauley lança-me um olhar inexpressivo quando me aproximo da secretária que ocupa mesmo à porta do gabinete do Ken.

– Posso ajudá-lo? – pergunta.

– Tenho uma reunião marcada com o Ken – digo, entredentes. Não me está a facilitar a vida, o que suponho que seja o objetivo.

A Sra. McCauley ergue os olhos para mim através dos óculos de armação grossa

suspensos de uma corrente de contas que lhe rodeia o pescoço.

– Ele está à sua espera?

– Sim. Por isso é que é uma reunião marcada.

Juro que não me costumo armar em espertinho, mas algo na Sra. McCauley desperta isso em mim.

– Deixe-me confirmar com ele – diz ela, erguendo o telefone da sua secretária, apesar de estar à distância de um grito do seu chefe. Que raio, ele está provavelmente a ouvir toda esta conversa. Mas ela faz questão de ligar para a sua extensão. – Estou? Senhor Bryant? Fala a Sra. McCauley. – Pára, aguardando a sua resposta. – Sim, tenho aqui o senhor Mullen para o ver.

Fico parado, à espera que o Ken me autorize a entrar no seu gabinete.

Após o que parece uma pausa interminável, a Sra. McCauley assente. Sorri-me.

– Pode entrar, senhor Mullen.

Apesar de me ter sido dada autorização para entrar, levanta-se de um salto para se adiantar a mim e bate à porta uma última vez, esperando que o Ken nos conceda a sua permissão antes de me abrir. O Ken está sentado à sua secretária com uma pilha de papéis à frente, basicamente na mesma exata posição em que estava da última vez que vim ao seu gabinete, há vários meses.

Só uso gravata nas ocasiões em que sei que vou interagir com o Ken, mas ele usa sempre, e também um casaco de fato. Sempre pensei que, se comesse a perder o cabelo, raparia a cabeça, como muitos homens da minha idade fazem, mas o Ken está a ficar calvo desde que o conheço e não seguiu por essa via. Todo o alto da sua cabeça é reluzente e desprovido de cabelo, mas ainda há resquícios de cabelo grisalho junto à sua coroa. Fazem-no parecer muito mais velho do que os seus cinquenta e tal anos.

– Mullen – diz ele. – A que se deve isto?

O seu gabinete não é enorme, mas é ao menos suficientemente grande para ter um par de cadeiras diante da sua secretária. Não me convida a sentar, ainda assim, e não o faço. De qualquer modo, isto será mais fácil de pé.

– Ken – começo, limpando o suor das palmas às pernas das minhas calças. Estão suficientemente húmidas para deixar uma mancha. – Há já dez anos que trabalho aqui. Quase onze. E... tenho vindo a pensar muito no meu futuro nesta empresa.

O Ken semicerra os olhos enquanto cruza os braços sobre o casaco. Recosta-se na sua cadeira com uma expressão imperscrutável no rosto.

– Ah, sim?

Lembra-te, és uma parte valiosa desta empresa. Ele não te vai querer perder.

– Gosto de trabalhar aqui – digo, obrigando-me a continuar, com um tremor na voz. – Mas, quando comecei, referiu a possibilidade de uma sociedade algures no futuro.

A expressão do Ken nada denuncia.

– Isso foi há muito tempo.

– Talvez – digo. – Mas, se algo mudou, é que a empresa está maior do que era então. Tenho sido um membro leal da firma e posso ser um ativo para si como sócio. – Após

uma pausa, acrescento: – Senhor.

O Ken esfrega o queixo.

– Não – responde. – Não me parece.

O quê? É como se o ar me tivesse sido subitamente arrancado.

– De... desculpe? – gaguejo.

– É bom quanto baste como abelha operária – diz ele pensativamente. – Mas como líder? Não, decididamente não. E certamente não como sócio.

Até este momento, não me tinha apercebido de como queria esta sociedade. Mereço esta sociedade. Matei-me a trabalhar por esta empresa e não mereço ser tratado como um autómato. Além disso, não me consigo imaginar a ir para casa e a falar à Debbie desta conversa. Se ela aqui estivesse, dir-me-ia que mereço esta promoção e devia *exigi-la*.

– Escute – digo, com uma coragem que não sabia que possuía. – Se não me pode ter em conta para uma sociedade, então eu talvez deva procurar oportunidades noutro lugar.

O Ken resfolega.

– Acha que vai arranjar um emprego melhor do que aqui?

– Preferia não o fazer – esquivo-me. – Mas, se me está a dizer que não há possibilidade de progressão aqui, então... bem, pode considerar isto o meu aviso prévio de duas semanas.

As sobrancelhas do Ken disparam. As minhas pernas transformaram-se em líquido, mas mantenho o queixo erguido. O Ken precisa de mim e sabe disso. Nem pensar que vai desafiar o meu *bluff*.

– Se é assim que se sente – diz ele –, aceito a sua demissão.

É como se o mundo tivesse acabado de me cair de debaixo dos pés. Imaginava esta conversa a correr de muitas formas diferentes, mas nunca a imaginei a acabar com a minha demissão. Não posso acreditar que está disposto a deixar-me simplesmente sair porta fora. Sou um dos seus contabilistas mais ocupados – tenho mais clientes do que ninguém. E *nunca* cometo erros. Este sítio desabaria sem mim.

– Ken – começo, com a voz estrangulada. Talvez possa resolver isto. – Eu... dou muito valor a esta empresa, e preferia ficar...

– Não vai tornar-se sócio, Mullen. – Desvia os olhos para o ecrã do computador, como se já estivesse farto desta conversa. – Se quiser partir antes das duas semanas, esteja à vontade.

Abro a boca, mas não me sai nenhum som. O que diria, de qualquer modo? O Ken já tomou a sua decisão. E quero acreditar que tenho demasiada dignidade para pedir o meu emprego de volta cinco segundos depois de me despedir.

– Fico as duas semanas – murmuro.

O Ken assente, já sem olhar de todo para mim. Esta conversa acabou.

Sinto a cabeça à roda enquanto saio a cambalear do seu gabinete. O que acaba de acontecer ali dentro? Acabo realmente de me despedir do meu emprego? Como vou pagar a universidade das minhas filhas? O que vamos fazer em relação ao nosso empréstimo? Ao nosso seguro de saúde?

Oh, céus, o que vou dizer à Debbie? Vai ficar *furiosa*.

Estou alguns minutos atrasada para o meu clube de leitura.

Decidi dar um pulo a casa, para tomar duche e mudar de roupa, e acabou por demorar tudo um pouco mais do que eu esperava. Além disso, a Harley vem encontrar-se comigo em minha casa, porque se sentia desconfortável a aparecer sozinha num clube de leitura onde não conhecia ninguém. Assim, quando saio de casa, com um tabuleiro de sanduíches equilibrado numa mão e um exemplar de capa mole de *Lua de Veludo* na outra, encontro a Harley encostada ao seu *Ford* azul.

– Posso ajudar-te a levar alguma coisa? – pergunta ela, olhando para o meu tabuleiro embrulhado em papel de alumínio. – Parece que estás a fazer equilibrismo.

Sorrio com gratidão, estendendo-lhe o meu livro.

– Toma, leva isto.

A Harley pega no livro, o que me permite segurar o tabuleiro nas duas mãos, reduzindo significativamente a probabilidade de me voar delas, aterrando virado para baixo no passeio. Já estamos atrasadas, por isso não quero perder tempo. Começo a andar em direção à casa da Rochelle, mas a Harley – frustrantemente – fica para trás.

– Céus, Debbie – diz ela. – A tua casa é linda.

– Obrigada.

Não é um elogio que oiça muitas vezes. A minha casa é agradável quanto baste – outra casa velha que foi remodelada por dentro para termos eletricidade e água corrente. O exterior precisa gravemente de uma pintura, mas temos vindo a adiar até o Cooper conseguir aquela promoção. Os degraus de cimento da frente esboroam sempre durante as tempestades de neve no inverno, e o Cooper tem de os reparar todos os verões. Um dia, gostaria de contratar alguém para os reparar de uma forma que não precise de ser refeita todos os anos.

Em comparação com algumas das outras casas de Hingham, é particularmente modesta. Muitas das casas aqui são exageradas. É uma vila abastada, e a razão por que escolhemos viver aqui – apesar de ficar um pouco fora do nosso intervalo de preços – foram as excelentes escolas públicas. Estar num bom distrito escolar foi uma das principais prioridades ao comprarmos.

A Harley lança um olhar apreciativo em volta.

– Deve ter custado uma fortuna comprar casa num bairro destes.
– Custou – admito. – Mais do que podemos pagar, para ser sincera.
– Devias ver a espelunca onde vivo. – Suspira. – O Titan paga uma miséria. Deve ser bom ter um homem que cuide de nós.

Não teço comentários a isso. Nunca quis estar em posição de ter de depender de um homem para me sustentar. Daí ter-me esforçado tanto na escola e ter ido para uma universidade de topo. Tem toda a razão, ainda assim – é o Cooper o sustento da nossa família. Infelizmente, o salário do Cooper não é nada de especial. O dinheiro sempre foi à justa na nossa família, ainda que tenha fortes suspeitas de que isso vai mudar num futuro muito próximo.

– Enfim, é melhor irmos andando – digo. – A Rochelle odeia quando as pessoas se atrasam.

Isso é um eufemismo. Posso garantir com certeza absoluta que vai haver um comentário da Rochelle sobre a nossa hora de chegada quando lhe aparecermos à porta.

Atravessamos a rua e descemos o quarteirão até à casa da Rochelle. Se a Harley achou a minha impressionante, a da Rochelle deve parecer um castelo. Acho que nunca estive em sua casa sem que ela sentisse a necessidade de salientar que tem o dobro dos quartos e das casas de banho que eu tenho. Seria de esperar que não o conseguisse encaixar tão facilmente na conversa, mas, de algum modo, consegue. Sempre.

– Uau – comenta a Harley, enquanto subimos o caminho até à porta principal da Rochelle. – Esta gaja é que é *mesmo* rica.

– É, pois.

O marido da Rochelle é algum tipo de advogado de direito empresarial sem alma. Obviamente, ela não precisa de trabalhar. Nem como humilde colunista de conselhos. Passa os dias a fazer trabalhos de beneficência e a colaborar com a associação de pais e professores. Suponho que é admirável, em teoria, mas, na prática, é horrível ter a Rochelle a dar-nos ordens durante uma venda de bolos na escola.

Não, a Rochelle e as suas amigas não são as minhas pessoas favoritas no mundo. Mas *adoro* ler, e estava desesperada por discutir os livros que li com outros adultos da vida real. Assim, quando a Rochelle me convidou a juntar-me ao seu clube de leitura, agarrei a oportunidade.

E todos os meses pondero desistir.

A Rochelle abre-nos a porta num elegante fato que é melhor do que tudo o que tenho no meu roupeiro. Melhor certamente do que o meu vestido ensanguentado, que fui suficientemente esperta para tirar. O seu cabelo preto é tão brilhante que quase consigo ver o meu reflexo nele.

– Debbie. – Sorri-me e fazemos aquela coisa do abraço e dos toques de faces. – Que bom que veio. Esta deve ser a... Harlow?

– Harley – corrige a Harley, com um sorriso sardónico.

A Rochelle arqueia-me uma sobrancelha, provavelmente em reação ao cabelo cor-de-rosa da Harley.

– E *adoro* o seu vestido, Debbie. – Arrasta o olhar pelo vestido amarelo que enfiei para substituir o sangrento. – Fá-la parecer mais velha. Mas no *bom* sentido – apressa-se a acrescentar, ao aperceber-se da expressão no meu rosto.

Enquanto tento decifrar no meu cérebro como é que dizer a uma mulher de meia-idade que parece mais velha pode alguma vez ser interpretado como um elogio (*spoiler*: não pode), os seus olhos pousam no tabuleiro que tenho nas mãos.

– Oh, e trouxe sanduíches! Que *fofo*.

Conduz-nos ao interior da sua casa, descendo o *hall* interminável até à sala de estar. O queixo da Harley parece prestes a soltar-se. A Rochelle guia-nos à sua recém-remodelada sala de estar, onde todas as peças de mobiliário são feitas do mais caro couro italiano (incluindo a televisão, quer-me parecer). Os outros dois membros do nosso clube de leitura, a Tabitha e a Sloane, estão já ambas no sofá.

– Eu disse-vos que a Debbie *acabaria* por chegar – anuncia a Rochelle às outras duas mulheres.

A Tabitha ri-se.

– Fizemos apostas sobre a que horas ia finalmente aparecer, Debbie.

A Harley olha para mim, confusa, porque só estamos dois minutos atrasadas. De algum modo, os meus atrasos tornaram-se uma piada recorrente, apesar de ser geralmente bastante pontual.

– Por favor, desculpem a desarrumação – diz-nos a Rochelle, apesar de a sua casa estar imaculada, tirando a fila de garrafas de champanhe impecavelmente alinhadas numa mesa de apoio na sala de estar. – Estamos a preparar-nos para uma festa incrivelmente importante esta noite. Já referi que o Gerard vai anunciar hoje a sua candidatura ao cargo de senador estadual?

– Sim, acho que sim – murmuro.

– Enfim, esta noite vai ser tão crucial – diz ela. – Até o presidente da câmara vai aparecer para o apoiar.

– O presidente da câmara? – repete a Harley, espantada.

A Rochelle assente solenemente.

– Vai ser um grande evento. A Esmerelda veio esta manhã limpar a casa toda, e levou uma eternidade. – Lança-me um olhar intencional. – Tem tanta sorte em ter tão poucos quartos, Debbie. Uma casa como a minha leva séculos a limpar. Mas tem de estar perfeita.

– Não te preocupes, Rochelle – diz a Sloane. – Eu e a Tabby vamos estar mesmo ao teu lado para te apoiar esta noite.

Claro que eu não vou estar ao lado da Rochelle, pois não fui convidada para a festa. Houve uma breve explicação da sua parte sobre a lista de convidados ser «limitada». Não que eu quisesse ir à sua estúpida festa com o presidente da câmara, de qualquer modo.

Mas teria sido agradável ser convidada.

Pouso o meu tabuleiro na antiguidade que é a mesa de café da Rochelle e tiro o papel de alumínio de cima das sanduíches. Assim que o faço, a Tabitha e a Sloane desfazem-se

simultaneamente num ataque de risinhos.

– Foi a Debbie que as fez? – pergunta a Rochelle, reprimindo o seu próprio risinho.

– Fui, sim. – Tento evitar que a nota defensiva me transpareça na voz, mas é difícil quando estou a falar com a Rochelle. – São de peru e abacate com pasta de tomate seco ao sol.

– Que *fofo*! – exclama a Sloane.

A Harley franze-me o sobrolho.

– Debbie, não te disse que sou alérgica ao abacate?

Cubro a boca com a mão.

– Oh, meu Deus, pois *disseste*. Não posso acreditar que me esqueci. Peço *imensa* desculpa, Harley.

– A Debbie é a pessoa mais esquecida que conheço – comenta a Rochelle, apesar de eu não me conseguir lembrar de alguma vez me ter esquecido de algo no passado. – Mas não se preocupe, Harley. O nosso cozinheiro preparou uma tábua de charcutaria.

É uma tábua bastante elaborada. Não há nela um único pedaço de carne que não esteja a formar uma flor. E conto nada menos que oito tipos de queijo.

– Espero que provem as minhas sanduíches, ainda assim – digo à Rochelle.

– É claro que sim! – responde ela, tirando um triângulo de uma das sanduíches que preparei meticulosamente depois de voltar do ginásio. – Como disse, são adoráveis. Nota-se mesmo que são caseiras.

Mordisca a beira, o que encoraja as outras mulheres a tirarem também uma. Estou tão feliz por estarem a provar as minhas sanduíches. Não quereria certamente que todo aquele trabalho árduo fosse desperdiçado.

Cabras ricas.

É isso que chamo incessantemente a estas mulheres na minha cabeça. Entoo-ou uma e outra vez, sobretudo quando a Rochelle começa a dissertar sobre este estúpido livro aborrecido que, na verdade, não consegui ler.

Cabras ricas, cabras ricas, cabras ricas.

Que libertador.

– Só acho que *Lua de Veludo* é muito claramente uma imitação de *Rei Lear* – diz a Rochelle. – Há o pai idoso e as três filhas a competir pelo seu favor. É tão obviamente uma reinterpretação.

Cabras ricas, cabras ricas, cabras ricas, cabras ricas.

– Quer dizer – continua ela –, nem sei como se pode apreciar sem ter lido a peça.

A Sloane e a Tabitha assentem em solene concordância. Só a Debbie se opõe valentemente.

– Eu gostei do livro, e nunca li *Rei Lear*.

– Bem, é claro que não – diz a Rochelle. – Nunca andou na universidade, e esse é o tipo de livro que tem de ser lido ao nível *universitário*.

O rosto da Debbie cora ligeiramente. Nem sei porque está neste clube de leitura, pois não parece gostar muito de nenhuma destas mulheres. Ao contrário das três, a Debbie é realmente simpática. Às vezes, parece não ter muito na cabeça, mas dá o seu melhor.

E a sua casa não é tão grande como esta, mas não deixa de ser linda. O tipo de casa que sempre quis. O tipo de casa que *tereí* um dia.

Contudo, continuo sem perceber como se esqueceu da minha alergia aos abacates, tendo em conta que ainda há poucas horas falámos nela. Ainda que a tábua de charcutaria seja qualquer coisa, as sanduíches da Debbie têm muito bom aspeto, e gostaria de poder comer uma. A Debbie é despistada, mas isto é de outro nível.

– Quer-me parecer que este é capaz de lhe ter passado um pouco ao lado – diz a Rochelle, lançando um olhar compreensivo à Debbie. – É um livro muito complexo, e a escrita é muito literária. E imagino que seja *um pouco* longo para alguns leitores.

Um pouco longo? *Lua de Veludo* tem quase seiscentas páginas, e tinha de ler cada frase duas vezes para que fizesse sentido. Se alguma vez voltar ao clube de leitura, não me

importava que fosse com um livro que não tenha sido escrito para doutorados. Disse à Debbie que tinha lido *Lua de Veludo*, mas nem pensar que isso ia acontecer. Era como estar de volta ao secundário, a debater-me com um livro impossível atribuído pelo professor.

Mas queria vir na mesma. Por isso, fiz o que fazia no secundário – comprei a versão *CliffsNotes* de *Lua de Veludo*. Essas coisas são incríveis, sabem? Resumem cada capítulo e interpretam-no. Até referia a ideia sobre *Rei Lear*, apesar de dizer que era um *equivoco* comum.

Enfim, não há nenhum mal nas *CliffsNotes*. Não teria terminado o secundário sem elas, ainda que seja ligeiramente embaraçoso ter de fazer batota para um *clube de leitura*. Mas ninguém tem de saber.

A Debbie, porém, leu realmente o livro. E não só isso como *gostou* genuinamente dele. E, a julgar pelos comentários que fez até agora, parece tê-lo compreendido melhor do que qualquer outra destas mulheres. Mas agora está apenas ali sentada, como se não soubesse bem o que dizer.

– Não me importaria de ler algo mais... curto – intervenho. Não quero admitir que o livro foi demasiado difícil de acabar, correndo o risco de os comentários sarcásticos da Rochelle serem dirigidos a mim em vez de à Debbie. – Mais pelas... trezentas páginas.

– Mas quinhentas e oitenta e nove páginas passam a voar com uma autora brilhante como a Barbara Fanning! – protesta a Sloane. – É como beber um *bom vinho*. E, se não consegue ler seiscentas páginas, também não vai conseguir acabar trezentas.

Posso não ter sido muito melhor a matemática do que a inglês, mas essas contas não batem muito certo para mim. Devo admitir, ainda assim, que não estou certa de que conseguisse acabar sequer vinte páginas de *Lua de Veludo*.

– A meu ver, nenhum livro que não tenha ganhado o Pulitzer merece ser discutido – continua a Sloane. – Não devíamos ter de estupidificar as nossas escolhas literárias para as pessoas menos cultas. Se a Debbie não consegue participar, podemos reunir-nos separadamente.

– Eu consigo participar – protesta debilmente a Debbie.

Ante esse comentário, as três mulheres trocam um olhar significativo. Sei o que esse olhar significa. Estão a preparar-se para expulsar a Debbie do seu pequeno clube. Desconfortável, mudo de posição no sofá, desejando poder inventar uma desculpa e pôr-me a andar daqui.

– Debbie – começa a Rochelle, num tom imperioso. – Acho que talvez este clube de leitura não seja o certo para... – Abruptamente, pára de falar, como se a sua linha de raciocínio tivesse sido interrompida por algo. Com um tremular das suas longas pestanas negras, respira fundo. – Está *calor* aqui dentro?

A lambe-botas da Tabitha parece estar prestes a declarar que a temperatura está a uns perfeitos vinte e três graus, mas então algo se altera na sua expressão.

– Sim. Está *realmente* um pouco quente.

– Eu não tenho calor – diz, prestavelmente, a Debbie.

– Talvez seja da menopausa? – sugiro.

A Rochelle lança-me um olhar, mas não há grande convicção atrás dele. Subitamente, parece muito pálida. Quer dizer, tinha uma perfeita pele de alabastro, mas mudou de cor nos últimos minutos. Parece...

Na verdade, parece um pouco verde.

Bruscamente, cobre a boca com a mão. Sai a correr da sala, dando um encontrão na mesa de apoio na sua pressa de chegar à casa de banho. Várias garrafas de champanhe tombam como pinos numa pista de *bowling*, estilhaçando-se ao cair no chão. O champanhe que se derrama das garrafas vale provavelmente mais do que o meu carro, mas a Rochelle não quer saber. O som dos seus vômitos ecoa por todo o rés do chão da casa.

A Sloane e a Tabitha trocam um olhar, e é então que vejo que parecem ambas também um pouco verdes.

– Acho que vou andando – murmura a Tabitha. – Eu... não me sinto muito bem.

– Ouvi dizer que anda uma virose a circular por aí – diz compreensivamente a Debbie, embora não pareça de todo verde. Na verdade, tem um grande sorriso no rosto.

A Tabitha e a Sloane parecem bastante ansiosas por deixar a casa. A Sloane consegue chegar ao fundo do caminho, mas a Tabitha não tem tanta sorte. Quando vamos a sair da propriedade da Rochelle, avisto-a a vomitar no imaculado jardim da frente. A Debbie não pára sequer para confirmar que a amiga está bem.

– Como vês, anda uma virose das más a circular por aí – diz-me ela, enquanto descemos o quarteirão de volta à sua própria casa. – Espero que a Rochelle não tenha de cancelar a sua encantadora festa desta noite com o presidente da câmara.

– Debbie – digo, baixinho. – Parece que têm... enfim, uma intoxicação alimentar...

Ela pestaneja, os seus olhos arregalados totalmente perplexos.

– Céus – exclama. – Achas que sim?

Quase lhe pergunto se há alguma hipótese de poder ter sido algo nas sanduíches que fez. Eu não comi nenhuma e não fiquei doente, e calhou reparar que a Debbie também não comeu. Por outro lado, seria má educação insinuar à minha amiga que algo que fez com as suas próprias mãos levou a que três mulheres tivessem um ataque de vômitos, ainda que possa ser verdade.

Dou apenas graças por a Debbie se ter esquecido da minha alergia ao abacate. Podia ter sido muito pior.

DA PASTA DE RASCUNHOS QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Há mais de vinte anos que sou casada e, ainda que, em muitos sentidos, seja um casamento feliz, há certos aspetos com que estou descontente. Espero que me possa dar alguns conselhos.

Quando nos casámos, o meu marido foi terminante em como não queria que eu trabalhasse. Achei isso muito querido e, quando os meus filhos eram pequenos, fazia sentido. Adorava como ele nos sustentava. Mas também podia ser frustrante. Por exemplo, configurou o nosso cartão de crédito de modo a ter de aprovar cada compra. Quando eu queria comprar algo, tinha de lhe ligar e obter a sua aprovação verbal prévia, ou então o cartão seria recusado.

De igual modo, temos apenas uma conta conjunta, e contém apenas uma pequena quantia, que é a minha «mesada». Visto que sou eu quem faz as compras do supermercado, grande parte do dinheiro tem de ser gasta aí, e, se quiser fazer alguma outra compra, tenho de lhe pedir que ponha mais dinheiro na conta. Insiste em que eu «poupe» o dinheiro da minha ínfima mesada, pelo que, se os meus sapatos se romperem e precisar de um par novo, tenho de poupar durante meses para os comprar.

Sente que não sou responsável com as minhas despesas, e tem uma certa razão. Não sou eu que ganho o dinheiro. Por isso, agora que os nossos filhos já são mais velhos, sugeri a possibilidade de arranjar um emprego para poder ter o meu próprio dinheiro. Pensei que era a solução perfeita, mas, quando o referi, ele ficou furioso e disse que, se eu arranjasse um emprego, isso queria dizer que não confio nele para me sustentar.

Estou apenas frustrada porque, apesar de estarmos muito bem em termos de dinheiro, tenho vivido todo o meu casamento com um orçamento reduzido. Como posso convencer o meu marido a deixar-me trabalhar e tornar-me mais financeiramente independente?

Rica, mas Falida

Querida Rica, mas Falida,

O que descreve é abuso financeiro. O seu marido está a usar o dinheiro como forma de a controlar e merece sofrer. Não precisa da autorização dele para arranjar um emprego. Não precisa da

autorização dele para nada! O meu conselho é que devia deitar-lhe veneno no vinho ao jantar falar com um advogado de divórcios.

Terei todo o gosto em dar-lhe mais informação sobre venenos que provavelmente não serão detetados numa autópsia opções jurídicas locais se me quiser contactar pelo endereço de e-mail indicado no site.

Debbie

Faltam poucos minutos para as duas quando entro no parque de estacionamento do jornal *Hingham Household*.

O escritório fica num pequeno centro comercial, ao lado de um restaurante chinês e por baixo de uma casa de massagens. Não comi muito em casa da Rochelle, porque estava a evitar as sanduíches, e devo admitir que comida chinesa e uma massagem soam bastante bem neste momento. Talvez faça uma paragem depois de eu e o Garrett falarmos sobre seja o que for que era *tão* importante que não podia ser tratado ao telefone.

As palavras HINGHAM HOUSEHOLD estão gravadas a letras pretas na porta de vidro, ainda que algumas letras se tenham esbatido, pelo que diz HIN HAM HOUSEHO. Rodo o puxador e entro no pequeno espaço, passando pelas poucas secretárias dispersas que conduzem ao solitário gabinete ocupado pelo Garrett Meers. Sempre imaginei que os escritórios de um jornal fossem grandes e fervilhantes, mas este lugar é o oposto disso. É pequeno, alcatifado e geralmente tão silencioso que dá para ouvir uma mosca. Cheira vagamente a tabaco, o que é estranho, porque acho que ninguém que aqui trabalha fuma.

A única que está cá hoje é a Sierra, a secretária do Garrett. É tão linda que não é de admirar que tenha visto o Garrett tirar-lhe as medidas quando acha que ninguém está a ver. A Sierra ergue fugazmente o olhar quando entro no escritório, mas não diz nada e evita até o contacto visual. Acho isso estranho, porque normalmente a rapariga não se cala.

E há algo mais no escritório que faz disparar um alarme no fundo da minha cabeça:

A Bernice não está aqui.

A Bernice é editora sénior no jornal e é quem toma todas as decisões importantes, apesar de ser o Garrett o chefe de redação. Geralmente, envio a minha coluna diretamente para ela, e não estou convencida de que o Garrett a leia sequer.

Não seria estranho a Bernice não estar no escritório, porque de certeza que a última coisa que quer é passar o dia inteiro sentada àquela rangente secretária de madeira. Mas é o vazio da sua secretária que se me afigura um alerta. Geralmente, tem pilhas de papelada em cima da secretária, uma placa de identificação e uma foto da filha a sorrir

numa feira popular. Tudo isso desapareceu.

– Olá, Sierra – digo. – Vim ver o...

– Entre – diz-me ela, já que estava obviamente à minha espera. É ainda mais um ligeiramente perturbador sinal de alarme.

Bato à porta do gabinete do Garrett, apesar de estar ligeiramente entreaberta. Ele manda-me entrar e deslizo para o armário de vassouras que é o seu gabinete. O Garrett ronda o início dos quarenta, talvez um ano ou dois mais novo do que eu, e está sempre barbeado e bem vestido. Gosta de projetar a imagem de que o jornal é mais importante do que é. Afinal, para quem se está a vestir quando somos os únicos aqui?

– Olá, Debbie. – Tenta sorrir, mas só o lado esquerdo dos seus lábios se eleva. – Sente-se. Por favor.

Obedeço, ocupando a cadeira diante da sua secretária e alisando o meu vestido de modo que a bainha me cubra os joelhos. Não consigo afastar o mau pressentimento que tenho no peito.

– Está tudo bem? Onde está a Bernice?

O Garrett abre a boca, mas, em vez de responder a essa pergunta, limita-se a abanar a cabeça.

– Preciso de falar consigo sobre uma coluna que escreveu há algum tempo.

– Está bem...

– Houve uma mulher que lhe escreveu a falar de um problema com o marido – lembre-me ele. – E eis o conselho que lhe deu... – Ergue um exemplar impresso do *Hingham Household* da sua secretária, já dobrado na página ofensiva. – «O seu marido», disse-lhe a Debbie, «está a usar o dinheiro como forma de a controlar. Não precisa da autorização dele para arranjar um emprego. Não precisa da autorização dele para nada! O meu conselho é que devia falar com um advogado de divórcios.»

Lembro-me bem dessa coluna. Não é frequente eu dizer às mulheres que deixem os maridos, acreditem. Não sou terapeuta certificada e não posso certamente dar esse tipo de conselhos com base no minúsculo fragmento que me é apresentado nas cartas dos leitores. Pelo menos metade das mulheres escreve com queixas sobre os maridos, e nunca lhes posso dizer o que *realmente* penso, ainda que me sinta sempre mortinha por o fazer. Mas o que essa mulher descrevia era tão grave que não pude evitar.

– Sim – respondo. – O tipo do abuso financeiro.

– Bem, ela deixou-o.

Assinto, satisfeita.

– Ótimo.

– Não é nada ótimo. – O Garrett olha para mim como se eu tivesse enlouquecido. – Em que estava a pensar, Debbie? Não pode dizer a perfeitas estranhas para deixarem os maridos.

– Não é o meu trabalho dar conselhos?

– Certo, sobre jardinagem ou tirar nódoas de camisas. – O seu tom é totalmente exasperado. – Não pode dizer a uma mulher que nunca conheceu sequer para se

divorciar!

– Posso, sim, quando ele é tão claramente abusivo!

– Não sabe isso...

– Não a deixava ter o seu próprio cartão de crédito. – Começo a contar pelos dedos os pecados do homem. – Dava-lhe uma mesada, apesar de ser uma mulher adulta. Não a deixava arranjar emprego. Que tipo de marido decente trata assim a mulher? Trataria a sua mulher dessa maneira?

– Não tem nada que ver com isso, Debbie.

– Nada que ver com isso! – expludo. – Garrett, escrevo uma *coluna de conselhos*. É isso que eu faço. As pessoas pedem-me conselhos e eu dou-os. Cabe-lhes a elas decidir se seguem esses conselhos.

– Não, não dá. Já não.

Fico a olhar para ele.

– O quê?

O Garrett solta um longo suspiro e massaja as têmporas.

– O marido está a ameaçar processar-nos. E é a sério. A única maneira de retirar o processo era se eu a despedisse. E à Bernice.

Bem, isso explica porque está a secretária da Bernice vazia.

– Porque teve de despedir a Bernice? – É sobretudo com isso que me sinto mal. É uma mãe solteira com uma filha na universidade. Eu tenho ao menos o salário do Cooper em que me apoiar. – Fui eu que escrevi a coluna.

– Foi a Bernice que decidiu publicar a carta – diz ele. – Ela sabia o que estava a fazer.

– Era um bom conselho. – Cerro os punhos, subitamente suados, sobre a bainha da minha saia. – Aquela mulher precisava de ajuda e eu disse-lhe a verdade. Vai realmente despedir-me por ajudar uma mulher que estava a ser vítima de abusos?

– Este é um jornal destinado a famílias – lembra-me o Garrett. – É isso que os nossos anunciantes esperam. Não pode dizer às pessoas para se divorciarem. Simplesmente não pode, Debbie.

– Vai dar a esse sacana tudo o que ele quer, então? Para que não o processe?

– Na verdade, concordo com ele. Não se devia ter envolvido. Se a Bernice me tivesse mostrado a coluna, ter-lhe-ia dito para não a publicar.

Tenho a certeza de que a Bernice lhe mostrou a coluna, mas, como habitual, o preguiçoso do meu chefe não se deu ao trabalho de a ler. Agora que ela se foi, ele está feito. Quem vai fechar a edição? Duvido que ele saiba sequer como o fazer. Mas de certeza que encontrará algum outro parvo para fazer o trabalho todo enquanto ele fica ali sentado a fazer-se de importante.

Com a coluna anormalmente direita, o Garrett ergue-se da cadeira.

– Vou ter de lhe pedir que saia, agora. A Sierra vai escoltá-la à porta.

– Escoltar-me? – Aquela vibração na minha cabeça recomeça. Respiro fundo, tentando acalmar-me. – O que acha que vou fazer?

Ele não responde a essa pergunta. O que realmente quero dizer é que, se quisesse armar

sarilhos, duvido que a pequena e magricela Sierra me pudesse impedir. Felizmente para ele, tenciono sair tranquilamente.

Tenho uma secretária no escritório, ainda que não tenha lá quase nada. A Sierra faz de ama-seca enquanto recolho um bloco de notas e algumas canetas. Tenho também uma fotografia a cores do Cooper com as meninas na minha gaveta. Ninguém me oferece uma caixa, por isso levo simplesmente tudo nos braços.

– Desculpe, Debbie – diz a Sierra, com um ar desconfortável –, mas tenho de lhe pedir a sua chave.

Já nem me lembrava de que tinha uma, mas verifico o meu porta-chaves e, com efeito, está lá uma chave misteriosa que suspeito que abre a porta do escritório. A vibração na minha cabeça torna-se mais forte enquanto a solto e a deposito na mão expectante da Sierra. Esta procede então a testá-la para confirmar que é a chave certa e que não lhes estou a dar uma falsa. Como se não tivesse sido fácilimo fazer uma cópia, se quisesse.

Tem graça que estejam tão preocupados com a chave. Não é isso que deviam temer que eu tivesse. Ao pensar nisso, a vibração pára subitamente.

– Desculpe lá isto – diz a Sierra. – Sempre gostei da sua coluna. Dava muito bons conselhos.

Aperto o bloco de notas contra o peito.

– O Garrett não acha.

– Bem, é só que é tão importante que o jornal seja apropriado a famílias – responde ela.

– A santidade do casamento, sabe?

– Ahã.

– Não há nada mais importante do que os laços matrimoniais – diz sabiamente a Sierra. – Portanto, não se pode violar isso dizendo a uma mulher para deixar o marido. E os nossos anunciantes sentem o mesmo. Sem eles, o jornal estaria acabado. Sabe disso.

– Sim – respondo. – Sei disso.

A Sierra acompanha-me à porta e assegura-se de que saio sem armar confusão. Enquanto regresso pesadamente ao meu carro com os meus pertences, não consigo conter uma pontada de tristeza. Apesar de ser só um tolo jornalzinho local, gostava do meu emprego. Gostava de dar conselhos. A minha própria vida parece um caos, mas, no que tocava aos outros, parecia sempre saber exatamente o que deviam fazer.

É hora de começar a seguir os meus próprios conselhos.

Os *brownies* ainda estão no forno quando a porta da frente bate. É demasiado cedo para o Cooper estar em casa. E a Lexi anda provavelmente a passear por sabe Deus onde com o namorado. Verifiquei a sua localização no *Findly* há dez minutos e estava no Estaleiro de Hingham. Por isso, a não ser que seja um ladrão, o que suponho que é possível, mas improvável em pleno dia, deve ser a Izzy.

– Izzy? – chamo.

Não obtenho resposta. Mas os passos vindos da entrada parecem os dela. Orgulho-me de conseguir distinguir os membros da minha família só com base nos seus passos. Os da Izzy são silenciosos, mas seguros. É o que a torna tão boa no futebol.

Efetivamente, poucos instantes depois, o rosto da minha filha mais nova aparece à entrada da cozinha. Viro-me para a receber, apesar de ela ainda não ter dito uma palavra.

– Olá – digo.

– Olá.

Abro a porta do forno para ver como estão os *brownies*, e o aroma a chocolate enche rapidamente a cozinha. Inspiro fundo e suspiro. É um dos meus cheiros favoritos.

– Porque estás sempre a fazer *brownies*? – queixa-se a Izzy.

Olho para ela, surpreendida. Em primeiro lugar, não estou «sempre» a fazer *brownies*. Na verdade, a última vez que os fiz foi há quase um ano, para uma venda de bolos na escola. E, em segundo lugar, que criança se queixa de *brownies acabados de fazer*? Nem a Lexi encontra defeitos nos meus bolos.

– Desculpa – digo. – Suponho que isso quer dizer que não queres um.

– Blhec, não.

Blhec? Apenas consigo abanar a cabeça, mas não faz mal. Mesmo que ela quisesse provar um, não lho dava.

Continua parada à porta da cozinha, como se me quisesse dizer algo, mas mantém-se em absoluto silêncio, com a mochila junto aos ténis. É invulgar, porque, das minhas duas filhas, é a Izzy a tagarela. Nunca pára de falar, ao passo que a Lexi escolhe sempre as palavras com mais cuidado. (Sobretudo de manhã, quando falar é proibido.)

– O que se passou com o futebol, então? – pergunto-lhe.

– Nada. – Encolhe um ombro até meio, como se estivesse demasiado cansada para levar

o gesto até ao fim. – Fartei-me.

Custa-me muito a crer. A Izzy jogava futebol desde o jardim de infância. Todos os sábados de manhã, bem cedo, a ia levar à escola do terceiro ciclo local, onde eram os treinos de futebol dos miúdos da escola primária. Encontrar estacionamento durante os treinos era uma experiência stressante e, por vezes, aterradora, mas, mal encontrava um lugar, a Izzy irrompia do carro com os seus totós, as suas chuteiras e as suas meias de futebol. (Ainda não compreendo o que são meias de futebol, mas todos os anos lhas comprei obedientemente.) O treino era a sua parte favorita da semana.

Por isso, não, não acredito que tenha desistido.

– A Lexi diz que foste expulsa da equipa – recordo-lhe.

– Ela não sabe o que diz. Desisti.

Era tão fácil perceber que a Izzy estava a mentir quando era pequena. Quando tinha cerca de três anos, roubou algumas bolachas com pepitas de chocolate da cozinha e jurou inocência, mas fê-lo o tempo todo com os lábios manchados de chocolate e migalhas de bolacha. As crianças pequenas são tão ingénuas.

É muito melhor mentirosa agora, mas não tenho dúvidas de que não desistiu do futebol. Ela *já* desistiria do futebol.

– Não vais ligar ao treinador Pike, pois não? – pergunta, em tom preocupado.

– É claro que não.

– Porque isso não vai mudar nada.

– Já te disse que não vou ligar.

– Juras?

– Juro. – Deixo a porta do forno bater. – Achas que não tenho nada melhor para fazer do que ligar ao teu treinador? Provavelmente, nem ia atender o telefone, seja como for.

Os seus ombros relaxam após a minha garantia.

– Vou fazer os trabalhos de casa. Tenho montes de trabalhos de casa este ano. – A névoa nos seus olhos dissipa-se ligeiramente. – Por isso, na verdade, é *melhor* que não tenha o futebol.

Treta. Mas tudo bem, vou fingir que acredito, se isso a faz sentir-se melhor.

– Izzy?

Ela evita o meu olhar.

– Sim?

Pondero perguntar-lhe se o treinador Pike alguma vez espreitou para as raparigas no balneário, como a amiga da Lexi disse. Mas tenho um pressentimento de que, mesmo que seja verdade, ela nunca me dirá.

– Precisas de ajuda com os trabalhos de casa? – pergunto finalmente.

– Não.

Nunca precisa.

Não me pergunta pelo meu próprio dia, mas isso não me surpreende. Não lhe podia interessar menos o meu dia. É uma boa menina, mas não lhe interessa que a minha sessão fotográfica para a revista tenha sido roubada. Talvez se importe com o facto de ter

perdido o meu emprego no jornal, se isso significar menos dinheiro para a família, mas temos o emprego do Cooper em que nos apoiarmos, por isso provavelmente nem vai dar conta.

Não é digno de nota, sinceramente. As minhas filhas têm coisas mais importantes em que pensar do que os dramas da mãe. Além disso, eu consigo lidar com eles.

A Izzy lança-me um último olhar desconfiado, pois sabe que não sou boa a deixar as coisas em paz quando estou perturbada com elas. Mas não me faz mais perguntas. Passado um minuto, pega na mochila e dirige-se à escadaria.

Cumpro sempre as minhas promessas às minhas filhas. Prometi à Izzy que não ia ligar ao seu treinador de futebol. E não vou.

Vou visitá-lo.

Ao fim de oito quilómetros na passadeira, não me sinto melhor. Costumava praticar atletismo no secundário e no início da universidade. Durante algum tempo, fui bastante bom, mas tive alguns problemas nos meus últimos dois anos da faculdade e desisti da equipa. E depois terminei o curso e casei-me, e, sobretudo depois de ter filhos, não tinha tempo para fazer exercício.

Quando estamos na casa dos vinte, e até dos trinta, conseguimos manter-nos em bastante boa forma sem ir ao ginásio. Mas aos quarenta? Esqueçam. Por isso, quando o Jesse sugeriu que nos inscrevêssemos os dois no Titan Fitness, decidi que era tempo de recuperar a forma.

Monitorizamo-nos um ao outro, eu e o Jesse. Queríamos ambos recuperar a forma, por isso decidimos vir ao ginásio pelo menos três vezes por semana. O Jesse é melhor nisso do que eu. Fica muitas vezes até mais tarde do que eu, e hoje praticamente teve de me arrastar até cá. *Anda lá. Vai fazer com que te sintas melhor.*

Geralmente, tem razão. Treinar no ginásio tem sido ótimo para mim em vários aspetos. O Jesse faz uma mistura de pesos e cárdio, mas eu cinjo-me geralmente à passadeira, com apenas um pouco de levantamento de pesos. Ainda assim, a diferença é visível. Não só na minha força e resistência, mas também no meu aspeto.

Depois de arrefecer na máquina, limpo o suor do rosto com uma toalha. Apesar de ter uma mancha de suor na gola, vejo uma mulher na bicicleta elíptica lançar-me um olhar apreciativo. Devolvo-lhe o olhar por apenas alguns instantes a mais, e ela pisca-me o olho. É então que me apresso a desviar os meus e a dirigir-me a onde o Jesse está a levantar pesos.

– Vou andando – anuncio-lhe.

O Jesse pousa os pesos e bebe um longo gole da sua garrafa de água. Limpa a boca e olha para mim.

– Estás bem, Cooper? Queres ir beber um copo ou assim?

Nem pensar.

– Só quero ir para casa e acabar com isto.

– Vais contar à Debbie?

Caraças, a última coisa que quero é contar à Debbie. O que gostaria mesmo de fazer

seria começar a procurar outro emprego e não lhe contar até ter garantido algo. Mas sabe Deus quanto tempo isso vai demorar. E não é como se não lhe andasse já a esconder segredos. Algo tem de ceder.

– Vou arranjar uma solução – respondo.

Ele franze-me o sobrolho. Tal como a minha mulher, o Jesse é um solucionador de problemas. Quando algo está errado, o seu instinto é procurar uma forma de o resolver.

– Isto pode ser a melhor coisa que alguma vez te aconteceu, sabias?

– Ahã.

– A sério – insiste ele. – Quer dizer, tu mesmo disseste que se estava a tornar um emprego sem saída. Agora, podes procurar algo melhor.

– De certeza que tens razão – digo, sem ter de todo a certeza de que a tenha.

– Devíamos fazer algo este fim de semana – sugere ele. – Para não ficares o dia todo a deprimir em casa.

– Sim, talvez.

– O que queres fazer?

Não consigo pensar em nada que me apeteça fazer. Vai exigir-me todas as minhas forças não ficar deitado no sofá a chafurdar no desespero. O que *devia* fazer é publicar o meu perfil em todos os *sites* de procura de emprego e contactar recrutadores. Tudo coisas que odeio, mas que tenho de fazer.

Ainda assim, consigo lembrar-me de uma coisa que talvez me anime.

– Vamos à carreira de tiro – sugiro.

O Jesse sorri-me.

– Sim?

– Claro, porque não?

– Combinado.

Sim, tenho uma arma. Uma das principais fontes de discórdia no meu casamento é o facto de ter comprado uma há alguns anos, depois de ter havido alguns assaltos no nosso bairro. A Debbie era terminantemente contra, citando estatísticas, que admito que são exatas, de como é mais provável as pessoas que têm armas alvejarem um familiar do que um intruso. Em última instância, porém, levei a melhor e comprei-a. O compromisso é que a mantenha na garagem, trancada, e que só a use na carreira de tiro. As meninas nem sabem que lá está.

E gosto de disparar a arma. Depois de tudo o que aconteceu esta semana, saberá bem descarregar literalmente alguma pressão.

Tomo um duche rápido no ginásio e mudo de roupa. Estarei em casa antes do jantar, mas não suficientemente cedo para uma longa conversa antes de comermos. Ainda não sei bem o que vou dizer à Debbie. Ultimamente, parece diferente. Mais... frágil. Mais distraída.

É por isso que não posso ser inteiramente sincero com ela. Não agora.

Regresso à receção para passar o meu cartão e sair. A mulher da elíptica que me estava a sorrir mais cedo passa por mim, de algum modo ainda mais sedutora nas suas calças de

ganga e camisola do que com o seu equipamento de treino justo. O meu olhar é atraído para ela como por um íman, e só quando me pisca o olho é que o consigo desviar.

Não é boa ideia, Coop.

– Teve um bom treino hoje? – A mulher que trabalha na receção, a Cindy, interrompe os meus pensamentos.

Será imaginação minha ou há uma certa tensão na sua voz?

– Hã, sim. Obrigado.

– Sabe? – diz ela. – A sua *mulher* esteve cá mais cedo, a treinar.

Sim, havia decididamente uma tensão na sua voz. Mas não seria capaz de dizer à Debbie que eu estava a comer outra mulher com os olhos, pois não? Mal olhei!

– Oh. Certo.

– Bem – diz a Cindy, num tom novamente neutro –, tenha uma boa noite!

Assinto mudamente e vou direto para casa antes que possa fazer mais alguma estupidez.

Quer dizer, não vou à escola secundária só para ver o treinador Pike. Também tenho de ir deixar as latas para a recolha de comida. Sei que isso não torna a situação melhor, mas, por alguma razão, na minha cabeça, torna.

Apesar de estarmos fora do horário letivo, a Elena, a administrativa que trabalha na receção, ainda não saiu. Abre-me a porta da escola e os seus olhos iluminam-se ao ver a caixa castanha cheia de latas que tenho nos braços.

– Debbie! – Sorri-me. – Sabia que não ia falhar.

– Sim, e posso saltar uma sessão no ginásio, depois de ter carregado isto até cá – gracejo, apesar de já ter feito o meu treino de hoje.

Pouso as latas no balcão enquanto a Elena prime algumas teclas no seu computador. Deixo-me ficar por um momento, tentando decidir a melhor forma de lidar com isto.

– Ei – digo, tentando adotar um tom o mais casual possível. – Não há problema se eu for num instante dar uma palavrinha ao treinador Pike? Preciso de falar com ele sobre o calendário do futebol. Há alguns dias em que a Izzy não pode vir.

– Claro, à vontade – responde a Elena, sem erguer o olhar do ecrã do computador.

Confia em mim. Não acha que haja qualquer hipótese de eu ir fazer algo que não devia. Mas, em minha defesa, não vou fazer nada de terrível. Gostaria apenas de ter uma conversa com o treinador de futebol sobre porque sentiu a necessidade de expulsar a sua melhor jogadora. Se essa não é uma intenção honrosa, não sei o que será.

Afinal, o que é mais honroso do que protegermos os nossos filhos? Se os meus pais me tivessem protegido melhor...

Bem, não adianta pensar nisso agora.

Sei já que o treinador Pike tem o seu gabinete no rés do chão, não muito longe do campo de futebol. Enquanto percorro os corredores familiares da escola secundária, levo a mão à minha bolsa para tirar os *brownies* embrulhados em papel de alumínio. Não tenho certamente problemas em usar chocolate numa situação para a tornar melhor.

Tenho sorte. O treino de futebol já terminou e o treinador está sentado à sua secretária, a remexer nuns papéis à sua frente. Está na casa dos cinquenta e tenho quase a certeza de que é careca, ou pelo menos está a *ficar*, mas não posso saber ao certo, pois nunca o vi sem

um boné de baseball na cabeça. Tem uma *T-shirt* da Escola Preparatória de Hingham vestida, que se estica sobre as pregas da sua barriga. Na verdade, parece em baixo de forma para um treinador desportivo, mas quem sou eu para julgar?

Bato-lhe à porta aberta, forçando um sorriso no rosto enquanto estendo os *brownies* embrulhados em papel de alumínio como uma oferenda de paz.

– Treinador Pike?

Ele ergue o olhar. Trago ainda o vestido amarelo que levei à minha reunião no jornal e sinto os olhos do Pike subirem-me pelo corpo. Retorço-me e aperto a minha bolsa contra o peito com a mão livre.

– Posso ajudá-la? – pergunta ele, com um sorriso lascivo. Nunca gostei deste homem, mas gosto ainda um pouco menos dele agora.

– Sim – respondo. – Sou a mãe da Isabel Mullen.

– Oh. – O sorriso desaparece-lhe instantaneamente dos lábios. – Compreendo.

– Trouxe-lhe estes *brownies*. – Levo-lhos, grata por ter uma desculpa para entrar no gabinete. – Tinha a esperança de que pudéssemos conversar.

O treinador Pike aceita os *brownies*, espreitando por baixo do embrulho de papel de alumínio com um olhar aprovador. Não sugere que me sente, mas faço-o na mesma.

– Queria falar consigo sobre a Izzy – continuo. – Soube hoje que foi expulsa da equipa de futebol.

– Sim. – É só isso que ele tem a dizer sobre a questão.

– Bem, isso deixou-me confusa – prossigo. – Porque, como sabe, é uma ótima jogadora. Vi-a jogar todo o ano passado e acho que é uma das suas jogadoras mais fortes. Por isso, simplesmente não compreendo...

O Pike puxa o papel de alumínio para trás, descobrindo então que embrulhei os *brownies* em várias camadas de película aderente. Parece ponderar desembrulhá-los, mas decide não fazer o esforço.

– Têm bom aspeto.

– E também sabem bem.

Pensativo, olha para os bolos de chocolate, meditando nas suas próximas palavras.

– Na verdade, os *brownies* são parte do problema.

– De... desculpe?

– No fim da última época – diz o Pike –, disse à Izzy que estava demasiado lenta e que tinha de perder algum peso antes da próxima época. Sete quilos, no mínimo. Mas nove seria melhor.

Fico de queixo caído.

– Disse... disse à minha filha de quinze anos que precisa de perder nove quilos?

– Disse-lhe que precisa de ser mais rápida – corrige ele. – Sugeri que perder peso podia ser uma forma de o fazer. Mas não está mais rápida e, além disso, está dois quilos mais pesada do que no ano passado por esta altura. Temos duas raparigas extra na equipa e alguém tinha de sair. Portanto, tive de a expulsar.

– A Izzy é muito rápida! – protesto.

– Com o devido respeito, Sra. Mullen, não é a senhora a treinadora de futebol, pois não? – Bate no papel de alumínio do tabuleiro de *brownies*. – Eu é que sou, e eu é que lhe posso dizer quem é suficientemente rápido. Não a senhora.

Subitamente, faz todo o sentido que a Izzy se tenha zangado comigo por fazer *brownies*. Estava zangada porque, por alguma razão, a minha filha perfeita e em forma sentia que tinha de ser mais magra.

– Olhe – diz ele. – Concordo que a Izzy tem potencial. Se conseguir perder o peso e tornar-se mais rápida, talvez pondere aceitá-la de volta.

– É uma questão de velocidade, então. – Mudo de posição na cadeira. – Quão rápida precisa de ser? Tipo, se fizermos alguma corrida, quão rápida precisa de ser para...

– Mais do que é agora – diz ele, sem mais explicações. – E, como disse, a melhor forma de se tornar mais rápida é perder peso. A passadeira não vai chegar. – Interrompe-se para cruzar os braços sobre o peito. – E, seja como for, ninguém quer ver um bando de raparigas gorduchas a correr pelo campo de futebol. Essa visão não vai deixar o público feliz. Que raio, nem *eu* a quero ver.

Sinto a cabeça à roda. Não posso *acreditar* que ele acaba de dizer isso sobre um bando de raparigas adolescentes. Apetece-me repetir esta conversa ao diretor, mas ele vai simplesmente negá-la. Se alguma vez duvidei da história da Lexi sobre o treinador entrar «acidentalmente» no balneário, essa dúvida desapareceu. Se ele não tivesse expulsado a Izzy da equipa, teria insistido em que ela desistisse para evitar mais interações com o Pike.

A Izzy não pode praticar o desporto que adora por causa deste homem. E, pior, está a fazê-la sentir-se mal consigo mesma. Está a fazê-la sentir que precisa de mudar.

E anda a comer adolescentes com os olhos enquanto trocam de roupa no balneário.

– Lamento não poder ceder a tudo o que quer. – Encolhe os ombros, sem parecer lamentar de todo. – Mas não é assim que o mundo funciona, e quanto mais cedo ela aprender isso, melhor.

– Ela merece estar na equipa – digo, entredentes, apesar de já não a querer na equipa *dele*.

– Se quer ajudar a sua filha, ajude-a a perder esse peso – responde ele. – Pare de fazer *brownies* o tempo todo. E, já que está nisso, também não lhe fazia mal perder alguns quilos.

Tenho os dentes tão cerrados que não posso acreditar que nenhum deles se parte ao meio. Respiro fundo, tentando acalmar-me. Conto mentalmente até dez e levanto-me.

– Obrigada pelo seu tempo, treinador Pike – digo.

Ele acena-me com a cabeça.

– Sempre às ordens.

Dou meia volta e saio do gabinete do treinador. A única coisa em que consigo pensar é que tenho de sair desta escola antes que grite.

Mas não posso partir já. Tenho uma última paragem a fazer antes de ir.

A casa está às escuras quando chego.

Pensava que a Debbie estaria na cozinha, a tratar do jantar, e fico aliviado por não estar. Não quero ser bombardeado com perguntas quando acabo de entrar pela porta. Ainda que provavelmente não vá haver assim *tantas* perguntas. Só uma.

O que aconteceu com o teu chefe?

Pensar nisso faz brotar suores frios na linha do meu cabelo. É uma sensação familiar, uma que aprendi a odiar. Não consigo pensar em mais nada a não ser que só uma coisa me fará sentir melhor. Só há um lugar para onde posso ir neste momento.

Tenho de sair daqui.

Antes que possa fugir, oiço a porta da garagem abrir-se. Raios, esperei demasiado. Preparo-me, sabendo que, daqui a um minuto, a Debbie vai estar aqui. Todo o meu corpo fica tenso.

– Cooper? – A sua voz enche a sala de estar antes de eu a ver sequer. – Porque estás aí às escuras?

– Eu, hum... – Não tenho uma boa resposta para a sua pergunta. A Debbie acende a luz e pestaneja algumas vezes enquanto os meus olhos se ajustam. – Acabo de chegar.

– Desculpa estar atrasada – diz ela. – Fui ao supermercado e estava muito mais concorrido do que eu esperava.

Só que não traz compras nenhuma. O que é estranho.

Está com bom aspeto, ainda assim. Trocou o vestido justo que trazia esta manhã, mas tudo lhe fica bem. Ainda me lembro do dia em que a conheci, há mais de vinte anos, e foi como se um raio me tivesse atingido. Antes disso, não pensava em casamento, mas soube de imediato que queria casar com a Debbie. Aquela era uma mulher que nunca ia conseguir tirar da cabeça.

– Como correu o teu dia? – pergunto, antes que ela me possa perguntar a mim. – Oh, ei, como foi a sessão fotográfica?

Estava tão empolgada com isso. De certeza que podemos matar pelo menos quinze minutos a discutir os pormenores.

– Foi ótima – diz ela, em tom alegre. – Mal posso esperar para veres as fotos.

Também mal posso esperar. Não tenho o interesse da Debbie pela jardinagem – a

verdade é que acho as plantas tão aborrecidas como outras pessoas acham os códigos fiscais – mas estou empolgado porque ela está empolgada. Talvez possa mandar emoldurar profissionalmente uma das fotos para a podemos pendurar no corredor. Posso fazer isso como uma surpresa quando o artigo sair.

Espero pela vaga de pormenores sobre a sessão fotográfica. A Debbie adora falar-me do seu dia e, geralmente, tenho todo o gosto em ouvir, mas agora está estranhamente calada. Suponho que esteja cansada de toda a excitação.

– Então, hum – digo. – Aconteceu mais alguma coisa hoje?

Ela bate no queixo, como que a pensar nisso.

– Nem por isso. Só um dia normal.

– Oh.

– Então... – Sorri-me. – Como correu a conversa com o Ken?

Bem, não demorou muito tempo.

– Não correu... bem.

O sorriso desaparece-lhe dos lábios.

– Como assim?

Não me consigo obrigar a dizer à Debbie que não consegui a promoção e então decidi despedir-me. Cristo, o que vai ela pensar de mim? Por isso, digo-lhe antes uma versão da verdade.

– A sociedade não vai acontecer. Está fora de questão.

Mais cedo ou mais tarde, vou ter de lhe admitir que me despedi. Pior ainda, terei de arranjar outro emprego sem o benefício de uma referência, ainda que talvez o meu último chefe de há uma década possa ainda dizer uma palavra a meu favor. Se não arranjar algo depressa, teremos de nos mudar. Hingham é cara, e já mal está no nosso intervalo de preços mesmo agora. Estamos basicamente lixados, neste momento. Pensar nisso faz-me sentir como se tivesse o nó de uma forca a apertar-se à volta do meu pescoço.

Pelo menos, temos o emprego da Debbie no jornal para nos ajudar. Não é muito, mas é alguma coisa. Na pior das hipóteses, posso implorar pelo meu emprego de volta – provavelmente com um corte salarial.

– Ele disse porquê? – pressiona-me a Debbie.

– Nem por isso. – Evito-lhe o olhar, fitando antes o nosso relógio montado na parede. – Ei, vamos jantar em breve?

A pergunta desorienta-a. É óbvio que não tem uma refeição preparada, porque acaba de chegar a casa. De onde quer que tenha estado, que decididamente não foi no supermercado.

Onde terá ido? E como é possível que não tenha o jantar pronto? A Debbie tem sempre o jantar pronto às seis e meia em ponto. Dava para acertar um relógio por ela.

– Vai demorar um bocadinho para que o jantar esteja pronto – admite a Debbie. – Uma hora? Desculpa lá isto. Dia ocupado.

– Sabes que mais? – Pouso uma mão na barriga e finjo estremecer. – Estou esfomeado.

Importas-te que saia e vá buscar alguma comida rápida? Pode ser?

A Debbie é uma grande defensora dos jantares em família, por isso espero que proteste. Mas, em vez disso, sorri-me.

– Claro. Provavelmente, vou só fazer algumas sanduíches para mim e para a Izzy. A Lexi vai jantar com o Zane esta noite.

Faz uma careta, como sempre que refere o namorado da nossa filha. Devo admitir que também não tenho grande opinião do miúdo. Mas tenho noção de que a minha opinião não vai contar muito para a Lexi.

– Por isso, enfim – diz ela. – Vai lá e compra algo gorduroso. Eu aguento o forte.

Os meus ombros descaem. Torna-se cada vez mais difícil inventar desculpas para me escapulir ao anoitecer.

– Queres que te traga alguma coisa?

Ela inclina a cabeça, pensativa, e parece tão doce nesse momento que não posso deixar de sentir uma pontada gélida de culpa.

– Nunca recusaria umas batatas fritas.

– Combinado.

Como se as batatas fritas pudessem compensar mentir-lhe na cara.

Antes de sair, envio uma rápida mensagem do meu telemóvel. Depois, recolho as minhas chaves do carro de onde as deixei, na cornija da sala de estar, e saio pela porta da frente. No ano passado, a Debbie – que talvez já tenha referido que é um génio – instalou uma aplicação nos nossos telemóveis chamada *Findly*. É como o *Find My Friends*, mas com uma precisão muito mais impressionante.

O Jesse ficou chocado quando lhe disse que tinha uma aplicação de localização no meu telemóvel que permitia à minha mulher saber onde estou em qualquer momento. Anunciou que devia estar bastante caidinho para a deixar instalar uma coisa dessas. Na altura, não me conseguia imaginar a fazer nada que não quisesse que a Debbie soubesse.

E agora, enquanto saio pela porta da frente, desativo o *Findly*. Se ela perguntar, direi que devia estar numa zona sem cobertura, mas de certeza que não vou partilhar a minha localização com ela nas próximas horas. Ela não pode saber para onde vou.

Tomo sempre um duche depois de chegar a casa do Titan Fitness.

Sim, há duches no ginásio. Mas são nojentos, a sério. Se os membros soubessem quão poucas vezes são limpos, também não tomariam duche lá. Os duches *não* se limpam sozinhos, acreditem.

Além disso, adoro longos e voluptuosos duches quentes. Adoro pôr-me debaixo da água a esaldar até a minha pele ficar vermelha como uma beterraba. Aumento mais e mais o calor, até ter a certeza de que vou ser cozida viva como uma lagosta numa panela. Fico até a água quente acabar e só então saio e me embrulho numa toalha quente e felpuda.

Como disse, adoro duches.

Tenho um pequeno apartamento numa cave de uma rua sem saída, onde só há uma outra casa, que parece estar abandonada, e possivelmente interdita, a julgar pelo aspeto. O casal que vive na parte principal da casa é velhíssimo e surdo, e é também reservado, pelo que parece um pouco que vivo sozinha aqui. Um dia destes, é provável que suba para lhes pagar a renda e encontre um deles ou os dois inertes na sala de estar. Mas, até lá, é um sítio agradável e tranquilo para viver.

Quando estou mesmo a embrulhar-me numa toalha, o meu telemóvel tina com uma mensagem. Encontro-o pousado na mesa de cabeceira do quarto e sorrio ao ver a mensagem à minha espera.

Posso ir aí?

Digito a minha resposta:

Claro. Hora de chegada prevista?

Quinze minutos.

Oh, boa. Isso dar-me-á tempo suficiente para secar o cabelo e aplicar alguma maquilhagem para o perfeito visual sem maquilhagem. Vou vestir-me, mas não vale a pena incomodar-me com muita roupa, visto que vai voltar a sair em breve, se é que me entendem.

Quando acabo de me embonecar, vejo-me ao espelho de corpo inteiro do meu quarto.

Maquilhagem no ponto certo? Feito. Cabelo sensualmente despenteado? Feito. Camisola de alças a deixar ver apenas um pouco de decote a mais? Feito.

Pareço *sexy*. Muito mais *sexy* do que *ela*. Quer dizer, nem se compara.

Quando estou a meio de ensaiar olhares ardentes ao espelho, oiço bater à porta. O meu coração acelera-me no peito, como sempre que ele bate, e corro pelo apartamento, quase tropeçando numa otomana.

É assim que sabemos que gostamos realmente de alguém. Quando quase sofremos danos físicos na nossa ânsia por lhe abrir a porta.

Escancaro-a e ei-lo ali, com um ar um pouco culpado, como sempre, mas, ao mesmo tempo, muito *sexy*. Talvez seja *sexy* que se sinta culpado. Diz que nunca fez nada assim, e eu acredito. Mas não há dúvida de que quer estar aqui – e muito. O seu olhar está inundado de desejo.

– Olá, Harley – diz ele.

Sorriso-lhe, com aquele tremular no peito que sempre sinto quando me aparece à porta. Meu Deus, é *sexy*.

– Olá, Cooper – respondo.

Ele hesita mais um instante e então entra no apartamento. Não perde nem mais um segundo antes de me beijar. A mulher esperará que volte para casa em breve, por isso não há muito tempo para preliminares. Posso ser o seu primeiro caso amoroso, mas não é o meu primeiro homem casado. Nem de longe. Sei como isto funciona.

– Quando te espera a Debbie de volta? – pergunto, enquanto ele me beija o pescoço. Odeio falar nela quando estamos a ter um momento *sexy*, mas tenho de ser prática. Quero saber quanto tempo temos.

– Tenho cerca de uma hora.

Tempo que chegue.

O Cooper não perde tempo. Pega-me facilmente, porque tem andado a treinar. E ainda bem, porque foi aí que nos conhecemos. No ginásio. Quando o vi a correr naquela passadeira, não consegui evitar.

Enquanto me leva para o quarto, não posso deixar de pensar para comigo que, um dia destes, ao terminar a hora, vai decidir que dessa vez não vai voltar para ela.

Sei o que estão a pensar. Sou uma pessoa terrível. Uma destruidora de lares.
E não estão *errados*.

Mas a verdade dos factos é que os seres humanos não estão destinados a ser monógamos. Sobretudo os homens. Biologicamente, têm a compulsão de espalhar a sua semente pelo máximo de mulheres possível. E, também biologicamente, a Debbie está para lá dos seus anos férteis, ao passo que o Cooper, aos quarenta e seis anos, tem muitos anos reprodutivos pela frente.

Biologicamente, o Cooper está programado para me querer.

Estamos deitados juntos na cama. Ele tem o braço em meu redor e estamos colados um ao outro pelo suor. Dá-me um beijo na testa, e é tão querido que quase me mata que vá ter de sair daqui a correr dentro de poucos minutos.

– E se ficasses? – sugiro.

Ele deixa escapar um suspiro pesaroso.

– Oxalá pudesse. Acredita. Eu e a Debbie somos como estranhos obrigados a viver juntos.

– Parece terrível.

– E é. – Engole em seco. – Estava a enlouquecer até que apareceste, Harley. Quem me dera não ter de fingir mais.

– Então não finjas. Ela não é tua dona.

– Hum, a modos que é – diz o Cooper, erguendo a mão esquerda, com a aliança no anelar. – Um divórcio seria duro. Ela ia ficar com tudo.

– Só com metade de tudo.

Mas o Cooper abana a cabeça. Já andei com muitos homens casados, e sei que me dirão o que acham que quero ouvir, mas acredito realmente que ele já não ama a Debbie. Há muito tempo. Há anos que dorme no quarto de hóspedes, mas, mesmo assim, não pode partir. Ela é instável, e um divórcio fá-la-ia descontrolar-se.

E, agora que tive oportunidade de conhecer a Debbie, sei o que quer dizer. Afinal, a mulher envenenou as vizinhas.

Não era minha intenção fazer amizade com a mulher do homem com quem ando enrolada. Quer dizer, não sou uma perfeita psicopata. Mas então, certa manhã, estava a

conversar com a Cindy na recepção do ginásio e uma mulher na casa dos quarenta, de rosto agradável, ainda que algo anguloso, e cabelo apanhado num rabo de cavalo impecável, passou o seu cartão, ao que o nome Debra Mullen apareceu no computador.

Por isso, claro, fiquei curiosa. Sou apenas humana. Não é como se tivesse ido a sua casa persegui-la.

De modo geral, não sou uma perseguidora. Mas, para dizer a verdade, o Cooper é impossível de perseguir. O homem não tem presença nas redes sociais, o que não é invulgar entre os homens da sua idade. Não o conseguindo perseguir *online*, a única forma de saber mais sobre ele era fazer algum reconhecimento na vida real.

Ainda assim, só tencionava ter uma *conversa* com ela. Mas, de cada vez que referia o nome do Cooper, dava por mim presa a cada palavra sua. Parecia não fazer ideia dos apuros em que o seu casamento estava. Ou então estava a tentar esconder-mos. Afinal, ninguém anda por aí a dizer a estranhos que há dois anos que não faz sexo com o marido.

Assim, pensei que, se fôssemos mais amigas, talvez ela estivesse disposta a fazer-me confidências sobre o Cooper. Foi então que a convidei para tomar café comigo.

Uma coisa levou a outra e, de repente, estávamos a tomar cafés regulares, e então ela convidou-me para o seu clube de leitura, e agora, subitamente, somos melhores amigas. Dá-me a ideia de que não tem muitos amigos, e a verdade é que eu também não. O Cooper ficaria furioso se soubesse que ando a passar tempo com a sua mulher, por isso tive o cuidado de não lho referir.

A dada altura, isto vai explodir-me na cara. Não posso manter a minha amizade com a Debbie enquanto lhe ando a dormir com o marido. Um dia, ao jantar, a Debbie vai referir a sua nova amiga Harley ao Cooper e ele vai provavelmente morrer engasgado com uma cenoura ou assim.

Ainda que talvez seja isso que eu *quero* que aconteça. Bem, não a parte de se engasgar com uma cenoura. Mas *quero* que a Debbie saiba que o marido anda enrolado com outra nas suas costas. Quero que o ponha na rua. Porque, quando o fizer, ele virá diretamente para cá.

As minhas relações com homens casados raramente acabam bem. Na verdade, a última, com um homem chamado Edgar, rebentou-me na cara de forma bastante espetacular. Mas tenho um bom pressentimento quanto ao Cooper Mullen.

O Cooper solta-se do meu abraço e sai da cama. À luz ténue do quarto, vejo-o vestir-se. É mais de uma década mais velho do que eu, mas está fantasticamente em forma e são precisas todas as minhas forças para me impedir de o puxar de novo para a cama. Podia ter melhor do que a Debbie. Deve saber isso.

– Voltas amanhã? – pergunto.

Espero pelo laivo de irritação no seu rosto, mas nunca surge.

– Vou tentar escapulir-me, se puder. Mas não prometo nada – acrescenta.

Não é fácil ser a outra mulher. Eu sei, eu sei, temos pena, mas é uma vida difícil. Não podemos ser vistos em público e, quando chegam todas as grandes festividades, estou sozinha. E nem pensar em encontros com outro casal.

Mas, muito em breve, deixarei de ser a outra.

O Cooper é o tal. Quanto mais tempo passo com ele, mais certeza tenho de que isso é verdade. E, muito em breve, também a Debbie o vai saber.

Quando as luzes do alpendre se acendem, presumo que seja o Cooper, de volta da sua ida à comida rápida. Até que a fechadura da porta da frente não roda.

Saio para o vestíbulo e espreito por uma das janelas voltadas para o alpendre da frente para ver quem está lá fora. Não me devia surpreender de todo ver a Lexi e o Zane parados no alpendre, juntos. O meu instinto é recuar lentamente, antes que tenha de ver a minha filha aos amassos com o namorado. É a última coisa que quero ver.

Só que não estão a beijar-se. Estão a falar um com o outro, e, embora não consiga ouvir o que estão a dizer, a Lexi tem a mão na anca e os lábios curvados para baixo. O Zane, entretanto, tem um sorriso arrogante no rosto.

Ele tira o telemóvel do bolso e aponta para o ecrã. A Lexi faz menção de pegar no aparelho, mas ele segura-o fora do seu alcance. A expressão no rosto dela dá a ideia de que lhe quer arrancar os olhos.

O que se passa ali fora?

Se entreabrir discretamente a janela, talvez consiga ouvir o que dizem. Não que queira ouvir as conversas da minha filha, mas... Está bem, pronto, *sim*, quero ouvir as conversas da minha filha. Nunca me vai dizer por si mesma o que estavam a discutir. Esta é a minha única opção.

Porém, antes que possa tentar abrir a janela, o Zane estende o braço e agarra no da Lexi. Apesar de ter a certeza de que fez muito mais do que isso quando estão a sós um com o outro, o desconforto no rosto dela é palpável. Tenta soltar o braço, mas ele não a larga. E, durante todo esse tempo, mantém aquele sorriso no rosto.

Esqueço-me completamente da janela e vou direta à porta da frente. Finjo que estava de saída, apesar de não ter a minha bolsa nem, agora que penso nisso, sequer uns sapatos calçados. Não é grande ardil, portanto, mas é quanto basta para os sobressaltar a ambos.

Instantaneamente, o Zane larga o braço da Lexi.

– Oh, olá! – A minha tentativa de me fazer de surpreendida fica um pouco aquém de uma atuação digna de um Óscar, mas é suficiente. – Não me tinha apercebido de que estavam aqui fora.

– O Zane está de partida – diz rigidamente a Lexi.

O cabelo do Zane cai-lhe para os olhos, o que me dá vontade de ir buscar uma tesoura à

cozinha e cortar-lho. Na verdade, preferia cortar outra coisa, mas suponho que me contentava com um corte de cabelo. Ou com qualquer coisa que lhe apagasse aquele sorriso presunçoso dos lábios.

– Falamos depois, Lexi – diz ele.

Ela não diz nada, mas, após alguns instantes, aquiesce.

Recuo para a deixar entrar em casa e fecho a porta atrás dela, abandonando qualquer pretexto de sair. Alegro-me por a Lexi estar cá dentro e segura. Só queria que o Cooper voltasse também para casa, sobretudo porque a sua partilha de localização parece estar desligada. Talvez esteja numa zona sem cobertura.

Conto que a Lexi suba a correr para o seu quarto sem dizer mais nada, como tantas vezes faz hoje em dia, mas, em vez disso, fica apenas parada no meio da sala de estar, como se não soubesse o que fazer a seguir. Estou desesperada por lhe perguntar o que se passou entre ela e o namorado no alpendre, mas sei por experiência própria que isso não vai correr bem.

– O que estás a fazer? – pergunta-me ela, por fim.

Não o diz no seu tom habitual. A sua forma típica de me perguntar o que estou a fazer é: «O que estás a *fazer?*» Basicamente, a tentar insinuar que seja o que for que estou a fazer é estranho e inaceitável. Mas agora pergunta como se estivesse genuinamente curiosa. E eu tenho de inventar uma resposta.

– Estou a arrumar a sala. – *E não decididamente a espiar-te e ao teu namorado.*

Fita-me com interesse. Quando era pequena, costumávamos fazer uma sessão de limpezas semanal, eu e ela. Quando a Izzy era bebé, a casa costumava ficar desarrumada, por isso, todos os domingos, eu e a Lexi limpávamos juntas. Ela adorava. Costumava deixá-la passar o aspirador, e parecia tão hilariantemente adorável a tentar empurrar um aspirador quase tão grande como ela. Provavelmente, tenho centenas de fotos dela com esse aspirador, mas entristece-me demasiado vê-las.

Preparo-me para algum comentário crítico sobre as minhas competências domésticas, mas, em vez disso, a Lexi pergunta:

– Precisas de ajuda?

A sala de estar já está imaculada. Todas as manhãs aspiro e limpo o pó depois de fazer as camas e de lavar a loiça do pequeno-almoço. Mas, se a Lexi se está a oferecer para me ajudar, não a vou rejeitar.

– Podes aspirar o chão por mim? – pergunto, apesar de provavelmente não haver uma só partícula de pó no chão da sala de estar.

Os olhos da Lexi iluminam-se.

– Claro.

Segue-me até ao armário onde guardo o aspirador e os outros produtos de limpeza. Enquanto o tiro, desenredando o fio de onde parece ficar sempre preso, decido correr um risco. Sei que estou a tentar a sorte, mas estou mortinha por saber o que se passava no alpendre. E, mais importante, preciso de saber se a minha filha corre algum tipo de perigo.

– A propósito – digo, o mais descontraidamente que posso. – Como vão as coisas com o Zane?

Naturalmente, foi a coisa mais errada a dizer. Há quatro anos que sou mãe de pelo menos uma adolescente e devia ter sabido.

Os seus olhos semicerram-se imediatamente.

– Porquê?

O fio está preso em algo, e dou-lhe um puxão, tentando libertá-lo.

– Por nada.

– Estavas a *espiar-me*? – atira ela. – Foi por isso que saíste para o alpendre e estavas a ser tão estranha?

Em boa justiça, no entender da Lexi, estou *sempre* a ser estranha.

– Não estava a espiar-te. Juro.

Mas só porque a janela estava fechada e não conseguia ouvir nada.

– Porque abriste a porta da frente, então? – exige ela saber.

– Estava à procura do teu pai – respondo debilmente.

A Lexi não acredita em mim, o que é provavelmente justo. Olha para o aspirador com súbito desdém.

– Não me apetece realmente fazer tarefas domésticas agora. Vou subir.

– Mas... – O fio solta-se finalmente do armário. Ergo o aspirador na mão direita. – Dá só uma volta rápida à sala de estar. Vai ser divertido.

– Divertido? – A sua voz está carregada de sarcasmo. – Não me parece que ser tua criada seja *divertido*. E, seja como for, tenho trabalhos de casa para fazer.

E perdi-a.

Sobe as escadas para o seu quarto sem dizer mais nada. Devia ter tido mais cuidado. Nunca devia ter referido o Zane. Quando estiver pronta, ela dir-me-á. Ou talvez não diga e eu note simplesmente que ele deixou de aparecer.

E, se lhe fizer algum mal, vai arrepender-se profundamente.

Uma hora depois, o Cooper chega a casa.

Esteve ao todo duas horas fora, o que é muito tempo para uma ida à comida rápida. A comida rápida é *rápida* – está no nome. Entra pela porta da frente com um saco de batatas fritas que mancharam o papel pardo com a sua gordura. O cheiro é inebriante, mas não tenho grande apetite.

Passou a maior parte da noite fora, e não sei onde esteve. Não só isso como não é a primeira vez que desaparece assim. Sempre com uma desculpa.

E desligando sempre a partilha de localização.

Ergo-me do sofá para o confrontar.

– Onde estiveste?

– Eu disse-te. Fui jantar. – Os seus olhos evitam os meus. – Depois, fui só... enfim, dar umas voltas de carro. Tinha de desanuviar a cabeça.

– Estou a ver...

– Desculpa. – Estende-me o saco de batatas fritas e pego-lhe obedientemente. – Se achasse que precisavas de mim em casa mais cedo, não tinha ficado fora.

Só que isso é outra mentira.

– Estava preocupada – digo. – Tentei ver onde estavas, mas o *Findly* não mostrava a tua localização.

– Desculpa... Andei por algumas estradas secundárias. Provavelmente, a entrar e sair de zonas sem cobertura.

E mais outra.

Levo o saco das batatas fritas para a cozinha e o Cooper segue-me. Sirvo um copo de cola zero para cada um e empurro o dele sobre a mesa da cozinha, onde ele se deixa cair numa das cadeiras. Olha fixamente para a bebida, acabando por beber um gole, mas não estende a mão para as batatas fritas. Nem eu.

– Cooper – digo.

– Há algo que preciso de te dizer, Debbie – anuncia ele, com uma inspiração trémula. – Eu...

Preparo-me para o que aí vem. Seja o que for que tem para me dizer, não vai ser algo que queira ouvir. Não me vai dizer: *Ei, Debbie, acabo de ganhar a lotaria. Vamos comprar*

uma mansão. Baixa os olhos, fitando fixamente as mãos.

– Despedi-me – diz.

– *O quê?*

– Quando o Ken me disse que não me ia dar a promoção. – Continua de olhos fixos nas mãos, incapaz de me olhar nos olhos. – Ameacei despedir-me e ele não cedeu. Por isso... fi-lo. Despedi-me.

Era a última coisa que esperava que dissesse. Sabia que falar com o Ken Bryant podia pôr o futuro do Cooper na empresa em risco, mas não era este o desfecho que eu previa. O Cooper não é o tipo de homem impulsivo que se despede quando não leva a sua avante. Aquela vibração ao fundo da minha cabeça recomeça, e sinto as minhas mãos cerrarem-se em punhos.

– É uma treta – admite o Cooper. – Mas... de certeza que vou arranjar outra coisa.

– Ele disse porque se recusava a promover-te? – A minha voz soa mais alta do que devia a esta hora da noite. – Deve ter-te dado uma razão!

– Disse que não tenho perfil para gestor. – Esboça-me um sorriso sardónico. – E que não precisa de mim.

– Enlouqueceu? – Sei o que o Cooper faz naquela empresa, e vão ficar perdidos sem ele.

– Porque haveria de dizer isso?

– Não sei, mas deixou claro que nunca serei sócio.

Desta vez, tiro algumas batatas fritas do saco. Estão há demasiado tempo lá dentro e arrefeceram. Pergunto-me quanto tempo andou o Cooper às voltas com elas.

– Isso é absolutamente ridículo! – digo. – Não o podes deixar safar-se com isto!

– Só quero seguir em frente – responde ele – e procurar outra coisa. Isto... pode ser uma bênção. Nunca me ia tornar sócio lá, por isso talvez consiga arranjar algo melhor.

Pode estar certo. O Cooper merece melhor do que aquele emprego, mas a única coisa em que consigo pensar é em como vamos pagar o empréstimo da casa.

– De qualquer modo – acrescenta ele –, temos o teu salário da Querida Debbie para nos orientarmos até eu encontrar algo novo.

Oh, certo, não cheguei a dizer ao Cooper que fui despedida. Hoje não foi um bom dia para a família Mullen.

Abro a boca para partilhar essa pequena revelação, mas não me consigo obrigar a fazê-lo. O Cooper já parece infeliz que chegue e não me consigo forçar a largar-lhe mais uma coisa em cima agora.

Ele vai procurar um emprego, e eu vou procurar um emprego. Entre os dois, vamos encontrar algo. Vamos ficar bem.

– O Ken cometeu um erro enorme. – Estendo os braços para lhe tomar as mãos nas minhas. – És o melhor funcionário dele.

O Cooper limita-se a encolher tristemente os ombros.

– Talvez.

– És, sim – insisto. – Acredita, o Ken Bryant vai arrepender-se de te ter deixado ir.
Profundamente.

O Cooper parece um pouco cético, mas sei do que falo. Mais cedo do que julga, o Ken vai arrepender-se do que fez.

DA PASTA DE RASCUNHOS QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Debbie, estou exausta! O meu marido ressona como uma maldita motosserra! Juro, não tive uma noite inteira de sono desde o dia em que trocámos os nossos votos! É todas as noites a mesma coisa. Adormece em exatamente dois segundos e é então que começa a maldita algazarra. Tenho de ficar acordada, a ouvir o que parece uma urso-parda a dar à luz mesmo ao meu lado!

Tentei de tudo! Tampões para os ouvidos, dar-lhe uma ligeira cotovelada (ou um não tão ligeiro empurrão), e nada resulta! Se não descobrir o que fazer em breve, vou ter de ir dormir para a banheira! Tem algum conselho para salvar a minha sanidade?

Insone em Hingham

Querida Insone,

Ressonar é um problema muito comum nos adultos, especialmente nos homens. Estima-se que um quarto da população ressona regularmente! E, claro, é um grande problema para os companheiros com quem dormem.

Há várias coisas que o seu marido pode fazer para reduzir o ressonar. O exercício regular e a redução do consumo de álcool podem ajudar com isso. Perder peso também pode ser útil. Além disso, dormir de lado tem uma menor probabilidade de resultar em ressonar, por isso, se o seu marido dorme de costas, mande-o virar-se!

Se nada disso resultar, ou se o seu marido não quiser fazer nada para reduzir o ressonar, eis um pequeno truque que é cem por cento eficaz:

Da próxima vez que o ressonar do seu marido a acordar, tire a sua almofada da cama e ponha-lha no rosto. Depois, com as mãos, aplique uma pressão média a firme sobre o centro da almofada. O nível de ruído pode aumentar fuzadamente, mas garanto-lhe que, no espaço de cinco minutos, o ressonar terá parado. De vez.

Bons sonhos!

Debbie

A cordo às duas da manhã, com o coração a palpitar. Ponderei programar o despertador, mas não queria correr o risco de acordar o Cooper. Felizmente, continua a dormir, ressonando baixinho ao meu lado na cama. A luz da Lua, parece muito mais novo. Parece tal como quando nos conhecemos, há tantos anos. Ainda me lembro de como pareceu ficar feliz quando aceitei sair com ele, como se não pudesse acreditar na sua sorte.

Não se mexe quando saio da cama. Geralmente, tem um sono profundo, mas ajuda eu ter deitado algum ópio na cola zero que lhe servi enquanto comíamos as batatas fritas. As flores coloridas no meu jardim parecem-se muito com anémonas, mas não é isso que são.

Sim, cultivo papoilas de ópio no meu jardim.

Técnicamente, não é ilegal cultivá-las no nosso jardim das traseiras. Só quando a quantidade chega ao nível de hectares e nos pomos a fabricar ópio para vender aos outros é que se torna problemático. Suspeito que os vizinhos não o veriam com bons olhos, ainda assim, e sabe Deus o que o Zane faria se soubesse. Portanto, digo a toda a gente que são anémonas.

Claro que não cultivo *só* papoilas de ópio. Na verdade, são apenas uma pequena parte do meu jardim. Tenho também uma predileção pelas lantanas, com as suas intensas cores tropicais, e pelos hibiscos, com a sua viva e arrojada explosão de vermelho. Tenho ainda um pequeno retalho de bagas vermelho-escuras de *Carapichea ipecacuanha*, que é o que se utiliza para fazer xarope de ipecacuanha. É um emético bastante potente.

Comecei a colher o ópio por curiosidade. O que posso dizer? Aborreço-me facilmente, sobretudo agora que as minhas filhas são adolescentes e não precisam de mim a cada hora do dia. Vi um vídeo sobre isso *online*, que me ensinou o que fazer. Fazem-se cortes verticais na vagem da papoila para «purgar» o ópio. Há anos que o faço, e acumulei uma bela reserva.

Suponho que é isso que acontece quando alguém com um QI de 178 tem como único emprego escrever uma coluna semanal de conselhos. Sim, crio estas aplicações para os nossos telemóveis, mas tornei-me tão rápida a fazê-lo que já não dão grande trabalho. O meu cérebro grita por estímulos.

O Cooper continua a ressonar enquanto visto umas calças de ganga e uma camisola preta. Apanho o cabelo atrás num puxo para o manter longe do rosto e desço sorrateiramente ao rés do chão. Tenho muito que fazer esta noite e não há tempo a perder.

A primeira coisa que faço é agarrar nas três recargas para armadilhas de escaravelhos japoneses. Depois, entro na nossa garagem, que é onde guardamos a pá que o Cooper usa para nos desenterrar no inverno quando neva. Armada com ambas as coisas, saio de casa.

O tempo está um pouco frio para a camisola que tenho vestida. Na verdade, está mais tempo para um casaco, mas prevejo que, depois de cavar um pouco, começarei a suar. Seja como for, isto não vai demorar muito.

Desço o quarteirão até ao fundo da colina, onde a Jo Dolan vive. Pelo caminho, passo pela casa da Rochelle, que está silenciosa e às escuras, como as de todos os outros. Dei um passeio junto à sua propriedade por volta das oito desta noite, e não havia sinais de uma festa. Suspeito que a Rochelle ainda estava a vomitar por essa altura.

Passados alguns minutos, chego ao jardim da Jo. Sob o manto da escuridão, as rosas parecem quase abomináveis. Parecem poder ganhar vida e matar-me a qualquer momento. Sobretudo se soubessem o que lhes estou prestes a fazer.

Mas não estou muito preocupada com plantas assassinas. *Estou* preocupada é com que haja câmaras, mas não vejo nenhuma. Tenho quase a certeza de que a Jo não é o tipo de pessoa que instala câmaras na sua propriedade. Devia mesmo fazê-lo, ainda assim. Levei menos de cinco minutos a instalar as nossas câmaras das portas – uma na frente, outra nas traseiras – e a instalar o *software* no meu telemóvel para as monitorizar em qualquer altura. É uma boa fonte de segurança, e também uma excelente forma de espiar a minha filha mais velha quando está no alpendre com o namorado.

Uma vez convencida de que não há nada a gravar-me, procuro um bom sítio na periferia do jardim da frente e começo a escavar a matéria orgânica. Tardo cerca de cinco minutos a abrir uma cova rasa onde enterrar a primeira recarga, fazendo depois o mesmo às outras em dois outros pontos do jardim. Quando me endireito, limpo as mãos às calças de ganga e inspeciono a minha obra.

Isto servirá perfeitamente.

Em seguida, regresso a casa. Ainda só são duas e meia, e devia estar exausta, mas a adrenalina corre-me pelas veias e sinto-me capaz de correr uma maratona. Na verdade, talvez correr uma maratona fosse um escape melhor para a minha frustração. Oh, bem, tarde demais.

Quando entro, devolvo a pá à garagem e subo para o meu *Subaru*. Admito que há algum perigo em introduzir a morada do meu próximo destino no meu GPS, mas tenho de correr esse risco. É impossível navegar pelo Massachusetts sem GPS e seria muito pior andar a vaguear pelas ruas a meio da noite. Além disso, o meu destino final fica a apenas quinze minutos de carro, em Weymouth.

Sigo as instruções do GPS, virando para ruas escuras iluminadas apenas por ténues candeeiros de rua. Após cerca de quinze minutos, a voz com sotaque britânico no meu

telemóvel anuncia:

– Chegou ao seu destino.

Encosto ao fundo da rua, reconhecendo que poderia ser problemático estacionar mesmo em frente à casa do treinador Robert Pike. Quando estava sentada no seu gabinete, senti uma vibração desconfortável na nuca. Continuo a vibrar agora, mas é diferente. Desta vez, estou a vibrar de *entusiasmo*.

Fiz um desvio para ver a casa do Pike mais cedo, ao regressar da escola, só para garantir que não tinha câmaras na sua propriedade. Mas, como a Jo Dolan, o Pike não é do tipo de ter câmaras. Cães de guarda, talvez. Mas também não ouvi nenhum desses antes. Este não é um bairro chique onde os ladrões costumem invadir casas.

Além disso, não é casado nem tem filhos. Vive completamente sozinho.

Ainda sinto o coração a palpitar quando desço do carro e saio para a rua. Rápida e resolutamente, dirijo-me à casa do Pike. Não sou hábil a arrombar fechaduras, mas houve outra coisa em que reparei mais cedo, quando estava em frente à sua casa – algo que me fez sentir confiante em como ia conseguir entrar quando precisasse.

Ao chegar ao relvado da frente do Pike, vejo que tem dois aspersores separados por pouco mais de trinta centímetros. O da esquerda tem uma tampa de um material semelhante a bronze e parece projetar-se um pouco mais do solo do que o outro. Olho em volta, fazendo uma última verificação para me assegurar de que todos no bairro dormem profundamente, e então agacho-me junto ao aspersor de bronze. Estendo a mão e solta-se facilmente.

É falso.

O mais rapidamente possível, desatarraxo o fundo do aspersor falso. Como era de prever, cai-me uma chave na mão, juntamente com algumas notas de vinte dólares. Não quero o dinheiro, e vou devolver a chave quando terminar. Ninguém pode saber que estive aqui e, se o treinador Pike tiver comido pelo menos um daqueles *brownies*, como tenho quase a certeza que deve ter feito, a julgar pela forma como os olhava, vai dormir a noite inteira. Tempo suficiente para eu fazer o que preciso.

Respirando fundo, dirijo-me à sua porta da frente.

A cordo às três da manhã, cheio de náuseas. Não sei se foi algo que comi. Talvez tenham sido aquelas batatas fritas que eu e a Debbie partilhámos, porque desde então que não me sinto muito bem. Por outro lado, só comi umas seis ou sete batatas. Não parece suficiente para me dar a volta ao estômago.

Sento-me na cama, a esfregar a barriga com uma mão e os olhos com a outra. Por um momento, fico sentado, a ponderar se quero tentar vomitar, mas então decido não o fazer. E é então que vejo que a Debbie não está ao meu lado na cama.

Isso é estranho.

Talvez também tenha ficado doente com as batatas fritas. Mas isso não explica onde foi. Consigo ver daqui que não está na casa de banho principal. Se estivesse enjoada, para onde teria ido?

Por esta altura, estou demasiado tenso para dormir, por isso saio da cama. Subitamente, uma vaga de tonturas apodera-se de mim. A vontade de vomitar torna-se de súbito avassaladora, e corro para a casa de banho, onde despejo o conteúdo do meu estômago numa ejeção impressionante. Por um momento, agarro-me à lateral da sanita, à espera que as tonturas passem.

– Debbie? – crocito.

Não sei porque a estou a chamar. É óbvio que não está aqui. Mas o meu instinto quando estou doente é chamar pela minha mulher.

Finalmente, consigo voltar a levantar-me, ainda que não esteja tão estável como gostaria. A Debbie decididamente não está no quarto. Provavelmente, foi para o piso de baixo. Talvez tenha decidido ir fazer uma chávena de chá para acalmar o estômago. Na verdade, isso soa bastante bem.

Talvez desça e me vá juntar a ela.

Não me dou ao trabalho de trocar a minha camisola interior e os meus *boxers* antes de sair para o corredor. Nos últimos meses, a Debbie tem andado a agir de forma estranha. Não consigo identificar o que se passa, mas é *alguma coisa*. Desde que começámos a viver juntos que todos os dias a Debbie fazia a cama depois de nos levantarmos para o dia. Mas então, há seis meses, deixou subitamente de a fazer.

Não é que me interesse se ela faz a cama. Sinceramente, prefiro não ter de puxar os cobertores de debaixo do colchão todas as noites. Mas não consigo perceber porque parou. E quando lho referi, limitou-se a encolher os ombros e a mudar de assunto.

E agora esqueceu-se do meu almoço, esta manhã. E atou-me a gravata como uma criança do jardim de infância.

É como se me estivesse a esconder algo – como se houvesse alguma espécie de distância implícita entre nós, que cresce a cada dia que passa. Podia culpar os segredos que lhe escondi, mas tudo o que fiz recentemente foi *por causa* da distância.

Enquanto desço as escadas, agarrado ao corrimão, tomo uma decisão. Vou dizer-lhe a verdade.

Pode ser um grande erro. Vai ficar *furiosa*. Pode até decidir deixar-me. Não a culparia, mas o mais correto a fazer é ser honesto. Pôr tudo às claras, e então decidiremos como lidar com isso.

Sei o que parece. Mas juro que não sou má pessoa. E quero ser bom marido. É *só* isso que eu quero. Simplesmente... fiz asneira. Amo a Debbie. Não é isso que importa?

Mas, ao chegar ao fundo das escadas, encontro o rés do chão completamente às escuras. Primo o interruptor no fim dos degraus e olho em volta, mas não está cá ninguém. A Debbie não está na cozinha, a tomar uma chávena de chá. Não está de todo aqui.

– Debbie? – chamo, só para ter a certeza.

Não. Nada.

Ainda assim, passo vários minutos a vaguear pelo rés do chão da minha casa, só para confirmar que não está a dormir no sofá ou assim. Mas não há sinal da minha mulher em lado nenhum.

Onde diabos foi?

A minha próxima paragem é a garagem. Não parece possível que a Debbie tenha saído de casa às três da manhã, mas, quando abro a porta da garagem, o seu carro desapareceu.

Sinto uma inquietude súbita a vir substituir as náuseas. Por alguma razão, a minha mulher saiu de casa a meio da noite e foi suficientemente longe para levar o carro. Onde pode ter ido?

Uma vaga de tonturas apodera-se de mim, mas esforço-me ao máximo para a repelir. Não sei porque me sinto tão doente. Sim, estamos a meio da noite, mas não me sinto como se estivesse cansado. Sinto-me...

Sinto-me drogado.

Mas como posso estar? Não tomei nada que me pudesse alterar de algum modo a consciência. Não bebi nada esta noite. Não tomei sequer uma aspirina infantil.

Mais uma vez, tenho de me agarrar ao corrimão enquanto volto a subir até onde deixei o telemóvel. Uma vez no cimo das escadas, agarro-me à parede enquanto desço o corredor em direção ao quarto principal. Consigo regressar à cama e então ergo o meu telemóvel da mesa de cabeceira onde está a carregar.

Abro a aplicação *Findly*. Pontos a piscar no mapa indicam onde está cada membro da minha família. As meninas estão ambas em casa, graças a Deus. Não sei o que pensaria se

também estivessem desaparecidas. Mas o ponto da Debbie não está posicionado sobre a nossa casa, e, tanto quanto consigo ver, continua a partilhar a sua localização.

Semicerro os olhos ao ecrã. Parece estar num endereço em Weymouth. Não me soa familiar. Na verdade, tanto quanto me lembro, não conheço ninguém que viva em Weymouth, ainda que seja já a vila ao lado.

Quando clico no seu ponto, surge o nome de uma rua. Não há garantias de que seja cem por cento preciso, mas, para o caso de ser, rabisco-o no bloco de notas que tenho na mesa de cabeceira. Fica quase ilegível, mas serve.

Olho para o endereço, tentando perceber onde estará a Debbie a estas horas. Um caso com outro homem? Céus, isso seria... horrível.

Talvez devesse ligar-lhe. Em vez de ficar aqui deitado, a perguntar-me que diabos está a fazer, podia ligar-lhe agora mesmo e exigir saber onde está. Seria certamente algo razoável de se fazer.

Mas, antes que lhe possa ligar, o ponto no ecrã começa a mexer-se. Onde quer que tenha ido, está agora de partida.

Largo o telemóvel e deito a cabeça na almofada. A Debbie está a apenas quinze minutos de distância, o que significa que em breve estará em casa. Assim que chegar, vou perguntar-lhe onde foi. Vamos sentar-nos e ter uma longa discussão sobre... bem, sobre tudo.

Como disse, é tempo de pôr tudo a limpo. A sua roupa suja e a minha.

Só que, uns dois minutos depois de jurar que vou falar com a minha mulher mal ela chegue a casa, adormeço e não volto a acordar até à manhã seguinte.

Na manhã seguinte, acordo cedo, a sentir-me estranhamente revigorada, apesar da pequena incursão que fiz a meio da noite.

O Cooper dorme profundamente ao meu lado na cama, a rressonar mais alto do que o habitual, com uma poça de baba no canto direito da boca. Como era de prever, continua completamente apagado.

O mais silenciosamente possível, saio da cama e vou para o duche. Não há nada como um bom duche quente para começar o dia, e ponho a temperatura no máximo possível. O Cooper toma sempre duches tépidos, mas, na minha opinião, um duche nunca pode ser demasiado quente. Podiam largar-me numa panela de água a ferver e eu subia a temperatura alguns graus.

Visto-me em silêncio, enfiando outra blusa escura e umas calças de ganga largas que se tornaram recentemente o último grito. A Lexi ficou furiosa da primeira vez que as vesti, pois sentia que as calças de ganga largas pertenciam à *sua* geração e que eu era «demasiado velha» para me caírem bem. Mas, na verdade, acho que me favorecem muito.

O corredor do primeiro andar de minha casa está silencioso – ambas as meninas têm mais uma hora até os seus despertadores tocarem para o dia. Devo estar de volta antes de isso acontecer.

Entro no meu *Subaru* e, vinte minutos depois, estou a estacionar em frente à casa do Kenneth Bryant. Ao contrário de ontem à noite, a rua está bem iluminada e há gente a sair das suas casas para começar o dia. Ainda assim, tenho quase a certeza de que ninguém vai reparar no meu modesto veículo. E não é como se uma dona de casa de meia-idade atraísse atenções indesejadas por aqui.

As luzes estão acesas em casa do Ken quando me aproximo da porta principal, com a minha bolsa ao ombro. O Cooper disse-me que o Ken é sempre o primeiro a chegar ao escritório de manhã e o último a sair, por isso tinha a certeza de que estaria acordado quando eu chegasse. Provavelmente, está a saborear uma bela chávena de café enquanto lê as notícias da manhã.

Toco à campainha.

Passado um minuto, as fechaduras rodam do outro lado da porta, que se entreabre para

revelar um homem alto de cabelo fino e lábios ainda mais finos. Nunca o conheci, porque o Ken Bryant nunca teve interesse em socializar, mas reconheço-o das fotos. Semicerra-me os olhos.

– Não falo com vendedores – atira.

Bem, que cumprimento encantador. Que tal um *olá*?

– Na verdade – digo –, sou a Debbie Mullen. – Ele olha para mim, perplexo, por isso clarifico. – A mulher do Cooper. – Continua a parecer confuso, por isso esclareço ainda mais. – Cooper Mullen. O seu funcionário.

– Oh. – Deixa a porta abrir-se mais alguns centímetros. – Certo. A mulher do Cooper. Dottie.

– Debbie. – Pigarreio. – Posso entrar, por favor?

O Ken parece estar a contemplar fechar-me a porta na cara, mas, após um instante de deliberação, chega-se para o lado para me deixar entrar. É um começo.

Nunca tinha estado em casa do chefe do meu marido, e não é o que eu esperava. É muito espaçosa, mas espartana e sem personalidade. Já vi casas montadas para exposição com mais personalidade do que esta. Tem um sofá de cabedal, mas não me convida a sentar.

– Provavelmente, quer falar comigo sobre promover o Cooper – resmunga.

– Bem, sim – respondo. – O meu marido está há muito tempo na sua empresa e é um bom trabalhador.

– É também extremamente substituível. – Aperta um pouco mais a gravata à volta do pescoço e imagino-me a agarrá-la e a apertá-la até ao limite. – Faz o trabalho dele e nada mais. Não oferece nada de especial. É o funcionário mais banal que já tive e, quando sair, haverá cinco outros candidatos iguaizinhos a ele dispostos a trabalhar por menos dinheiro.

– Acho que está enganado.

Ele encolhe os ombros.

– Com o devido respeito, o seu marido despediu-se, e acho que fico melhor sem ele.

Levo a mão à minha bolsa, vasculhando por entre o que parece ser uma reserva infinita de guardanapos dobrados. Tiro umas luvas de cabedal e o Ken franze o sobrolho ao ver-me enfiá-las nas mãos.

– O que está a fazer? – pergunta. – Tem frio?

Não respondo à sua pergunta. A arma que tiro da bolsa fá-lo por mim.

– O... o que... – gagueja ele, empalidecendo. – O que está a fazer?

Aponto para o sofá com o cano da arma.

– Sente-se, por favor, senhor Bryant.

Ele agarra-se ao peito e, por um momento, pergunto-me se a natureza irá fazer o trabalho por mim. Mas então deixa-se cair no sofá, e continua consciente. Preciso que fique comigo durante tempo suficiente para lhe atar os pulsos e depois o conduzir ao andar de cima e ao quarto.

– O que está a fazer? – pergunta ele novamente. – Isto não é por causa do emprego do

Cooper, pois não? Porque eu...

– Pare de falar – digo, num tom acutilante que o cala instantaneamente.

Olho para o homem mais velho, a tremer no sofá da sala de estar. E então olho para a arma apertada na minha mão direita. Vou mesmo fazer isto? Uma coisa é cortar alguns fios numa caixa de fusíveis ou envenenar sanduíches, mas isto é completamente diferente...

Estou prestes a passar dos limites. E, quando o fizer, não haverá volta atrás. Por outro lado, já era mais do que tempo de isto acontecer.

Ainda bem que me vesti de preto para esconder as manchas de sangue.

O telemóvel está a tocar.

Parece já o estar a fazer há algum tempo. Estou deitado na cama, com um ligeiro latejar na cabeça, a desejar que pare. E pára, por fim, quando a chamada vai para o correio de voz, mas quem quer que seja volta simplesmente a ligar. É um ciclo interminável.

– Está bem, raios!

Por entre o meu torpor, lembro-me de que pode haver um nome no ecrã que não quero que a Debbie veja. Freneticamente, tateio a minha mesa de cabeceira, mas, ao pegar no meu telemóvel, encontro o ecrã apagado. Não é o meu telemóvel que está a tocar. É o da *Debbie*. Uma e outra e outra vez. O meu alívio é substituído pela curiosidade.

É então que tomo consciência de outro som. É o som do duche a correr na casa de banho principal. Disse a mim mesmo que ia ficar acordado até a Debbie chegar a casa, mas é óbvio que falhei nessa missão. Aterrei quase imediatamente depois de me deitar e, neste momento, sinto-me como se tivesse sido atropelado por um camião. A minha boca parece o Deserto do Saara.

Porque me sinto de ressaca?

O telemóvel da Debbie pára de tocar, e digo um silencioso obrigado. Mas então, passados trinta segundos, recomeça. Cubro o rosto com a almofada da Debbie, tentando abafar o som do aparelho a tocar. Mas não adianta. Quem quer que esteja a ligar à minha mulher quer *mesmo* muito falar com ela.

– Debbie? – chamo. – Vais sair em breve?

Não obtenho resposta, mas está decididamente lá dentro. Consigo ouvi-la cantar, o que é estranho, porque a Debbie não costuma cantar no chuveiro.

Finalmente, rendo-me. Ergo o telemóvel da mesa de cabeceira junto ao seu lado da cama. O nome no ecrã é Garrett Meers. O seu chefe.

Por que raio lhe está ele a ligar uma e outra vez? Não podem ter uma emergência jornalística envolvendo a Debbie. Em primeiro lugar, a minha mulher escreve uma *coluna de conselhos*. O que é uma emergência numa coluna de conselhos? Alguém tem uma festa daqui a quinze minutos e não sabe tirar nódoas de relva do vestido?

Mas é óbvio que o Garrett se está a passar. O que também é estranho, porque estive com o homem uma vez e pareceu bastante descontraído.

Toco no ecrã para atender a chamada e, antes que possa sequer dizer olá, a voz do Garrett retumba-me ao ouvido.

– Debbie! Debbie, que diabos fez?

– Hã? Olá? – digo.

O Garrett fica momentaneamente desnordeado com o som da minha voz.

– Quem fala?

– É o Cooper. O marido da Debbie – acrescento, visto que ele não responde.

– Onde está a Debbie? – exige ele saber. – Preciso de falar imediatamente com ela!

Com dificuldade, iço-me para uma posição sentada, e o latejar na minha cabeça intensifica-se.

– Desculpe, está no duche.

– Então tire-a do duche! Preciso de falar com ela *já!*

– Hum, não? – Esfrego os olhos. – Qual é o problema...

– Qual é o problema? – explode ele. – Há *pornografia* no *site* do jornal. É esse o problema! E não é só pornografia, é... Olhe, sei que a Debbie tem a palavra-passe do nosso *site*. Lá porque eu a despedi...

– Despediu a Debbie? – repito, incapaz de evitar que o espanto me transpareça na voz.

Isso desorienta o Garrett.

– Oh. Pensei que ela lhe tivesse... Bem, enfim, sim. Houve um problema com um processo e... Lamento, mas não tive alternativa. Mas que raio? Ela tem de tirar isto do *site* imediatamente! – A sua voz torna-se mais alta a cada palavra. – Compreende o que estou a dizer? Vai *arruinar-me!*

– Porque não a pode tirar o Garrett? – pergunto, impaciente.

– Ela mudou a palavra-passe! Estou bloqueado!

Enquanto o Garrett fala, uso o meu próprio telemóvel para entrar no *site* do jornal. Sem ofensa para a Debbie, mas o *Hingham Household* é o jornal mais aborrecido que alguma vez vi. O *site* contém geralmente o logótipo e a principal notícia de Hingham, que é provavelmente, sei lá, uma reunião da associação de pais e professores em que estão a tentar decidir o que ver na noite de cinema do terceiro ciclo. Mas, em vez disso, a única coisa no ecrã é um vídeo que parece estar a passar em modo de repetição.

Um vídeo de duas pessoas a fazer sexo. E uma dessas pessoas é o Garrett Meers.

Não sei quem é a outra pessoa, mas conheci a mulher dele, e não é ela. Toda a cena parece estar a ter lugar num gabinete, em cima de uma secretária. Imagino que seja o seu gabinete no jornal.

Uau. Tem razão. Está mesmo lixado.

– Já tivemos meia dúzia de anunciantes a ligarem para cancelar os seus contratos connosco. – O seu tom de pânico tornou-se suplicante. – E a minha mulher... Se vir isto...

Apesar de ser descortês, dou uma risada.

– Acha mesmo que há alguma hipótese de a sua mulher não ver isto?

– Vá para o diabo! – retorque o Garrett. – Desta vez, a Debbie foi longe demais!

Franzo o sobrolho ao telemóvel, subitamente acometido por uma sensação de *déjà-vu*. É a mesma exata conversa que tive com o Brett ontem de manhã, quando ele acusou a Debbie de lhe mexer na caixa de fusíveis.

Tem certamente competências técnicas para isto. E, se foi despedida ontem, o motivo está mesmo aí. Teria precisado de obter as imagens do Garrett com aquela outra mulher, mas foi ela que instalou as câmaras nas nossas portas. Sabe seguramente como instalar uma câmara oculta.

E, não obstante, continuo a não acreditar. Estou sempre a dizer à Debbie para se defender mais, pois deixa-se constantemente ser pressionada. É ótima a dar conselhos, mas nunca segue os meus. Não a consigo imaginar a fazer algo tão diabólico. Não é o seu estilo.

– Olhe – digo. – A Debbie não fez isto...

– Fez, sim! – insiste ele. – E juro por Deus que vai pagar por isso. Vou assegurar-me de que paga.

Muito bem, já chega. Compreendo que esteja perturbado, mas *ninguém* ameaça a Debbie.

– Cuidado com o que diz sobre a minha mulher – aviso.

– Ai é? – O Garrett não parece impressionado. – Senão o quê?

– Se respirar sequer para cima dela – rosno para o telemóvel, numa voz que soa realmente bastante assustadora –, vou a sua casa e parto-lhe a cara.

Oiço a inspiração abrupta do outro lado da linha e, com isso, o Garrett cala-se finalmente. Aproveito a oportunidade para desligar a chamada. Passado um segundo, o telemóvel recomeça a tocar, mas ponho-o em modo silencioso.

Seria realmente capaz de partir a cara ao Garrett Meers? Não sei. Tenho ido muito ao ginásio ultimamente. Nunca dei um soco em toda a minha vida, mas, se ele fizesse algum mal à Debbie, fá-lo-ia decididamente pagar.

– Quem era ao telefone?

Nem dei por o duche ter parado, e a Debbie saiu da casa de banho, embrulhada num roupão felpudo. Ainda tem o cabelo molhado e penteado para trás pela água. Parece tão pequena e vulnerável. Inocente. Mas...

Invadiste a casa do nosso vizinho para lhe destruíres a caixa de fusíveis?

Publicaste um vídeo do teu antigo chefe a comer a secretária?

Onde foste ontem à noite?

O que me estás a esconder?

– Era o Garrett – acabo por responder. – Está perturbado com qualquer coisa no *site*. Parece que...

Em vez de o dizer, mostro-lhe o meu telemóvel, onde o vídeo continua a passar repetidamente. Se uma imagem vale mil palavras, um vídeo diz basicamente tudo. As sobrancelhas da Debbie disparam.

– Oh! – exclama ela. – Suponho que o Garrett anda mesmo a dormir com a Sierra. Lá se vai a conversa de ser um homem de família, hã?

Mantenho o olhar fixo no seu rosto, observando a sua reação.

– Acha que foste tu a publicar o vídeo.

– Acha? – diz ela, rindo. – Pensa o quê? Que lhe escondi uma câmara no gabinete há meses para apanhar algo que um dia pudesse usar para o envergonhar?

– Hum, não em tantas palavras...

– Bem, isso é um pouco ridículo. – Inclina-me a cabeça. – Não achas?

Não sei o que responder a isso.

– Quer que o tires do *site*. Diz que já perderam um monte de anunciantes. E tem medo que a mulher veja.

A Debbie lança um último olhar ao vídeo e devolve-me o meu telemóvel.

– De certeza que alguém já enviou um *e-mail* à mulher dele a informá-la do vídeo.

– Achas... achas que sim?

– Oh, sim. – Balança a cabeça. – E quanto a tirá-lo do *site*, de certeza que alguém do apoio técnico lhe pode reconfigurar a palavra-passe. Esse homem entra em pânico com demasiada facilidade.

– Debbie. – Engulo o nó duro que se formou na minha garganta. – Não foste tu que... quer dizer, tu...

Por um momento, ela limita-se a olhar para mim. Ainda sinto a cabeça a latejar, mas não consigo fazer mais nada a não ser fitar os olhos castanhos da minha mulher. Há quase metade da minha vida que a conheço, mas começo a perguntar-me se a conheço de todo.

O que fizeste, Debbie?

Quando não consigo aguentar nem mais um segundo, ela responde.

– É claro que não! Onde ia eu sequer arranjar um vídeo desses? – Sorri-me então. – Estou esfomeada. Apetece-te panquecas?

– Hum, claro.

Continua a trautear para consigo enquanto se veste e desce à cozinha para nos preparar o pequeno-almoço.

Depois de a Debbie sair, baixo os olhos para o pequeno bloco de papel junto à cama. Se tinha alguma ilusão de que o que aconteceu ontem à noite tivesse sido algum tipo de sonho louco, o endereço rabiscado na minha caligrafia indica o contrário. Por um momento, olho para a minha letra, sem saber o que fazer. Estava tão cansado quando o escrevi que o nome da rua é quase impossível de decifrar. Parece dizer «Main», mas pode igualmente dizer «Maple» ou algo completamente diferente.

Arranco o papel do bloco e fito-o por um momento. E então, por razões que não sei explicar por inteiro, meto-o na gaveta de cima da mesa de cabeceira antes de ir para o duche.

Estou a fazer panquecas para o pequeno-almoço.

Quando saí do duche, tinha mais de cem mensagens por ler do Garrett Meers, bem como umas quantas mensagens de voz. Apaguei-as todas e então bloqueei o seu número. Pode lidar com isto sozinho. Afinal, não sou a sua técnica. Era apenas a colunista de conselhos, e fui despedida, pelo que, no meu entender, nada disto é problema meu.

Além disso, neste momento, tenho de focar toda a minha atenção em fazer panquecas.

Não as faço de raiz. Não sou nenhuma Betty Crocker. Tenho uma caixa de mistura para panquecas em pó, ainda que tenha alguns truques para as fazer saber melhor. Uso leite para misturar a massa, em vez de água, e junto também uma pitada de canela. E, depois de as pormos na frigideira, temos de as cozinhar *precisamente* o tempo certo, virando as panquecas a meio. Não é infalível, mas é consideravelmente mais fácil do que programar uma aplicação para telemóvel para seguir a nossa família.

A Izzy é a primeira a entrar na sala de estar esta manhã. Ouve o chiar das panquecas na frigideira e os seus olhos arregalam-se na mesma expressão empolgada com que o Cooper fica quando lhe faço um jantar de que gosta particularmente.

– Queres panquecas? – pergunto-lhe.

Quer. Vejo-lho no rosto. Está dividida pelo tumulto interior de querer comer panquecas, mas sentir também que precisa de perder nove quilos para regressar à equipa de futebol. A compulsão de a abraçar é quase avassaladora. Tenho saudades dos dias em que um abraço podia resolver tudo e em que um beijo bem dado curava instantaneamente qualquer dói-dói. Hoje em dia, tenho de ser um pouco mais criativa.

– Não tenho fome – acaba ela por dizer.

Boa. O treinador Pike deu um distúrbio alimentar à minha filha.

Felizmente, isso vai deixar de ser um problema muito em breve.

A Lexi é a seguinte a entrar na cozinha, pisando pesadamente o soalho de madeira com as *Doc Martens* a que se anda a habituar desde há dois anos. Traz umas calças largas com bolsos nas laterais, o que suponho que é ligeiramente melhor do que o pijama. E não traz os seus auscultadores enormes. Vem direta a mim, junto ao fogão, e reteso-me, à espera da sua crítica a seja o que for que estou a fazer. Na semana passada, informou-me de que

estava a *respirar* demasiado alto.

– Mãe? – diz ela.

– Sim?

Rói a unha do polegar direito.

– Dás-me boleia para a escola?

O meu primeiro instinto é perguntar porque não a leva o Zane, como habitual, mas tenho quase a certeza de que isso não vai correr bem. Portanto, desta vez, mantenho a minha boca tola fechada.

– Claro. Queres panquecas, querida?

Só hesita por uma fração de segundo.

– Está bem.

– Talvez coma também uma panqueca – diz a Izzy, e fico tão feliz que era capaz de chorar.

Divido as panquecas por dois pratos e, quando estou a pô-las na mesa da cozinha à frente das minhas meninas, uma forte buzina faz-se ouvir no exterior. Retraio-me. Pensava que, tendo a Lexi pedido boleia, aquele rufão não ia espalhar a sua poluição sonora pelo nosso bairro esta manhã.

– Aquele é o Zane? – pergunto cautelosamente.

A Lexi baixa os olhos para o prato à sua frente.

– Mãe, podes dizer-lhe que vou à boleia contigo hoje?

– Claro, querida. Com certeza.

Limpo as mãos às minhas calças de ganga azuis e dirijo-me à porta da frente. Com efeito, o *Kia* do Zane está estacionado no meu caminho de acesso, num ângulo estranho. Calço as minhas sabrinhas e saio para o alpendre, sem me dar ao trabalho de vestir um casaco. Isto não vai demorar muito.

Mesmo com as janelas fechadas, consigo ouvir a sua música em altos berros. Não sei o que está a ouvir. Decididamente não é nada que tenha ouvido na rádio. Sei que é difícil aos «velhos» como eu apreciar música nova, mas esta canção soa genuinamente a um homem a puxar repetidamente o catarro. Volta a buzinar e cerro os dentes.

Desço os degraus do alpendre até ao carro. O Zane balança distraidamente a cabeça ao ritmo da música, com o cabelo desgrenhado. Mais uma vez, fantasio com o que lhe faria com uma tesoura de barbeiro. Em seguida, bato na janela do carro.

Tenho de bater uma segunda vez, porque não dá por mim da primeira. Provavelmente, está meio surdo devido à música. (Se lhe podemos chamar música. Posso apenas imaginar que quem gravou isto o fez como uma espécie de experiência psicológica para ver se alguém estava disposto a ouvir os sons de funções corporais.) Finalmente, vira a cabeça para me encarar e abre a janela.

– Olá, Sra. Mullen. – Quando olha para mim, não posso deixar de reparar em como tem as faces encovadas, como se fosse muito mais velho do que realmente é. – Onde está a Lexi?

– Vou levá-la eu à escola hoje.

– Mas eu estou *aqui*.

– Certo. E agora podes ir.

O Zane revira os olhos.

– Tudo bem. *Como queira*.

Sem avisar, põe o carro em marcha-atrás e sai do meu caminho de acesso, quase passando por cima do meu pé. Vejo-o partir a acelerar, fazendo figas para que esta seja a última vez que o Zane cá vem para comer toda a nossa comida e beber todo o nosso álcool.

Mas, por alguma razão, tenho um mau pressentimento de que não é.

DA PASTA DE RASCUNHOS
QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Não suporto o namorado da minha filha. Para ela, o sol nasce e põe-se naquele rapaz, mas eu leio-o como um livro aberto. Conduz demasiado depressa, mal passa nas disciplinas da escola e é tão preguiçoso. E nem me faça falar do problema de atitude dele. A boca daquele rapaz!

Sempre que tento inculcar algum bom senso naquela miúda, ela age como se eu estivesse a passar dos limites! Fica toda irritada, como se eu devesse ficar só de braços cruzados a vê-la desperdiçar a vida com um sacana.

Por favor, diga-me como abrir os olhos à minha filha antes que seja demasiado tarde! Sabe alguma receita para poções de amor inversas? Pago seja o que for!

*Atenciosamente,
Odeia o Namorado*

Querida Odeia o Namorado,

Infelizmente, não sei nenhuma receita de poções de amor inversas. Quem me dera saber!

De certeza que sabe que, no que toca aos adolescentes, quanto mais tentar convencer a sua filha a deixar o namorado, mais teimosamente ela quererá ficar com ele. Talvez seja melhor tentar a abordagem oposta e procurar conhecê-lo melhor. Talvez o possa convidar para um belo jantar caseiro em sua casa. Ao fim de uma hora a criar laços em torno de um estufado, aposto que vai descobrir que ele não é tão mau como pensava!

E se, depois de o seu jantar de família terminar, continuar a sentir o mesmo, sugiro que se esgueire para o carro dele enquanto está ocupado com a sua filha depois do jantar. É um processo simples cortar o cabo dos travões. Diz que ele conduz depressa, mas, sem travões no carro, aposto que vai ainda mais depressa!

Debbie

Depois de deixar um prato de panquecas para o Cooper na bancada da cozinha, levo as meninas à escola.

São cerca de dez minutos de carro. Há uma breve discussão sobre qual das raparigas se senta à frente, o que me faz lembrar de todas as discussões que costumavam ter no carro em pequenas. Quando as ia buscar à escola, discutiam sobre quem me podia contar primeiro o seu dia. Tentávamos dividi-lo equitativamente, mas, como a semana tinha cinco dias, disse às meninas que, se a data fosse um número par, podia falar a Lexi primeiro, e nos dias ímpares seria a vez da Izzy. Foi uma excelente oportunidade de lhes ensinar os números pares e ímpares.

A Lexi ganha e sobe para o lugar do passageiro ao meu lado. Escovou o cabelo castanho-escuro para trás do rosto, apanhando-o num rabo de cavalo, e é tão parecida comigo que é como se estivesse a olhar através de uma máquina do tempo, transportada para quando tinha dezassete anos.

Quem me dera ter uma máquina do tempo. Quem me dera poder falar com a Debbie de dezassete anos e avisá-la de tudo o que lhe ia acontecer. A primeira coisa que lhe diria seria para ficar em casa naquela noite do segundo semestre do seu segundo ano.

Tudo teria sido diferente se o tivesse feito.

A viagem até à escola é ditosamente livre de conflitos, e a Lexi só critica a minha condução duas vezes. Quando entramos na fila para deixar os alunos, porém, um carro da polícia com as luzes a piscar está estacionado em frente à escola.

– O que se passa? – pergunta a Izzy, do banco de trás, esticando o pescoço para ver melhor.

– Talvez tenham prendido algum miúdo! – diz a Lexi, com um pouco de avidez a mais.

– De certeza que está tudo bem – murmuro, esperando pacientemente que a fila avance.
– É só um carro.

– Mas as luzes estão a piscar, mãe! – salienta a Izzy.

Bem verdade.

Finalmente, chegamos à frente da escola e as raparigas saem do carro. Como todos os outros miúdos, não tiram os olhos do carro da polícia, tentando perceber o que se passa. Lembro-me de como costumava ser quando eu era pequena e havia algo fora do vulgar a

acontecer na escola. Um rasgo de entusiasmo num dia de resto monótono.

Oh, quem estou eu a enganar? Adorava a escola. Mas não deixava de ser divertido quando havia *drama*.

Normalmente, depois de as meninas saírem do carro, voltaria para casa, mas também estou curiosa quanto ao carro da polícia estacionado. Assim, dou a volta pela lateral da escola e estaciono no parque de visitantes. Não há muitos lugares e tenho de dar algumas voltas para encontrar um que se ajustaria mais a um carro compacto do que ao meu SUV. Faço a minha magia de estacionamento, ainda assim, e enfio-me no lugar.

Depois de estacionar, regresso à frente da escola. O carro da polícia continua lá parado, com as luzes a piscar, mas não há nenhum outro sinal do que se passa. Pode ser qualquer coisa, desde uma ameaça de bomba a alguma droga encontrada num cacifo. Mas tenho quase a certeza de que sei porque está a polícia aqui.

Isto vai ser interessante.

Está um grupo de mães reunido junto à escola. Reconheço uma delas – a Tabitha, que ainda parece um pouco verde depois da nossa reunião do clube de leitura de ontem. Aproximo-me dela, forçando um sorriso desarmante no rosto.

Não parece muito feliz por me ver, mas esboça um sorriso pouco convicto.

– Olá, Debbie.

Toco-lhe no braço num gesto de solidariedade.

– Como se sente hoje? Continua a vomitar?

Ante a pergunta, várias das outras mulheres lançam-nos um olhar alarmado.

A Tabitha franze-me o sobrolho.

– Estou perfeitamente bem, obrigada.

– Tem a certeza? Parece um pouco macilenta.

– Não estou nada *macilenta* – diz a Tabitha, entredentes. – Estou *bem*.

Várias mulheres estão agora a olhar para nós, por isso decido deixá-la em paz. Com a cabeça, aponto para o carro da polícia.

– Sabe o que se passa?

A Tabitha não está entusiasmada por falar comigo, provavelmente porque se sente embaraçada por ter vomitado na minha presença ontem, mas é também uma bisbilhoteira incorrigível. Resiste ao seu tumulto emocional por um momento e então acaba por dizer:

– Alguém ligou para a escola a dizer que tinha visto uma câmara nos duches do balneário das raparigas.

– Uma *câmara*?

– Das daquelas dos bebés. Tipo, para *gravar*. – De olhos arregalados, agarra-se ao peito. – Consegue *imaginar*? Andava um tarado qualquer a gravar raparigas do secundário a tomar duche!

Agora, a pergunta do dia:

– Sabem quem era? – pergunto.

Ela abana a cabeça.

– Não há câmaras de segurança a filmar a entrada do balneário, nem, obviamente, *dentro* do balneário. Por isso, não sei se têm algum suspeito.

Oh, vá lá. Tenho quase a certeza de que quem fez a denúncia anónima referiu um nome.

Aguento mais vinte minutos de especulação entre o grupo de mulheres, e sinto-me tentada a dar meia volta e ir para casa. De certeza que saberei como corre pelas redes sociais. Mas, quando estou prestes a desistir e a regressar ao meu carro, as portas da escola abrem-se de repente. A polícia está a sair do edifício com um homem algemado.

– Oh, meu Deus! – É tanta a força com que a Tabitha me agarra o braço que me espeta as unhas. – É o treinador Pike!

É efetivamente o treinador Pike. Tem as mãos algemadas à frente enquanto a polícia o conduz ao exterior da escola. Comete o erro de se virar na nossa direção, ao que todas as mulheres puxam dos seus telemóveis praticamente em unísono e tiram uma foto ao treinador a ser preso.

– Não fui eu! – grita o treinador Pike. – Aquela câmara não era minha! Não sei como aquilo foi parar ao meu telemóvel!

– Sim, pois – murmura-me a Tabitha. – Acha mesmo que alguém acredita nisso? Que tarado.

– *Tão* tarado – concordo. E então, só para deitar mais lenha para a fogueira, continuo. – Costumava vê-lo a olhar para o rabo das raparigas durante o treino de futebol. Não estou de todo surpreendida.

– Oh, meu Deus! – exclama outra mãe. – Sempre soube que havia algo de estranho nele!

E pronto, agora todas as mulheres estão a trocar entusiasticamente histórias sobre o cretino que o treinador Pike era. Ainda estamos a partilhar historietas quando o carro da polícia arranca com o treinador no banco de trás.

A Debbie queimou as panquecas esta manhã.

Nunca tinha queimado umas panquecas em todo o tempo desde que sou casado com ela. Não é uma cozinheira *gourmet*, mas nunca *queima* as coisas. E as panquecas não estavam apenas um pouco a tender para o castanho – estavam *pretas* no fundo, com um cheiro acre. Toda a cozinha tresandava.

Pareceu-me um sinal particularmente ominoso.

Quando chego ao escritório, a Sra. McCauley está empertigadamente sentada à sua secretária. Levanta-se ao ver-me.

– Senhor Mullen, posso dar-lhe uma palavrinha?

Não me apetece realmente ter uma conversa com a Sra. McCauley, mas aproximo-me obedientemente da sua secretária.

– O que se passa?

– O senhor Bryant decidiu ir fazer uma viagem de pesca de última hora – diz ela. – Informou-me via *e-mail* esta manhã de que ia estar ausente o resto da semana.

Fantástico. Isso significa que não tenho de o ver.

– Claro – acrescenta ela – que isso não lhe dá licença para passar os próximos dois dias como se estivesse também de férias. Prometi-lhe que me mantinha de olho em si e no resto do pessoal.

Não duvido de que o fará. No entanto, a Sra. McCauley sai sempre às quatro e meia em ponto, o que significa que eu o vou fazer às quatro e trinta e cinco. Vou seguir para o ginásio e descarregar alguma da minha energia nervosa.

Depois de me livrar da Sra. McCauley, rumo à pequena sala de descanso para ir buscar uma chávena de café. O Jesse já lá está, a beber da sua própria caneca.

– Olá, Coop – diz ele.

– Olá, pá.

Temos uma daquelas máquinas de café de cápsulas na sala de descanso, mas o Ken recusa-se a fornecer as cápsulas, portanto eu e o Jesse dividimos uma caixa. Guardamo-la no armário por cima do lava-loiça, por isso tiro uma para fazer o meu café.

– Deve ser agradável ser o chefe e poder fazer uma viagem de pesca de última hora a meio da maldita semana – comenta o Jesse.

– Fico feliz por ele não estar cá.

Por um momento, o Jesse fica em silêncio, a beber o seu café. Apesar de a Sra. McCauley nos estar a observar, não parece particularmente ansioso por voltar ao trabalho. É bom no seu trabalho, mas tem uma atitude mais relaxada, que é algo que lhe invejo.

– Não leves isto a mal – diz-me ele –, mas estás um caco, Cooper.

Fecho os olhos com força enquanto espero que o café encha a minha chávena. Preciso de cafeína como se a minha vida dependesse disso.

– Pois, sinto-me um caco.

– Está tudo bem, companheiro?

Lanço-lhe um olhar.

– Essa pergunta é a sério?

Ele retrai-se.

– Desculpa. Estou a ser um cretino.

– Não – resmungo. – *Eu* é que peço desculpa. É só que têm sido uns dias estranhos. E a Debbie... Não me parece que esteja a encaixar bem toda a situação.

– Essa Debbie. – Abana a cabeça. – É a modos que... intensa, não é?

Sei o que quer dizer. Sempre soube que a Debbie era diferente de todos os outros, mas agora chegou ao ponto em que os amigos parecem começar a reparar.

– O que te dá essa ideia?

– Bem... – Bebe um gole pensativo da sua caneca de café. Tem um cão desenhado. – Lembras-te de quando fomos os quatro jantar àquele restaurantezinho italiano?

– Sim...

– Lembras-te de como a empregada estava a namorar contigo? – Quando fico a olhar para ele, perplexo, ele desenvolve. – Ria-se de tudo o que dizias e então, a dada altura, pôs a mão no teu ombro.

– Acho que não reparei.

– Bem, a Debbie reparou certamente. – Pousa a caneca na bancada. – Foi bastante fria, depois disso. Juro que entornou deliberadamente a bebida para a empregada ter de a limpar. E não deixou gorjeta pela vossa metade quando dividimos a conta. Na verdade, juntei um pouco mais para a empregada não ficar a arder.

Lembro-me agora dessa parte. Lembro-me de a Debbie puxar do seu próprio cartão de crédito quando estávamos a dividir a conta, o que me surpreendeu, pois costumo ser eu a pagar as refeições. Tecnicamente, era o mesmo cartão de crédito conjunto, mas seguimos os papéis de género usuais e sou eu que pago. Dessa vez, porém, foi a Debbie a usar o seu cartão de crédito.

E, ao que parece, por uma boa razão.

– A Debbie tem sérios problemas de ciúmes – observa o Jesse.

– Achas mesmo que sim?

– Claro. – Dá-me um murro brincalhão no ombro. – Tenho a sensação de que tem um lado feroso.

– Não que eu tenha visto.

O Jesse sorri.

– Andas a dar-lhe motivos para preocupação, Coop?

Uma sensação de frio desce-me pela espinha. O café acaba de encher a chávena e tiro-a da máquina.

– É melhor ir trabalhar. A Sra. McCauley está provavelmente a anotar tudo o que fazemos.

– Aposto que sim. – Dá uma risadinha. – Vai provavelmente fazer atualizações minuto a minuto ao Ken. Ainda que eu vá sair por uma hora para lhe regar as plantas. O Ken enviou-me uma mensagem para me atribuir essa dúbia honra.

Isso faz-me sentir ainda pior. Da última vez que o Ken fez uma viagem de pesca, foi a mim que pediu para lhe regar as plantas. Consigo perceber, ainda assim, porque, depois da nossa conversa de ontem, não me quereria a vaguear pela sua casa vazia. Não que eu lhe fosse urinar nas plantas nem nada parecido, mas, bem, sentir-me-ia tentado.

Enquanto regresso pesadamente ao meu gabinete com a minha chávena de café, não consigo sacudir a sensação ao fundo da minha cabeça de que algo não está totalmente certo aqui. O Ken passa a vida a ir pescar, mas geralmente avisa-nos algumas semanas antes. E há algo de estranho no facto de as pessoas a quem disse terem sido contactadas por via eletrónica e não por telefone.

Impulsivamente, pego no meu telemóvel e procuro o número do Ken nos meus contactos. Depois da nossa conversa de ontem, a última coisa que me apetece é conversar com o meu chefe, mas o meu sexto sentido não pára de me alertar. Há algo de errado.

Aperto o telemóvel enquanto toca ao meu ouvido. Uma e outra vez, até ir para o seu conciso correio de voz:

Daqui Ken Bryant. Deixe mensagem.

Se foi numa viagem de pesca, faz sentido que não tenha rede. Ou então deixou o telemóvel para trás enquanto está sentado no meio de um lago, só ele e a sua cana de pesca. É essa a explicação mais lógica.

Porque não consigo então calar este zumbido ao fundo da minha cabeça? Talvez porque, em todos os anos desde que o conheço, o Ken nunca tirou umas férias espontâneas. Sempre que tirou sequer uma tarde de folga, avisou-nos com várias semanas de antecedência. Este é um comportamento muito estranho.

Talvez devesse ir ver como está.

Mas isso pode não ser muito boa ideia. Se *estiver* em casa, o Ken não vai gostar que eu lhe apareça à porta. E se não estiver, esse tipo de coisa pode ser visto como invasão de propriedade por parte de um funcionário descontente.

De certeza que está bem. De certeza que estará de volta na segunda-feira.

S em a minha coluna de conselhos em que trabalhar, passo a manhã no jardim. Adoro jardinar. Acho os gestos repetitivos de plantar, regar e podar muito relaxantes. Quase meditativos. Sinto tanta satisfação, depois de passar o dia ao ar livre, ao olhar para o meu jardim e ver os frutos do meu trabalho. Vários estudos demonstraram que jardinar reduz o *stress*, a ansiedade e a depressão. Depois de uma manhã a trabalhar no meu jardim das traseiras, sinto-me tão relaxada e *zen*.

Que se lixe a revista *Home Gardening*. Podem ir direitinhos para o diabo.

As papoilas de ópio são surpreendentemente fáceis de cultivar, na verdade. São as minhas favoritas de entre todas as flores do meu jardim. Há anos que o faço, por isso tenho-o dominado como uma ciência. Ao contrário das minhas filhas, que mudam todos os anos, deixando-me atrapalhada para as acompanhar, as papoilas seguem um ciclo natural e previsível. As minhas pequenas flores de papoila estão quase no fim do seu ciclo anual.

Daqui a um mês, mais ou menos, vou espalhar as sementes por todo o jardim para reiniciar o ciclo. Tenho o cuidado de planear estrategicamente a distribuição das sementes e, quando chegar a primavera, as flores vão desabrochar em garridas explosões de cor. A cor é tão vívida que quase parece brilhar de uma intensidade mística. No pico da estação, o meu jardim parece etéreo.

Em finais do outono, as pétalas terão caído das flores e as vagens começarão a abrir. Colhê-las-ei então para extrair sementes. E ópio, claro.

Hoje, saio descalça para o meu jardim. Nem sempre o faço, mas adoro jardinar descalça. Adoro a sensação da terra entre os dedos dos pés, e quase me faz sentir que faço *parte* do jardim. A minha tarefa para esta manhã é livrar-me de todas as folhas perdidas que caíram no quintal, e são em número suficiente para me manterem ocupada durante quase duas horas. Quando chego ao fim, tenho terra acumulada nas unhas e nos vincos das mãos, além de, claro, ter os pés cobertos dela.

Enquanto lavo a terra das mãos no lava-loiça da cozinha, penso no que me apetece fazer para o almoço. Pego no telemóvel e, indolentemente, consulto o *site* do *Hingham Household*. É o único jornal local, por isso talvez tenham alguma atualização sobre o treinador Robert Pike. Mas não, continua a ser aquele vídeo do Garrett a fazer sexo com

a Sierra na sua secretária que lá está. Aparentemente, ainda não o conseguiu remover.

Oh, Garrett.

Enquanto estou a usar o telemóvel, ocorre-me outra ideia. Talvez fosse agradável ter um pouco de companhia. Assim, envio uma mensagem à Harley:

Desculpa a falta de antecedência, mas alguma hipótese de queres almoçar comigo?

Imediatamente, surgem três bolhas no ecrã. A Harley não costuma trabalhar às quintas-feiras de manhã, por isso deve estar em casa.

Claro! Mas não tenho muito tempo. Dou uma aula de *spinning* à uma.

Sem problemas. E se eu levasse alguma comida a tua casa?

Posso fazer sanduíches.

Antes que ela possa responder, apresso-me a acrescentar:

Sem abacate. Prometo.

Desta vez, a resposta demora mais tempo. Está claramente a pensar muito no que quer dizer. Provavelmente, não ajuda que, da última vez que fiz sanduíches, três pessoas tenham ficado gravemente doentes com uma intoxicação alimentar. Mas eu não vou dar uma intoxicação alimentar à Harley. De certeza que ela sabe isso.

Combinado! Até já!

Envia-me a morada, que introduzo no meu GPS. Vive nos arredores de Hingham, em Rockland, mas não levarei muito tempo a chegar lá.

Quanto ao nosso almoço, decido optar pela via saudável e fazer uma salada para as duas utilizando tomate, pepino e alface do meu frigorífico. Nada de abacates, ainda que adore abacate numa salada. Pego num frasco de molho *ranch* com *miso* e levo tudo para o carro.

Saio do meu caminho de acesso e, quando vou a descer o quarteirão, vejo que há um certo rebuliço em frente à casa da Jo Dolan. Um homem está parado junto a um tripé, com uma câmara de aspeto caro na mão, e a Jo está diante dele, a gritar e a esbracejar desvairadamente. A discussão parece estar a chamar a atenção dos nossos vizinhos. Até a Bev, que vive em frente a mim, desceu a rua e está parada à margem, a assistir à cena.

Curiosa, encosto à berma da estrada e saio do carro, deixando a minha salada e o molho no banco do passageiro. Não quero que a salada murche, mas de certeza que isto não vai demorar muito.

– Bev – sussurro à minha vizinha. – O que se passa?

A Bev ri-se.

– Parece que a Jo tem um pequeno problema de insetos.

Volto a minha atenção para ela e para o homem da câmara. Agora que estou mais perto, consigo ver as veias a projetarem-se do pescoço magricela da Jo. O seu vestido de casa esvoaça ao vento.

– Tenho o melhor roseiral de toda a Hingham! – barafusta ela com o homem. – Não vai encontrar rosas melhores do que as minhas. Garanto-lhe!

Ele lança-lhe um olhar exasperado.

– Não me interessa quão boas são as suas rosas. Não vou fotografar um jardim infestado de *insetos*.

– Quase não há insetos! – grita a Jo.

O homem lança-lhe um olhar de «está a gozar?». É então que viro a cabeça para dar uma vista de olhos ao jardim dela.

Uau, há escaravelhos japoneses por todo o lado.

Os escaravelhos japoneses são de um brilhante verde metalizado, com asas cor de bronze. Os minúsculos insetos agarram-se à relva e às folhas e pétalas das preciosas rosas da Jo. Quase parece que todos os escaravelhos japoneses da região de Hingham – que raio, talvez todos os escaravelhos do Massachusetts – se congregaram no seu roseiral. É praticamente um enxame. Não tarda, terão devorado todas as flores e folhas, deixando para trás uma manta de retalhos de buracos e restos rendilhados.

Aquelas recargas para armadilhas funcionaram ainda melhor do que eu esperava.

– *Debbie!* – grita ela. – Foi a *Debbie* que fez isto ao meu jardim?

– Eu? – Faço-me de espantada. – Acha mesmo que tenho a capacidade de atrair um enxame de escaravelhos japoneses para o seu jardim? Não sou encantadora de escaravelhos, Jo.

– Estava com inveja ontem! – lembra-me ela. – Estava zangada por eu lhe ter roubado a sessão fotográfica.

– Sim – anuo. – E falei-lhe no *karma*, não foi? Suponho que tinha razão acerca disso.

A Jo semicerra-me os olhos, mas não há nada que possa fazer. Não sabe das três armadilhas que, enterradas na matéria orgânica do seu jardim, estão a atrair todos os escaravelhos japoneses da região. E, enquanto não as encontrar, nunca se vai ver livre da praga.

Espero que nunca as encontre.

A viagem até casa da Harley leva sensivelmente o mesmo tempo que me levou chegar a casa do treinador Pike. Felizmente, apesar de ser quase hora de almoço, não há muito trânsito. A casa fica numa rua sem saída, que contém uma outra casa que parece estar vazia, possivelmente abandonada. Escreveu na mensagem que devia dar a volta até às traseiras para encontrar a porta do seu apartamento na cave.

Chego à porta da Harley com o molho para salada equilibrado numa mão e o *tupperware* na outra. Quando abre a porta, está com o seu uniforme de treino, o cabelo louro raiado de rosa apanhado num rabo de cavalo impecável. A sua barriga espreita e o contorno dos abdominais é visível.

– Debbie! – O seu rosto ilumina-se ao ver-me. – Entra! Vou mostrar-te a Casa Harley.

Rio-me enquanto entro e a Harley me liberta da salada e do molho.

– É tão pacato, isto aqui. Nem há mais nenhum carro na rua.

– Mal vejo os meus senhorios, que vivem no andar de cima – diz ela. – Passam a maior parte do tempo dentro de casa, mas, neste momento, estão no Michigan, de visita aos netos, por isso estou mesmo completamente sozinha. Só voltam na segunda-feira.

– Devias dar uma festa à séria.

É agora a sua vez de se rir.

– Oh, não te preocupes. Tenho planos.

Faz-me uma pequena visita guiada ao apartamento. É pequeno, mas tira o máximo partido do espaço. Tem um sofá azul de aspeto confortável, com um móvel de televisão instalado à frente, e portas japonesas a separar a pequena cozinha da sala de estar. Conseguiu enfiar uma cama *queen size*, uma estante e uma cómoda no quarto, com apenas espaço suficiente para passar entre elas.

– Bela casa – digo, apreciativamente, olhando para o quarto. Lembra-me um pouco um apartamento que arrendava nos meus dias antes do Cooper.

Então, o meu olhar desce para a cómoda. Está uma *T-shirt* amarrotada em cima dela, e parece ter vários tamanhos a mais para a Harley usar. Antes que me possa impedir, pegolhe e constato que é uma *T-shirt* de homem.

E há algo de dolorosamente familiar nela. Não só no aspeto, mas em como *cheira*.

– Uso isso para dormir – apressa-se a Harley a dizer, puxando-me das mãos. – Adoro

dormir com *T-shirts* largas. Tu não?

Só que a *T-shirt* não cheira à Harley. Todo o apartamento está cheio da fragrância característica do seu perfume ou detergente da roupa, ou seja lá o que for. Mas aquela *T-shirt* tem um cheiro diferente. Como que a água-de-colónia masculina e algo mais.

Suor.

– Bem – digo alegremente. – Porque não vamos almoçar?

– Parece-me ótimo!

Sigo a Harley de regresso à sala de estar, mas dou-me conta de que perdi subitamente o apetite.

Não consigo decidir se devia dizer ao Cooper que a mulher encontrou a camisola dele no meu quarto.

Não podia acreditar quando se fixou nela. Não a consegui reconhecer totalmente – não com certeza – mas ficou desconfiada. E então levou-a ao nariz e cheirou-a. Quando fez isso, pensei que de certeza que tinha sido apanhada. Afinal, uma mulher sabe ao que o marido cheira.

Mas não disse uma palavra. Por isso, talvez estejamos seguros.

O engraçado é que, quando ela voltou para a sala de estar para comer a salada comigo, fiquei quase desiludida por não me ter confrontado. Talvez quisesse ser apanhada. Não tinha de a convidar para minha casa – podíamos ter-nos encontrado num sítio mais perto do ginásio. E, mesmo que nos encontrássemos aqui, tive tempo de sobra para enfiar aquela *T-shirt* numa gaveta, mas, em vez disso, deixei-a onde ela a podia encontrar. Fiquei quase eufórica quando a Debbie pegou na *T-shirt* do marido, tentando desesperadamente situá-la.

Neste momento, estamos na minha sala, a comer a salada que ela fez. Não é nada de especial, mas sabe bastante bem, graças àquele molho *ranch* com *miso*. Tenho de lhe perguntar onde o comprou. Há muito tempo que não tinha uma amiga com quem partilhar receitas.

Entristece-me pensar que já não tenho amigas chegadas. A última foi a minha colega de quarto da faculdade, a Mariah. Mas a Mariah casou e teve um bebé; e, a partir daí, cada troca de mensagens entre nós passou a incluir uma foto do seu bebé a fazer algo que ela achava «tão adorável». Nem do tempo podia falar sem ela me mandar uma foto do seu bebé a segurar um termómetro ou assim. Finalmente, explodi e disse à Mariah que não tinha interesse absolutamente nenhum nas fotos constantes da sua filha feia. Depois disso, a nossa amizade como que esmoreceu.

A Debbie está agora a falar do seu jardim, que é obviamente o seu tema favorito, mas eu não quero saber das suas estúpidas flores. Só há uma razão para me ter tornado amiga da Debbie Mullen, que é extrair-lhe informação sobre o Cooper, ainda que, como sempre, tente ser casual ao fazê-lo, como se mal me lembrasse sequer de quem ele é.

– Então... – Como outra garfada de salada, triturando a alface entre os dentes. – Como

está o teu marido? Como disseste que se chamava? Carter? Connor?

Ela lança-me um olhar estranho, que não consigo interpretar muito bem.

– Cooper.

– Certo. Como está o Cooper, então?

O seu tom é desinteressado.

– Está bem.

– O que disseste que faz na vida? – incito-a. – Algo num escritório?

– É contabilista.

– Certo. – Estalo os dedos, como se não soubesse já tudo isto. – Isso é a modos que aborrecido. É um pouco cromo, então?

– Um pouco – admite ela, ainda que eu discorde. O Cooper pode ser contabilista, mas decididamente não é um cromo. Ninguém que o visse em tronco nu pensaria isso. – Não tanto como eu. E é um caso perdido com qualquer tecnologia. Precisa da minha ajuda para ligar o computador.

Sei já que isso é verdade. Foi o que fez de perseguir o Cooper *online* um exercício de frustração. Prefiro homens que publicam tudo o que fazem e todos os sítios a que vão nas redes sociais, para poder medir exatamente em que estão a pensar. Mas o Cooper é mais velho do que eu – suficientemente velho para que publicar atualizações minuto a minuto *online* não seja uma prioridade para ele, como é para muitos homens da minha idade ou mais novos.

– Parece simpático – digo, antes que ela possa começar outra vez a falar do seu jardim.

– Tens sorte em ser casada com um tipo simpático.

Ela não me responde de imediato. Parece refletir cuidadosamente na sua resposta enquanto espeta o garfo num pedaço de tomate.

– É simpático – diz apenas.

– Bom pai? – insisto. Gosto da ideia de o Cooper ser bom pai. O meu era uma merda. Não quero pôr as culpas por tudo o que fiz de errado nos meus problemas paternos, mas teria sido agradável se ele alguma vez me tivesse dito duas palavras, é só isso que estou a dizer.

– Ótimo pai – confirma ela.

Não parece ansiosa por discutir isto, mas não consigo evitar. Estou desesperada por qualquer migalha que me possa dar sobre o Cooper Mullen, mesmo que isso signifique denunciar-me.

– Deve ser difícil ser casada durante tanto tempo – comento. – Imagino que, ao fim de cinco ou dez anos, grande parte do romance desapareça.

As sobancelhas da Debbie disparam até à linha do cabelo. Oh, não, talvez tenha ido longe demais. Fui gananciosa. Mas estou desesperada por uma confissão chorosa de que ela e o Cooper já não se amam e de que ele não lhe toca há anos. Não quero que tudo o que me disse seja uma mentira.

– O casamento pode ser difícil – diz ela, baixinho.

Espero que desenvolva, mas não o faz. Sinto um respeito relutante pelo facto de não

falar mal do marido, mas talvez isso diga tudo. Se ela e o Cooper estivessem estupidamente apaixonados, di-lo-ia. Tem vergonha de admitir que o seu casamento colapsou.

O Cooper é o tal. De cada vez que estou com ele, sinto mais certeza disso. E, agora que conheço a Debbie, compreendo porque está desesperado por se afastar dela.

Tenho apenas de gerir isto da forma certa.

S into a cabeça andar à roda enquanto regresso a casa do apartamento da Harley. Aquela *T-shirt*. Aquela *T-shirt* no seu quarto. Não a consigo tirar da cabeça. O cheiro ainda persiste nas minhas narinas. A puxar por mim. Conheço aquele cheiro.

Isto muda tudo.

Vem um carro atrás de mim, colado à minha traseira. Vou no limite de velocidade. Na verdade, vou oito quilómetros *acima* do limite de velocidade numa rua pejada de sinais de STOP, mas isso não é rápido que chegue para o homem atrás de mim. De cada vez que paro num STOP, começa instantaneamente a buzinar até eu recomençar a andar.

Porque tem toda a gente tanta *pressa*? É um cirurgião que vai a correr para uma apendicectomia de emergência, em que o apêndice vai literalmente *explodir* se ele passar mais do que um segundo em cada sinal de STOP?

Não estou com disposição para isto.

Se fosse qualquer outra semana, teria encostado e deixado o sujeito contornar-me. Odeio que andem colados a mim – deixa-me stressada.

Desta vez, porém, não encosto. Na verdade, mantenho-me um pouco à esquerda, para lhe dificultar a ultrapassagem se optar por cruzar ilegalmente a dupla linha amarela. E, de cada vez que paro num STOP, passo lá um pouco mais de tempo. Ele passa o tempo todo a buzinar.

Finalmente, após mais vários minutos deste jogo, travo em ainda mais um sinal de STOP. Conto mentalmente até dez enquanto o homem atrás de mim buzina.

Um segundo. Dois segundos. Três segundos...

Só chego ao sete antes de o homem se fartar por completo de mim. Guina para me contornar, passando o STOP a uns bons cinquenta quilómetros por hora.

Uma fração de segundo depois, o carro da polícia que vi à espera vira a esquina, com as luzes a piscar.

Passo o sinal de STOP e contorno o homem, que está à espera no seu carro que o polícia saia e lhe passe uma multa. Mostro-lhe o dedo do meio e ele retribui-me a cortesia. Mal apanho a expressão no rosto do polícia, que acha que o gesto de mão do homem era para ele.

Bem, aquilo foi divertido.

Alguns minutos depois, estou de regresso ao meu bairro. Ao virar para o meu quarteirão, passo pelo jardim da Jo Dolan. Só estive fora uma hora e meia, mas a situação dos escaravelhos japoneses agravou-se claramente para um nível crítico. Se antes não era um enxame, agora é de certeza. A Jo está no meio do seu jardim, com um ar extremamente infeliz. Pode-se dizer com segurança que a sessão fotográfica foi cancelada. Ainda que talvez alguma publicação entomológica esteja interessada.

Mal entro no meu caminho de acesso, tiro o meu telemóvel da bolsa. Apesar de algumas distrações no caminho para casa, continuo a não conseguir parar de pensar naquela *T-shirt*. Estudos demonstraram que os cheiros desencadeiam mais atividade cerebral do que os estímulos visuais, devido à ligação direta do bolbo olfativo à amígdala cerebelosa (que é responsável pelas emoções) e ao hipocampo (que é responsável pelas memórias).

Antes que me possa impedir, ligo ao Cooper. Ele atende rapidamente, o que encaro como um bom sinal.

– Olá, Debbie – diz ele. – Tudo bem?

Quero perguntar-lhe se me pode explicar aquela camisola, mas não consigo fazer sair as palavras. As coisas já estão suficientemente más sem obrigar o Cooper a mentir-me.

A mentir-me *outra vez*, isto é. Porque a mentir-me já ele anda. Soube-o assim que me apercebi de que tinha desligado a partilha de localização no seu telemóvel.

– Tudo bem – respondo. – Queria só saber como estás.

– Está bem... – Parece confuso, o que é razoável, tendo em conta que não lhe costumo ligar a meio do dia só para saber dele. – De certeza que estás bem?

– Estou ótima. A sério.

Noutras circunstâncias, pensaria que estava a ser querido e preocupado. Desde que nos conhecemos, o Cooper sempre adorou o chão que piso. Nunca me julgou pelas coisas por que os outros me julgaram.

Ainda que, tal como ele, tenha os meus segredos. Há coisas que nunca lhe disse, porque nunca disse a ninguém. E talvez isso seja parte do problema. Nunca me entreguei a ele a cem por cento.

Começo a referir a notícia da detenção do treinador Pike, mas mudo de ideias. Mais cedo ou mais tarde, ele vai saber. É melhor que não seja por mim.

– Quando vens para casa? – pergunto.

– Talvez às seis? Estava a pensar em ir outra vez ao ginásio hoje.

Pois claro que está.

– Está bem. Vem só... vem só para casa a tempo do jantar, pode ser?

– Vou sempre.

– Já voltaste a falar com o Ken? – pergunto, de repente, apesar de reconhecer que é a última coisa de que ele quer falar. – Quer dizer, talvez lhe devesses falar sobre...

– Pedir o meu emprego de volta?

Tem razão. Era exatamente isso que eu ia dizer.

Por um momento, o Cooper fica calado enquanto absorve a realidade da nossa situação. Nenhum de nós tem emprego, e temos um empréstimo enorme e umas propinas universitárias a pairar sobre o próximo ano.

– Está fora da vila. Até segunda-feira.

– Oh. Bem, talvez segunda-feira, então.

– Talvez.

Não importa. O Cooper não vai falar com o Ken Bryant na segunda-feira. Ninguém vai falar com o Ken, nem na segunda-feira, nem nunca mais.

Alegro-me por ver o Cooper aparecer no ginásio hoje. Não tinha a certeza de que fosse estar cá, porque só costuma vir três dias por semana. Mas, ao sair da minha aula de zumba, lá está ele, a grunhir enquanto levanta pesos em posição sentada. Posto-me ao canto da sala, a cerca de três metros dele, à espera que reconheça a minha presença. Quando nem olha na minha direção, vou direta a ele.

– Harley... – Parece sobressaltado ao ver-me. – O que fazes aqui?

– Eu *trabalho* aqui.

O seu olhar percorre ansiosamente a sala. O amigo com quem vem muitas vezes está noutra máquina, a treinar, mas não está a olhar para nós.

– Já te disse, não podemos falar aqui. É demasiado perigoso.

Demasiado perigoso. Eis um homem que está borrado de medo de ser apanhado pela mulher. Mas medo porque é completamente louca? Ou medo porque ainda a ama e não a quer perder?

– Bem, desculpa. – Planto uma mão em cada anca, espetando os seios para a frente. O Cooper repara *decididamente*. – Tinha só saudades tuas hoje.

Abre a boca e, nesse momento, tenho a certeza absoluta de que está prestes a dizer-me que temos de ir com mais calma. Já vi essa expressão antes, e é sempre isso que se segue. Preparo-me, à espera que diga as palavras.

Mas não as diz. Limita-se a estender o braço e a apertar-me rapidamente a mão antes de se afastar.

– Aqui não, está bem? – pede. – Temos de ser cuidadosos aqui.

Os meus ombros descaem de alívio.

– Certo. Desculpa.

– Mas vejo-te mais tarde, está bem?

– Esta noite? – pergunto, esperançosa.

Ele abana a cabeça.

– Não me posso escapulir esta noite. Amanhã?

– Amanhã – concordo, sorrindo com o delicioso estremecimento que percorre cada molécula do meu corpo ante a ideia de uma hora de prazer com o Cooper. – E se jantasses

comigo?

Hesita durante tanto tempo que tenho quase a certeza de que vai recusar. Jantar com o nosso namorado quando somos a outra mulher é o tipo de coisa que é pura fantasia.

– *Por favor* – acrescento, baixinho.

– Está bem – acaba ele por aceder, e quase desato aos saltos como uma criança. – Apareço por volta das seis. Vou dizer à Debbie que fico no escritório até tarde.

É a flutuar numa nuvem que me dirijo à receção para ir buscar o meu horário de amanhã. Mal reparo na expressão reprovadora no rosto da Cindy ao estender-me o horário – até que se recusa a largar o papel.

– Harley – diz ela, num tom baixo e firme.

Tento arrancar-lhe o papel das mãos, mas ela continua a não o largar.

– O que foi? Qual é o problema?

– Ele é *casado* – responde ela.

Uf. Não é disto que preciso neste momento. Puxo o papel com mais força e, finalmente, a Cindy solta-o.

– Eu sei que ele é casado – silvo-lhe.

– Então porque te andas a meter com ele?

A Cindy não percebe. É solteira e não parece ter o menor interesse em namoros nem em sexo. É velha – ainda mais velha do que a Debbie – mas é bastante atraente, na verdade. Podia ter um companheiro, se quisesse, mas não quer. Deve ser uma dessas mulheres que odeiam sexo. Não se pode esperar que alguém assim compreenda.

– Na verdade, não tens nada com isso – digo-lhe, baixinho.

A Cindy pisca-me os olhos.

– Tens razão – responde. – Não tenho nada com isso.

Celebro um pequeno momento de triunfo, mas então apercebo-me de que, se quiser, a Cindy pode contar à Debbie o que se passa. Se lhe disser que o marido a tem andado a trair comigo... Bem, quero que a Debbie descubra, mas não assim. Quero que descubra de uma forma que eu possa controlar.

O que significa que tenho de ser eu a dizer-lhe que o marido a anda a trair. Tenho apenas de descobrir como lhe dar a notícia.

Quando chego a casa do ginásio, está um carro que não reconheço estacionado na minha rua sem saída deserta.

Semicerro os olhos às janelas do veículo para ver se está alguém lá dentro, mas está demasiado escuro. O meu primeiro instinto é fazer inversão de marcha e pôr-me a andar daqui. Não sei bem para onde iria – para um bar? De volta para o ginásio? Só sei que o carro misterioso não significa nada de bom.

Mas, por outro lado, estou exausta. Só quero ir para o meu apartamento e tomar um longo e agradável duche, enfiar um pijama confortável e fazer uma maratona de *reality shows*. Não quero deixar que um estranho qualquer num SUV prateado me afugente da minha própria casa.

Assim, entro no caminho de acesso, fazendo figas para que os meus senhorios do andar de cima tenham um parente de visita e o proprietário deste veículo não tenha nada que ver comigo.

Não tenho essa sorte, porém. Mal pego na minha bolsa e saio do carro, a porta do SUV abre-se. Quem quer que esteja lá dentro estava à minha espera. À espera há sabe Deus quanto tempo, o que significa que não é alguém de quem me vá conseguir livrar rapidamente.

A condutora do SUV é uma mulher de meia-idade que me faz lembrar um pouco a Debbie. Tem o cabelo castanho, a ficar grisalho, apanhado num puxo elegante, e traz uma gabardina. O meu primeiro pensamento é que é a mulher do Edgar, ainda que me lembre de como ela é e que esta mulher não se pareça realmente com ela. Há algo de familiar nela, ainda assim.

Sinto um aperto no estômago quando a mulher avança a passos determinados na minha direção. Levo a mão direita à bolsa, tateando em busca da pequena lata de gás-pimenta que trago lá dentro. Nunca a usei antes – nunca a testei sequer – mas há uma primeira vez para tudo.

– Harley Sibbern! – A sua voz transborda de fúria. – És tu, não és?

Paraliso, perguntando-me se devia fugir. Imagino a mulher a perseguir-me, a agarrar-me pelo rabo de cavalo e a deitar-me ao chão.

– Sim...

– Sou a Lisette Inghram – diz ela. – A irmã do Edgar – acrescenta, quando fico a olhar para ela, perplexa.

– Oh. – Merda. – Como... hum, como está ele?

– Depois de lhe teres destruído a família, queres tu dizer? – pergunta a Lisette, arqueando as sobrancelhas, que precisam urgentemente de ser arranjadas. – Depois de o convenceres a deixar a mulher e depois decidires que não o querias?

Essa não é uma avaliação inteiramente justa da situação. Eu e o Edgar tivemos um caso há cerca de um ano e, sim, convenci-o a deixar a mulher dos últimos trinta anos. Mas, ao contrário do Cooper, que tem muitos atributos *físicos* atraentes, o Edgar era três décadas mais velho do que eu e tinha um grave problema de calvície, um queixo fraco e olhos pequenos. O seu traço mais atrativo era ser bastante rico.

Esqueceu-se de referir que a riqueza pertencia inteiramente à mulher. Esqueceu-se também de referir que tinha assinado um acordo pré-nupcial blindado e que ia ficar na penúria com o divórcio. Portanto, na realidade, passou-me uma imagem completamente errada. *Eu* é que fui a vítima aqui. Quer dizer, achava que eu ia continuar a viver num apartamento na cave e a trabalhar como treinadora num ginásio de segunda categoria quando tivesse *quarenta* anos? Estava delirante se pensava assim.

E não é certamente culpa minha que a mulher não o tenha querido aceitar de volta. Ou que os três filhos não tenham querido ter nada que ver com ele.

– Ele enforcou-se – diz a Lisette, de súbito.

– *O quê?*

– Ouviste o que eu disse. – Os seus olhos furiosos enchem-se de lágrimas. – Perdeu tudo por tua causa e não aguentou mais.

Mais uma vez, não é justo. A mulher dele tem pelo menos cinquenta por cento da culpa.

– Ele está... morto?

Faço um cálculo mental de quanto me vai custar mandar flores para uma agência funerária.

– Ainda está vivo – crocita ela. – Mas tem uma lesão cerebral anóxica. Não pode andar... nem falar... nem alimentar-se. Está num lar, agora, e precisa de cuidados vinte e quatro horas por dia.

– Bem, lamento ouvir isso.

A Lisette parece ter vontade de me esbofetear. Dou um passo atrás.

– *Lamentas?* É só isso que tens a dizer em tua defesa?

Os meus dedos localizam finalmente a lata de gás-pimenta e os meus ombros relaxam ligeiramente.

– O que quer que eu diga? O Edgar era adulto e fez a própria cama. Não o obriguei a deixar a mulher. E não o obriguei a enforçar-se.

– Uau. – Abana a cabeça, como se nunca tivesse conhecido ninguém tão horrível como eu. Que dramática. Tal como o Edgar. – Não tens coração.

– O que quer de mim? – replico. – O que devo eu fazer? Aceitá-lo de volta?

Limpa os olhos com as costas da mão. É provavelmente a única pessoa em todo o mundo que está triste com o que aconteceu ao Edgar. Não me deu a impressão de que tivesse muitos amigos.

– Podias ir visitá-lo – responde.

– Visitá-lo?

Ela assente.

– O lar fica a apenas uma hora daqui. Não fala muito, mas sorri quando está feliz. Podias sentar-te com ele e pegar-lhe na mão. Seria... – Respira fundo. – Acho que significaria muito para ele.

Olho para ela, esperando para ouvir o remate do que tem de ser uma piada. Quer que eu conduza uma hora até um lar qualquer para dar a mão a um *vegetal* do qual – sendo totalmente transparente – nem quando era saudável gostava muito? Fisicamente, o Edgar não fazia o meu género, mas a sua riqueza tornava-o *sexy*. Desaparecida essa riqueza, os meus sentimentos por ele esvaziaram-se.

– Deve estar a gozar comigo. – Mostro desprezo. – Eu não vou fazer isso!

A Lisette retrai-se.

– Não tens de ir todas as semanas...

– Não vou, *nunca*. – Ajeito a minha bolsa ao ombro, mantendo a mão na lata de gás-pimenta. – Lamento que o Edgar nem tenha sido capaz de se matar em condições, mas isso não é problema meu. Nem pensar que vou desperdiçar mais um minuto do meu tempo com ele.

Círculos rosa surgem nas faces da mulher mais velha.

– Sua cabra – solta ela.

Ergue a mão e agora tenho quase a certeza de que me tenciona bater. Mas estou pronta para ela. Puxo a lata de gás-pimenta da minha bolsa e acontece que é, afinal, bastante fácil de utilizar. Primo o botão no topo da lata e uma nuvem de névoa tóxica é libertada para o rosto da Lisette, que pára com um guincho, seguido de muita tosse e esfregar de olhos.

– Fique longe de mim, senhora. – O meu tom é firme e desprovido de emoção. – Se voltar a ver o seu carro por aqui, chamo a polícia.

Ela continua a esfregar os olhos, que provavelmente precisam de ser lavados com água. Mas isso não é problema meu, tal como o seu irmão não o é. O que está feito, feito está. Dou meia volta, entro no meu apartamento e tranco a porta atrás de mim.

DA PASTA DE RASCUNHOS QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Oh, não sei o que fazer, Debbie! O meu marido não gosta dos meus cozinhados, e isso parte-me o coração. Graceja que devia ganhar o prémio de pior cozinheira do país e, ainda que eu tente desvalorizar rindo, não posso deixar de sentir que o desiludi.

Tentei de tudo para me transformar na chef maravilhosa que ele merece. Segui novas receitas, vi tutoriais online para melhorar as minhas competências e, acima de tudo, ponho uma grande dose de amor em cada refeição. O engraçado é que os meus filhos e eu achamos que até sabem bem, mas o meu marido tem um palato muito mais fino e sofisticado. Odeio desapontá-lo todas as noites.

Tem alguns conselhos para como me tornar uma cozinheira melhor e levar um pouco mais de alegria para a mesa de jantar?

*Atenciosamente,
Imprestável na Cozinha*

Querida Imprestável na Cozinha,

Preparar uma refeição deliciosa e nutritiva é importante em qualquer família. Já tentou fazer um curso de culinária? Receber instruções de uma pessoa real pode ser extremamente útil! Além disso, encoraje o seu marido a cozinhar algo para a família, para que ele lhe possa mostrar que tipos de pratos aprecia (e para que compreenda como pode ser difícil).

Se nada disso funcionar, aconselho-a a experimentar alguma nova e interessante forma de lhe temperar a comida. O etilenoglicol, por exemplo, também conhecido como anticongelante, tem um agradável sabor doce. Se lhe puser uma dose saudável na comida, potenciará o sabor, e garanto-lhe que não terá queixas depois de ele terminar!

Debbie

Quando chego a casa do ginásio, a Debbie está na cozinha, a fazer o jantar. Não precisava de fazer isso todas as noites. Eu podia trazer comida para casa, ou tentar cozinhar. Os meus cozinhados não são nada de especial, mas sou inteligente que chegue. Posso descobrir como preparar uma refeição. Sobretudo agora que vou ficar sem emprego.

– O jantar está quase pronto? – pergunto-lhe.

A Debbie ergue o olhar da caçarola e sorri-me. Mas há algo de estranho no seu sorriso. Não consigo identificar o quê.

– Quase – confirma ela.

– Posso ajudar?

Hesita por um instante e então assente.

– Podes pôr a mesa? E encher os copos de água.

Tiro quatro copos do armário por cima do lava-loiça e pouso-os na bancada. Tiro o garrafão de água de nascente do frigorífico, mas só tem que chegue para dois copos.

– Temos mais? – pergunto.

– Enche-o da torneira – responde a Debbie.

Arqueio as sobrancelhas.

– Pensava que a Lexi não bebia água da torneira. Diz que tem um gosto metálico. Não é por isso que temos isto?

A Debbie ri-se.

– Cooper, há dois anos que ando a encher esse garrafão da torneira. A Lexi não nota a diferença.

Não fazia ideia de que andava a fazer isto. Concordo que a obsessão adolescente da Lexi por não beber a nossa água da torneira perfeitamente boa era estranha, e tem o seu quê de engraçado que não consiga notar a diferença, mas não sei como me sinto quanto ao facto de a Debbie andar há dois anos a mentir à nossa filha. E, pior ainda, eu não fazia ideia de nada disso. Não somos parceiros em toda esta coisa da parentalidade?

Acabo de pôr a mesa e então vou ainda mais longe e digo às meninas que desçam para comer. A Izzy corre escadas abaixo quase de imediato, mas a Lexi é mais lenta na descida. Está também atipicamente silenciosa. Tem andado tão temperamental desde que fez

catorze anos. Será típico das raparigas? Graças a Deus, a Izzy não é assim tão rabugenta – não creio que conseguisse lidar com *duas* miúdas a dizer-me que preciso de arranjar um novo barbeiro, porque o meu corte de cabelo faz-me parecer um palerma.

– A polícia esteve o dia inteiro na escola hoje – tagarela a Izzy, enquanto a Debbie traz um grande prato de comida. Serve-a sempre ao estilo familiar, sobretudo porque ultimamente nunca se pode prever quanto as meninas vão querer comer. Comem desde um prato cheio a cinco fios de massa. – Ainda lá estavam quando vim embora!

– A polícia? – repito.

A Izzy olha para mim, espantada.

– Não soubeste? A mãe não te disse?

Lanço um olhar inquisitivo à Debbie, mas ela está ocupada a deitar massa e molho branco no seu prato. Seria de esperar que um problema envolvendo a polícia fosse algo que a Debbie se lembraria de me mencionar. Mas parece que não.

– Não – admito. – O que aconteceu?

– O treinador Pike foi *preso* – diz a Izzy. – Tinha uma câmara nos duches do balneário das raparigas.

Foge-me um arquejo.

– Andava a gravar raparigas adolescentes a tomar duche?

– Ouvi dizer que a câmara tinha acabado de ser instalada e ainda não tinha começado a filmar – acrescenta a Izzy.

Graças a Deus. A ideia do que poderia estar nessas gravações é traumatizante.

– O meu amigo Ayan disse-me que ele diz que não foi ele, mas, tipo, ouvi dizer que encontraram um programa no telemóvel dele que estava ligado à camara. Por isso, foi decididamente ele.

Um programa no telemóvel ligado à câmara. Como o que temos para a nossa porta da frente.

– De certeza que foi ele – murmura a Lexi. – O treinador Pike é um perfeito tarado e toda a gente sabe. Só me surpreende que tenha sido suficientemente estúpido para ser apanhado. Quer dizer, achava mesmo que podia pôr uma *câmara* no balneário das raparigas e ninguém ia reparar?

Tem razão. Qualquer pessoa que fizesse isso estaria mesmo a pedir para ser apanhada.

– Então, Izzy – diz a Debbie –, agora que o treinador Pike já não está, sabem quem vai treinar a equipa de futebol feminino?

– A senhora Laslo vai assumir isso – responde a Izzy. – E diz que, apesar de o treinador Pike me ter dito que estava fora da equipa, posso voltar a juntar-me. Não é tão rigorosa como ele.

– Estavas fora da equipa de futebol? – pergunto, surpreendido.

– Jesus, pai – diz a Lexi. – Põe-te a par.

Tem razão. É óbvio que não faço ideia do que se passa neste momento com a minha família. Mas, em minha defesa, despedi-me do meu emprego ainda ontem.

A Izzy baixa os olhos para o seu prato.

– O treinador disse que eu não era suficientemente rápida.

– O que é ridículo – intervém a Debbie, com um olhar subitamente aceso. – Eras a melhor jogadora da equipa. Não sei em que estava ele a pensar. Não só era um pervertido desprezível como também um péssimo treinador.

A Izzy encolhe os ombros.

– Bem – diz a Debbie. – Felizmente, esse é um erro da sua parte que vai agora ser corrigido. Suponho que resultou ao menos *algum* bem da coisa terrível que ele fez.

Olho novamente para ela, sentada à minha frente à mesa de jantar. Deu já um avanço à sua comida, mas o monte de massa no meu prato está apenas ali pousado. A Izzy e a Lexi também encheram os seus pratos de massa, ainda que a Lexi pareça só estar a comer um fio a cada vários minutos. Sou o único que não está a comer de todo.

– Não tens fome, pai? – pergunta-me a Izzy.

Na verdade, não. Acho que nunca tive tão pouca fome na vida.

Limpo as mãos ao meu guardanapo e afasto a cadeira da mesa de jantar. Produz um rangido alto ao raspar contra o chão.

– Volto já – anuncio.

Os três rostos voltam-se para mim com expressões interrogativas.

– Tenho só de ir lá a cima e... – Pigarreio. – Preciso de verificar uma coisa para o trabalho. É só um minuto.

A Debbie lança-me um olhar estranho. A minha desculpa souu fraca porque *é* fraca. Não preciso de verificar nada para o trabalho. Mas há algo a que tenho de dar uma olhadela, e os meus pensamentos não vão parar de acelerar enquanto não o fizer.

A correr, subo as escadas até ao nosso quarto. Fecho a porta atrás de mim, ainda que ninguém me vá seguir. Empoleiro-me na beira da cama, do lado onde geralmente durmo, e abro a gaveta da mesa de cabeceira.

O papel amarrotado que lá enfiei esta manhã continua lá. Aquele onde escrevi o endereço que apareceu quando procurei a Debbie na sua aplicação *Findly*. E agora tiro o meu próprio telemóvel do bolso.

Não sei o nome completo do treinador de futebol da Izzy que a expulsou da equipa. Mas algumas palavras-chave introduzidas no *Google* rapidamente abrem o artigo sobre um treinador desportivo do secundário chamado Robert Pike que foi detido por filmar menores no balneário das raparigas da escola secundária.

Diz que não foi ele, mas, como disse a Izzy, encontraram um programa ligado à câmara no seu telemóvel.

Saio do artigo e o que procuro a seguir no meu telemóvel é «Robert Pike endereço de casa». Instantaneamente, o endereço da residência que ele tem em Weymouth aparece no ecrã.

Os meus rabiscos de ontem à noite são difíceis de ler, mas não há dúvidas de que o nome da rua é o mesmo.

A Debbie esteve em casa do treinador Pike a meio da noite. E então, na manhã seguinte, ele foi preso por ter *software* incriminatório no seu telemóvel.

Não pode ser coincidência.

Mas também parece impossível. Pode a minha doce e despretensiosa mulher ter realmente invadido a casa do treinador enquanto ele dormia para lhe instalar algo no telemóvel? Não é o tipo de coisa que uma plácida dona de casa faça.

Tal como não invadiria a cave do vizinho para lhe destruir a caixa de fusíveis. Nem publicaria vídeos pornográficos do seu chefe *online*.

Olho para o papel com o endereço do Pike, tentando decidir o que fazer com esta informação. Se fez todas estas coisas, então a minha mulher é uma pessoa incrivelmente perturbada. Seria alguém a precisar de muita ajuda psiquiátrica. Porque, se conseguiu fazer tudo isso, quem sabe do que mais seria capaz?

Pode ser perigosa.

Parece que a Lexi acabou tudo com o Zane.

Normalmente, isso seria causa para grande celebração. Não gosto daquele rapaz e dou graças por não o voltar a ter em minha casa ou a buzinar no nosso caminho de acesso. A Lexi pode arranjar muito melhor. *Ninguém* seria melhor ainda.

Mas é difícil celebrar quando está claramente perturbada. Mal disse cinco palavras durante o jantar, e só comeu algumas garfadas da massa que fiz. Não era propriamente uma refeição *gourmet*, mas costuma comer o que lhe ponho à frente. Hoje, está totalmente desinteressada.

O Cooper também parece distraído. Subiu com uma desculpa sobre verificar algo para o trabalho, mas o seu portátil está pousado na nossa mesa de apoio. O que foi verificar, então? Só sei que, quando voltou a descer, parecia pálido.

Só a Izzy devora alegremente a sua comida. Uma em três não é mau, mas podia ser melhor.

– Tenho de ir fazer os trabalhos de casa – murmura a Lexi, empurrando a sua cadeira para trás.

– Não comeste quase nada – saliento. – Não gostaste do jantar?

Ela encolhe um ombro.

– Não tenho fome.

– Queres que te faça outra coisa?

– Oh, meu Deus, mãe. – A Lexi fulmina-me com o olhar. – Já te disse que *não tenho fome*. Pára de me perguntar um milhão de vezes se quero comer outra coisa.

Mordo o lábio para me impedir de salientar que, na realidade, só perguntei uma vez.

– Tudo bem. Vai fazer os teus trabalhos de casa.

A Izzy anuncia que também tem trabalhos de casa, mas pelo menos o seu prato ficou praticamente limpo. Estou radiante por estar outra vez a comer normalmente, mas é difícil celebrar quando o Cooper está sentado à mesa, a empurrar um monte de massa de um lado para o outro no prato.

– Também não tens fome? – pergunto, enquanto as nossas filhas sobem as escadas até aos seus respetivos quartos.

O Cooper ergue o olhar, pestanejando como se o surpreendesse ver-me ainda sentada à

mesa com ele.

– Oh – responde. – Eu, hum, suponho que não.

– Estás bem?

É claro que não está bem. Em vez de ser promovido, acaba de perder o emprego. Deve estar a morrer de preocupação sobre como vamos pagar o empréstimo da casa e as propinas universitárias da Lexi. Mas há uma expressão nos seus olhos que me faz pensar que se passa algo mais. Algo que não partilhou comigo.

Abre a boca como que para responder, mas, antes que o possa fazer, o familiar toque genérico do seu telemóvel enche a sala. É o mesmo toque com que o telemóvel veio, porque não sabe como o mudar. Tira-o do bolso, inclinando o ecrã de modo a que eu não o possa ver. Inspira fundo.

Quem lhe está a ligar? O que me está a esconder?

– Eu, hum... – Salta da cadeira com um sorriso desconfortável no rosto. – É melhor atender isto.

Afasta-se da mesa à pressa, com o telemóvel colado ao ouvido. Quando vai a sair da sala, capto vagamente o som de uma voz do outro lado da linha. De uma voz *feminina*. Alguns segundos depois, a porta do nosso quarto bate.

Hum.

Ergo-me da minha cadeira para limpar a mesa. Ninguém da minha família se lembrou de levar o seu prato para o lava-loiça. De vez em quando, o Cooper carrega ou descarrega a máquina de lavar loiça, mas as nossas filhas *nunca* o fazem. Acharão que há vapores venenosos presos lá dentro e que, se a abrirem para pôr lá um prato, os vapores serão libertados, matando-nos a todos? A julgar pelo seu comportamento, tenho de partir do princípio de que sim, é *isso* que pensam.

Empurro a massa por comer dos pratos para o triturador de lixo, perguntando-me o que se passa com a Lexi. Nunca está de bom humor, mas pareceu ainda mais perturbada do que o habitual esta noite. Deverei tentar falar com ela? Infelizmente, nunca corre bem quando inicio conversas com a minha filha sobre a sua vida amorosa. Ontem, quase me arrancou a cabeça à dentada quando falei no Zane.

Além disso, já tenho problemas que cheguem. Fui despedida do meu emprego, ainda que esse não tenha sido grande perda. O Cooper também se despediu do seu emprego de longa data e, mesmo antes disso, andava a agir de forma incrivelmente estranha. E aquele misterioso telefonema que o fez ir a correr para o nosso quarto deixou-me inquieta. Na verdade, devia ser com *ele* que me devia sentar para uma conversa. (Ainda que também ache que seria melhor manter a boca fechada no que toca ao meu marido. Pelo menos, até estar pronta para partilhar os meus próprios segredos.)

Algo na Lexi não pára de puxar por mim. Há alturas em que o melhor a fazer é deixá-la em paz, mas o meu instinto diz-me que se passa algo mais neste momento.

Vou tentar falar com ela.

Ponho os pratos na máquina de lavar loiça e atravesso a cozinha em direção à escadaria. Subo as escadas até ao primeiro andar e, ao chegar à porta do quarto da Lexi, de punho a

postos para bater, hesito. A porta do quarto principal fica na outra ponta do corredor. O Cooper ainda está provavelmente ao telefone e, se encostar o ouvido à porta, poderei ouvir o seu lado da conversa.

Talvez devesse fazê-lo. Passa-se algo com o Cooper, algo de que está relutante em me falar, e um pouco de espionagem é a única forma de descobrir a verdade. E não é como se a Lexi fosse desabafar comigo se eu tentar falar com ela. Provavelmente, vai zangar-se comigo, pois terá decidido que não estou autorizada a falar com ela quando a Lua está minguante gibosa ou algo nessa linha.

Tentarei este fim de semana. Vou oferecer-me para a levar às compras e então poderei sondá-la delicadamente sobre o que aconteceu com o Zane. Não que tenhamos muito dinheiro para gastar numa ida às compras, mas talvez possamos ir àquela loja de artigos em segunda mão de que ela gosta. Podemos provavelmente comprar-lhe um guarda-roupa inteiro lá por dois dólares.

Baixo o braço, pronta para me afastar. E quase o faço, mas então algo me detém. Algo me faz parar bruscamente.

É o som de soluços vindos do quarto da Lexi.

Dou meia volta e, desta vez, bato-lhe à porta sem hesitar. O choro cala-se imediatamente.

– O que foi? – grita ela.

– Lexi, querida? – pergunto. – Posso entrar?

Faz-se um longo silêncio do outro lado da porta. Suspeito que está a refletir sobre se me deve mandar desaparecer. Mas então responde, num tom eivado de resignação:

– *Está bem.*

Está enroscada na cama, com os joelhos puxados para o peito, os braços magros fechados em seu redor. Tem o rosto repleto de lágrimas, os olhos vermelhos. Parece que já estava a chorar há algum tempo, mas simplesmente conseguiu fazê-lo em silêncio até agora.

Se o Zane a magoou, vou matá-lo.

Na verdade, não terei de o fazer. O Cooper fá-lo-á primeiro. Pode não saber todos os pormenores da vida das nossas filhas como eu sei, mas, se alguém constituísse uma ameaça para elas, arriscaria a vida para as salvar, tal como eu.

Fecho a porta atrás de mim. Aproximo-me cautelosamente, como se ela fosse um animal assustado que pode fugir a qualquer momento. Finalmente, sento-me na beira da cama, metade da minha nádega direita a pairar no ar.

– Querida – digo, o mais suavemente que posso. – O que aconteceu?

Ela abana a cabeça e um *tsunami* de novas lágrimas cai-lhe dos olhos. Tremem-lhe os ombros dos soluços, e arrasto-me pela extensão da cama para a abraçar. Embalo-a como fazia quando ela era pequena e, passado um momento, está agarrada a mim.

– Mãe – soluça ela. – Mãe...

– Está tudo bem – digo-lhe, na minha voz mais apaziguadora. – Prometo que está tudo bem.

– Não está nada bem! – arqueja ela. – Ele... ele tem fotos!

O quê?

Afasto-me dela, inspecionando-lhe o rosto vermelho e inchado.

– Fotos? – repito, num tom que espero que esconda a náusea que me invade.

Ela cobre os olhos com as mãos e balança a cabeça.

– Que fotos? – pergunto, no mesmo tom suave, ainda que o que realmente me apetece fazer seja agarrá-la pelos ombros e abaná-la até me dizer que diabos se passa.

– O Zane... ele... ele tem... – Engole em seco, lutando para recuperar o fôlego. – Tem fotos minhas. Fotos em que estou...

Estou a esforçar-me mesmo muito para não reagir com horror.

– Em que estás *o quê?*

– Tu sabes – murmura ela.

– Tipo... – Retraio-me. – Fotos *sexuais?*

– Não. – Abana vigorosamente a cabeça. Graças a *Deus*. – Mas... enfim... veem-se as minhas... as minhas mamas.

Oh, não. Bem, podia ser pior. Podia decididamente ser melhor, mas também podia ser pior.

– Disse que as vai mostrar a toda a gente! – Enterra o rosto nas mãos. – Que as vai partilhar com todos os amigos dele, a não ser que eu...

– A não ser que tu *o quê?*

– A não ser que eu... – Não ergue o rosto. – A não ser que eu... tu sabes...

Se voltar a dizer «tu sabes», acho que vou gritar.

– A não ser que tu *o quê?*

– Mãe. – Ergue finalmente o rosto, com um olhar suplicante. – Nós ainda não... e ele quer...

Aquela vibração na minha nuca recomeça. Quero *matar* aquele sacana.

– Estás a dizer – começo, tentando impedir que me trema a voz – que, se não fizeres sexo com ele, ele vai mandar as fotos de ti nua a todos os amigos?

Ela não responde, mas brota-lhe outra vaga de lágrimas. Os seus ombros começam a tremer.

– A minha vida está arruinada!

Cerro os dentes. Não sei se alguma vez estive tão zangada em toda a minha vida, e já estive *muito* zangada. Como se *atreve?* É a minha menina! Que tipo de pessoa faria algo assim?

– O que vou fazer? – exclama ela. – Se ele as mandar aos amigos, eles vão mandá-las aos amigos deles e então toda a escola as vai receber! Como vou sequer entrar para a universidade?

– Talvez esteja a mentir – sugiro, embora concorde que o Zane parece o tipo de pessoa capaz de fazer algo assim. – Talvez não as vá realmente mandar a ninguém.

– Já o fez antes! – grita ela.

O quê?

– Foi transferido para a nossa escola entre o décimo e o décimo primeiro ano – explica ela. – A família dele mudou-se para cá da Florida. E, ao que parece, uma rapariga com quem ele namorava durante o décimo ano mandou-lhe uma foto dela nua e ele fê-la circular por todo o lado. *Mostrou-ma.*

– A sério? E não fizeram queixa dele por isso?

– Os amigos dele protegeram-no. Recusaram-se todos a dizer de onde tinha vindo a foto. Mas acabou por andar toda a gente a passá-la.

Uau. Nunca gostei do Zane, mas isto é de outro nível.

– A minha vida está arruinada! – A Lexi estende os braços para mim e eu abraço-a, apertando-a com força. – Não posso acreditar que fui tão estúpida. Como pude deixá-lo tirar aquelas fotos?

– A culpa *não* é tua – digo.

Irrita-me que tenha acontecido, mas digo-o a sério. Posso imaginar a forma como o Zane a deve ter pressionado. É só uma criança – dezassete anos é quase um bebé! – e queria desesperadamente que o namorado fixe gostasse dela. Compreendo exatamente como aconteceu.

– Escuta, Lexi – digo. – Prometo-te que vamos resolver isto. Não vamos deixar o Zane ganhar.

Os seus olhos raiados de sangue arregalam-se.

– Não vais dizer ao diretor, pois não?

– Lexi...

– Não podes! – Agarra-me no braço. – Mãe, se lhe disseres, vão todos saber! E ele vai fazer circular as fotos na mesma!

– Lexi...

– Promete-me!

Não sei se está certa, mas, a julgar pela forma como me agarra o braço, acha certamente que sim. E tem uma certa razão. Se eu for à escola, estas coisas têm uma forma de se saber. Mesmo que ele não faça nada com as fotos, a mera existência delas será um rumor que alastrará como um incêndio.

Não, tenho de lidar com isto de outra forma.

– Prometo – respondo. – Não vou dizer a ninguém da escola. Mas preciso que me prometas uma coisa.

Ela pestaneja-me, de olhos molhados.

– Quero que me prometas que vais confiar em mim – digo. – Quero que confies em mim quando te digo que vou garantir com certeza absoluta que essas fotos tuas nunca serão divulgadas.

– Mas como podes...

– *Confia* em mim, Lexi.

Por apenas um momento, ela hesita, mas então responde:

– Eu confio em ti.

Vejo essa confiança nos seus olhos. Apesar de já não ser uma criança pequena, ainda

acredita que eu posso resolver as coisas por ela.

Subitamente, apodera-se de mim o impulso quase irrefreável de lhe contar tudo. Nunca disse a ninguém o que me aconteceu. Nem aos meus pais, nem ao Cooper, a ninguém. Oxalá lhe pudesse dizer, mas sei que não posso.

Gostaria apenas que soubesse que costumava ser tal como ela. Era descontraída e inteligente, e sim, linda, ainda que não o soubesse na altura. E então aconteceu algo que arruinou a minha vida. É por isso que me recuso a deixar que algo assim lhe aconteça. Porque a amo acima de tudo e quero que tenha uma vida tão boa como a minha prometia ser até ter sido violada durante o meu segundo ano da universidade.

Esta é uma história que nunca contei antes.

E Não se preocupem, não vai haver pormenores gráficos. A verdade é que não me lembro de muito, o que é parte da razão por que nunca fui à polícia, apesar de ter havido muitas razões para a ter guardado para mim. Tudo o que realmente recordo é o que aconteceu antes e como tudo terminou. Por isso, se parecer confuso ou se não conseguir explicar grandes blocos de tempo, é por isso.

Não quer dizer que esteja a mentir.

Estava no segundo semestre do meu segundo ano no MIT, e a adorar. No primeiro ano, não há notas, pelo que o semestre anterior tinha sido a primeira vez que recebera notas numéricas, e eram boas. Está bem, estou a ser modesta – eram ótimas. Tive nota máxima a tudo. E não estava a fazer, tipo, introdução a tretas. Estava a fazer difíceis disciplinas de ciências da computação em que vários dos meus colegas mal se safavam.

Como disse, não posso deixar de me interrogar sobre como poderia ter sido.

Foi a minha colega de quarto, a Selena, que me convenceu a ir a uma festa de uma república masculina, ainda que não a culpe pelo que aconteceu. Tinha ido a algumas festas bastante insípidas no último ano e meio, mas uma grande percentagem dos rapazes do MIT estava em repúblicas, pelo que essas festas eram supostamente muito mais interessantes. Para que fique claro, não eram interessantes para *mim*, só mais interessantes de uma forma mais ou menos objetiva.

Tinha grandes planos para fazer um pouco de programação nessa noite, e até tinha comprado uma garrafa grande de *Mountain Dew* em antecipação. Mas então a Selena lançou-se em toda uma arenga sobre como eu não tinha graça nenhuma e ia chegar ao fim da faculdade virgem, o que seria mau, por alguma razão. Acabei por aceitar ir à festa só para a fazer calar-se, e também porque me doíam um pouco os pulsos das doze horas seguidas passadas a escrever código na véspera.

Emprestou-me um vestido do seu próprio guarda-roupa e passou cerca de quinze minutos a arranjar-me o cabelo com um ferro de enrolar. Conseguiu ainda maquilhar-me durante cerca de dez minutos antes de eu a mandar parar. Quando acabou de fazer tudo o que lhe permiti, vi-me ao espelho de corpo inteiro da casa de banho comum do corredor e achei que estava bastante bem, na verdade. Ficava bonita arranjada.

Quando regresssei ao nosso quarto no dormitório, a Selena assobiou baixinho.

– Olá, *sexy* – gracejou.

– Não me faças mudar de ideias.

– Não podes largar os óculos? – perguntou ela, franzindo-me o sobrolho.

Não podia. Era meio cega sem eles. Isto foi antes de descobrir o milagre das lentes de contacto. Quando andava na universidade, a ideia de enfiar os dedos nos olhos era demasiado horrível para descrever.

Fomos a pé até à república Zeta Pi, o que foi quase meia hora de caminhada numa noite fria de março. Na verdade, para mim, não foi assim tão mau, pois levava uns sapatos rasos, um casaco e um gorro. A Selena, por outro lado, ia de saltos altos e sem casaco, o que significa que foi o caminho todo a queixar-se amargamente.

Tem graça o que recordo dessa noite. Ainda consigo ouvir as queixas da Selena sobre o frio a ecoar-me nos ouvidos. *Acho que o aro do meu soutien congelou contra a minha pele, Debbie.*

Finalmente, por volta das dez horas, chegámos à festa, e estava em pleno curso. Num forte contraste com o ar gélido da noite, a república estava *demasiado* quente. Estava também estranhamente húmida, o que desfez de imediato todo o trabalho que a Selena tinha tido para deixar o meu cabelo macio e brilhante. Despi o casaco e enfiei-o num quarto referido como a «sala dos casacos», sem qualquer confiança de alguma vez o recuperar. Havia música a tocar, e o baixo era tão forte que me fazia latejar a cabeça.

Uma hora depois, queria ir embora. Muito. Eu e a Selena tínhamos conseguido ficar juntas durante os primeiros vinte minutos, mas então um tipo qualquer começou a meter conversa com ela e ela desapareceu. Ninguém estava a meter conversa comigo. Estava só sentada a um canto, a beber de um copo de *Coca-Cola* e a desejar saber o caminho para casa. Infelizmente, nem o GPS nem a *Uber* tinham ainda sido inventados.

Foi então que ele me encontrou.

Ainda bem que levei os óculos, pois pude ver-lhe bem o rosto. Parecia um veterano. Do terceiro ou do quarto ano. Não que parecesse muito mais velho, mas tinha simplesmente aquela confiança, como se já estivesse ali há algum tempo e soubesse como as coisas funcionavam.

– Pareces miserável – observou.

Olhei para ele. Não tinha um aspeto notável, mas tinha um cabelo castanho-escuro que encaracolava nas pontas de uma forma encantadora e lhe caía para os olhos. Era giro.

– Está muito barulho aqui em baixo – admiti. – Está a provocar-me dores de cabeça.

– Eu sei. – Bebeu um gole do copo de papel na sua mão. – Quando acabar o curso, terei sorte se ainda me restar audição.

Sorri.

– Chamo-me Hutch – disse ele, apontando com o polegar para o peito. – Acho que nunca te tinha visto por aqui antes.

– Chamo-me Debbie.

– Prazer em conhecer-te, Debbie. – Sorriu-me, e senti-me como que orgulhosa por

aquele veterano giro da república estar a namoriscar comigo. – Parece que estás quase a acabar a tua bebida. Posso trazer-te outro copo de seja o que for que estás a beber?

– É só uma *Coca-Cola* – disse eu.

– Bem, não admira que não te estejas a divertir – respondeu ele, e, na altura, tive de admitir que tinha uma certa razão. – E se eu te fosse buscar outra *Coca-Cola*, mas me deixasses juntar-lhe um bocadinho de rum? – Ergueu o polegar e o indicador, separados por cerca de um centímetro. – Um bocadinho *assim*.

E, porque era giro e mais velho e estava a namoriscar comigo, respondi:

– Está bem.

Levou-me um rum com *Coca-Cola*, e era apenas a segunda vez que eu bebia álcool na universidade, e a terceira em toda a minha vida. Na altura, presumi que tudo o que aconteceu depois tinha sido por eu ter zero tolerância ao álcool, mas, ao pensar realmente nisso mais tarde, tive quase a certeza de que uma só bebida não me podia ter feito aquilo.

O Hutch pôs-me algo na bebida. Talvez não uma droga de violação, mas *algo* para se assegurar de que eu não lhe ia conseguir resistir.

Sentámo-nos e ficámos algum tempo a conversar no sofá. Ele perguntou-me em que dormitório estava e eu disse-lhe que estava no Baker. Perguntou-me que curso estava a tirar e eu disse-lhe que era o 6 (ciências da computação). Ele estava no curso 14 (economia). Fez-me outra pergunta, que não consegui ouvir por a música estar tão alta, e foi então que ele sugeriu subirmos, pois estaria tudo mais tranquilo lá em cima. Disse-lhe que sim e fiquei grata, porque havia demasiado ruído no andar de baixo e tudo o que eu queria desde que lá tinha chegado era alguma paz e sossego.

É então que as memórias começam a ficar um pouco nebulosas.

Lembro-me de subir as escadas até ao seu quarto. Lembro-me mais ou menos do quarto. Tinha duas camas de solteiro... Não, esperem, era um beliche. Havia uma secretária. Devia ter um computador fixo em cima, porque todos tínhamos computadores fixos nesse tempo. Acho que lhe disse que estava cansada, e ele sugeriu que me deitasse na sua cama.

A minha memória seguinte é de me sentir como se estivesse alguém a abanar-me para me tentar acordar. Mas, quando entreabri os olhos, dei-me conta de que não era de todo isso que se passava. O Hutch estava em cima de mim, o seu cabelo giro a cair-lhe para os olhos. Tinha-me puxado o vestido para cima e as cuecas para baixo, e estava...

O meu primeiro pensamento foi que estava confusa. Estava tão bêbeda que lhe tinha dito que estava de acordo com aquilo? Parecia impossível. *Não* estava certamente de acordo. Ainda era virgem e o que ele estava a fazer... doía.

Abri a boca e senti a garganta dolorosamente seca.

– Não. Pára – consegui crocitar, de algum modo.

Esperava que ele me saísse de cima, cheio de pedidos de desculpa. Mas não foi isso que fez. Continuou apenas a arremeter, indiferente à minha súplica.

– *Pára* – repeti, desta vez mais alto. Tentei empurrá-lo, mas, e lembro-me claramente desta parte, era como se os meus braços se estivessem a mover através de melão. – Por

favor, pára!

Desta vez, ele respondeu, com um laivo de irritação.

– Não te preocupes. Isto vai acabar num minuto.

Na verdade, foram *dois* minutos. Sei disso porque contei cada segundo.

E, subitamente, acabou. Rodou para fora de mim e apertou o fecho das calças, como se nada se tivesse passado. E então... saiu.

Estava completamente desorientada. Fiquei naquele beliche de baixo entre dez minutos e uma hora, a tentar perceber se aquilo tinha mesmo acontecido ou se tinha sido só um pesadelo. As únicas coisas que me convenceram de que era real foram a dor que sentia e o sangue nas minhas cuecas ao chegar a casa.

Tinha a cabeça a andar à roda, mas consegui sair da cama. Cambaleei por entre a multidão no andar de baixo, sem falar com ninguém. Não me dei ao trabalho de procurar a Slena ou sequer o meu casaco. Saí pela porta da frente e, apesar de estar um gelo na rua, mal o senti. Ainda hoje não faço ideia de como cheguei a casa. Mas devo ter chegado, pois, no dia seguinte, acordei na minha própria cama do meu quarto no dormitório.

Tentei dizer a mim mesma que não era nada de especial. Na minha cabeça, nem usava a palavra *Violação*. Tinha ido a uma festa, exagerado um pouco na bebida e feito sexo com um rapaz que mal conhecia. Era um caso de uma noite. A Slena já os tinha tido e não era nada de especial. Só passaria a ser se eu deixasse.

Sempre tinha sido uma pessoa forte. Inteligente, capaz. Afinal, tinha entrado para o MIT – a única pessoa do meu ano do secundário a fazê-lo. Era o próximo Bill Gates. Não era nada de especial, aquilo. Ia superá-lo.

Só que não superei. Todas as noites tinha pesadelos e acordava coberta de suor. Dormia em troços de duas horas e andava pelo mundo com papos permanentes por baixo dos olhos. Onde quer que fosse no *campus*, parecia-me sempre ver o Hutch. Nunca era ele. Era sempre algum outro rapaz com um corte de cabelo parecido, mas não importava. As minhas notas começaram a resvalar. E depois começaram a cair a pique.

Depois de um primeiro semestre de notas máximas, no segundo chumbei a todas as disciplinas. Nem apareci para dois dos exames finais.

Uma psicóloga da escola falou comigo sobre a minha quebra. Tentou perguntar o que me tinha acontecido, mas recusei-me a dizer-lhe. Disse só que me sentia desmotivada e precisava de uma pausa da escola. Fui passar o verão a casa, esperando que algum tempo fora me curasse.

Nunca regresssei.

Mil vezes estive à beira de contar ao Cooper o que me aconteceu. Foi o primeiro homem com quem namorei depois de deixar a universidade. Foi tão querido e paciente comigo, apesar de não fazer ideia de porque era tão ansiosa em relação ao sexo. Mesmo sem lhe dizer nada, foi compreensivo. Em última análise, tinha medo de lhe dizer a verdade porque achava que me respeitaria menos. E, depois de casarmos, tive medo de lhe dizer porque pensava que se ia zangar por não lhe ter dito mais cedo.

E agora, ao fim de vinte anos de casamento, é demasiado tarde.

Além de que ele também tem segredos. E muitos.

A ideia de o Zane poder estar a tentar fazer à minha filha o que o Hutch me fez enche-me de uma raiva tão incandescente que me sinto capaz de desmembrar aquele miúdo arruaceiro. Mas, claro, não posso fazer isso. Não quero ir para a prisão. E, fisicamente, não tenho a certeza de que o conseguisse fazer. Não sou nenhuma espécie de super-heroína (supervilã?) capaz de despedaçar uma pessoa com as próprias mãos.

Em todo o caso, o que lhe vou fazer será muito, muito pior.

E spero até estarem todos a dormir.

Tenho de ter muito cuidado esta noite. Mesmo depois de ter drogado o Cooper ontem à noite, tenho quase a certeza de que ele acordou enquanto estava fora. E, visto que não sabia que me ia escapular depois do jantar, teria sido difícil voltar a dar-lhe algo. Terei simplesmente de ser muito silenciosa.

Saio da cama à meia-noite. O Cooper parece estar a dormir, mas sou extra discreta ao extrair-me do nosso cobertor partilhado. Antes de me deitar, guardei uma muda de roupa na sala de estar para não o acordar ao vestir-me.

Mas a minha primeira paragem é no quarto da Lexi.

Não tenho de ser tão silenciosa desta vez. A minha filha mais velha dorme como uma pedra. No ano passado, um alarme de incêndio disparou em casa a meio da noite e tive de acordar com um abanão para me assegurar de que não morria queimada.

Em bicos de pés, entro no quarto e surripio-lhe o telemóvel da mesa de cabeceira, onde está a carregar. Depois, saio silenciosamente.

Não tenho por hábito espiar o telemóvel da Lexi, mas exijo-lhe que me dê o código para lhe poder aceder, se for preciso. Não é informação de que tenha feito uso no passado e a verdade é que não me surpreenderia se ela tivesse mudado o código. Mas, ao introduzir os seis dígitos, o telemóvel desbloqueia-se.

Entrei.

Por um momento, sinto-me tentada a percorrer-lhe as fotos para tentar encontrar as imagens de que me falou, mas decido não o fazer. Não estou aqui para bisbilhotar. Estou aqui para resolver uma situação pela minha filha.

O Zane é um dos principais contactos no seu telemóvel. Não o bloqueou, possivelmente porque está a monitorizar a situação. Não quero ler todas as mensagens entre ambos, mas a última mensagem dele enfurece-me:

Se não queres que a escola toda veja essas fotos, devias parar de ser uma provocadorazinha.

Oh, meu Deus, apetece-me matá-lo.

Tenho de respirar fundo algumas vezes para me acalmar. Tremem-me as mãos enquanto escrevo uma mensagem para o Zane:

Podemos encontrar-nos agora? Vou escapulir-me e levo o carro dos meus pais.

Existe a possibilidade de ele estar a dormir, mas lembro-me de o ouvir dizer que nunca vai para a cama antes das duas da manhã. Efetivamente, surgem três bolhas no ecrã. Está a digitar.

Reconsideraste?

Matá-lo com as minhas próprias mãos. Desfazê-lo membro a membro.

Sim. Quero ver-te. Faço tudo o que quiseres.

És tão esperta. Sabia que ias ver a razão.

Sim, a Lexi é esperta. Daí ter dito à mãe o que se estava a passar.

Podemos encontrar-nos no parque do estaleiro? Seremos os únicos lá.

O Estaleiro de Hingham costumava ser um verdadeiro estaleiro, há muitos anos, mas é agora uma zona da marina com casas, lojas e atividades recreativas. Costumava levar as minhas filhas ao parque de lá quando eram pequenas, e depois a almoçar no *Wahlburgers*. De dia, estava sempre concorrido, mas estará completamente deserto a esta hora da noite. E calhou reparar, numa visita recente, que não havia câmaras à volta do parque.

Estarei lá dentro de 20 minutos.

Chego quinze minutos depois.

O Zane tem uma tendência crónica para se atrasar, por isso não precisava de ter pressa, mas, por outro lado, também conduz como a encarnação do caos, por isso pareceu-me possível que pudesse aparecer a horas ou até antes do tempo. Tinha de chegar antes dele ao parque.

Como previa, o parque está completamente vazio. Está oficialmente «fechado após anoitecer», como se alguma criança viesse para aqui brincar à uma da manhã. É uma área de recreio de dimensão média com baloiços de pneus, uma estrutura para brincar com um escorrega de plástico verde e o chão coberto de aparas de madeira que ameaçam entrar-me para os sapatos a cada passo.

Ontem à noite, antes de me deitar, saí e fui comprar uma embalagem de seis latas de cerveja. Não é o tipo de coisa que alguma vez teríamos em casa, porque eu e o Cooper não gostamos de cerveja, mas preciso dela esta noite. Assim que chego ao parque, abro uma lata.

E junto o ópio. Suficiente para o fazer aterrar.

Eu certamente nunca beberia de uma lata misteriosa abandonada num parque, mas eu não sou o Zane, que tem dezoito anos e uma propensão para se meter em sarilhos. Ponho a cerveja num local bem visível, num dos bancos que margeiam o parque. Em seguida, posto-me atrás de uns arbustos. E espero.

O Zane chega dez minutos atrasado. Ao entrar no parque, olha em volta, à espera de ver a Lexi à sua espera. Do meu esconderijo, vejo um rasgo de irritação nas suas feições descarnadas. Pode não esperar por ela.

Felizmente, trouxe o telemóvel da Lexi comigo por esta exata razão. Envio outra mensagem ao Zane:

A minha mãe levantou-se para ir à casa de banho, por isso saí um pouco atrasada. Chego aí em 15 minutos.

Ele lê a mensagem, franzindo o sobrolho. Vai esperar por ela? Tenho de fazer algo para o assegurar. Por isso, ainda que me mate, digito:

Quero fazê-lo no banco do parque.

A mensagem serve um duplo propósito. Primeiro, vai garantir que ele espera pela Lexi, ainda que ela não venha realmente. E segundo, fá-lo-á pensar no banco do parque.

Efetivamente, dirige-se ao banco e senta-se. Semicerrou os olhos, observando-o ao luar enquanto mexe no telemóvel. Imagino que está a ver as fotos da Lexi e apetece-me torcer-lhe o pescoço.

A maior parte do tempo, consigo expulsar da cabeça o que aconteceu naquela noite com o Hutch. Neste momento, porém, é como se o tivesse a sussurrar-me ao ouvido: *Não te preocupes. Isto vai acabar num minuto.*

Não vou deixar que isso aconteça à minha filha.

O Zane tarda alguns minutos a reparar na lata de cerveja. Lança-lhe alguns olhares e finalmente pega-lhe. Parece surpreendido por estar quase cheia. E então cheira-a.

O ópio tem cheiro. Tem um odor algo doce, com um matiz terroso. Lembra-me um pouco o cheiro do xarope de ácer. Espero que o aroma fermentado da cerveja disfarce o ópio. Vejo o Zane contemplar a lata. Espero ter ensinado suficientemente bem as minhas filhas para saberem que não se bebe de uma embalagem qualquer deixada no parque, mas tenho um forte pressentimento de que o Zane não terá escrúpulos em fazê-lo, se achar que é álcool.

Bebe. Vá lá, bebe, seu filho da mãe!

E então ele fá-lo. Começa a beber. Despacha toda a lata de cerveja com ópio no que parecem ser cinco goles.

Mantenho o telemóvel a postos, para o caso de ele parecer ir partir, mas, passados cerca de cinco minutos, já não parece tão irrequieto como antes. Quinze minutos depois, começa a bocejar e a esfregar os olhos.

Meia hora depois, dorme profundamente.

Espero mais dez minutos, por via das dúvidas. Entretanto, tenho o cuidado de apagar toda a conversa com o Zane do telemóvel da minha filha, para que ela nunca saiba que nos encontramos esta noite. Aproveito e bloqueio também o número. Meto o telemóvel da Lexi na minha bolsa e dirijo-me a onde ele está deitado, estendido no banco. Estava a mexer no telemóvel e fugiu-lhe da mão. Está caído na relva por baixo do banco. Apanho-o.

Ao contrário do telemóvel do treinador Pike, que desbloqueei com a sua impressão digital, este é o tipo de aparelho que desbloqueia por reconhecimento facial. Geralmente, isto significa que temos de ter os olhos abertos para o desbloquear. Durante o verão, porém, encontrei a Lexi e o Zane na minha cozinha, e ele estava a queixar-se de como o telemóvel não desbloqueava se tivesse os óculos de sol postos. Ouvi a conversa e disse-lhe que podia desligar essa função do telemóvel, para que não lhe exigisse que estivesse a olhar para ele para se desbloquear. Quando pareceu confuso, ofereci-me para o fazer por ele. Deu-me o telemóvel e alterei pessoalmente as configurações.

É assim que sei que, quando lhe erguer o telemóvel para o rosto, isso o vai desbloquear, apesar de ter os olhos fechados.

Recuo para as sombras, para o caso de o Zane acordar, ainda que não pareça que isso vá

acontecer nos próximos tempos. Depois de apagar a conversa entre o telemóvel dele e o da Lexi que o conduziu ao parque, o que faço a seguir é percorrer todas as fotos no dispositivo e encontrar as que a Lexi lhe enviou. Apago-as a todas. É perfeitamente possível que as tenha guardado noutra lugar, mas apagar essas fotos não é o meu principal propósito.

Estou aqui para fazer outra coisa.

A Lexi disse-me que ele já tinha feito isto antes. No décimo ano, namorou com uma rapariga cuja foto fez circular pela escola. Tendo em conta que andava no décimo ano, essa rapariga devia ter provavelmente uns quinze anos. O que significa que, juridicamente, ele andava a distribuir pornografia infantil.

Agora, tenho de encontrar a pegada digital do que fez.

Não é divertido revistar o telemóvel do Zane. Tenho de percorrer muitas conversas dele com os amigos envolvendo a minha filha, nenhuma das quais lisonjeira. Encontro uma de ontem que me sobe particularmente a tensão arterial.

Continuas a sair com aquela miúda, a Lexi?

Sim, mas não vale nada a fazer broches. Vou provavelmente deixá-la em breve. Precisa de lições da Yvonne. Acho que é demasiado estúpida para aprender.

A dada altura, pouse o telemóvel e fico apenas a olhar para o Zane, que continua inconsciente no banco do parque. Estou a dar-me a todo este trabalho para encontrar fotos incriminatórias, mas não tem de ser tão difícil. Tenho um canivete suíço no porta-luvas do meu carro. Podia ir buscá-lo e cortar-lhe o pénis. Seria justiça e resolveria certamente o problema!

Suponho que criaria outros problemas, ainda assim.

Passo quase meia hora a pesquisar até encontrar o que procuro. A foto da pobre rapariga ainda está na memória da sua câmara, porque é claro que ele ia ser demasiado ingénuo para alguma vez a apagar. Parece ter apenas catorze ou quinze anos. Está completamente nua e parece tão profundamente desconfortável. Quase vou mesmo buscar o tal canivete suíço. Partilhou esta foto múltiplas vezes e as provas estão todas aqui. No seu telemóvel. Nunca apagou nenhuma.

E chamou ele estúpida à *minha filha*.

Faço capturas de ecrã de tudo e crio uma conta de *e-mail* anónima. Envio tudo para a administração da escola secundária e também para a polícia local, mencionando a idade aproximada da rapariga.

Permito-me um sorriso. Amanhã vai ser um dia interessante.

Quando chego a casa do meu pequeno recado, encontro o Cooper à minha espera na sala de estar.

Está em camisola interior e *boxers* e só o pequeno candeeiro ao seu lado está aces. Quando ao seu rosto um brilho fantasmagórico. Devia ter adivinhado que ia estar acordado. Não tem dormido bem, e a ausência do meu corpo junto ao dele na cama pode ter sido suficiente para o acordar em sobressalto.

Olha para mim, a sua figura rígida. Deve ter ouvido o meu carro a entrar na garagem, por isso sabe que estive a conduzir. Não posso fingir que fui dar um passeio pelo bairro. Além disso, esqueci-me de desligar o *Findly*, o que foi um lapso terrível. Ainda que talvez, a um certo nível, quisesse que ele soubesse onde fui.

– Debbie – diz ele.

Quando fala, sinto o cheiro. Deve ter descoberto o resto das cervejas que deixei ao fundo do frigorífico. O Cooper não é muito de beber, mas, neste momento, suponho que não o posso culpar.

– Olá – respondo debilmente.

– Onde foste?

Tento sorrir, apesar de parecer de plástico no meu rosto.

– Fui só dar uma volta por aí.

Ele franze o sobrolho.

– Estiveste no estaleiro?

Tal como eu suspeitava – o localizador do meu telemóvel denunciou-me. Terei decididamente de o desligar da próxima vez. Como ele faz quando desaparece para algum lugar de que não quer que eu saiba. É muito melhor a guardar segredos do que eu.

– Não conseguia dormir – respondo. – Andei só às voltas por aí. Pensei que me deixaria cansada.

Ele levanta-se com dificuldade. Tem o cabelo castanho desganhado de dormir e um dia de barba no rosto. Quando o conheci, há muito que não tinha um encontro, mas parecia tão querido e sincero quando me convidou. Durante muito tempo, tive medo dos homens, por causa do Hutch, mas, por alguma razão, não tinha medo do Cooper. Foi, na verdade, o primeiro homem a não me causar aquela doentia sensação de medo

inexplicável. Parecia incapaz de alguma vez me fazer mal.

Quando foi que isso mudou?

– Debbie – crocita ele, em tom suplicante.

Sei o que quer. Quer que lhe diga a verdade sobre tudo. Mas nem pensar que posso fazer isso. É demasiado tarde.

– Onde foste ontem à noite? – contraponho. – Quando me disseste que ias jantar e ficaste duas horas fora?

Os seus olhos arregalam-se de alarme.

– Eu... já te disse. Fui só dar uma volta.

– Uma volta?

– Sim, claro. – A sua voz adquire um tom defensivo. – O que *achas* que andei a fazer?

Porque haveria de lhe dizer a verdade quando ele tem andado a mentir-me na cara?

Quando tudo tiver terminado, saberá tudo. E talvez haja uma forma de entender.

– Estou cansada – digo. – Vou para a cama.

Passo por ele, atravessando a sala de estar em direção à escadaria. Espero que me siga para o quarto, mas não o faz. Fica na sala de estar, e é aí que passa o resto da noite.

DA PASTA DE RASCUNHOS
QUERIDA DEBBIE

Querida Debbie,

Acho que o meu marido anda a trair-me.

Não tenho a certeza absoluta, mas todos os sinais de alarme estão lá. Não tem o menor interesse em fazer sexo comigo, e isto há já vários meses, mesmo quando tomo a iniciativa. Às vezes, ligo-lhe durante o dia e não o consigo contactar a horas em que devia estar disponível. De outra vez, disse-me que ia sair com os amigos, mas, quando enviei uma mensagem à mulher de um desses amigos, ela disse que o marido estava em casa. E o pior de tudo é que senti um perfume nele que decididamente não era o meu!

Quando lhe pergunto por isso, põe-se muito à defesa. Diz que se sente magoado por eu o julgar capaz de algo assim.

O que acha? Acha que o meu marido me anda a trair ou estou a ser uma «esposa ciumenta»?

*Atenciosamente,
Esposa Preocupada*

Querida Esposa Preocupada,

Concordo que muitos dos comportamentos do seu marido são sinais preocupantes de infidelidade. Infelizmente, quando um homem trai, é comum que se ponha demasiado à defesa quando confrontado.

Se está altamente desconfiada de que o seu marido a anda a trair, algo que pode fazer é tentar descobrir se ele anda a usar algum telemóvel alternativo. Na mesma linha, pode ter um endereço de e-mail alternativo. Se não conseguir encontrar nada sozinha, mas continuar desconfiada, poderá querer pensar em contratar um detetive privado. Se o seu detetive privado encontrar sinais de infidelidade, poderá então querer pensar em contratar um advogado. Ou um assassino profissional.

Como vê, portanto, tem muitas opções.

Debbie

Na manhã seguinte, tenho o cuidado de acordar o Cooper antes de as nossas filhas descerem. Não ajudará à situação se encontrarem o pai a dormir no sofá. Ele fita-me, de olhos congestionados, e arrasta-se para o andar de cima para tomar um duche ou pôr em dia o sono que perdeu durante a noite. Vai agarrado às costas – o sofá não é o sítio mais confortável para se dormir.

A Lexi parece um pouco mais animada do que ontem à noite. Pelo menos, não está a chorar. Mas, tal como o Cooper, parece cansada. Provavelmente, deu muitas voltas na cama durante a noite, mas, felizmente, nunca descobriu que o seu telemóvel estava desaparecido. Consegui devolvê-lo à sua mesa de cabeceira sem a acordar.

A Izzy, por outro lado, está de *excelente* humor. Está de volta à equipa de futebol e não tem de lidar com um treinador que a está sempre a deitar abaixo. Há séculos que me devia ter livrado do treinador Pike.

Mexo uns ovos e meto-os em pães ingleses torrados. Tenho vindo a comer cereais com fibra todas as manhãs, mas mando a prudência às urtigas e faço um pão inglês com ovos também para mim.

– Querem outra vez boleia para a escola? – pergunto às meninas, enquanto pouso os pratos de comida na mesa de cozinha.

– Sim – diz avidamente a Izzy. Nunca recusa uma boleia.

A Lexi, que nem está a usar os seus auscultadores esta manhã, assente também.

– Claro. Mas tenho teste de Física logo de manhã, por isso não me posso atrasar.

– Alguma vez te deixei lá tarde? – desafio-a.

Ela abre-me um sorriso trocista.

– Não muitas.

– Tenta *nunca*. – Retribuo-lhe o sorriso enquanto me junto a elas à mesa. A verdade é que tenho por hábito ser pontual. – Enfim, acabem de comer e depois vamos.

A Lexi olha para os três pratos à nossa frente, e depois por cima do ombro para o fogão.

– Não vais fazer um prato para o pai?

Bem, essa é uma pergunta armadilhada. Abro a boca, sem saber muito bem como vou responder, e é então que a campainha toca.

O som mexe-me com os nervos. Não há ninguém que possa estar à espera à porta da

frente que tenha algo de bom para dizer. Será a Jo Dolan, que quer que lhe pague a conta do exterminador? O Brett Carlson, à espera que lhe pague a caixa de fusíveis destruída? O Garrett Meers, que, hilariantemente, *ainda* não conseguiu tirar o vídeo pornográfico do *site* do jornal?

– Eu vou lá – digo.

Abandono os meus ovos e corro para a porta da frente, onde o nosso visitante parece estar em processo de apoiar todo o seu peso na nossa campainha. E quando lá chego, caí-me o coração aos pés. É alguém muito pior do que a Jo, o Brett ou o Garrett. É o Zane.

E parece *furioso*.

Suponho que não é de admirar. Fi-lo sair a meio da noite e depois foi deixado plantado pela namorada com quem achava que ia fazer sabe Deus o quê num parque público. Pergunto-me a que horas acordou naquele banco. Tem sorte em ser uma zona segura, mesmo a meio da noite.

Sinceramente, é preciso ter lata para vir aqui depois da forma como a ameaçou, mas tenho de fingir que não sei de nada disso. A Lexi matava-me se fizesse a menor ideia do que fiz.

– Onde está a Lexi? – exige o Zane saber.

Cruzo os braços sobre o peito.

– Neste momento, está a tomar o pequeno-almoço. Posso ajudar-te?

Parece não saber bem o que dizer. Não pode propriamente contar-me que a minha filha o deixou pendurado a meio da noite. Por isso, diz a única coisa que pode:

– Ela bloqueou-me no telemóvel!

Para dizer a verdade, *eu* é que o bloqueei. Porque merecia ser bloqueado e também porque, se não o fizesse, ele ia encher o telemóvel da Lexi de mensagens a perguntar-lhe onde estava ontem à noite. A bem de ela nunca descobrir o que fiz, não o podia deixar enviar-lhe quaisquer mensagens.

– Isso é com ela – digo, rigidamente. – Tens alguma mensagem que queiras que lhe transmita?

– Sim. – O seu maxilar inferior sobressai. – Diga-lhe que é uma cabra.

Tenho de admitir que essa me surpreende. Não pensei que tivesse a audácia de me dizer isso na cara. Mas torna muito mais fácil o que tenho para lhe dizer a seguir.

– Terei o cuidado de lhe dizer – respondo sarcasticamente. – Além disso, também tenho uma pequena mensagem para ti, Zane.

Ele revira os olhos.

– Ah, sim?

– Isso mesmo. – Sorrio alegremente. – Queria só assegurar-me de que tens consciência do que acontece aos agressores sexuais na prisão.

Isso apaga-lhe instantaneamente a expressão arrogante do rosto.

– O quê?

– Aos agressores sexuais – repito. – Como, por exemplo, alguém que fez circular fotos de uma rapariga de quinze anos nua, o que, juridicamente, seria considerado pornografia

infantil.

Por um momento, surge-lhe um lampejo de medo nos olhos.

– Não sei do que está a falar.

– Oh, eu acho que sabes. – Arqueio as sobrancelhas. – Enfim, se esse alguém tivesse dezoito anos ou mais e fosse apanhado, e hoje em dia a pegada digital faz com que seja *tão* fácil ser-se apanhado, a prisão seria dura para ele. A prisão é particularmente difícil para os agressores sexuais. São frequentemente atacados pelos outros reclusos, para os castigar e para elevarem a sua própria posição social.

O Zane dá um passo atrás, quase tropeçando nos próprios pés.

– O quê?

– E então, quando finalmente saíres – continuo –, tens de te inscrever no registo de agressores sexuais de onde quer que vivas para o resto da vida. Tens de informar os teus patrões. Qualquer mulher com quem saias pode pesquisar por ti e... bem, cancelar. E boa sorte a arranjares um sítio para viver quando tiveres de dizer aos senhorios que és um agressor sexual.

– Sim, bem... – O Zane está agora a abanar a cabeça, toda a raiva desaparecida do seu rosto. Parece decididamente aterrorizado. – Olhe, diga só à Lexi que não a posso levar mais à escola.

– Assim farei! – digo, alegremente.

Fecho-lhe a porta na cara e regresso à cozinha, onde a minha sanduíche continua à minha espera. Sento-me na minha cadeira e pego no meu pão com ovo.

– Quem era, mãe? – quer a Lexi saber.

– Ninguém importante.

Dou uma dentada no pão. Está delicioso.

Passei a manhã inteira confuso.

Não sei onde a Debbie foi ontem à noite. Quer dizer, geograficamente, sei onde foi. Mas não sei porque haveria de ir ao estaleiro a meio da noite nem o que lá foi fazer.

Não acho que tenha ido lá para um encontro com o seu amante. A Debbie não faria isso. Simplesmente... não faria. Mas, se não foi isso que foi fazer, então que diabos *foi*?

Parte de mim queria confrontá-la de manhã, mas, em vez disso, acabo por a evitar. Estou morto de cansaço e não estou de todo em condições de ter uma discussão séria neste momento, e tenho quase a certeza de que esta vai ser uma discussão *muito* séria.

Temos de falar, ainda assim. Vou pôr as cartas todas na mesa – tudo o que lhe tenho vindo a esconder. E se ela me odiar? Bem, espero que não me odeie. Espero que possamos encontrar uma maneira de superar isto. Faço terapia, tudo o que ela quiser.

Mas isto tem de acabar. As mentiras e as saídas sorrateiras têm de parar.

É um milagre que consiga chegar ao trabalho a horas. O Ken pode ainda estar na sua viagem de pesca, mas a Sra. McCauley tem vindo a registar ao milissegundo quando cada um de nós chega e vai informá-lo quando voltar. Não que isso importe, tendo em conta que já apresentei o meu aviso de demissão. Mas não quero dar-lhe um pretexto para me pôr na rua ainda mais cedo. Preciso desesperadamente desse último salário.

(Quem estou eu a enganar? Provavelmente, estarei de joelhos, a implorar pelo meu emprego de volta, assim que o Ken regressar ao escritório.)

Quando entro no escritório, o Jesse está de pé atrás da Sra. McCauley, que está à sua secretária. Olham ambos fixamente para o ecrã do seu computador, com os sobrolhos levantados de forma idêntica.

– O que se passa? – pergunto.

O Jesse ergue os olhos do ecrã.

– Parece que falta dinheiro na conta da empresa.

O quê?

– Falta dinheiro? – repito, paralisado.

A Sra. McCauley olha para mim através dos seus óculos.

– Dei pela discrepância esta manhã. Desapareceu uma grande quantia, e parece já estar

a acontecer há vários meses.

– Tem... tem a certeza? – gaguejo.

– É claro que tenho a certeza! – A Sra. McCauley parece ofendida com a sugestão de que pode ter percebido algo mal. É *certo* que é muito raro enganar-se. – Suponho que é possível que tenha sido o próprio senhor Bryant a transferir o dinheiro. Tenho estado a tentar ligar-lhe para o telemóvel desde que cheguei, mas ele não atende.

– Bem, foi pescar – saliento.

– Costuma atender o telemóvel quando vai à pesca – responde ela. – Sabe como ele é quanto a não perder chamadas.

Isso é verdade.

– Foi provavelmente ele que transferiu o dinheiro – continua a Sra. McCauley, pensativa. – Ou assim espero. Parece ter sido feito internamente.

– Internamente? – repito. – Por alguém que trabalha aqui, quer dizer?

O Jesse olha para mim e sorri.

– Foste tu que tiraste o dinheiro, Coop? Confessa!

Está a brincar, mas um pressentimento terrível aperta-me o estômago. Nada disto parece ser coincidência. O Ken Bryant desaparece arbitrariamente para uma viagem de pesca a meio da semana e ninguém o consegue localizar. E então um monte de dinheiro desaparece da conta da empresa e parece ter sido um «trabalho interno».

E onde vai a Debbie a meio da noite?

– Suponho que devia continuar a tentar contactá-lo – murmuro. – Vai querer saber de tudo isto imediatamente.

Talvez esteja desconfiado por nada. Mas não consigo sacudir a sensação de que há uma corda a apertar-se à volta do meu pescoço.

Tive uma ideia nova para uma aplicação de telemóvel.

Ocorreu-me enquanto regressava do estaleiro ontem à noite. Chama-se *Castiga o Teu Marido*.

Passei a manhã inteira a trabalhar nela, ainda que seja um pouco mais complexa do que inicialmente pretendia. Criei meia dúzia de aplicações na última década, mas esta parece ser do tipo que podia realmente levantar voo. E, agora que já não trabalho, tenho tempo de sobra para desenvolver a aplicação *Castiga o Teu Marido*. Não posso passar cada instante do meu dia a trabalhar no meu jardim, a cuidar das minhas papoilas de ópio.

Se criar a aplicação e a vender, aposto que consigo ganhar uns bons trocos. Dava-nos certamente jeito o dinheiro agora.

Pergunto-me o que pensará o Cooper dela.

Estou mesmo a terminar de anotar mais ideias quando o meu telemóvel começa a tocar. Ao ver o nome da Izzy no ecrã, quase deixo cair o aparelho ao tentar atender. Nunca me liga durante o dia.

– Izzy?

– Mãe! – Fala em voz ofegante. – Tens de nos vir buscar já!

– O quê? – Será algum tipo de tarde livre de que não tenho conhecimento? As tardes livres aleatórias parecem ocorrer com uma frequência alarmante. – Porquê?

– Porque um miúdo bateu com o carro contra a escola!

– *O quê?* – Era a última coisa que esperava que dissesse. – Como aconteceu isso?

– Não faço ideia – diz a Izzy. – Foi um finalista qualquer, e ouvi dizer que estava muito bêbedo. Não sei o que aconteceu, mas estão a mandar toda a gente para casa. Há, tipo, uma ambulância e um camião dos bombeiros e tudo.

– Ele está bem?

– Não me parece. Ouvi dizer que está bastante ferido.

– Onde está a Lexi?

– Está na sala dela – diz a Izzy. – Estamos todos. Não nos deixam sair da sala de aula em que estamos até alguém nos vir buscar. Por isso, tens de vir.

– Estou a caminho. Não te mexas.

– Não posso, mãe! Não nos deixam!

Entro em modo de emergência. Envio uma mensagem à Lexi para avisar de que estou a caminho, porque de certeza que me vai ligar a seguir. E então pego nas minhas chaves e rumo ao carro. Sempre a tentar convencer-me de que isto não é o que penso, apesar de as evidências serem preocupantes.

Um rapaz bateu com o carro contra a escola, bêbedo às nove da manhã. Um miúdo que obviamente não estava a pensar com clareza. Era finalista.

Será possível que o finalista que bateu com o carro seja...

Não, não pode ser.

Ainda que...

Entro no carro e arranco o mais rápido que posso em direção à escola secundária.

Faço um ótimo tempo na viagem até à escola, mas, assim que lá chego, é o caos. Há carros estacionados a vários quarteirões de distância e só parece estar a piorar. Podia ter ido a pé até à escola dez vezes no tempo que levo a chegar lá de carro. Parecem ter retirado os miúdos do edifício, mas agora estão parados em grupos à porta da escola, com os seus professores. Quando finalmente chego à zona de recolha, uma professora dirige-se à janela do meu carro e pergunta-me os nomes e anos das minhas filhas.

– Isabel Mullen, décimo ano, e Alexa Mullen, décimo segundo – digo-lhe.

A mulher tem uma prancheta na mão e o processo é mais rápido e eficiente do que eu previa. Pensava que ia receber algumas miúdas erradas antes de as minhas aparecerem, mas, passado apenas um minuto, a Lexi e a Izzy estão a ser guiadas na direção do meu carro. Espero a habitual disputa pelo lugar do passageiro à frente, mas a Lexi vai direta ao banco de trás sem dizer uma palavra. A Izzy desliza para o banco ao meu lado.

Espreito pelo espelho retrovisor para a minha filha mais velha. Como ontem à noite, tem os olhos inchados.

– Foi o Zane! – anuncia a Izzy, de olhos arregalados. – Foi o Zane o miúdo que bateu com o carro!

– Ah... ah, foi?

Apesar de tudo, estou abismada. Depois da minha conversa com ele, o Zane deve ter ido procurar algo para beber e apanhado uma borracheira.

– Ouvei dizer que recebeu um *e-mail* a chamá-lo ao gabinete do diretor – diz a Izzy, continuando a sua história sem a menor hesitação. – Suponho que estava em apuros por algo, não sei o quê. Mas todos ouvimos o estrondo quando o carro bateu. Toda a escola *tremeu*.

Uau, deve ter ficado mesmo assustado com a minha história sobre ser um agressor sexual.

– Está morto? – pergunto.

A Izzy limita-se a abanar a cabeça e oiço a Lexi fungar baixinho no banco de trás. Suponho que ninguém sabe. Mas que tenham chamado uma ambulância parece indicar que provavelmente ainda está vivo. Por enquanto.

– Lexi, querida? – digo. – Estás bem?

Ela não me responde. Em vez disso, limita-se a soluçar, encolhida sobre si mesma. Não compreendo porque está a chorar. Aquele sacana andava a *chantageá-la*. A ameaçar arruinar-lhe a vida inteira.

Fazemos o resto do caminho para casa em silêncio, interrompido apenas pelo som dos soluços da Lexi. Não sei o que dizer, e a minha experiência como mãe de raparigas adolescentes é que qualquer coisa que diga estará sempre errada, por isso mais me vale manter a boca fechada. Como se costuma dizer, mais vale guardar silêncio e que os nossos adolescentes nos achem idiotas do que abrir a boca e dizer algo sobre o qual possam mandar mensagens aos amigos.

Ao chegarmos a casa, a Izzy faz aquela coisa de entrar pela porta ao mesmo tempo que navega no seu telemóvel. Passado um momento, ergue o olhar.

– Está vivo – anuncia, empoleirando-se na beira do sofá. – Levaram-no para o hospital.

– Isso é bom – digo, e digo-o a sério. Bem, mais ou menos.

– Mas está gravemente ferido – informa ela. – A Jana diz que partiu o pescoço.

Ante esta nova revelação, a Lexi desata num choro histérico. Chocantemente, está ainda mais perturbada do que ontem à noite. Enterra o rosto nas mãos e todo o seu corpo treme de soluços.

Não compreendo. O Zane era *horrível*. Iludiu-a a dar-lhe fotos dela nua e ameaçou mostrá-las a toda a escola. Estava a chantageá-la para que fizesse sexo com ele. Que parte disto a deixa *triste* por ele estar ferido?

– Lexi, querida. – Passo-lhe um braço pelos ombros para a tentar consolar. – Porque estás a chorar?

– Porque estou a chorar? – repete ela, incrédula. – O meu namorado tem o pescoço partido!

– Mas ontem à noite tinhas um problema – saliento – e agora está resolvido.

A Lexi olha para mim com o seu rosto lacrimoso, que está petrificado numa expressão de horror.

– Não *assim* – responde, com a voz estrangulada.

Dito isto, solta-se do meu meio abraço e sobe as escadas de dois em dois degraus. A última coisa que oiço é a porta do seu quarto a bater com tanta força que faz chocalhar as janelas.

Bem, não percebo. Tinha um problema e eu *resolvi-o*. Oxalá alguém tivesse feito isso por mim quando estava em apuros. Talvez toda a minha vida tivesse sido diferente.

Em todo o caso, não me arrependo do que fiz. Nunca disse ao Zane para se embriagar e bater com o carro contra a escola, por amor de Deus. Sim, dei-lhe a entender como seria mau ser rotulado de agressor sexual, e estou certa de que se assustou ao receber aquele *e-mail* do diretor. Mas foi *ele* que bateu com o carro. Não era eu que tinha o pé no acelerador. Tudo o que aconteceu foi simplesmente... *karma*.

A Lexi não sai do quarto durante o resto da manhã e o início da tarde.

Vou algumas vezes ver como está. Bato à porta e, quando me grita que vá embora, sinto-me melhor. Se está zangada comigo, é uma emoção mais saudável do que estar triste por aquele falhado com quem nunca devia ter namorado em primeiro lugar. Nunca foi suficientemente bom para ela. É uma aluna do quadro de honra a fazer quatro disciplinas avançadas! Tanto quanto sei, ele mal se dava sequer ao trabalho de ir às aulas, e ouvi-o zombar dela por querer ficar em casa para estudar.

Diabos o levem.

Consulto intermitentemente as notícias para atualizações sobre o Zane. O *site* do *Hingham Household* continua a ser só pornografia, mas há muitos outros artigos sobre o acidente. Todos os artigos que encontro confirmam a história que ouvi da Izzy. Não referem que o Zane foi chamado ao gabinete do diretor por uma questão disciplinar, mas imagino que isso seja algo que estão a tentar guardar segredo.

Os artigos confirmam ainda que está bem vivo, ainda que as suas lesões pareçam realmente ser graves. Um refere um pescoço partido e diz que foi levado para uma cirurgia de urgência.

Por volta das duas, subo para ir ver como estão as minhas filhas.

Encontro a Izzy a estudar no seu quarto. Está sentada na cama, de pernas cruzadas, com um lápis na boca. É algo que o Cooper faz, na verdade, e acho estranhamente enternecedor que ela tenha apanhado esse hábito dele, pelo ambiente ou pela genética.

– Izzy – digo. – Tenho de ir fazer um recado. Volto daqui a cerca de duas horas.

– Está bem – assente ela, sem erguer o olhar.

– Podes ficar de olho na tua irmã por mim?

– Claro, mãe.

– Obrigada, querida. És a maior.

A Izzy sempre foi a filha mais fácil. Resolvi o seu problemzinho e ela ficou *grata*. Não fugiu a correr para o quarto e ficou a soluçar durante horas por o treinador Pike ter sido preso.

Em seguida, paro à porta da Lexi. Continua com a porta fechada, e bato baixinho. Não responde, por isso volto a bater.

– Vai-te embora – resmunga ela. Soa como se tivesse o rosto enterrado num monte de almofadas, o que pode bem ser verdade.

– Vou sair por um bocadinho – digo. – Queria só avisar-te.

– Está bem – responde ela, através da porta. – Tenta não matar ninguém.

Reprimo um sorriso. Não faz ideia.

Há um problema muito grande que preciso de resolver, e, depois de o fazer, talvez consiga voltar a dormir a noite inteira. Após quase meio século de vida, dei-me conta de que a única pessoa a velar verdadeiramente pelos meus interesses sou eu.

A viagem leva cerca de uma hora e pouco, subindo a I-95 para norte pela Costa Sul. Será mais longa no regresso, mas, se conseguir acabar antes da hora de ponta, talvez não seja muito má. Se ficar presa no trânsito nessa altura, levará uma eternidade.

Mas não tenho pressa.

Não fiz esta viagem em todo o tempo desde que vivo na Costa Sul. Estamos suficientemente longe de Cambridge para não haver motivos para isso. E, ainda que o Cooper não saiba porque deixei o MIT, sente que há uma razão por que não quero voltar, e nunca o sugeriu.

Mas hoje estou na autoestrada, a caminho de Cambridge. Só que não vou ao *campus* do MIT. Vou a uma casa fora dele. Uma a que nunca pensei regressar.

Vou à Zeta Pi. A república que me assombra os sonhos desde aquela noite do meu segundo ano.

Tornei-me tão boa a fingir que a noite que me arruinou a vida nunca aconteceu. Mas, ao longo do último ano, não consegui parar de pensar nisso. Tornou-se uma obsessão para mim. Sinto que estou a enlouquecer.

Tenho de fazer isto. Nunca me sentirei em paz enquanto aquela casa estiver de pé.

Pouco passa das três horas quando paro em frente à grande casa na fronteira entre Brookline e Cambridge. Há um lugar de estacionamento mesmo ao fundo da rua, e ocupo-o antes que mais alguém o possa fazer ou antes que mude de ideias. Desligo o motor e fico sentada no carro, a invocar toda a minha coragem.

Sou mais corajosa do que quando tinha dezanove anos. E mais forte. Eu consigo fazer isto.

Assim, pego na minha bolsa e saio do carro.

A casa parece diferente do que recordava. É mais pequena, para começar. Quando lá entrei, na noite da festa, há tantos anos, parecia gigantesca. Mas agora não parece assim tão maior do que qualquer outra na rua. É feita de tijolo cinza-acastanhado, com colunas brancas a ladear a entrada. As portas são de um branco sóbrio, e há um letreiro por cima da entrada com as palavras ZETA PI em caligrafia e as letras gregas por baixo. Cinco degraus conduzem à porta da frente, e as minhas pernas parecem pesadas enquanto os subo.

Ao chegar à porta, levo o indicador à campainha. Os tinidos ecoam pela casa. E eu espero.

A porta acaba por ser aberta por um jovem de ar apumado com uma *T-shirt* azul-marinho do MIT e umas calças de ganga azuis. O cabelo cai-lhe um pouco para os olhos, como o do Hutch na noite que não consigo esquecer. Odeio instantaneamente o miúdo.

– Olá – diz o rapaz. – Posso ajudá-la?

– Espero que sim – respondo, num tom alegre. – Chamo-me Nicole Quint e estou a escrever um artigo para o *Cambridge Chronicle* sobre as repúblicas do MIT. Posso entrar para conversarmos um pouco?

O *Chronicle* é um semanário que publica sobretudo artigos bajuladores e decididamente não faz jornalismo puro e duro. Estava ligeiramente preocupada com que o rapaz me pudesse interrogar sobre o artigo antes de me deixar entrar, e preparei respostas pelo caminho, mas, em vez disso, o seu rosto franze-se num sorriso entusiástico.

– Claro! – Desvia-se para o lado para me deixar entrar na república. – Entre!

Sorrio-lhe enquanto entro na casa onde vivi a pior noite da minha vida.

– Muito obrigada.

O dia passa devagar.

Parece que as cinco horas nunca mais chegam. A Sra. McCauley sai muitas vezes logo às três à sexta-feira, mas, talvez devido ao dinheiro em falta, vai ficar até mais tarde, pelo que não há hipótese de me escapulir.

Pior, não pára de me lançar olhares, como se não confiasse em mim. A dada altura, seguiu-me até à sala de descanso e pôs-se a olhar para mim enquanto eu aquecia os meus *noodles* de copo no micro-ondas. Planeava comer na sala de descanso, mas acabei por levar a comida para o meu gabinete e fechar a porta atrás de mim.

São sensivelmente três e meia quando o meu telemóvel começa a tocar em cima da secretária. Ao ver o nome da Lexi no ecrã, sinto um sobressalto, seguido de preocupação. A Lexi *nunca* me liga. A sua geração parece não fazer muitas chamadas em geral, mas nem me consigo lembrar da última vez que ligou para mim em particular. Se precisasse de algo, quase de certeza que ligaria à Debbie antes de a mim.

Por outro lado, a Debbie tem andado a agir de forma muito estranha ultimamente. Talvez a Lexi se sinta desconfortável quanto a falar-lhe de um problema. Conheço a sensação.

Pego no telemóvel e clico no botão verde para atender a chamada.

– Lexi?

– Pai? – Tem um tremor na voz. – Onde estás?

É uma pergunta estranha. São três da tarde de sexta-feira. Onde acha que haveria de estar?

– Estou no trabalho. Porquê?

– Achas... achas que podes vir para casa? Tipo, já?

Olho para o relógio, sabendo que é demasiado cedo para sair com a Sra. McCauley de vigia.

– É uma emergência?

– Mais ou menos. – Soa muito mais nova do que os seus dezassete anos. As minhas filhas são ambas adolescentes, mas parecem bebés ao telefone. – Acho que se passa algo de errado com a mãe.

O quê?

Pigarreio, tentando não tirar conclusões precipitadas. Eu e a Debbie sempre assumimos uma frente unida no que toca à parentalidade. Não a quero trair.

– Como assim?

– É só um monte de coisas que aconteceram – responde ela. – E tudo isso está... está a fazer-nos pensar que a mãe entrou, tipo, em modo justiceira.

– Em modo *justiceira*?

– Então, a Izzy foi expulsa da equipa de futebol – diz ela. – E, logo no dia seguinte, o treinador Pike é *preso*.

Inspiro fundo, não querendo admitir as minhas próprias suspeitas sobre essa noite.

– Bem, de certeza que foi coincidência.

– Pois – responde ela. – Mas então, ontem à noite, falei à mãe de uns... problemas que andava a ter com o Zane. E então, esta manhã, ele... ele bateu com o carro contra a escola. – Falha-lhe a voz. – Está no hospital agora.

Quase me engasgo.

– Ele *o quê*?

– Ela não te disse? – Surpreendida, a Lexi pisca os olhos subitamente húmidos. – Aconteceu esta manhã. Teve de nos ir buscar à escola, a mim e à Izzy.

Não, a Debbie não achou por bem referir que o namorado da nossa filha sofreu um acidente de viação grave. Aparentemente, não lhe pareceu suficientemente importante para me contar.

Credo, o que nos aconteceu?

– E então... – continua a Lexi.

Oh, meu Deus, há *mais*?

– Tive de imprimir uma coisa para a escola e a minha impressora não estava a funcionar, por isso desci para usar o computador fixo da mãe. E tinha um documento aberto no ecrã, e era... muito estranho.

– O que queres dizer com «muito estranho»?

– Hum, acho que é melhor vires para casa e dares uma olhadela, pai.

Sinto o estômago a apertar-se. Nem sei se quero saber. Mas é bastante evidente que não vou conseguir fazer trabalho nenhum.

– Onde está a tua mãe? – pergunto.

– Não sei – admite a Lexi. – Disse que ia fazer um recado, e isso foi, tipo, há uma hora e meia. Ainda não voltou.

Um *recado*? Como os *recados* que foi fazer nas últimas duas noites?

Abro o *Findly* no meu telemóvel, para ver onde foi. Mas, quando clico nela, a última localização conhecida da Debbie foi atualizada há duas horas. Deve ter desligado a partilha.

Não quer que eu saiba onde foi, e isso aterroriza-me por completo.

– Chego a casa num instante – digo à Lexi. – Não te preocupes. Vai correr tudo bem.

Também consigo mentir às minhas filhas, ao que parece.

Faço todo o caminho para casa trinta quilómetros acima do limite de velocidade. Não sei o que está naquele documento no computador da Debbie, mas não posso continuar a fingir que não se passa algo de gravemente errado com a minha mulher. Concordo com a Lexi – parece que a Debbie anda a fazer justiça pelas próprias mãos contra todos os que na sua vida lhe fizeram mal ou à sua família.

E temo que eu possa ter entrado para a lista.

Estaciono num ângulo estranho no caminho de acesso, mas não me incomodo a corrigi-lo. Salto do carro e dirijo-me à porta da frente. Mal introduzi a chave na fechadura quando a Lexi a abre.

A Lexi e a Izzy estão à minha espera com expressões de preocupação idênticas no rosto. E não apenas preocupação, mas algo mais. Como se contassem comigo para reparar tudo o que está errado nas nossas vidas. Desde pequenas que não olhavam assim para mim.

E é óbvio que continua a não haver sinal da Debbie. Consultei o meu telemóvel para ver se a sua localização aparecia antes de iniciar o caminho para casa, mas não tive essa sorte.

O que andará a fazer? Suspeito que este documento no seu computador será outra perturbadora peça do quebra-cabeças.

– Não sei o que fez ao Zane – diz-me a Lexi, enquanto fecho a porta atrás de mim. – Mas sei que algo foi.

– Como sabes?

– Porque ela basicamente disse-me. – Junta os punhos brancos. – Ao chegarmos a casa da escola, disse-me que tinha «resolvido» o meu problema. – Algumas lágrimas escorrem-lhe dos olhos castanhos, que vejo agora estarem raiados de sangue. – Mas eu nunca quis que fizesse isso! Nunca quis que o Zane se *magoasse*.

Olho para a Izzy a seguir, que diz:

– Também estou preocupada com a mãe. Mas não me importa que o treinador Pike esteja na prisão. Era um cretino.

Bom saber.

– Deixem-me dar uma olhadela ao computador – digo, tentando soar calmo.

O computador da Debbie está na sala de estar. As meninas têm ambas portáteis, mas a

Debbie quis comprar um computador fixo, com toda uma explicação complicada sobre como sentia que podia obter mais potência por um preço similar. Não discuto com a Debbie no que toca à tecnologia, por isso ela comprou-o.

Sento-me na cadeira ergonómica em frente ao computador. Movo o rato e o ecrã ganha vida. Uma mensagem pede-me uma palavra-passe, e olho para a Lexi.

– É a data do aniversário da Izzy seguida da minha – diz-me ela.

Bem, merda. Olho para ela, impotente.

– Pai! – exclama a Lexi.

– Está bem, está bem.

Eu sei isto. É suposto ser bom com números, mas, por alguma razão, pareço nunca conseguir fixar os aniversários. Finalmente, digito 1523 e, graças a Deus, consigo entrar, porque tenho quase a certeza de que nenhuma delas me voltaria a falar durante uma semana se me tivesse enganado.

Há uma pasta intitulada «Querida Debbie» no ambiente de trabalho. Abro-a e está cheia de documentos *Word*. Clico num deles. Parece ser uma carta para a Querida Debbie, seguida da sua resposta.

– É só a coluna dela – digo. – Qual é o problema?

– É a coluna dela – confirma a Lexi. – Mas lê as respostas às cartas. São muito, muito estranhas.

Olho para a pergunta aberta no ecrã.

Querida Debbie,

Oh, adoro tricotar. Há algo de tão pacífico em sentar-me na cadeira de baloiço do meu alpendre com a minha lã, as agulhas e um copo de chá gelado bem frio ao lado. A minha filha adora os presentinhos que faço para os meus netos, e todos os meus amigos agradecem os cachecóis que lhes dou nas festas. Mas o meu marido simplesmente não vê o encanto.

No inverno passado, tricotei-lhe um adorável cachecol azul que era do mais suave e quente que há, mas o homem não o usou nem uma vez! Nem para me fazer a vontade! Mas usa cachecóis do centro comercial como se fossem feitos de ouro. Não sou de armar escândalo, mas aquecer-me-ia o coração vê-lo usar alegremente um dos meus presentes caseiros.

Alguma sugestão de como convencer o meu marido de que o meu cachecol feito em casa, tricotado com amor, é tão bom – ou melhor – do que o que comprou na loja?

Nancy Tricotadeira

Querida Nancy Tricotadeira,

Da próxima vez que forem os dois sair juntos num dia frio, porque não sugerir-lhe que use o seu cachecol? Se estiver relutante, pode ir buscá-lo e enrolar-lho pessoalmente à volta do pescoço. Se o apertar com força suficiente, provavelmente não o conseguirá tirar. E se o apertar ainda mais, deixará de se poder queixar. Sinta-se à vontade para lhe apertar esse cachecol ao pescoço com toda

Fico boquiaberto. Admito que não leio a coluna da Debbie todas as semanas, mas tenho quase a certeza de que nunca vi nada *assim* lá publicado. Geralmente, os seus conselhos são sobre tirar nódoas ou sugestões para uma noite de cinema. São bastante inofensivos.

Não costumam envolver estrangulamento.

Nitidamente, isto nunca foi publicado. É um rascunho que escreveu e guardou no seu disco rígido, só que não sei bem porquê. Terá respondido pessoalmente à Nancy Tricotadeira? Estarão as duas atualmente a trocar conselhos sobre asfixia?

– Li a maioria dos ficheiros – diz-me a Lexi. – Para aí oitenta por cento deles são instruções para como matar o marido. – Hesita. – Fizeste alguma coisa para irritar a mãe?

Merda.

– Não – minto.

– Pai, achas que a mãe enlouqueceu? – pergunta a Izzy, em voz ténue.

– Eu... não sei. – Ante a expressão abatida no seu rosto, apresso-me a continuar. – De certeza que está bem. Está só a passar por um período difícil.

Abro os ficheiros, um a um. Não melhora. Na verdade, *piora*. A Debbie inventou *muitas* formas criativas de aconselhar mulheres a matarem os maridos.

Pego no meu telemóvel. Volto a verificar o *Findly*, mas continua a não ter atualizações desde que ela saiu de casa. Clico no seu nome nos meus contactos e espero enquanto o telemóvel chama. E chama.

– Não atende? – pergunta a Izzy.

– *Parece-te* que estou a falar com alguém? – Arrependo-me instantaneamente de explodir. Isto não é culpa dela. – Não, não atende.

O seu rosto esmorece.

A chamada vai para o correio de voz, e deixo uma mensagem:

– Debbie? Sou eu. O Cooper. – Porque acho que não vai saber quem sou «eu»? Mas, neste momento, a verdade é que não sei o que lhe vai na cabeça. – Preciso muito de falar contigo. Encontrei... Enfim, por favor, liga-me assim que receberes isto. Por favor. – Respiro fundo. – E não... não faças nenhuma estupidez.

Desligo e vejo as minhas filhas atrás de mim junto ao computador, a olhar-me com inquietação. Provavelmente, devia ter-me mostrado mais calmo na mensagem de voz e guardado o pânico para as de texto. Mas não consigo evitar. Que *diabo* anda a Debbie a fazer? Onde está?

– Talvez devesse ver onde a mãe foi antes? – sugere a Lexi.

Abano a cabeça.

– Como assim?

– Tipo, na aplicação *Findly* que ela criou – diz ela. – Ver onde foi ontem e no dia

anterior.

– Espera, pensava que só se podia ver a localização atual.

– Oh, pai – suspira a Lexi. – És *tão boomer*.

O quê? Não tenho tempo para decifrar o seu insulto de Geração Z. Empurro o meu telemóvel na sua direção.

– Mostra-me o que queres dizer.

A Lexi pega no aparelho e mostra-me que, se clicar no ícone com o rosto da Debbie, aparecem três pontos. Clica neles e isso abre uma série de localizações.

– Vês? – pergunta. – Mostra todos os lugares onde estive na última semana, se lá tiver parado durante pelo menos dez minutos.

Caraças. Não sabia que a aplicação podia fazer isso. A minha mulher é muito talentosa.

Percorro a lista de locais que visitou antes de desligar a partilha de localização. A maioria é fácil de reconhecer e não é preocupante. Há a escola. A loja de plantas. O supermercado. O Titan Fitness. Aquela casa em Weymouth onde o Robert Pike vive. O Estaleiro de Hingham.

E depois dois outros locais que não encaixam em nenhuma dessas categorias.

Oh, merda. Oh, não.

– Pai? – diz a Lexi, ao ver a expressão no meu rosto.

Abro a lista de contactos do meu telemóvel e clico num dos meus favoritos. Rezo para comigo para que oiça alguém atender do outro lado da linha, mas não me surpreende quando vai para o correio de voz. Ainda assim, ligo outra vez, por precaução.

Isto é muito mau.

Bruscamente, levanto-me da cadeira, que desliza vários metros, colidindo contra o nosso sofá.

– Tenho de ir.

A Lexi e a Izzy trocam um olhar.

– Ir onde? – pergunta a Lexi.

– Venho para casa assim que puder – digo, apalpando os bolsos para confirmar que as minhas chaves e o meu telemóvel estão lá. – E, se a vossa mãe ligar ou vier para casa, liguem-me de imediato.

– Pai, onde vais? – insiste a Lexi.

Mas não lhes posso dizer. A minha suspeita é demasiado horrível para expressar por palavras.

– Volto em breve – digo apenas.

Posso apenas rezar para ter percebido tudo mal.

O rapaz desvia-se para o lado para me deixar entrar na república. Tem uma expressão aberta e amistosa no rosto, porque não faz ideia do que tenciono fazer. Se soubesse, não me deixava passar da porta da frente. Na verdade, é provável que chamasse a polícia.

– Chamo-me Lennox – diz-me ele. – Sou o presidente da república.

– Lennox é o seu primeiro nome ou o apelido?

Ele ri-se. Parece doce e sincero, mas o Hutch também parecia.

– É o primeiro nome. O apelido é Newberry.

– Como a loja de banda desenhada.

– Mas sem relação – responde ele, assentindo.

Olho para o pequeno espaço da sala de estar. Tem um sofá gasto, que parece ter vindo da beira da estrada, e uma mesa de apoio com livros empilhados em cima. O do topo chama-se *Termodinâmica Estatística*. Este sítio parecia tão diferente na noite que mudou a minha vida. Se alguém me transportasse para aqui sem me dizer onde estava, jamais saberia. Suponho que tenha um aspeto diferente à noite, cheio de música alta e com o fedor a álcool e tabaco no ar.

– Então, o artigo é sobre o quê? – pergunta-me ele.

– É só uma reportagem sobre a vida nas repúblicas – explico. – Escolhemos a Zeta Pi ao acaso e queremos só saber como é viver aqui.

Pensei que comentaria que parece um artigo muito aborrecido, mas, em vez disso, assente como se fosse completamente razoável.

– Quer uma visita guiada? – sugere.

Hesito. Quero efetivamente uma visita guiada. É parte da razão por que cá estou, mas parte de mim teme que possa ficar alterada ao lembrar o que me aconteceu naquela noite. A última coisa que quero é ter um ataque de pânico nesta república.

Mas vim cá com um propósito. E não vou partir até o meu trabalho estar feito.

– Adoraria uma visita guiada – respondo.

O Lennox sorri entusiasticamente, apontando para a sala onde estamos.

– Esta é a nossa sala de estar – diz. – Passamos muito tempo a conviver aqui, sobretudo a conversar. Fazemos as nossas reuniões na cave.

– É na cave que dão festas? – pergunto, tentando afastar a tensão da voz.

Se o Lennox nota o tom implícito, não o deixa transparecer.

– Sim. É um grande espaço aberto, por isso é perfeito para festas. Não fazemos nada de *muito* louco, ainda assim. É o MIT, afinal.

Ri-se da sua própria piada, mas não me junto a ele.

– Todos os irmãos da república são amigos – diz-me ele. – Obviamente, alguns são mais próximos do que outros, mas considero cada membro da Zeta Pi meu irmão. Olhamos uns pelos outros.

– E se algum de vocês fizesse algo de errado, por exemplo? – Levo a caneta ao bloco de notas que astutamente comprei numa drogaria a caminho de cá. – Todos os irmãos seriam responsabilizados?

Ele tira um momento para refletir nessa pergunta.

– Sim, acho que sim. Cada membro da Zeta Pi representa todos nós. Se um de nós fizer algo de errado, isso reflete-se em toda a república.

Pergunto-me se os outros irmãos sabiam o que o Hutch andava a tramar. Tenho sérias dúvidas de que tenha sido a primeira vez que fez algo assim. Era tão confiante. Em retrospectiva, foi tudo muito ensaiado.

Se um de nós fizer algo de errado, isso reflete-se em toda a república. Se os outros irmãos soubessem que o Hutch andava a fazer algo de errado, tê-lo-iam encoberto. Não queríamos que as suas ações dessem uma má imagem de todos eles. Uma república podia ver o seu estatuto revogado por algo assim.

O Lennox guia-me pelo rés do chão da casa. Mostra-me a cozinha e um pequeno pátio nas traseiras. É tudo infinitamente enfadonho, mas finjo estar fascinada com tudo o que me mostra. A visita guiada a este andar termina ao fundo de um lanço de escadas.

– A maioria dos nossos membros vive na casa – explica ele. – Quer ver os quartos? Estarão provavelmente bastante vazios, visto que estão todos nas aulas agora.

Preferia comer vidro, mas sei que tenho de ir com ele. Não poderei fazer isto se não for.

– Isso seria ótimo, obrigada.

Sigo-o pelas escadas até ao primeiro andar com uma sensação de fatalidade arrepiante. A última vez que subi estes mesmos degraus foi há cerca de vinte e cinco anos. Não sabia o que estava prestes a acontecer e que toda a minha vida estava prestes a mudar.

– Então, como disse – continua o Lennox, ao cimo das escadas, alheio a tudo –, a maioria dos nossos membros vive na casa. Temos beliches, por isso é um pouco apertado, mas vale a pena, para podermos viver com os nossos irmãos. Gostaria de ver um dos quartos?

– Sim – respondo, num guincho.

Guia-me pelo corredor e o primeiro quarto à esquerda tem já a porta entreaberta. Acaba de a abrir, revelando um pequeno quarto com um beliche e duas secretárias. De certo modo, parece um quarto de dormitório universitário normal. Nada de especial.

Mas é quase idêntico ao quarto em que estive naquela noite. Tanto que a minha cabeça começa a andar à roda.

Por favor, pára!

Não te preocupes. Isto vai acabar num minuto.

O meu coração começa a acelerar. Subitamente, sinto-me zozza – há uma muito clara possibilidade de poder desmaiar. O Lennox continua a falar sobre a carga horária no MIT e como ainda tem *stress* pós-traumático da sua disciplina de sistemas operativos do semestre passado.

– Já nem consigo entrar naquele edifício – graceja.

Respiro fundo, tentando controlar-me. É só um quarto de república. Nada mais. Já não me pode fazer mal.

Tu consegues, Debbie. És mais forte do que quando tinhas dezanove anos.

– Ei. – O Lennox interrompe o seu monólogo quando o bloco de papel me cai dos dedos, abrindo-se no chão. – Sente-se bem? Está um pouco pálida.

– Ótima. – Sorvo outra golfada de ar enquanto me baixo para apanhar o bloco com os meus rabiscos. – Saltei o almoço. Que estupidez a minha.

Ele sorri-me, compreensivo.

– Podemos ficar por aqui, se quiser. Na verdade, só lhe falta ver a cave. Mas podemos saltá-la, se preferir.

– Não. – Endireito os ombros. A sensação de vertigem passou e a minha determinação está de volta. Cheguei até aqui e não estou prestes a voltar atrás. – Vamos terminar a visita guiada.

Lanço um último olhar ao quarto. É igual a qualquer outro quarto de república universitária, mas algo me chama a atenção: o isqueiro numa das duas secretárias. Não contava necessariamente ver um, mas, agora que vi, sei que é a este quarto que terei de regressar.

O Lennox guia-me ao exterior do quarto, mas, antes de sair, largo casualmente a minha bolsa na secretária mais perto da porta. Ele não me vê fazê-lo, mas, quando a visita guiada terminar, vou explicar-lhe que a deixei acidentalmente para trás e ele vai deixar-me voltar cá acima para a vir buscar.

É então que vou pegar fogo à Zeta Pi.

Hoje, vou acabar com isto.

A Debbie foi a casa do Ken Bryant.

Não sei porquê, mas estive em casa do Ken ontem. O *Findly* não diz a hora exata a que lá estive, mas reconheço a morada. Tento pensar numa razão benigna por que possa ter ido a casa do meu iminente antigo chefe, que supostamente está neste momento numa viagem de pesca.

Não me consigo lembrar de nenhuma.

As minhas filhas fitam-me com preocupação enquanto volto a sair pela porta da frente e entro no meu carro. Quero garantir-lhes que vai ficar tudo bem, mas, a cada momento que passa, tenho cada vez menos certeza disso.

Mas pode estar tudo bem. Talvez a Debbie só tenha ido lá para falar com o Ken sobre o emprego e lhe pedir que ponderasse deixar-me ficar. De certeza que foi só isso.

Na verdade, não, não tenho de todo a certeza disso.

O Ken tem uma boa casa em Hingham, a cerca de dez minutos de carro da nossa. Tem filhos, ainda que estejam ambos agora na universidade. É também casado, mas raras vezes fala na mulher e dá-me a sensação de que se podem ter separado, a dada altura. Portanto, é perfeitamente possível que viva agora sozinho naquela casa grande.

Quando chego, a casa parece tranquila. As luzes parecem estar todas apagadas e não está nenhum carro no caminho de acesso, mas isso não quer dizer que não tenha um estacionado na garagem. Pelo menos, não parece haver sinais de vida.

Estaciono na rua e saio do meu carro, sempre a suster a respiração. A explicação mais provável para a casa às escuras é o Ken estar numa viagem de pesca. A Debbie veio provavelmente defender a minha causa, descobriu que ele não estava em casa e partiu.

Mas a Lexi disse-me que a aplicação só regista as moradas onde parou por mais de dez minutos. Pelo que, se o Ken não estava em casa, o que passou ela dez minutos inteiros a fazer?

Paro à porta da frente e toco à campainha. Os tinidos ecoam no interior da casa, mas, quando o som esmorece, o silêncio é total. É óbvio que ninguém vai abrir a porta.

Sei por quando lhe reguei as plantas que o Ken esconde uma chave no exterior da casa. Muita gente faz isso no nosso bairro, mas a Debbie não nos deixa. Insiste em que são demasiado fáceis de encontrar e facilmente alguém poderia entrar em nossa casa.

Enquanto procuro por baixo das plantas envasadas junto ao alpendre da frente e descubro uma pequena chave de bronze, tenho de concordar com ela.

Regresso à porta da frente, desta vez armado com uma chave. Enquanto a insiro na fechadura, pergunto-me o que estou a fazer. Estou basicamente a invadir a casa do meu chefe. Não me disse para lhe regar as plantas e não me deu certamente autorização para entrar em sua casa. Mesmo tendo uma chave, é invasão de propriedade.

Mas, depois de ter visto este local no histórico da Debbie, não posso sair daqui sem verificar a casa. Tenho causa provável para entrar, embora saiba que, juridicamente, essa desculpa só se aplica à polícia.

Tal como o exterior, o interior da casa do Ken está inquietantemente silencioso. As luzes estão apagadas e o silêncio é tão grande que dava para ouvir uma mosca. Ainda resta luz do dia suficiente para eu poder olhar para a sua sala de estar, que é muito melhor do que a minha. Tem dinheiro para os melhores móveis e para uma televisão que parece ter o dobro do tamanho da minha.

– Ken! – chamo.

Como era de esperar, não obtenho resposta.

Não sei o que esperava encontrar aqui. O cadáver do meu chefe, espancado até à morte no meio da sala de estar? É óbvio que não está aqui. Provavelmente, está a pescar, como disse que estaria.

Quanto à Debbie, não sei o que veio fazer aqui, mas não veio nitidamente para destruir a casa. A sala de estar está imaculada.

Pela primeira vez desde que vi esta morada no ecrã do meu telemóvel, sinto-me relaxar. Sim, a Debbie tem andado a agir de forma estranha ultimamente, e parecemos ser temporariamente incapazes de a localizar. Mas não fez *mal* a ninguém. Não enlouqueceu por completo.

Vai ficar tudo bem.

E teria continuado a acreditar nisso. Teria dado meia volta e ido para casa, certo de que estava tudo ótimo em casa do Ken Bryant, mas, nesse exato momento, oiço um telefone tocar.

E não é um telefone fixo. É um muito característico toque de telemóvel. Vem da direção do sofá.

Aproximo-me do sofá de cabedal ao canto da sala, que parece ser de onde vem o toque. Só ao chegar mais perto é que vejo que está um telemóvel escondido por entre as almofadas. Pego-lhe e encontro o nome da Sra. McCauley a piscar no ecrã.

Após mais um segundo, a chamada vai para o correio de voz. O ecrã de bloqueio alerta-me para múltiplas mensagens de texto e de voz, maioritariamente da Sra. McCauley, que chegaram nos últimos dois dias.

Teria o Ken ido em viagem de pesca sem o telemóvel? Suponho que é possível. Talvez quisesse desligar por alguns dias. Mas, para ser sincero, não parece do Ken. *Nunca* está sem telemóvel. E, mesmo que tivesse decidido deixá-lo para trás, não o teria ligado à ficha para carregar?

Algo está errado aqui.

Volto o olhar para a escadaria que dá ao primeiro andar. O meu plano era sair sem mais investigações, mas agora fiquei curioso. Já estou na casa. Tenho de verificar o primeiro andar.

Pousando o telemóvel do Ken na mesa de apoio, dirijo-me à escadaria.

Nunca cometi fogo posto.

Nunca pensei sequer nisso. Fico ansiosa quando tenho a chama demasiado alta no fogão. Nem gosto de grelhar bifés, quanto mais toda uma república.

Pensava que resolver a situação do Zane me faria sentir melhor. Pensava que aliviaria a pressão que tem vindo a crescer na minha cabeça. Mas nada foi reparado. Alegro-me por ter podido ajudar a minha filha com o seu problema, mas os meus próprios problemas continuavam lá. A casa onde a minha vida desabou continuava literalmente *lá*.

E então ocorreu-me a ideia de que podia pegar fogo à Zeta Pi. Podia incendiar aquela casa e deixá-la reduzir-se a cinzas.

Trouxe-me uma sensação de paz como não sentia há mais de vinte e cinco anos.

Não quero que ninguém se magoe. Foi por isso que vim cá a meio da tarde, quando a maioria dos alunos está provavelmente nas aulas. Parte de mim sente que os rapazes desta república merecem o que quer que lhes aconteça, mas não tenho a certeza disso. O Hutch já acabou o curso há muito tempo, tal como quaisquer dos seus irmãos que o estivessem a proteger. Não quero matar nenhum inocente.

Aninhado na minha bolsa está um cigarro colado a uma caixa de fósforos. Antes de sair da república, direi ao Lennox que me esqueci da bolsa no andar de cima. Irei a correr buscá-la, utilizarei o isqueiro em cima da secretária para acender o cigarro e deixá-lo-ei na cama do rapaz a quem o isqueiro pertence. É a melhor hipótese de fazer com que pareça um acidente.

Porei também o cigarro e os fósforos em cima de alguns pedaços de papel. Tinha alguns na minha bolsa, por via das dúvidas, mas vi também uns quantos restos de papel em cima da secretária, e será mais autêntico se usar esses. À medida que for ardendo, o cigarro incendiará os fósforos, que, por sua vez, pegarão fogo ao papel, que fará o mesmo aos lençóis. Chegado a esse ponto, o fogo alastrará rapidamente.

Por essa altura, já eu terei partido há muito.

O Lennox guia-me de volta ao rés do chão e abre a porta da cave. Referiu-se a esta divisão como onde fazem as suas reuniões, mas é também obviamente onde dão as suas festas. Reconhecê-lo-ia ainda que não tivesse estado numa festa nesta exata divisão.

– Como vê, é um espaço aberto. – Aponta alguns sofás encostados à parede, e há até um

palco improvisado na dianteira da sala. – Organizamos algumas noites de convívio aqui, com microfone aberto. É bastante divertido.

– Parece – digo, mal o ouvindo.

Ele inclina a cabeça.

– Quer tirar algumas fotos ou assim?

Não quero parecer suspeita. Está a fazer-me toda uma visita guiada, e é provável que pareça estranho eu não estar a tirar fotos.

– Sem dúvida – respondo. – Vou escrever primeiro o artigo, mas o nosso fotógrafo vai entrar em contacto consigo para a semana para agendar uma sessão.

O Lennox aceita esta explicação sem questionar.

– Oh, boa.

Olho novamente para a divisão, e há vários cartazes instalados nas paredes. Os meus olhos pousam no que está mais perto de mim. Em grandes letras maiúsculas, diz: NÃO DEIXES A TUA BEBIDA SOZINHA.

O Lennox vê-me a olhar para o cartaz.

– Temos isso aí para as festas – explica.

Arqueio uma sobrancelha.

– Oh?

– A nível nacional, o risco de abuso sexual é mais alto nas festas de república, tanto masculinas como femininas. – Para minha surpresa, parece muito ávido por falar neste tema sensível. Seria de esperar que um rapaz de república fugisse dele como da peste. – Levamos isso *muito* a sério aqui. Não temos taças de ponche e incentivamos as nossas convidadas a beberem de latas e garrafas por abrir. E fechamos os pisos de cima durante as festas, para ninguém ir para os quartos. Todos os foliões estão onde os podemos ver.

– Mas não pode prevenir por inteiro o abuso sexual – saliento.

– Talvez não – diz o Lennox, e faíscam-lhe os olhos. – Mas sou presidente da Zeta Pi e nada disso vai acontecer nesta casa enquanto eu estiver no comando. Se alguma vez suspeitasse que um dos meus irmãos estava a tentar drogar uma rapariga ou aproveitar-se dela, iríamos investigar. Qualquer pessoa que fizesse isso... estaria *fora*.

Parece dizê-lo a sério. Claro que acha que sou jornalista e que tudo isto vai sair num artigo. O que haveria de dizer? *Os nossos membros passam a vida a drogar miúdas! É tão divertido!* Custa a imaginar que muito tenha mudado desde que eu era cá aluna. Os rapazes continuam a ser rapazes.

Mas tem aquele cartaz na parede. E puxou o tema sem eu ter sequer de perguntar, com regras sólidas em vigor que parecem... bem, *reais*. Parecia furioso com a ideia de qualquer tipo de abuso sexual acontecer sob este teto.

– Enfim – diz o Lennox. – Isso encerra a visita guiada. Acho que não tenho mais nada para lhe mostrar, mas tenho todo o gosto em responder a quaisquer perguntas que tenha.

– Não – respondo. – Já vi o suficiente.

Regressamos ao rés do chão e ele acompanha-me à saída. Abre-me um sorriso enternecedor.

– Adoraria ver o artigo quando sair – comenta. – Envia-nos um exemplar?

– Claro – digo. – Vou enviá-lo para a Zeta Pi, ao cuidado de Lennox Newberry, como a loja de banda desenhada.

Ele ri-se.

– Isso mesmo.

E então chegamos à porta da frente. É agora ou nunca. Vim aqui por justiça e esta pode ser a minha única oportunidade.

– Oh, bolas. – Olho para o meu braço direito e abano a cabeça. – Que tola. Esqueci-me da minha bolsa lá em cima. Acho que a pousei numa secretária quando me comecei a sentir um pouco estranha.

– Ups – diz o Lennox. – É melhor ir buscá-la. Precisa que lhe mostre outra vez o caminho até lá cima?

Que *cavalheiro*. Mas não será necessário.

– Não. Sei exatamente onde a deixei. Serão só dois minutos.

– Está bem – diz ele, sem o menor indício de suspeita. – Tenho imenso que estudar para o meu exame de termodinâmica na segunda-feira, por isso vou ficar só aqui no sofá e voltar a isso.

Deixa-se cair no sofá, pegando no pesado manual e num pacote de sublinhadores. Não parece minimamente preocupado comigo. Afinal, pareço perfeitamente inocente. Provavelmente, faça-lhe lembrar a mãe.

Nem olha para mim enquanto subo as escadas para o primeiro andar.

S ubo as escadas para o primeiro andar.

Nunca estive no primeiro andar da casa do Ken. Na verdade, só cá estive duas vezes, ambas para lhe regar as plantas na sua ausência. Não recebe visitas, pelo menos não de colegas de trabalho, e suspeito que de ninguém. Nunca conheci a mulher dele e ele nunca conheceu a Debbie.

Ao chegar ao cimo das escadas, deparo-me com cinco portas, uma das quais está ligeiramente entreaberta. As outras estão fechadas. Começo pela aberta e rapidamente descubro que é uma casa de banho. Acendo as luzes e está vazia. Não há sangue no lavatório nem cadáveres a flutuar na banheira – só uma casa de banho normal que não parece ter sido usada recentemente. Talvez o Ken tenha mesmo só saído da vila por alguns dias e deixado o telemóvel para trás.

A partir daí, começo a descer o corredor. Verifico o primeiro quarto, que é uma pequena divisão com uma cama de solteiro no interior e cartazes na parede de uma banda chamada Glass Animals, de que nunca ouvi falar. Presumo que seja o quarto de um dos filhos que foram para a universidade. O quarto que verifico a seguir também tem uma aura de adolescente, e apresso-me a seguir caminho.

O seguinte contém uma cama de casal impecavelmente feita e uma pequena cómoda. Se tivesse de adivinhar, diria que é um quarto de hóspedes. Não parece que alguém tenha vivido neste quarto desde há muito tempo. O Ken não é do tipo de receber hóspedes.

Resta apenas mais um. A julgar pelos últimos três quartos que verifiquei, este deve ser o quarto principal. Se olhar lá para dentro e estiver vazio, posso dizer confortavelmente que o Ken pode estar seja onde for, mas não está nesta casa.

(Na verdade, ainda há o sótão. Mas só vou *lá* a cima se ouvir gritos ou assim.)

Com a mão direita, rodo o puxador da última porta. Noto imediatamente que este quarto está mais escuro do que os outros, pois todas as cortinas foram corridas. Não há nada de intrinsecamente suspeito nisso, mas invade-me uma súbita sensação de pavor. Acabo de abrir a porta.

E caio de joelhos.

Pensava que, se visse algo verdadeiramente horrível, gritaria. Neste momento, porém, não me sai qualquer som da boca. Só consigo olhar para o corpo inerte do meu chefe

deitado na cama, de olhos entreabertos e queixo caído, com um buraco de bala no meio da testa.

Está morto. E provavelmente já está assim há algum tempo. Pelo menos desde ontem de manhã, quando não apareceu para trabalhar.

Não pareço conseguir voltar a levantar-me. Uma vaga de náuseas apodera-se de mim e preciso de todas as minhas forças para não vomitar. Enfio a cabeça entre as pernas, sorvendo grandes golfadas de ar.

O Ken está morto. Alguém lhe deu um tiro. Alguém o assassinou.

E não me posso esquecer da razão por que estou aqui em primeiro lugar. Porque o meu telemóvel me disse que a Debbie cá tinha estado.

Mas isso não quer dizer que seja a Debbie a responsável por isto. Parece que o Ken podia estar a passar por um divórcio, a julgar pela total ausência da mulher e por alguns comentários que ouvi à Sra. McCauley. Pode ter sido *ela* a responsável. Ou... um assaltante! Pode ter sido um assaltante a alvejá-lo. *Tudo* faria mais sentido do que a Debbie ter assassinado o Ken por ele se recusar a promover-me. Nem sequer tem uma arma.

Bem, tenho de me acalmar. Tenho de me recompor e de chamar a polícia para lhes dizer o que aconteceu.

E então, quando vou a pegar no meu telemóvel, ocorre-me outro pensamento. Um que me faz parar bruscamente.

É verdade que a Debbie não tem uma arma. Mas *eu* tenho. Está registada em meu nome. E coberta das minhas impressões digitais.

Inspiro fundo.

Pensava que a Debbie podia ter vindo aqui para pedir ao Ken que me devolvesse o meu emprego. E pensava que havia a hipótese de, quando ele recusou, ela se ter zangado e ter feito algo terrível. Mas, agora que penso com mais clareza, dou-me conta de que, uma vez que o homem foi alvejado no quarto, parece improvável que a Debbie estivesse a ter uma conversa com ele que deu para o torto. Se *for* a Debbie a responsável por isto, as suas motivações foram muito diferentes do que originalmente julgava.

Merda.

Tenho de sair daqui. Tenho de verificar a minha garagem.

Acelero pelo sentido sul da I-95 em direção a casa, com uma estação de música *pop* em altos berros no rádio. Passei mais tempo do que esperava na república, mas completei a minha missão e agora estou pronta para o próximo passo na minha cura.

Tenho de dar a alguém uma lição que nunca esquecerá.

Desliguei o meu telemóvel ao aproximar-me da república porque não queria que houvesse hipótese de alguém poder provar que eu estava lá na altura do incêndio. Quando o voltei a ligar, depois de partir, tinha dúzias de mensagens de voz e de texto do Cooper. Está desesperado por me contactar. A última estava toda em maiúsculas.

DEBBIE, POR FAVOR, LIGA-ME!!! LAMENTO TANTO POR TUDO!!!!

Hum, é um pouco tarde para isso, não é? Mas tudo bem. Lamenta *tanto*. Lidarei com ele em breve.

Alguns minutos depois de entrar na autoestrada, o ecrã do meu painel de bordo anuncia uma chamada da Harley. É a modos que uma coincidência, porque tencionava ligar-lhe eu mesma, portanto isto poupa-me o trabalho.

– Olá, Harley – digo.

– Debbie! – Está provavelmente em casa, a julgar pela falta de ruído de fundo. – Sei que é um pouco à última hora, mas estarias interessada em vir cá jantar hoje?

Sorriso. O Cooper e as meninas podem encomendar uma *pizza* esta noite.

– Parece-me ótimo. Vais cozinhar?

– Sem dúvida! Alguma *alergia*?

Rio-me.

– Não, como qualquer coisa que faças.

– Fantástico! Podes estar aqui às seis?

Com a quantidade de trânsito na estrada, parece-me que será mais ou menos isso. Vai ser uma viagem lenta de regresso à Costa Sul.

– Claro.

– Maravilhoso! Mal posso esperar!

Sim, pois.

Tem uma lata, esta rapariga. Acha mesmo que não faço ideia do que anda a fazer. Quando a conheci, achei que era «fixe» e fiquei estupidamente entusiasmada por fazer uma nova amiga. Pensei que, ao fim de tantos anos, talvez tivesse encontrado alguém em quem podia confiar.

Como pude ter-me enganado tanto?

A Harley não é minha amiga. É uma pessoa terrível.

Lanço um olhar ao porta-luvas do carro, que contém a arma que tenho trazido comigo nos últimos dias, desde que a tirei do seu esconderijo. Sempre que lhe toco, calço umas luvas de cabedal, para evitar que as minhas impressões digitais passem para ela e para preservar as que já lá estão.

Esta noite será a última vez que utilizarei a arma. Da próxima vez que alguém lhe pegar, será uma prova.

Tenho de sair de casa do Ken o mais rápido possível.

Tem uma vedação a rodear a propriedade, por isso, com sorte, os vizinhos não me viram. Já é um pouco tarde, quase hora do jantar, e, seja como for, as pessoas provavelmente não estão a prestar muita atenção a esta casa. Estão focadas em voltar para as suas, para as suas próprias famílias.

Pondero limpar tudo o que possa ter tocado. Mas não me lembro no que toquei. Toquei decididamente no puxador e na porta da frente, mas isso é fácil de explicar. É o meu chefe, afinal. Não é suspeito que tenha estado em sua casa.

Há o telemóvel, ainda assim. Teria dificuldade em explicar porque estão as minhas impressões digitais nele.

Encontro o aparelho onde o deixei, em cima da mesa de café. Quero sair daqui, mas tenho de limpar isto, ou vai parecer muito mal para o meu lado. Entro na cozinha e pego no rolo de papel. Isto não deve levar muito tempo.

Infelizmente, limpar impressões digitais de um telemóvel revela-se mais difícil do que eu julgava. Se tivesse luvas, seria fácil, mas tentar limpá-lo sem lhe tocar *mais* durante o processo parece impossível. Sinto-me tentado a vasculhar-lhe a cozinha para ver se tem algumas luvas de borracha que me possa emprestar, mas e se deixar impressões digitais *lá*?

Faço o melhor que posso. Limpo um lado e depois seguro-o pelas beiras para o virar ao contrário e o limpar pousado na mesa de apoio. Não posso garantir que não tenha ficado nenhuma impressão parcial para trás, mas estou a perder demasiado tempo. Tenho de sair daqui – já.

Penso em esgueirar-me pelas traseiras, mas parece-me que isso podia ser pior. Alguém a escapular-se por aí poderia ser mais suspeito para os vizinhos. Mais me vale sair só pela porta da frente o mais descontraidamente possível. É hora de jantar e uma pessoa a entrar ou a sair da casa de um vizinho não deve atrair muita atenção.

Quando vou a sair pela porta da frente, contudo, reparo em algo que não vi ao entrar. Algo que me faz perceber que não me devia ter preocupado tanto com os vizinhos.

Há uma câmara à porta.

Está uma câmara montada por cima da porta, que me apanhou a entrar na casa e, agora,

a sair. Estava preocupado com os vizinhos, mas esta câmara dirá à polícia tudo o que precisam de saber. Começo a aperceber-me de como estou lixado.

Mas esperem. O Ken deve ter sido alvejado há pelo menos um dia. A polícia vai comparar a transmissão da câmara com a hora a que aqui estou e reconhecerá que não coincide com a hora da morte. Talvez vá correr tudo bem. Posso fingir que vim cá para lhe regar as plantas e nunca fui ao andar de cima.

Mais uma vez, uma voz ao fundo da minha cabeça diz-me que devia simplesmente chamar a polícia e deixá-los lidar com isto. E é o que vou fazer.

Mas primeiro tenho de ir a casa e verificar a minha garagem.

O mais rápido que posso, dirijo-me ao meu carro e salto para o lugar do condutor. Aperto o volante com as duas mãos, respirando fundo para me acalmar. Tenho de me controlar. Não vou melhorar a situação se tiver um acidente de viação.

Penso no treinador Pike, que se atreveu a expulsar a Izzy da equipa de futebol e agora está na prisão. E então penso no Zane, o namorado da Lexi, que está numa cama de hospital com o pescoço partido.

Levo a mão ao bolso para tirar o meu telemóvel. Envio uma mensagem e então começo a conduzir.

A Debbie vai chegar em breve.

Estou a fazer esparguete para o jantar. Tenho um pressentimento de que ela não vai ter muita fome, mas tenho de fazer algo. É o que uma boa anfitriã faz, afinal.

Esta noite, vou contar-lhe tudo.

Estou farta de andar às escondidas com o Cooper. Prefiro homens mais *maduros*, e o que acontece é que grande parte deles já são casados. Na última década, o único que esteve disposto a deixar a mulher por mim foi o Edgar, e *esse* foi um enorme fiasco. Não aguento mais. Quando somos a outra mulher, somos sempre a segunda opção. Mesmo que eles finjam que gostam mais de nós do que das mulheres, somos sempre apenas o seu segredinho sórdido.

Bem, estou farta de ser um segredinho sórdido.

A Debbie tem de saber que o marido a anda a trair pela calada. Pode parecer cruel contar-lhe tudo, sobretudo quando me vê como uma amiga, mas, na realidade, é cruel não o fazer. Ela merece a verdade.

Há meses que o Cooper me anda a dizer que já não a ama. Diz que são como estranhos e mal falam. Admitiu que já não a acha atraente nem tem interesse em intimidades com ela. Disse que há anos que não fazem sexo.

Está grato por eu ter entrado na sua vida. Di-lo sempre que estamos juntos. As filhas são quase adultas, por isso não tem razões para ficar com a Debbie. Tem de a deixar e de começar de novo comigo.

Mas nada disso vai acontecer se a Debbie permanecer na ignorância. Tem de entender que o seu casamento acabou.

E vou ser eu a dizer-lhe.

Enquanto mexo a panela de esparguete, pergunto-me como irá reagir. Vai chorar? Terei de a *consolar* enquanto chora? Oh, meu Deus, não quero nada fazer disso.

Preferia que se zangasse. Que atirasse algumas coisas, talvez. Sinto-me mais confortável com a raiva do que com a tristeza.

Em última instância, ainda assim, terá de aceitar tudo. E o Cooper ficar-me-á grato por fazer isto de uma vez por todas.

Deixo o molho a apurar e regresso à sala de estar. Deixei o telemóvel no sofá, e vejo

uma nova mensagem no ecrã. Espero que não seja a Debbie a cancelar. Como é óbvio, não é necessário que lhe diga esta noite, mas mentalizei-me toda para isto. Será dececionante se não o fizermos.

Quando chego ao telemóvel, porém, não é a Debbie. A mensagem é do Cooper.

Precisamos de falar.

Hum, o que quer *isso* dizer?

Precisamos de falar. Será uma conversa das boas, como em querer levar as coisas para o nível seguinte e deixar a mulher? Ou será das más? *Gosto mesmo muito de ti, mas isto já não está a resultar para mim. Não posso continuar a escapular-me desta forma.*

Uf, *odeio* esse tipo de conversa.

Escrevo-lhe uma resposta:

Vens na mesma jantar, certo?

A conversa com a Debbie vai ser difícil, e ela pode não acreditar em mim. Pode achar que estou a inventar tudo, ou pelo menos a exagerar. Mas, se o Cooper cá estiver, isso forçará a questão. Quando ele aparecer à porta, ela compreenderá imediatamente tudo. Provavelmente, expulsá-lo-á na hora. E seja o que for de que ele quer falar tornar-se-á subitamente irrelevante.

Sorrio com tal pensamento.

Sim. Estarei aí às 18:15. Até lá.

Ao chegar a casa, sinto-me tentado a ir direto à garagem. Mas antes tenho de ir ver como estão as minhas filhas.

Para minha surpresa, estão as duas sentadas no sofá, a falar baixinho. É bom vê-las a apoiarem-se mutuamente num período difícil. Alegro-me por se terem uma à outra, pois pode haver um dia em que será só isso que terão.

Esse dia pode chegar mais cedo do que o esperado.

Levantam-se as duas de um salto ao ver-me. A Lexi ainda tem os olhos inchados, como se tivesse estado a chorar intermitentemente durante todo o tempo que me ausentei.

– Falaste com a mãe? – pergunta ela.

Abano a cabeça. Não por falta de tentativas. Tenho estado incessantemente a ligar e a enviar mensagens à Debbie. Ela não responde.

– Ainda não – digo. – Eu... preciso só de verificar uma coisa na garagem.

– O quê? – pergunta a Izzy.

Não lhes posso dizer. Não sei sequer como informar as minhas duas filhas do que suspeito.

– Volto já – respondo apenas.

A garagem está vazia, porque a Debbie levou o seu carro e o meu está estacionado no caminho de acesso. Tenho uma mesa de trabalho na garagem, ainda que não a use assim tanto, porque não sou propriamente habilidoso. Tento consertar as coisas em casa para poupar dinheiro nas contas das reparações, mas não é o meu forte. Todas as pessoas têm coisas em que são boas. Eu sou bom nos números e a Debbie é boa em tudo o resto.

Agacho-me por baixo da minha mesa. Por razões que ainda não compreendo, a Debbie comprou uma embalagem de seis cervejas ontem, e a única que ainda resta do pacote está no chão. Por um momento, sinto-me tentado a pegar nessa cerveja e a abri-la. Nunca precisei tanto de uma bebida em toda a minha vida.

Mas não. Não posso. Tenho de me manter lúcido.

Também está uma caixa de ferramentas ali em baixo, e ergo-a do objeto sobre o qual se encontrava, que está tapado por um cobertor. Puxo o cobertor, revelando um pequeno cofre de armas.

Como disse, a Debbie opunha-se intransigentemente à compra de uma arma. Salientou

que é mais provável uma pessoa alvejar um membro da própria família do que um assaltante, e eu salientei que não sou ingênuo e que ia tomar precauções. Em última instância, não me pôde impedir. A arma está em meu nome e ela teve simplesmente de lidar com isso.

Uma das precauções que tomei foi manter a arma na nossa garagem, dentro de um cofre. Até à data, só a tirei para ir à carreira de tiro. Há algum tempo que não há nenhum assalto, por isso pensei em livrar-me dela, só para aplacar a ansiedade da Debbie. Mas gosto de a disparar, num ou noutra fim de semana.

O cofre é suficientemente pequeno para eu o poder erguer do chão e pousar na mesa de trabalho. Abre-se com uma combinação de quatro algarismos que escolhi porque sabia que me lembraria deles – o nosso aniversário de casamento – e é tal a violência com que me tremem as mãos que me custa a introduzi-la. Finalmente, oiço o estalido que indica que o cofre está destrancado. Abro-o e...

Está vazio. Tal como eu temia.

Olho para o cofre vazio, apercebendo-me de que os meus piores pesadelos são reais. Até este momento, não tinha a certeza do que se passava, mas agora sei.

O Ken Bryant e eu tivemos uma discussão, e eu despedi-me num acesso de raiva.

Há *muito* dinheiro desaparecido da empresa, e todos os sinais apontam para que tenha sido um trabalho interno.

O Ken foi assassinado. Com um tiro na cabeça.

A arma do crime é quase de certeza a minha arma, registada em meu nome.

A arma está agora desaparecida, mas suspeito que acabará por ressurgir, coberta das minhas impressões digitais. Para não falar em todas as que seguramente deixei para trás em casa do Ken.

Caracas. A Debbie está a incriminar-me pelo homicídio do meu chefe.

– Pai?

Ergo o olhar, fechando rapidamente a tampa do cofre. A Izzy está à porta da garagem, com uma expressão conturbada no rosto pálido. Hesitantemente, entra.

Se eu for para a prisão por homicídio, quantas vezes verei a minha filha? Não muitas. Não é como se a Debbie a fosse levar lá para me ver.

– Olá, Iz – digo, contra o nó a formar-se na minha garganta.

– Pai – diz ela. – O que se passa? Estou muito preocupada com a mãe.

– Pois. – Não sei o que dizer para a tranquilizar, mas sei que é isso que tenho de fazer. É esse o meu trabalho como pai. Fazê-la sentir-se segura. – Ela vai ficar bem.

– Onde *está* ela?

Só consigo abanar a cabeça.

– Desculpa, querida. Estou a dar o meu melhor para a encontrar.

– Eu sei – responde ela, baixinho.

Por um momento, ficamos os dois apenas parados na garagem. Tento pensar na coisa certa a dizer, mas a minha mente está vazia. Sou tão mau nisto. Se a Debbie estivesse aqui, saberia as palavras certas a dizer.

– Izzy?

– Sim, pai?

Tento sorrir, mas sei que me sai torto.

– Não quero que te preocupes, Iz. Amo-te muito.

Ela franze o sobrolho, porque não é algo que eu diga muitas vezes. Amo-a muito, de veras, mas simplesmente não me lembro de o dizer. Mas tenho de o fazer agora.

Para o caso de ser a minha última oportunidade.

O seu rosto torce-se ligeiramente.

– A mãe vai ficar bem, não vai?

Está tão preocupada com a Debbie. Sinto que fui um bom pai – ou, pelo menos, que fiz o melhor que podia – mas ela tem sido o mundo inteiro para elas. Não a quero perder. Mas, se tiver de ser eu ou a Debbie... bem, deviam tê-la a ela. Mesmo que ande um pouco estranha atualmente, as suas vidas ficariam destruídas sem ela.

– A mãe vai ficar bem. – Tiro o telemóvel do bolso e olho uma última vez para o ecrã. – Tenho de sair outra vez. Preciso de... Talvez saiba onde encontrar a tua mãe. – Volto a meter o telemóvel no bolso. – Tu e a Lexi conseguem tratar do jantar?

A Izzy assente lentamente.

– Sim. A mãe foi ao supermercado ontem. Há muita comida.

Pois claro que foi. A Debbie assegura-se sempre de que a nossa casa funciona como uma máquina bem oleada.

– Volto em breve – prometo.

Espero não ter de quebrar essa promessa.

A Debbie é pontual. Tenho de lhe reconhecer isso.

Chega às seis horas em ponto. Está bem vestida, com uma blusa creme combinada com uma saia rosa-claro e uns tacões grossos. Parece pronta para uma reunião de negócios, exceto que o seu cabelo se soltou ligeiramente do puxo em que o deve ter apanhado mais cedo. Cai-lhe em mechas à volta do rosto, e não em madeixas giras e elegantes. É demasiado velha para parecer tão em desalinho – não lhe fica bem.

– Olá, Debbie – digo, alegremente.

– Olá, Harley. – Abre-me um sorriso caloroso. – Desculpa não ter trazido nada. Estava na estrada.

– Não te preocupes.

Inclino-me para um breve abraço e, ainda que ela mo retribua, parece rígida. Adquirimos o hábito de nos abraçarmos no início ou no fim dos nossos encontros, mas parece diferente desta vez. É como se não me quisesse tocar.

Será possível que saiba?

Não. Não sabe. Não viria aqui nem me sorriria se soubesse que ando a dormir com o marido dela. Quem faria isso?

– Há alguma coisa que possa fazer para ajudar na cozinha? – pergunta ela.

Quase sugiro que me ajude a cortar a salada, mas então penso que é melhor não lhe dar uma faca.

– Não, tenho tudo sob controlo.

Segue-me para a cozinha para que eu possa cuidar da minha massa e acabar de tratar dos legumes. Por um momento, fica parada a observar-me.

– Isso é muita comida – comenta.

– Na verdade – digo –, convidei outra pessoa para se juntar a nós. Alguém que gostaria que conhecesse.

– A sério? – Parece intrigada ao encostar-se à bancada da cozinha. – Quem é?

– É o meu namorado.

As suas sobrancelhas disparam.

– Harley! Não sabia que andavas a sair com alguém. Quem é ele?

– É uma pessoa espetacular – digo, sinceramente. – Conheci-o no ginásio e houve

simplesmente uma ligação. Tipo almas gémeas, percebes? É um pouco mais velho do que eu, mas é muito atraente. – Pisco-lhe o olho. – Não conseguimos tirar as mãos um do outro quando estamos juntos.

– Uau. – Pestaneja. – Isso é fantástico. Há quanto tempo andas a sair com ele?

– Alguns meses, mas parece estar a ficar sério. Disse-me que se está a apaixonar por mim.

– Oh, meu Deus – exclama ela. – Isso é tão bom. Fico tão feliz por ti.

– Alegro-me por saber que te sentes assim.

Ajeita a bolsa, que ainda tem pendurada ao ombro, apesar de já ter chegado há vários minutos. Não sei porque não a pousa.

– O que faz o teu homem de sonho?

– É contabilista.

– Oh! – Parece surpreendida. – Como o Cooper.

– Certo – digo, significativamente. – Como o Cooper.

Deixo isso a pairar no ar por um momento. *Um homem mais velho com o mesmo emprego que o teu marido. Fica a dica.*

– Bem – diz ela –, estou em pulgas para o conhecer.

Vasculho o frigorífico, tirando uma garrafa de tempero para saladas de azeite e vinagre. Tentei encontrar o molho *ranch* com *miso* no supermercado, mas não tive sorte.

– Vou usar isto, pode ser?

– Claro, qualquer coisa serve.

Abro a garrafa de tempero e verto algum para a salada. Cai com um som húmido.

– Há *uma* coisa no meu namorado que não é inteiramente ideal.

– Oh?

Respiro fundo, observando a sua expressão.

– É... é casado.

– Oh. – Leva a mão ao peito. – Separado?

– Não, ainda está com a mulher.

– Oh! – repete ela, desta vez com uma nota de censura na voz. – Bem, isso não é bom.

– Mas mal é um casamento. – Continuo de olhos no seu rosto, atenta aos sinais de reconhecimento. – Já nem dormem juntos. Mal falam. – *Soa-te familiar, Debbie?* – Diz que já a teria deixado há anos, mas ela é, enfim, emocionalmente frágil.

Se reconhece que é do seu casamento que estou a falar, não o deixa transparecer.

– Pode estar a mentir – diz diplomaticamente.

– Não acho que esteja.

– Os homens mentem. – Tamborila com as unhas na bancada da cozinha. – Os homens fazem coisas terríveis.

Tem uma expressão ominosa nos olhos e, por um instante, penso que talvez saiba. Talvez saiba de tudo e talvez já saiba há muito tempo.

Lentamente, afasto do caminho a faca que estava a usar para cortar a salada. Engulo o nó que tenho na garganta e tento sorrir, mas os meus lábios parecem de borracha. Talvez

tudo isto tenha sido um erro. Talvez confrontar a Debra Mullen com o marido traidor não tenha sido assim tão boa ideia.

Mas então a campainha toca e é tarde demais para voltar atrás.

– Deve ser ele – digo, num tom que soa anormalmente agudo.

Passo pela Debbie, dirigindo-me à porta da frente. Ela segue-me e, à medida que o meu coração acelera, todas as minhas reservas se desvanecem. É agora. Era disto que eu estava à espera. De uma maneira ou de outra, vamos fazer isto de uma vez por todas.

Quando abro a porta, o Cooper está parado à entrada. Traz a camisa que levou para o trabalho, ainda que tenha suor a pontilhar-lhe ligeiramente o colarinho, o que me leva a pensar que veio diretamente do ginásio. Mas não faz mal – adoro-o todo quente e suado.

– Olá, Cooper – digo, numa voz rouca que deixa clara a nossa relação.

Ele começa a responder, mas então o seu olhar move-se para lá de mim, por cima do meu ombro, e pousa na Debbie. Fica sem sangue no rosto e dá um passo atrás.

– O que fazes *tu* aqui? – arqueja.

Um sorriso aflora aos lábios da Debbie, ainda que continue a ter aquela expressão sombria nos olhos que me dá arrepios na espinha.

– Olá, Jesse – diz ela.

Tenho de encontrar a Debbie.

Fiquei sem ideias de onde a procurar, e há já horas que lhe tenho vindo a encher o telemóvel de mensagens de texto e de voz. Por isso, vou a caminho do último lugar que me ocorre verificar.

Só que não sei realmente para onde vou. Havia uma morada na lista de lugares onde a Debbie esteve na última semana que não me era familiar. É um endereço em Rockland. Não conheço ninguém que viva em Rockland. Não faço ideia de que sítio é este, mas é a única pista que me resta.

Por isso, vou para lá.

O sol desceu a pique no céu e as ruas estão a escurecer. Sigo o GPS enquanto as estradas curvam e viram. E, enquanto sigo as indicações do meu telemóvel, penso no que vou dizer à Debbie se e quando a encontrar.

Primeiro, vou dizer-lhe o quanto a amo. Porque amo. Mesmo depois de tudo isto, continuo a amá-la. É a única mulher que alguma vez amei ou amarei.

Portanto, há isso. E espero que valha alguma coisa.

O meu telemóvel começa a tocar, e é a pior altura possível. É *ela* outra vez. Não estou em condições de lidar com isto agora, mas tenho de atender a chamada, quando mais não seja para lhe dizer que não vou aparecer esta noite.

A voz do outro lado da linha brota das colunas do meu carro.

– Cooper?

– Chere se – digo. – Olá.

– Tudo bem? – Tem a voz rouca de quarenta anos de tabaco. – Pareces... estranho.

Jura.

– Estou bem.

– Estiveste a beber?

Estremeço, odiando que tenha tido de perguntar. Mas é o seu trabalho – é a minha madrinha.

– Não.

– Cooper...

– Juro. Não estive a beber.

Acredita em mim? Espero que sim. Passei todo o nosso casamento a mentir à Debbie, mas tento não mentir à Chereese. É a única maneira de poder ter esperança de melhorar.

– Vais à reunião desta noite? – pergunta-me ela.

– Não posso. Estou ocupado. – Isso é um eufemismo. – Eu... vou amanhã.

– Prometes?

– Prometo. – Desde que amanhã não esteja na prisão. – Agora tenho de ir.

A Chereese parece não saber se acredita em mim, mas nem pensar que lhe vou falar do dia que tive hoje. Nem agora, nem nunca. Aceita que não estou prestes a apanhar uma bebedeira neste momento e deixa-me desligar a chamada, ainda que me vá seguramente ligar mais tarde. Não é a primeira madrinha que tenho, mas pode bem ser a mais diligente. Liga-me constantemente desde que descarrilei para garantir que não me sinto tentado a recomeçar a beber. E dou graças por não me ter pressionado demasiado a dizer a verdade à Debbie.

Portanto, sim, sou um merdas. Como pude não dizer à mulher que amo que sou alcoólico desde antes de nos conhecermos? Como pude ocultar uma parte tão importante de quem sou?

Tinha vergonha. E juro que pensava que o tinha vencido e que a Debbie nunca *precisaria* de saber. Mas isso não é desculpa.

Descobri o meu problema quando andava na universidade. Todos os meus amigos costumavam beber, mas dei-me conta de que era diferente para mim. Nunca sabia quando parar. Comecei a beber todas as noites antes mesmo de ter vinte e um anos e o poder fazer legalmente. Arranjei uma identificação falsa e, quando foi confiscada, arranjei outra. Fui despedido do meu emprego a virar hambúrgueres quando apareci bêbedo no trabalho, mas, mesmo assim, não o levei a sério. Só quando acabei detido por condução sob efeito de álcool é que me apercebi de que tinha um problema.

Consegui controlá-lo, ainda assim. Comecei a ir a reuniões dos Alcoólicos Anónimos e deixei completamente o álcool. Estava orgulhoso de mim e, quando conheci a Debbie, achava verdadeiramente que tinha deixado tudo isso para trás. Achava que não tinha de lhe atirar com essa bagagem para cima quando estava firmemente no passado.

Só que não estava realmente no passado. Durante o nosso casamento, descarrilei três vezes. E em todas elas estive muito perto de lhe dizer, mas não disse. Ligava à minha madrinha ou padrinho para confessar os meus pecados, desligava a partilha de localização, esgueirava-me para reuniões dos Alcoólicos Anónimos e voltava a controlar-me sozinho.

Eu sei. É ridículo. É *óbvio* que lhe devia ter contado. Mas, antes de casarmos, tinha medo de que, se lhe dissesse, ela perdesse o respeito por mim e me deixasse. E então, depois de casarmos, dei-me conta de que era demasiado tarde e de que ela ficaria furiosa comigo por lhe ter mentido.

Há algumas semanas, voltei a descarrilar. Foi o *stress* de saber que ia pedir a sociedade e de saber no meu íntimo que ele ia recusar. Não imaginava que me fosse deixar despedir-me, mas, quando isso aconteceu, o *stress* financeiro só agravou a situação. Queria falar

com a Debbie e confessar tudo, mas ela tinha-se tornado tão estranhamente distante nos últimos seis meses. Quando despachei o vinho branco por cima do nosso frigorífico e o substituí por água da torneira até poder comprar outra garrafa, soube que tinha de recomeçar a ir a reuniões. Nem consegui resistir à fortuita embalagem de seis cervejas que encontrei na cozinha.

Devia ter-lhe simplesmente contado desde o início. Devia ter sido honesto, e talvez, se o tivesse feito, ela também tivesse sido honesta comigo.

Agora, enquanto me dirijo a Rockland, com o pé a pisar o acelerador o mais que me atrevo, prometo a mim mesmo que lhe vou dizer tudo assim que a vir. Basta de segredos. O que quer que tenha feito, vamos resolvê-lo.

Meu Deus, espero que não seja tarde demais.

A Harley parece abismada. É divertido de ver.

Pensava que me ia chocar ao trazer cá o meu marido e revelar que era seu amante. Mas não correu bem como esperava.

Honra seja feita ao Jesse – dizer à Harley que o seu nome era Cooper Mullen foi uma jogada inteligente. O Cooper já estava no sistema do ginásio, visto que também o utilizava. Além disso, sendo tecnofóbico, não tinha qualquer presença *online* nas redes sociais. Qualquer pesquisa que ela fizesse não lhe mostraria qualquer foto ou informação. O que evitava que a mulher do Jesse – uma mulher muito simpática, na verdade, que não merecia nada disto – descobrisse o que o marido andava a tramar. Não tenho dúvidas de que esta não foi a sua estreia.

O Cooper não tem sido inteiramente honesto comigo, mas algo que nunca faria seria trair-me. Tem muitos defeitos, mas ama-me, e é muito, muito leal.

Espero que não descubra o que vou fazer aqui esta noite.

– Jesse? – repete a Harley, confusa. Os seus olhos, pesadamente maquilhados com rímel, estão enormes. – Quem é o Jesse?

O Jesse retorce-se. A Harley viu provavelmente o *meu* Cooper quando estava a treinar no ginásio, e de certeza que acha o Jesse mais atraente do que o meu marido, mas eu sempre achei que tinha um aspeto untuoso. Posso ser suspeita, ainda assim.

– Olha, Harley – gagueja ele. – Há algumas coisas sobre as quais posso... posso não ter sido inteiramente honesto contigo.

Desato a rir. Não consigo evitar. É divertido vê-lo tentar safar-se desta.

O Jesse lança-me um olhar e vira-se de novo para a Harley. Está desesperado por se explicar, mas não porque queira continuar com ela. Tenho quase a certeza de que veio aqui para acabar tudo com ela esta noite. Mas não quer que aborde a mulher, agora que sabe o seu nome.

– O teu nome não é Cooper Mullen? – pergunta a Harley, incrédula.

Lentamente, ele abana a cabeça enquanto dá um passo na sua direção.

– Não. Desculpa. O Cooper é... é aquele outro gajo com que vou sempre ao ginásio. Ele e eu... trabalhamos juntos.

– Oh, meu *Deus*. – A Harley empurra-o com tanta força que o faz cambalear para trás.

– Eu a pensar que me *amavas* e podias querer passar a tua vida comigo e, durante todo este tempo, nem me disseste o teu verdadeiro nome, seu *filho da mãe*.

O Jesse abre a boca para protestar, mas então cambaleia. Leva as pontas dos dedos à têmpora e, por um momento, fecha os olhos com força.

– Acho que preciso de me sentar.

– Precisas de sair – retorque a Harley.

Mas o Jesse não a está a ouvir. Passa por ela em direção ao sofá e deixa-se cair nele. Não parece capaz de se voltar a levantar.

Deve ter vindo a beber da sua garrafa de água durante todo o caminho desde o ginásio. O ópio que lá misturei está a atuar lindamente.

Começam a descair-lhe as pálpebras. A adrenalina do encontro pode ter ajudado um pouco, mas está a passar.

– Não feches os olhos! – guincha-lhe a Harley, abanando-lhe o ombro. – Passaste este tempo todo a mentir-me! Como foste capaz?

Não posso acreditar que alguma vez pensei que a Harley era fixe. A madeixa rosa no seu cabelo enganou-me. Ou talvez tenha sido a forma como parecia genuinamente interessada no que eu tinha para dizer, ainda que perceba agora que estava só a sondar-me o cérebro em busca de pormenores sobre o meu marido. Só comecei a juntar as peças quando encontrei aquela *T-shirt* em sua casa. Quando a cheirei, soube imediatamente de quem era.

Então, fui ao ginásio e falei com a Cindy, que estava extremamente ansiosa por partilhar informação sobre a sua promíscua colega. Foi muito, muito prestável. A partir daí, soube tudo o que precisava de saber.

– Cooper! – explode a Harley. – Ou... Jesse. Ou seja lá como for que te chamas. *Estás a ouvir-me?*

Está a olhar para ela, mas não a vê. A droga no seu sistema apoderou-se dele, e diria que, dentro de mais alguns minutos, estará inconsciente. Esta conversa parecer-lhe-á um sonho mais tarde, se a recordar de todo.

É este o momento de fazer a minha jogada.

Levo a mão à bolsa que tenho pendurada ao ombro e, em primeiro lugar, tiro as minhas luvas de cabedal. Depois de as enfiar nas mãos, tiro a *Glock* que tenho trazido comigo. Disparei-a uma vez quando meti uma bala entre os olhos do Ken Bryant. Agora, vou usá-la uma segunda.

– Harley – digo.

A Harley interrompe a sua tirada contra o Jesse e vira-se para me encarar. Ao ver a arma na minha mão, inspira fundo.

– Debbie? – pergunta. – O que estás a fazer?

De certo modo, é inocente. Nunca me fez nada diretamente. Achava que andava a dormir com o meu marido, é certo, mas não andava. Não tenho nenhuma guerra com ela.

Mas é uma pessoa terrível. Usou-me. E destruiu inúmeros casamentos sem o menor remorso. Odeio usá-la como peão, mas ela faria o mesmo comigo. Não é grande perda.

– Desculpa, Harley.

E então aponto-lhe a arma à testa e primo o gatilho.

O tiro mata-a instantaneamente. O corpo cai ao chão e uma poça de sangue forma-se à volta da parte de trás da sua cabeça. Tem os olhos abertos, a olhar para o teto. Ainda bem que me infomou que os vizinhos de cima estavam fora da vila, pois ter-me-ia preocupado com o ruído. Mas estamos sozinhos aqui, afinal, nesta rua sem saída.

Olho para o Jesse, cuja cabeça pende do sofá. Está agora inconsciente, e nem o estrondo do tiro foi suficiente para o trazer de volta. Pensava que podia ter de lhe dar outra dose de ópio, que tenho à mão na minha bolsa, mas ele bebeu o suficiente para não ser necessário.

É melhor que esteja a dormir. Quase de certeza que não se vai lembrar de nada do que aconteceu neste apartamento, e é mais seguro para mim assim.

Mas gostaria que pudesse saber. Gostaria que soubesse que foi a *sua* arma que usei para alvejar a Harley. A que lhe tirei de casa há alguns dias. (A chave estava *debaixo do tapete da entrada*, acreditam? Mal foi um desafio.) Fui suficientemente esperta para desligar a minha partilha de localização para esse pequeno assalto. Não queria que houvesse pistas de que fui eu quem levou a arma.

Sobretudo quando a polícia comparar a bala desta arma com a que matou o Ken Bryant. Ainda que não esteja demasiado preocupada. O rasto documental entre o Jesse e a conta *offshore* com todo o dinheiro que foi roubado da empresa dará motivos de sobra para o homicídio. Até lhe enviei aquela mensagem do telemóvel do Ken a pedir-lhe que regasse as plantas para que fosse apanhado pela câmara da porta. Essa câmara à porta do Ken revelou-se muito útil, sobretudo visto que pude apagar as imagens da minha própria chegada à sua porta. Levei menos de sessenta segundos a eliminar quaisquer provas da minha culpa.

Ninguém vai suspeitar de mim. Eu e o Jesse mal nos conhecemos. Porque haveria eu de incriminar um quase desconhecido por homicídio? Porque haveria de lhe matar a namorada mesmo à sua frente?

– Tu mereces isto – sussurro ao homem adormecido no sofá. – *Hutch*.

Por uma fração de segundo, as pálpebras do Jesse tremulam. Ter-me-á ouvido? Parte de mim espera que sim. Ainda que me incrimine, parte de mim quer que ele saiba quem sou e porque estou a fazer isto. Claro que ainda não me reconheceu. Foi há muito tempo e estamos os dois muito diferentes. Além disso, tenho quase a certeza de que não fui a sua única vítima. Fui só uma de uma longa lista de estudantes sem rosto nem nome.

Mas *eu* não tive problemas em reconhecê-lo. Mal pus os olhos no Jesse, quando o Cooper organizou aquele encontro com ele e a mulher, reconheci imediatamente o seu rosto. E a sua água-de-colónia – a mesma que usava na universidade, a mesma que se agarrava àquela *T-shirt*. Ainda me assombra. As associações olfativas são tão poderosas.

Estendeu-me a mão, um sorriso a surgir-lhe nos lábios. *Prazer em conhecer-te, Debbie. O Cooper passa a vida a falar de ti.*

Aceitei-a, pois ter-me-ia denunciado se não o fizesse. Foi como se a sua pele me

estivesse a escaldar. Quando finalmente me afastei, tinha a palma húmida. Tive de pedir licença e fugir para a casa de banho do restaurante, onde tive o meu pior ataque de pânico desde a universidade.

Recompõe-te, Debbie, disse a mim mesma. *Não o podes deixar saber que és tu.*

Recompus-me. Saí da casa de banho, sorri ao homem que destruiu o meu futuro e fingi que me estava a divertir imenso, apesar de, depois da segunda vez que as minhas mãos trémulas derrubaram a minha bebida e foi preciso limpá-la, ter pensado que eu e a empregada íamos ter uma discussão séria. Nessa noite, fui para casa e gritei para a minha almofada até ficar rouca.

No dia seguinte, atirei-me à pilha de cartas enviadas por *e-mail* à *Querida Debbie*. Dessa vez, decidi dizer às pessoas a *verdadeira* forma de resolverem os seus problemas. Toda a gente sabe que não fazemos a nossa família sentar-se para o pequeno-almoço pedindo «por favor». Claro que o Garrett jamais teria publicado essas respostas, por isso guardei-as todas numa pasta no meu ambiente de trabalho.

Isso foi há cerca de oito meses e, entretanto, redigi dúzias de *e-mails* para mulheres que tinham vindo a aceitar maus-tratos durante demasiado tempo, tal como eu. Mas não sou hipócrita. Não podia enviar nenhuma dessas mensagens até me ter vingado do homem que me arruinou a vida.

Por favor, pára!

Não te preocupes. Isto vai acabar num minuto.

Não consegui pegar fogo à Zeta Pi. Recolhi a minha bolsa de onde a tinha deixado no quarto, desci e saí da república com o cigarro e os fósforos ainda dentro dela. Na minha cabeça, parecia uma boa ideia, mas, depois de ter lá estado e de ter falado com aquele rapaz simpático, não pude ir avante. Além disso, eles não tinham culpa do que aconteceu há tantos anos. Não era justo culpá-los.

Só houve um culpado por essa noite.

Os olhos do Jesse Hutchinson fecham-se. Há provas mais do que suficientes para o ligar ao homicídio do Ken Bryant e, agora, ao homicídio seguido de suicídio que em breve será descoberto neste apartamento, quando eu ligar para a polícia e pedir para virem ver como está a minha amiga cujo namorado ciumento a andava a ameaçar. Quando o Jesse desaparecer, poderei finalmente ultrapassar isto. Ficarei finalmente em paz.

Não te preocupes. Isto vai acabar num minuto.

A morada não é exata, o que significa que ando basicamente às voltas por uma pequena área de Rockland, atento ao carro da Debbie. Isso torna-se cada vez mais difícil à medida que o sol desce no céu.

E, claro, não tenho razões para crer que esteja realmente aqui. Desligou a partilha de localização, o que significa que pode estar em qualquer lugar. Mas esta é a última morada onde estive recentemente que me é desconhecida. Portanto, tenho de a verificar.

É a minha única esperança de a encontrar.

Há cerca de vinte minutos que ando a conduzir pelas imediações quando me cruzo com uma rua sem saída. Há duas casas na rua, uma das quais parece completamente abandonada. A outra tem ar de ser habitada por alguém, mas todas as janelas estão às escuras. Não parece que esteja alguém em casa.

Quase dou meia volta, mas então vejo. Há carros estacionados aqui. Junto à lateral da segunda casa.

E um deles parece familiar.

Não me posso aproximar tanto no meu carro, por isso estaciono e começo a dirigir-me a pé ao fundo da rua. A casa está decididamente às escuras, mas quero ver melhor aquele carro. Será possível que seja o da Debbie?

Ao aproximar-me, vejo que é um *Subaru Outback* azul, igualzinho ao da Debbie. Mas isso não quer dizer que seja necessariamente o dela. Está estacionado junto a outro carro, que também parece estranhamente familiar, mas não o consigo situar, de momento.

Olho para a matrícula do *Subaru*. Será a matrícula da Debbie? Cristo, não sei. Já é difícil para mim lembrar-me do aniversário das minhas filhas; matrículas ultrapassam a minha capacidade. Parece familiar, ainda assim.

Espreito pela janela do carro, na esperança de ver a sua bolsa ou algo que pareça pertencer-lhe. A Debbie não deixa grande coisa dentro do carro – é muito arrumada – mas vejo uns óculos de sol no suporte para copos, e lembro-me de que ela os deixa sempre lá. Lembro-me porque quero sempre pôr lá o meu *Big Gulp* depois dos jogos de futebol da Izzy e está sempre ocupado pelos óculos de sol da Debbie.

Este é o carro da Debbie. Mas onde está ela?

Regresso à frente da casa. Todas as janelas de ambos os andares estão às escuras. Parece

não estar mesmo ninguém em casa. Mas, se não está cá ninguém, porque haveria a Debbie de estar aqui? Porque haveria a Debbie de *alguma vez* ter estado aqui?

Dirigindo-me à porta principal da casa, encosto o dedo à campainha, sustendo a respiração. Não sei porque haveria de estar aqui, mas, se eu lhe disser a verdade, talvez ela faça o mesmo comigo.

Só que nada acontece quando toco à campainha. Deve estar avariada.

Bato à porta, suficientemente alto para ser ouvido pelo menos por alguém no rés do chão. Não oiço movimento atrás da porta, por isso volto a bater.

Ainda nada.

Subitamente, desato a bater à porta com ambos os punhos. Sei que a Debbie está aqui. É o maldito carro dela ali fora e não há mais nenhum sítio onde possa estar. Tenho de falar com ela *imediatamente*. Tenho de descobrir uma forma de resolver isto, porque não a posso perder. *Não posso*.

Fui tão estúpido. Devia ter-lhe contado a verdade sobre tudo. Não queria que perdesse o respeito por mim, mas nada é pior do que mentir.

– Debbie! – Estou agora aos gritos. – Debbie! Por favor, sai! Preciso de falar contigo!

Continua a não se ouvir qualquer som atrás da porta. Mas ela está aqui. *Tem* de estar.

– Debbie! – Grito tão alto que a minha voz começa a ficar rouca. – Debbie! Eu amo-te!

Acho que cheguei tarde demais.

O Jesse está completamente apagado.

A arma está na minha mão enluvada, mas não posso simplesmente alvejá-lo, por mais que gostasse de o fazer. Matar o Jesse será terapêutico para mim como anos de terapia jamais poderiam ser. Mas tenho de ser inteligente com isto. Dei-me a muito trabalho para incriminar o Jesse por múltiplos homicídios, e não posso fazer nada que leve a polícia a suspeitar que houve um terceiro envolvido no que aconteceu aqui hoje.

O que significa que o Jesse tem de ser alvejado pela sua própria mão.

O médico-legista saberá a diferença entre alguém abatido a vários metros de distância e um suicídio. Além disso, tem de haver resíduos de pólvora na mão direita do Jesse. A única forma de isso acontecer é se ele estiver a segurar a arma.

Tenho de me chegar bem perto dele, o que é a última coisa que quero fazer. Sento-me ao seu lado no sofá e sinto o cheiro daquela horrível água-de-colónia. Da última vez que o tive tão perto, estava em cima de mim.

Mas já não me pode fazer mal. Está inconsciente. E, muito em breve, estará morto.

Ele não te pode fazer mal.

Repito essas palavras a mim mesma, uma e outra vez, enquanto lhe fecho os dedos sobre o punho da arma. Aponto-lhe o cano à garganta, inclinado na direção do cérebro. Uma bala deve bastar. Uma bala e tudo isto terá terminado.

Ponho-lhe o indicador no gatilho. Preparo-me para o premir.

– Debbie!

Paraliso, com a mão sobre a do Jesse, ao ouvir a voz gritar o meu nome. Tardo um segundo a perceber que pertence ao meu marido. Por alguma razão, o Cooper está lá fora, a chamar por mim.

Oh, meu Deus, o que faz ele aqui?

Deve ter visto este local no meu histórico, de quando vim visitar a Harley mais ao início da semana, apesar de ter tido o cuidado de desligar o telemóvel para esta incursão específica. Nem me tinha apercebido de que sabia onde procurar isso. Provavelmente, tem andado a correr todos os locais onde estive na última semana, à minha procura.

– Debbie! Debbie!

Porque veio aqui? Porque não pôde esperar simplesmente em casa até eu ter acabado

tudo o que tinha para fazer?

– Debbie! Debbie, eu amo-te! Por favor!

As suas palavras tocam-me o coração. Olho para o homem inconsciente no sofá. Passei os últimos oito meses a pensar em como me arruinou a vida. Pensava que o tinha superado, mas, ao vê-lo, o ódio, a ansiedade e a vergonha que sentia pelo que me aconteceu começaram a crescer de dia para dia até não aguentar mais.

Mas isso é injusto. A minha vida não está arruinada. A minha vida é boa em muitos aspetos. Sim, acabei por não ter a carreira que esperava. Mas tenho duas filhas maravilhosas. E tenho um marido que me ama o suficiente para se pôr a conduzir pela Costa Sul a meio da noite à minha procura.

Tenho muito.

Mas não posso simplesmente abandonar todo o meu plano. Há duas pessoas mortas. E, se me afastar agora, vou arcar com as culpas de tudo. Já não tenho escolha.

Ponho o indicador direito sobre o do Jesse e primo o gatilho.

Ao sair pela porta da frente da Harley, tiro as minhas luvas de cabedal e guardo-as na bolsa. A arma ficou para trás, como planeado.

Contorno a lateral da casa, onde o Cooper parou de gritar o meu nome e tenta agora olhar por uma das janelas. Na verdade, parece estar prestes a parti-la. Tem uma pedra suspeitosamente grande na mão direita, que ergue no ar. É melhor pôr rapidamente termo a isto.

– Cooper?

Ainda de braço erguido, ele vira-se. Arregala os olhos ao ver-me e a pedra cai-lhe da mão direita. Não diz uma palavra, mas corre para mim e abraça-me.

– Debbie – murmura para o meu pescoço. – Jesus, estava tão preocupado.

De início, fico rígida enquanto ele me abraça. Mas, ao fim de alguns segundos, dou-me conta de que o estou a abraçar também. E então estamos agarrados um ao outro. Tarda uns bons minutos a que nos separemos.

– Estava tão preocupado – repete ele. – Pareceu-me ouvir um tiro.

E ouviu. Mas a bala em questão está alojada no teto do apartamento da Harley.

O Jesse ainda está vivo.

– Que som foi aquele? – insiste ele.

– Não ouvi nada – respondo. – Talvez tenha sido um estouro de um carro?

Parece não acreditar muito em mim, mas não insiste.

– O que fazes aqui?

– Uma amiga minha vive aqui. – É a verdade, por uma vez. – Vive no apartamento da cave, com entrada pelas traseiras. Vim vê-la, mas suponho que se esqueceu, porque não abre a porta.

– Oh.

Parece acreditar em mim. Não tem razões para não o fazer. Não conhece a Harley, a não ser de passagem, do ginásio, e não tem motivos para crer que eu faria algum mal a essa estranha.

– Então, hum... – Olho para os nossos carros, tentando não pensar no local do crime atrás de nós. Reconhecerá o Cooper o carro do Jesse? Não o referiu. – Vamos?

– Ainda não. – Agarra-me nas mãos e aperta-as com força. – Há algo que preciso que

saibas, Debbie.

– Está bem...

Respira fundo e endireita os ombros.

– Tenho problemas com o álcool.

Pestanejo. Não era isso que esperava que dissesse.

– O quê?

Ele hesita, como se não soubesse se deve continuar, mas então prossegue.

– É mais do que um problema com o álcool. Eu... sou alcoólico. Tenho andado a escapulir-me para reuniões dos Alcoólicos Anónimos sem te dizer.

– Há quanto tempo?

– Sei desde a universidade.

– Desde a *universidade*? E nunca me *contaste*?

– Eu sei. – Baixa a cabeça. – Desculpa, Debbie. Lamento *tanto*. Tinha... tinha vergonha, e por isso é que to escondi. Devia ter-te dito a verdade desde o início, mas és sempre tão perfeita e incrível e... e não queria que pensasses mal de mim.

Consegue erguer os olhos para os meus. Devia ter-me dito mais cedo, mas também compreendo porque não o fez. Não o posso julgar. E agora?

É a minha vez.

– Fui violada na universidade – digo. – Foi por isso que desisti.

Ele fica de queixo caído. Fita-me durante vários segundos – demasiados – até quase me fazer desejar não lhe ter dito. Mas, quando estou prestes a tentar procurar uma forma de o retirar («Ah-ah, não foi uma piada engraçada?»), estende os braços e puxa-me para outro abraço apertado. Sem palavras, só o seu corpo quente e reconfortante encostado ao meu.

Quando finalmente se afasta, tem os olhos ligeiramente húmidos.

– Acho – diz – que precisamos de terapia de casal.

Brota-me uma risada. *Não me digas*.

– Mas há algo que preciso de te perguntar – acrescenta ele, esfregando a parte de trás do pescoço. – E preciso que me digas a verdade.

– Está bem...

Franze o sobrolho.

– Prometes que me dizes a verdade?

– Prometo – digo, esperando poder cumprir essa promessa.

– Mataste o Ken Bryant com a minha arma?

Estremeço. Deve ter ido a casa do Ken. Deve tê-lo visto morto, com o buraco da bala na cabeça. Acha que o posso ter matado, mas, em vez de chamar a polícia, veio a correr procurar-me.

– Juro pela vida das nossas filhas – respondo, levando uma mão ao peito – que não matei o Ken Bryant com a tua arma.

E é verdade.

Usei a arma do Jesse.

– Graças a Deus. – Acredita em mim. O seu corpo derrete-se de alívio. – Temia que... bem... – Suspira. – Nesse caso, é melhor chamarmos a polícia quando voltarmos para casa.

Lentamente, assinto.

– Além disso – acrescenta ele –, a minha arma desapareceu do cofre. Sabes o que lhe aconteceu?

Essa é outra pergunta fácil a que posso responder com a verdade.

– Livrei-me dela.

– *Livraste-te* dela?

Ponho as mãos nas ancas.

– Já te disse, é mais provável alvejares um familiar do que um intruso.

O Cooper limita-se a abanar a cabeça. É algo que teremos de discutir na terapia. E tenho um pressentimento de que, depois desta noite, ele não vai estar desejoso de ter uma arma em casa.

– Está bem – assente. – Vamos para casa.

Não tem de me pedir duas vezes.

Epílogo

UM ANO DEPOIS

COOPER

Esta manhã, estou eu a fazer o pequeno-almoço. Não é nada de especial. Só algumas torradas barradas com doce, combinadas com uma tigela de cereais. Estou a comer os cereais com fibra da Debbie, porque, acreditem ou não, a verdade é que lhes ganhei o gosto.

Diria que o meu recém-descoberto amor pelos cereais com fibra é provavelmente o que *menos* mudou nas nossas vidas ao longo do último ano.

Para começar, depois do homicídio do Ken, criei a minha própria empresa de contabilidade, e prosperou. Tenho agora uma equipa de meia dúzia de pessoas e até tivemos uma crítica favorável no *Boston Globe*. Nunca me vi como grande empresário, mas, ao que parece, tenho mais jeito para isso do que pensava. Suponho que a Debbie tinha razão.

Ainda não posso acreditar que o Ken foi assassinado. E, pior, que foi o meu amigo Jesse que o matou. De início, recusei-me a acreditar, mas as provas foram-se acumulando de tal modo que se tornou inegável. O Jesse roubou dinheiro da empresa e, quando o Ken descobriu, deu-lhe um tiro.

E nem é isso o pior.

Andava a ter um caso com uma treinadora do ginásio chamada Harley. Tinha-a visto por lá várias vezes e lembrava-me da madeixa rosa no seu cabelo. A Debbie também era amiga dela, ainda que eu não me tivesse realmente apercebido disso, na altura. Tinha visto o Jesse falar algumas vezes com a Harley, e tenho de admitir que reparei no tom baixo que usavam ao conversar. Mas nunca pensei realmente que ele andasse a ter um caso e, com tudo o que se andava a passar na minha vida, não pensei mais nisso. Quer dizer, sim, tenho consciência de que há muitos homens que têm casos, mas, para mim, é impensável.

Ao que parece, a Harley andava a pressionar o Jesse para que deixasse a mulher. Ameaçava que o ia denunciar se não fizesse o que ela queria. Por isso, ele foi a sua casa com a mesma arma que usou para alvejar o Ken e matou-a.

Soube mais tarde que o endereço aleatório onde encontrei a Debbie era o apartamento

da Harley. A Debbie explicou-me que, quando foi lá para ver a Harley, ela não lhe abriu a porta. Porque acontece que estava morta.

Acabou por ser a Debbie quem ligou para a polícia, a dizer que estava preocupada com o namorado da Harley, apesar de nunca o ter conhecido. A polícia chegou ao apartamento da Harley e apanhou o Jesse a tentar limpar as suas impressões digitais do espaço enquanto ela jazia morta no chão da sala de estar.

Foi imediatamente detido.

As provas eram avassaladoras, e tinha sido basicamente apanhado em flagrante. O julgamento foi no mês passado e, quando me pediu para ser testemunha abonatória, tive de recusar. O Jesse era meu amigo, mas não havia no meu pensamento a menor dúvida de que tinha sido ele a matar o nosso chefe e a sua amante. O júri concordou. Foi considerado culpado de dois crimes de homicídio qualificado e condenado a duas penas consecutivas de prisão perpétua. Vai passar o resto da vida na prisão.

Mas, fora o assunto desagradável do julgamento, as nossas vidas têm sido ótimas. A Lexi e a Debbie tornaram-se muito mais próximas depois de toda aquela situação com o Zane, e parece um pequeno milagre que já não discutam como costumavam. A Debbie passou uma semana a chorar depois de a Lexi ter saído de casa para a universidade, apesar de ter ficado na região e de já ter vindo a casa lavar a roupa. Entrou numa excelente escola, a propósito. Não me quero gabar nem nada, mas rima com Schmarvard.

A Debbie está apenas feliz por a Lexi não ter nada que ver com o antigo namorado, o Zane. Depois do acidente, ouvi dizer que ia haver uma acusação contra ele – algo que ver com umas fotos ilegais que andava a fazer circular. E, agora que já saiu do hospital, pode estar em graves apuros com a lei. Só o vi uma vez, no supermercado com a mãe, a usar uma cadeira de rodas controlada pelos seus movimentos faciais. Não lhe disse olá.

E a Izzy está a arrasar na equipa de futebol. Como sempre. Eu e a Debbie fomos a todos os jogos no ano passado.

A Debbie está ainda a ter algum sucesso profissional próprio, e estou mesmo muito orgulhoso dela. Há anos que tem vindo a criar um monte de aplicações para telemóvel que todos usamos, e uma delas levantou voo. Chama-se *Castiga o Teu Marido* e permite a uma mulher atribuir alguns potenciais castigos (sendo o mais popular limpar a casa de banho) ao marido por «crimes» como esquecer um aniversário ou a data do seu casamento. Aparentemente, as mulheres acham hilariante inventar castigos cada vez mais criativos.

Há um par de meses, a Debbie vendeu a aplicação *Castiga o Teu Marido*. Não vou dizer por quanto, mas é suficiente para pagar as propinas de todo o curso da Lexi em Schmarvard. Está a trabalhar nalguns novos projetos e, em geral, parece muito mais feliz.

Explicou-me que a pasta de conselhos ameaçadores no seu computador era uma forma de lidar com o trauma do que lhe aconteceu. Agora que anda a fazer terapia para a ajudar a lidar com isso, revisitou todos esses *e-mails* e reescreveu os seus conselhos. Apesar de já não ser a Querida Debbie, respondeu a cada um desses *e-mails* e tem vindo a aconselhar

muitas mulheres sobre os seus problemas. O que posso dizer? A minha mulher dá ótimos conselhos.

Quanto a mim e à Debbie, é complicado.

Andamos a ver um terapeuta de casal. Obviamente. Ocultámos segredos enormes um ao outro, e sinto-me simultaneamente culpado por não lhe ter contado o meu e por ela não se ter sentido confortável para me contar o dela. A Debbie foi abusada sexualmente. Pensar nisso deixa-me tão furioso que nem consigo pensar com clareza. Como pode alguém ter feito isso à Debbie? *A seja quem for?*

Ainda bem que ela não sabe o nome do gajo que o fez, porque, se soubesse, sentir-me-ia tentado a procurá-lo e a espancá-lo até à morte com as minhas próprias mãos.

Mas, dentro de apenas dois anos, vamos ter o ninho vazio e quero assegurar-me de que eu e a Debbie estamos bem. Por isso, a cada duas semanas, vamos ver o terapeuta de casal. Nunca faltamos, aconteça o que acontecer. Nada é mais importante do que trabalhar no nosso casamento.

Mal tiro o meu pão de trigo integral da torradeira, a Debbie entra na cozinha com a sua roupa de ginásio. O nosso terapeuta disse que temos de nos tornar melhores a dizer o que pensamos, por isso decido praticar isso agora mesmo.

– Ei – digo. – Ficas mesmo *sexy* nessas *leggings*.

A Debbie revira os olhos, mas sorri.

– Também não estás nada mal, Mullen. – Baixa os olhos para o meu peito. – Até ataste perfeitamente a tua gravata.

– Vi um vídeo *online* – explico, com orgulho.

– *Tu?* Viste um vídeo *online*?

Rio-me, porque tem uma certa razão. Não parece algo que eu faria. Mas, na verdade, tenho vindo a passar um pouco mais de tempo na Internet, a desenvolver o nosso negócio. Construí um *site* para a minha empresa, pondo lá inclusive a minha fotografia. Descobri que o Jesse andava a dizer à Harley que era eu para ocultar a sua identidade, e só pôde fazer isso por haver zero fotografias minhas na Internet.

– Sabes – digo, em tom de provocação. – Só tenho de estar no trabalho daqui a uma hora. Só para que conste...

– Não me tentes – retorque ela. – Se não for agora para o ginásio, nunca irei.

Visto que o meu antigo companheiro de treino, o Jesse, está a cumprir duas penas perpétuas por homicídio, juntei-me algumas vezes à Debbie no Titan, mas não tenho tempo para isso agora.

– E se te levasse a jantar fora esta noite? A Izzy tem aquela festa do pijama, certo?

Ela sorri-me.

– Combinado.

Aproxima-se de mim para me dar um beijo antes de sair. Há um ano, pensava que a tinha perdido, mas agora parece que estamos mais próximos do que nunca. Odeio toda a dor por que passámos, mas tudo acontece por uma razão.

Em última instância, tudo se resolveu para todos nós.

JESSE

As noites na prisão são do pior. Em casa, tinha um colchão viscoelástico e uma almofada que se ajustava à forma da minha cabeça e do meu pescoço. Tinha um edredão de penas especial hipoalérgico. Não conseguia dormir sem ele.

Agora, estou deitado num colchão fino que tem provavelmente, no máximo, uns centímetros. Tenho uma almofada, mas decididamente não se ajusta à forma de nada. Como o meu colchão, mais parece uma tábua do que uma almofada. E depois há o cobertor áspero, a que acho que sou alérgico, a julgar pela erupção rugosa que me brotou em cada parte da pele que esteve em contacto com o material fino.

Se dormir, o que às vezes faço por pura exaustão, metade das vezes sou arrancado do sono pelos sons do homem no beliche de cima a ressonar como uma motosserra. Nunca tinha ouvido alguém ressonar tão alto. E também nunca vi alguém com tantas tatuagens no corpo.

Somos quatro nesta pequena cela. O meu colega de beliche chama-se Geho; acho que é o apelido dele. Ninguém usa o primeiro nome aqui. É como na universidade, quando todos me costumavam tratar por Hutch, só que não é nada como a universidade.

Fui transferido para esta prisão de segurança máxima na semana passada, e é onde vou passar o resto da minha vida. Não devia estar aqui. Não devia *mesmo* estar aqui. Uma prisão de segurança máxima não é lugar para alguém como eu. Os outros homens aqui são criminosos calejados como o Geho – são aterradores. Alguém como eu devia estar numa daquelas prisões de segurança mínima que mais parecem uma estância turística.

Mas, na verdade, não devia estar aqui de todo. Porque não matei ninguém.

Acordei no apartamento da Harley, sem saber muito bem como lá tinha ido parar, e ela estava no chão, morta por um tiro. A arma – a minha arma – estava na minha mão direita, mas eu não a alvejei. Sim, sei como isso soa. E sei que havia resíduos de pólvora na minha mão. Mas eu não queria matar a Harley. Sim, tencionava pôr termo à nossa relação, mas não a queria morta. Nem me lembro de ter levado a maldita arma para sua casa. Porque haveria de o fazer?

Cometi um grave erro, porém. Quando acordei e encontrei a Harley assassinada, tentei imediatamente limpar o apartamento antes de sair para me livrar de qualquer rasto da minha presença. A polícia apanhou-me a fazê-lo e pareceu... mal. A partir desse momento, fui o único suspeito.

Não ajudou que não fizesse a mais pálida ideia do que tinha acontecido. Pareceu-lhes inacreditável. Ao dizê-lo agora, compreendo porquê.

E então, para meu absoluto choque, acusaram-me de matar também o Ken Bryant. De início, pensei que era uma piada. Nem sabia que estava morto e certamente não o tinha matado. Mas a bala na sua cabeça correspondia à minha arma. Encontraram imagens minhas a entrar e a sair da sua casa, e, apesar de eu lhes ter tentado dizer que tinha ido apenas regar as plantas, como ele me tinha pedido, essas mensagens tinham desaparecido

misteriosamente do meu telemóvel. E então disseram que eu lhe tinha roubado dinheiro, o que foi o último prego no caixão.

Tentaram oferecer-me um acordo para me declarar culpado, e o meu advogado encorajou-me a aceitá-lo. Acusações de homicídio simples, tanto da Harley como do Ken. Significava que poderia pedir a liberdade condicional dali a trinta anos. Mas que bem me faria isso? Tenho quarenta e sete. Decidi arriscar o julgamento, sabendo que era inocente.

Perdi a minha aposta. Vou cumprir duas penas consecutivas de prisão perpétua e vou morrer na prisão. Já é uma sorte que não haja pena de morte no Massachusetts.

O Geho muda de posição no beliche por cima do meu e as molas emitem um forte rangido. Como se o ressonar não fosse suficientemente mau, cada movimento da cama ecoa pela cela. Sinto que estou a enlouquecer e ainda só estou cá há uma semana. A ideia de passar o resto da minha vida aqui...

Não mereço nada disto. A minha mulher pediu o divórcio poucos meses após a minha detenção, o que significa que não me virá visitar nos próximos tempos. Não foi o meu primeiro caso amoroso, e ela não foi nem um pouco compreensiva. Não era propriamente uma esposa incrível, razão pela qual estava com a Harley em primeiro lugar, mas, ao fim de um ano sem estar perto de uma mulher, dava tudo por uma visita conjugal. Os meus filhos também me odeiam pelo que fiz à família. Estou sozinho.

Seria diferente se fosse culpado, como os outros homens aqui. O Geho até se gaba do homem que esfaqueou no pescoço. Mas eu não sou má pessoa. Sim, traí a minha mulher. Muitos homens fazem isso. Não é um crime capital.

Admito que fiz algumas coisas pouco admiráveis na universidade. Às vezes, nas festas, falava com uma rapariga e oferecia-me para lhe ir buscar uma bebida. Tinha uns sedativos em pó e costumava misturá-los nas bebidas – *jungle juice*, rum com *Coca-Cola*, não importava. Entre isso e o álcool, ficavam bastante apagadas. Então, levava-as para o meu quarto e elas não protestavam muito.

Mas nem era nada de especial. A maioria mal se lembrava. Ou, se se lembrassem, aposto que gostavam.

Começo finalmente a adormecer, mas então acordo de repente. E, ao fazê-lo, não posso acreditar no que vejo. O Geho e os meus outros dois colegas de cela erguem-se sobre mim. Cada um tem uma meia apertada numa mão, com algo a pesar na outra ponta. Uma barra de sabão? O meu estômago revolve-se. A caveira gravada no crânio calvo do Geho é quase invisível à luz ténue da cela.

– O que se passa? – pergunto, com a voz estrangulada.

– Fica de boca fechada – silva-me o Geho – e talvez saias disto vivo.

– Mas o que foi que eu fiz? – gaguejo, apesar de ele me ter avisado.

O Geho responde dando-me um rápido murro na boca. Imediatamente, sinto o sabor do sangue. E então, passado um instante, sinto um dos meus dentes a flutuar na boca.

– Isto é pela Misty Cardon – diz-me ele. – O irmão dela está no Bloco D e eu devo-lhe um favor.

Misty Cardon...

Ora aí está um nome que não ouvia há mais de vinte anos e esperava nunca mais voltar a ouvir. A Misty era uma rapariga da Wellesley com quem me diverti muito até que ela fez um drama de toda a situação. Não podia acreditar quando me ligou no dia seguinte, a barafustar sobre violação. Não foi violação, mas, quando lhe tentei explicar isso, ela não quis ouvir. Finalmente, aceitou encontrar-se comigo e digamos só que tratei dessa situação.

Portanto, tecnicamente, apesar de me ter declarado inocente no meu julgamento, não poderia dizer que nunca matei ninguém. Mas ninguém soube da Misty. A polícia fez-me algumas perguntas, mas nunca foi mais longe do que isso. Tive muito, muito cuidado. Daí não fazer sentido que fosse ser tão desleixado a matar o Ken e a Harley, mas não podia propriamente dizer isso em minha defesa.

Ergo as mãos para proteger o rosto.

– Por favor... não...

As minhas súplicas são recebidas com uma meia a atingir-me no flanco direito. E depois com um segundo golpe, este ainda mais forte. Sinto as minhas costelas a rachar, mas o espancamento não dá sinais de parar. Onde estão os guardas? Porque não põem termo a isto?

Uma das meias atinge-me no maxilar e a dor é ofuscante. Não é uma barra de sabão. É algo muito pior. Uma pedra? Um aloquete? Nem consigo imaginar. De cada vez que um deles me atinge, é como uma explosão de agonia indescritível.

– Por favor... – apelo uma última vez, agarrando-me ao limiar da consciência. – Por favor, parem.

Por entre o sangue que me escorre para os olhos inchados, mal consigo distinguir o rosto do Geho a sorrir-me.

– Não te preocupes – diz ele. – Isto vai acabar num minuto.

DEBBIE

S into-me bem, depois de eu e o Cooper fazermos planos para ir jantar esta noite. Está a esforçar-se tanto por ser um bom marido. Tudo o que passámos foi duro, mas tornou o nosso casamento muito mais forte.

O nosso terapeuta diz-nos constantemente que temos de ser honestos. E eu estou a tentar. Mas há algumas coisas que nunca lhe poderei contar.

Não lhe posso dizer que fui eu quem matou o seu chefe, por exemplo. Não lhe posso dizer que o seu antigo melhor amigo, que vai passar o resto da vida numa prisão de segurança máxima, é inocente. Inocente de matar o Ken e a Harley, pelo menos.

O Cooper não sabe que foi o Jesse que me violou. Dada a fúria em que ficou quando lhe disse o que tinha acontecido, acho que concordaria que teve o que mereceu, mas não o quis tornar participante no que eu tinha feito. Houve um período tenso em que não sabia como ia correr o julgamento, e temia que o Jesse se pudesse lembrar de que havia uma

mulher no apartamento da Harley mesmo antes de desmaiar. Queria assegurar-me de que o Cooper podia alegar credivelmente ignorância. Se alguém tivesse de ir para a prisão, devia ser eu e só eu.

Rumo ao Titan Fitness para fazer algum exercício antes de iniciar a minha manhã. Tenho uma reunião com uma empresa que quer que eu desenvolva uma nova aplicação de encontros. Vai ser um desafio. Adoro desafios, sobretudo com os recursos financeiros que vão pôr à minha disposição. Sinto que o meu cérebro está finalmente a receber os estímulos que merece.

Quando chego ao ginásio, a Cindy está na receção. Abre-me um grande sorriso.

– Olá, Debbie.

– Olá, Cindy.

Pisca-me o olho.

– Pus uma toalha na bicicleta elíptica junto à janela para mais ninguém a usar.

Sorriso-lhe.

– És a maior, Cindy.

Enquanto me olha, o seu sorriso vacila ligeiramente.

– É o mínimo que posso fazer.

A Cindy Bryant acredita de todo o coração que me deve tudo. Há quase dois anos, escreveu-me uma carta para a Querida Debbie a descrever o abuso financeiro do marido. Quando lhe implorei que o deixasse e lhe disse para me contactar, foi exatamente isso que ela fez. Mas, afinal, estávamos mais ligadas do que julgávamos.

Fiz todos os possíveis para a ajudar. Arranjei-lhe um sítio para viver. Ajudei-a a conseguir este emprego no Titan Fitness. Estava a sair-se tão bem, mas o marido, o Ken, estava a tornar o divórcio miserável para ela. Estava a usar todos os truques que há para a privar de quaisquer recursos financeiros, e a tentar virar os filhos contra ela. Acabou até por fazer com que eu fosse despedida, nunca se apercebendo de que a «Querida Debbie» era a mulher do seu funcionário.

Não o podia deixar safar-se com isso. Tinha de ajudar a Cindy. E foi por isso que decidi meter-lhe uma bala na cabeça e atirar com as culpas de tudo para cima do Jesse Hutchinson.

Tive o cuidado de o fazer numa altura em que ela tivesse um álibi. E ela também me ajudou. Na véspera do dia em que a Harley foi alvejada, ouviu os planos dela e do Jesse para se encontrarem e pôs-me a par. Depois, na noite em causa, enquanto ele estava no duche do ginásio, adulterou-lhe a garrafa de água com o ópio que lhe dei. O que posso dizer? Inspirei-me no que o Jesse me tinha feito há tantos anos.

– Como está o Cooper? – pergunta-me ela.

– Ótimo – digo. – O negócio vai bem. E tem sido muito querido ultimamente. Temos um jantar esta noite.

– Divertido. – Sorri-me. – Tu e o Cooper deviam vir sair comigo e com o Ajay, um dia destes.

Ultimamente, a Cindy anda a sair com um homem muito simpático. Estão a ir com

calma, mas estive com ele uma vez e dá para perceber que a vai tratar bem. Ainda assim, um encontro a quatro poderia ser tentar o destino. Há demasiado que não queremos que os nossos homens saibam.

– Talvez um dia – respondo evasivamente.

– Ainda bem que o Cooper te anda a tratar bem – diz a Cindy. – Porque, se não andar...

Trocamos um olhar eloquente.

– Idem – respondo.

O Cooper tem sido muito bom para mim. Mas não estou demasiado preocupada. Eu e a Cindy vamos olhar uma pela outra.

Mais ninguém se vai voltar a aproveitar de mim.

FIM

AGRADECIMENTOS

A minha filha é a maior fã da Melanie Martinez.

Eu também gosto muito da sua música. Mas, com a minha idade, já não sou capaz do mesmo tipo de adoração heroica dada a uma cantora popular por uma pré-adolescente. A minha filha é *obcecada*. E foi assim que dei por mim plantada num lugar na fila da frente de um concerto da Melanie Martinez no TD Garden.

A Melanie é uma artista incrível. A minha filha e a amiga levantaram-se dos seus lugares e debruçaram-se da grade para terem a melhor vista, gravando cada momento nos seus *iPhones* em vez de se limitarem a ver com os globos oculares. Eu sabia todas as canções e adorei o espetáculo, mas senti-me num universo diferente do dos jovens na plateia. E, ao olhar em meu redor, vi o mesmo padrão: adolescentes e pré-adolescentes empolgados e enérgicos de pé, com os telemóveis no ar, e as mães, de aspeto cansado, pacientemente sentadas nos seus lugares. Ao olhar para essas mães, vi refletido o meu próprio desejo de poder estar a assistir àquele espetáculo do conforto do meu próprio lar, em vez de numa cadeira pegajosa, com filas para a casa de banho das senhoras que davam a volta ao estádio apinhado.

Foi nesse momento que inventei a Debbie – a dona de casa de meia-idade a braços com a vida. Capaz de fazer tudo pela sua família.

A esse propósito, quero agradecer à Melanie Martinez por nos inspirar, a mim e à minha filha, de formas completamente diferentes. Só espero que os seus próximos concertos sejam igualmente frutuozos, visto que vejo muitos mais no meu futuro.

(Além disso, encontrei uma casa de banho secreta e falei dela ao maior número de mães de meia-idade que consegui.)

Já dediquei este livro à minha mãe, mas quero agradecer-lhe por inculcar em mim um amor profundo por uma satisfatória história de vingança. Adorou esta.

Tenho de deixar um agradecimento extra à minha agente, Christina Hogrebe, que acreditou tanto neste livro desde o instante em que o leu. Não há nada mais inspirador do que alguém que acredita em nós. Toda a equipa da JRA tem sido incrível – é espantoso ter tantas pessoas a trabalhar arduamente em meu nome.

Obrigada à Sourcebooks, e especialmente à minha editora, Jenna Jankowski, pelos comentários mais detalhados e perspicazes que poderia imaginar. A Mandy Chahal é uma extraordinária publicitária – a sério que não sei como faz o que faz, mas estou tão grata.

E obrigada a todos os editores e *designers* de capas e a todas as pessoas nos bastidores que fizeram este livro ganhar forma.

Obrigada às minhas muitas leitoras *beta*: Jenna, Maura, Beth, Rebecca e Pam, que me deram alguns comentários incríveis. Obrigada à Val pela ajuda com a revisão.

Obrigada à Tara pela leitura de sensibilidade perspicaz. Esse *feedback* foi tão incrivelmente útil.

É claro que tenho de agradecer a todos os moderadores do meu grupo no *Facebook* – Emily, Daniel, Nancy, Carrie e Nikki – que me ajudam com as redes sociais para que eu tenha mais tempo para escrever!

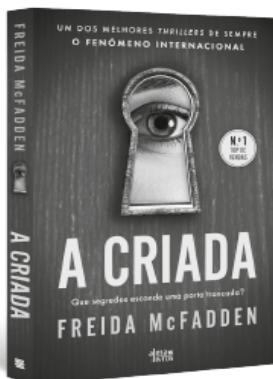
Tenho sempre de deixar um enorme obrigada aos meus leitores, tanto aos que estão *online* como aos que nem computador têm. Agradeço tanto o vosso apoio!

E por último, mas não menos importante, tenho de agradecer às minhas filhas, que, felizmente, já me deixam outra vez falar com elas de manhã.

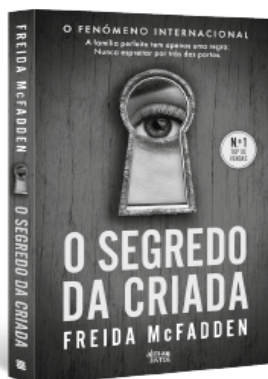
Bem, às vezes.

OBRAS DE FREIDA McFADDEN:

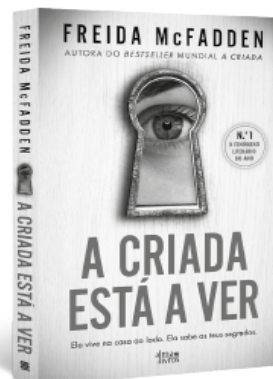
A CRIADA



O SEGREDO DA CRIADA



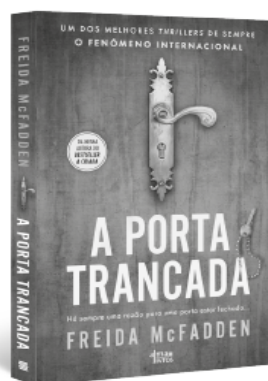
A CRIADA ESTÁ A VER



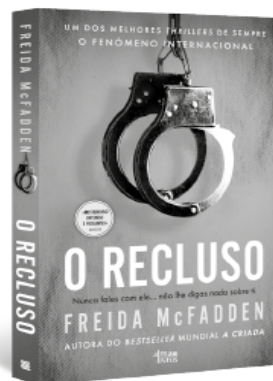
O CASAMENTO DA CRIADA



A PORTA TRANCADA



O RECLUSO



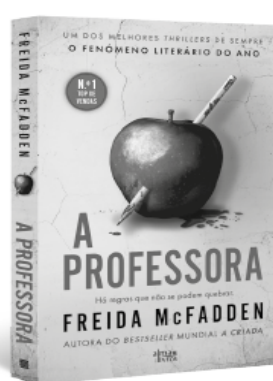
O ESCRITÓRIO



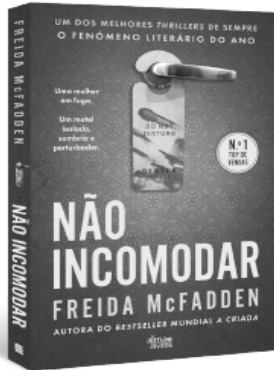
NUNCA MINTAS



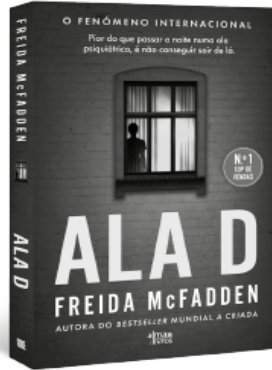
A PROFESSORA



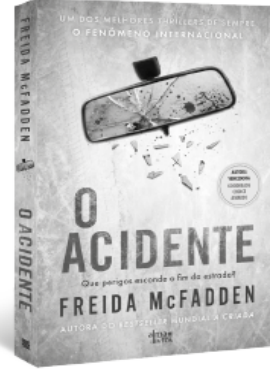
NÃO INCOMODAR



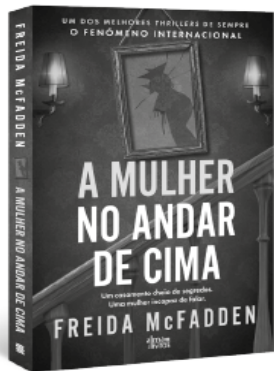
ALA D



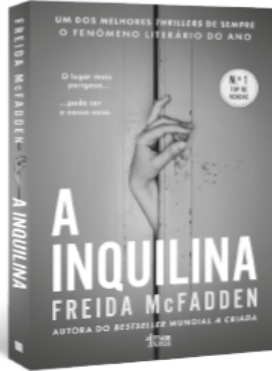
O ACIDENTE



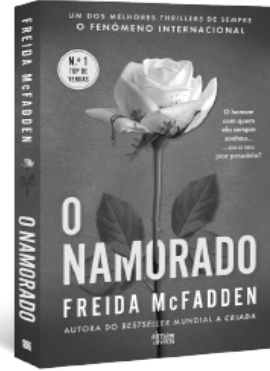
A MULHER
NO ANDAR DE CIMA



A INQUILINA



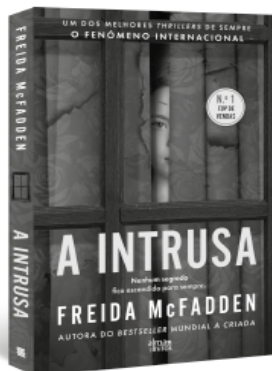
O NAMORADO



UM POR UM



A INTRUSA



QUERIDA DEBBIE

